ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

HISTÓRIA DO CASARÃO DA VÁRZEA

(1885 - 2008)

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS

2009

Projeto História do Exército na Região Sul

Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
Colégio Militar de Porto Alegre

HISTÓRIA DO CASARÃO DA VÁRZEA 1885-2008

Cláudio Moreira Bento (Org.)
Luiz Ernani Caminha Giorgis

RESENDE - 2009

Composição da Capa: Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, atual Adido Naval na Embaixada do Brasil em Buenos Aires, grande colaborador da AHIMTB e administrador de seu site www.ahimtb.org.br.

Digitação dos originais: Os autores e a professora Verônica Maria de Abreu de Itatiaia e Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar Terrestre do Brasil da AHIMTB.

Revisões finais: Acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Manuelina Gomes Fonseca de Carvalho, da Gráfica e Editora Irmãos Drumond e, a de conteúdo final, do acadêmico Emérito Cel Cláudio Moreira Bento.

Ilustrações: pelo Cel Cláudio Moreira Bento, de seu Arquivo pessoal, e com a colaboração do acervo iconográfico do Museu do CMPA.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Ávila, da Gráfica e Editora Irmãos Drumond.

Logística de pré-produção: José Antônio Alves.

CIP CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira et Giorgis, Luiz Ernani Caminha.

História do Casarão da Várzea 1885-2008. Barra Mansa: AHIMTB e Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda, 2009

324 p

ISBN:

1- História do Rio Grande do Sul
2- História do Exército no Rio Grande do Sul
3- História de Porto Alegre
4- História do Colégio Militar de Porto Alegre-RS
5- História da Escola de Guerra 1906-1911

Catalogação na publicação
Departamento Nacional do Livro

“Formando hoje o cidadão do amanhã”

Lema do Casarão da Várzea

A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo

SUMÁRIO

01. PREFÁCIO 11
02. EXALTAÇÃO AO CASARÃO DA VÁRZEA
(À guisa de Apresentação) 14
03. INTRODUÇÃO 19
04. HISTÓRIA DO CASARÃO DA VÁRZEA 19
04.1 Marechal de Exército José Antônio
Corrêa da Câmara (1824-1893) 21
05. A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL
DO CASARÃO DA VÁRZEA 23
05.1 O projeto do Casarão da Várzea 25
05.2 Características do Casarão 29
06. CRONOGRAFIA DA LEGISLAÇÃO OFICIAL DE ORIGEM
DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE (CMPA) 32
07. PROJEÇÃO DO CASARÃO DA VÁRZEA
NA QUESTÃO MILITAR E NA PROCLAMAÇÃO
E CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA 43
08. COMANDANTES DOS ESTABELECIMENTOS
DE ENSINO DO EXÉRCITO NO CASARÃO DA VÁRZEA 49
08.1 Escola Militar de Porto Alegre 49
08.2 Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre 50
08.3 Escola de Guerra de Porto Alegre 51
08.4 Colégio Militar de Porto Alegre 51
08.5 Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-61) 52
08.6 Memórias de aluno da EPPA
(1951/52) – Cel Cláudio Moreira Bento 53
08.7 Colégio Militar de Porto Alegre (1962- 2009) 78
09. ALGUNS DESTACADOS CHEFES QUE COMANDARAM
O CASARÃO 79

9.1 Cel José Simeão de Oliveira – o primeiro comandante no Casarão 79
9.2 Gen Dionísio Cerqueira 84
9.3 Cel Marciano Botelho de Magalhães 88
9.4 Cel Gustavo Lebon Regis, 1879-1930 89
9.5 Gen Div Graduado Ramiro da Silva Souto 92
9.6 Cel Outubrino Antunes da Graça, o 1º Comandante da EPPA 94
9.7 Cel Coriolano de Andrade, o 2º comandante 97
9.8 Cel Rinaldo Pereira da Câmara, o 3º comandante 99
9.9 Gen José Dantas Arêas Pimentel, o 4º comandante 103
9.10 Cel Tellino Chagastelles (1897 - 1980) 107
9.11 Gen Túlio Chagas Nogueira 108
9.12 Gen Jonas de Morais Correia Neto 110
9.13 Gen Dilermando Carlos Soares Adler 113
10. OS PROFESSORES DO CASARÃO DA VÁRZEA DE 1885 A ATUALIDADE 114
10.1 Capitão José Antônio de Faria 114
10.2 Capitão João Cezimbra Jacques - Cavalaria 116
10.3 Os professores do Casarão e a Escola de Engenharia da UFRGS 118
10.4 Ex-professores do CMPA de 1912 a 1938 118
10.5 Ex-professores da EPPA de 1939 a 1961 119
10.6 Ex-professores do CMPA de 1962 a 2008 121
11. ATUAIS PROFESSORES (AS) 124
12. AS ORIGENS DOS COLÉGIOS MILITARES NO BRASIL 128
13. LEMBRANÇAS DO CASARÃO DA VÁRZEA POR EX-ALUNOS MEMBROS DA AHIMTB 131
13.1 Recordações da inesquecível Escola Preparatória de Cadetes em 1939 - Cel Jarbas Passarinho 131
13.2 Uma lembrança indelével - Cel Ruy Collares Machado 135

13.3 Coronel Outubrino Antunes da Graça, o 1º comandante da EPPA - Cel Rubem Barbosa Rosadas 138
13.4 Minha vida na Escola Preparatória de Porto Alegre - Cel Arivaldo Silveira Fontes 142
13.5 Recordações da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre,1942 - Cel Jardro Alcântara Avelar 144
13.6 Primórdios Epepeanos - Ten Cel Antônio G. Meira 147
13.7 Um depoimento - Cel Tiago Castro de Castro 150
13.8 Escola Preparatória de Porto Alegre, início da década de 1950 - Cel Prof Ney Paulo Panizzutti 151
13.9 Minhas lembranças da EPPA, 1951- 52 - Coronel Cláudio Moreira Bento..... 154
13.10 Rumo ao Futuro - Cel Davis Ribeiro de Senna 159
13.11 Nos tempos de Getúlio Vargas - General Carlos Patrício Freitas Pereira 163
14. A ESCOLA DE GUERRA (1906-10) EM PORTO ALEGRE – RS..... 166
15. A ENCRUZILHADA DA PROFISSIONALIZAÇÃO MILITAR DO EXÉRCITO E CELEIRO DOS CONSOLIDADORES DA REFORMA MILITAR 166
16. A ESQUECIDA ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE NO ENSINO MILITAR ACADÊMICO DO EXÉRCITO DE 1792 À ATUALIDADE 169
17. A ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE..... 175
18. EX-ALUNOS ILUSTRES DO CASARÃO DA VÁRZEA 1885-2008..... 179
18.1 Presidentes da República 181
18.2 Vice-Presidente da República..... 182
18.3 Presidente do Senado Federal..... 182
18.4 Primeiro Ministro 183
18.5 Herói nacional inscrito no Livro de Ouro em Brasília 183
18.6 Ministros..... 184

18.7 Senadores 185
18.8 Deputados Federais 185
18.9 Governadores 186
18.10 Marechais e Generais de Exército 186
18.11 Secretários Estaduais 190
18.12 Prefeitos e Intendentes 194
18.13 Deputado Estadual 194
18.14 Heróis e Veteranos de guerras e revoluções 194
18.15 Historiadores e Escritores 196
18.16 Radialistas e Jornalistas 203
18.17 Atletas 204
18.18 Destaques em diversas profissões e atividades, em especial após o ingresso na Reserva 206
19. MAJOR DENTISTA HÉLIO RICARDO ALVES – O Cronista do Casarão da Várzea 213
20. O CEL ALTINO BERTHIER BRASIL E O ATUAL CMPA 217
21. PROJEÇÃO SOCIAL DO CASARÃO DA VÁRZEA 219
22. OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO CAPITÃO PAROBÉ E OUTROS DESTAQUES DO COLÉGIO DOS PRESIDENTES 220
23. O COLÉGIO DOS PRESIDENTES 222
24. O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE HOJE 223
25. A REVISTA HYLOEA DO CASARÃO DA VÁRZEA 227
25.1 A Revista Hyloea de 1995 227
25.2 Colégio Militar – A Revista Hyloea 230
26. HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CASARÃO DA VÁRZEA - (AACV) 244
27. CÓDIGO DE HONRA E JURAMENTO DOS ALUNOS DO CMPA 245
28. A PRESENÇA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL NO CMPA 246

29. A ANTIGA SALA HISTÓRICA E O MUSEU
DO CASARÃO DA VÁRZEA ..... 250 e 251
30. ELEMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO DO CMPA..... 252
31. ALUNOS E ALUNAS DO CMPA (Fev 2009)..... 255
32. PROJETO-AVENTURA DESAFIANDO O RIO-MAR
"NOVOS RUMOS"..... 272
33. CANÇÃO DO CMPA 274
34. POSFÁCIO 275
35. BIBLIOGRAFIA..... 276
36. ÁLBUM DE FOTOS DO CASARÃO..... 277
36.1 Legendas das fotos do Casarão da Várzea..... 277
36.2 Fotos do Álbum do Casarão da Várzea 284
37. DADOS DA AHIMTB e IHTRGS E DOS AUTORES..... 303

• • •

PREFÁCIO

As minhas palavras iniciais sejam de agradecimento aos autores pelo honroso convite para prefaciar a obra História do Casarão da Várzea (1885-2007). Este livro, que ora chega ao público, vem a ocupar um importante espaço na História Militar do Brasil e, particularmente, na história do Sistema Colégio Militar do Brasil, por inaugurar uma ampla pesquisa historiográfica do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), o "Casarão da Várzea", sua denominação épica. Em consequência, elaborar este texto preliminar é tarefa extremamente gratificante e desafiadora.

O trabalho, de linguagem agradável, acessível e destinado a todo tipo de leitor, é fruto de vasto estudo e intensa dedicação de dois renomeados historiadores militares: Coronel Cláudio Moreira Bento, Presidente e fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e ex-aluno da lendária Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA) nos anos de 1951 a 1952; e Coronel Luiz Ernani Caminha Giorgis, acadêmico da AHIMTB e professor de História do CMPA. Os autores, à frente do Projeto História do Exército na Região Sul, fazem um minucioso mapeamento da instituição, que cobre desde a construção do velho Casarão da Várzea, passando pelas importantes escolas que o precederam naquele aquartelamento – Escola Militar da Província do RS (1883 a 1888), Escola Militar do RS (1889-

1898), Escola Preparatória e de Tática (1898 e 1903-05), Escola de Guerra (1906-1911), Colégio Militar de Porto Alegre (1ª fase: 1912-1938), Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-1961), até voltar a ser Colégio Militar de Porto Alegre (2ª fase: de 1962 aos dias atuais).

Para ilustrar, os pesquisadores discorrem sobre alguns comandantes do Casarão, sobre professores, educadores e outros profissionais que passaram por aquele Estabelecimento de Ensino (de 1885 até a atualidade) e por vários ex-alunos ilustres: os escritores Paulo Mendes Campos e Mário Quintana; políticos como o ex-ministro Jarbas Passarinho e o Vice-Presidente da República Adalberto Pereira dos Santos (1974-1978); pelos Presidentes da República Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra; e pelos cinco Presidentes no período do governo revolucionário: Médici, Costa e Silva, Castelo Branco, Geisel e Figueiredo, o que tornou o CMPA conhecido como o "Colégio dos Presidentes".

Os escritores trazem, ainda, relatos e recordações de membros e acadêmicos da AHIMTB que foram alunos da EPPA; comentam o destacado papel do Casarão na proclamação e consolidação da República Federativa do Brasil; e mostram a projeção social e cultural do Colégio na comunidade porto-alegrense, uma vez que a Escola Militar foi o primeiro curso de ensino superior do RS e contribuiu decisivamente para a fundação da UFRGS.

Trata-se, em suma, de um trabalho vasto, audacioso e, por isso, meritório, não só pela belíssima iniciativa, mas principalmente pelas dificuldades encontradas pelo caminho, ao reunir inúmeros dados, informações, arquivos, entrevistas, relatos pessoais e tantos outros materiais que compõem um corpus considerável, baseado, sobretudo, em um extenso acervo recolhido. A revista Hyloea, veículo oficial de divulgação do CMPA desde 1922 (em plena efervescência do movimento literário Modernismo), registrou continuamente variadas e ricas matérias sobre o Colégio ao longo de todas essas décadas. Faltava, porém, um trabalho com rigor científico, que pudesse traçar uma radiografia do CMPA e

resgatar seu passado glorioso. Esta herança tem influência determinante e decisiva na educação de qualidade oferecida à família militar e à sociedade brasileira no padrão de excelência alcançado nos dias de hoje, o que faz do Estabelecimento de Ensino muito mais do que uma escola secular. Faz do CMPA um educandário singular.

Escrever sobre o Casarão da Várzea é registrar a própria História do Exército e do Brasil. Por todas essas razões, agradeço ao Cel Bento e Cel Caminha pela oportunidade a mim confiada e aproveito para enaltecer o belíssimo e imprescindível feito. Felicito os nobres amigos pelo magnífico trabalho, lídimo retrato do Colégio Militar de Porto Alegre e da educação no Exército Brasileiro. Obras desse valor garantem às gerações atuais e futuras um legado de saber, proporcionando condições para que a nossa gente assuma o compromisso fundamentado de cultuar o passado, a história e os verdadeiros heróis nacionais.

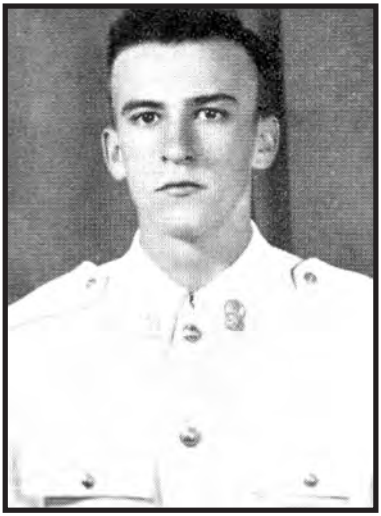
Rio de Janeiro, RJ, 08 de fevereiro de 2008.

Gen Div MARCO ANTÔNIO DE FARIAS
Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial

Nota dos autores: O General Farias acaba de publicar na **Revista do Clube Militar** nº 431 às p. 18/22, elucidativo artigo intitulado **Sistema Colégio Militar do Brasil: Excelência na Educação Básica Nacional.**

EXALTAÇÃO AO CASARÃO DA VÁRZEA

À guisa de apresentação



Coronel Neri Pacheco Prates, aluno da Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA) de 1950 a 1952, natural de Rosário do Sul, como secretário, em 1952, da Sociedade Pré-Acadêmica Militar (SPAM) (Fonte: Revista da EPPA, 1952). Comandou o CMPA de 1986/87, tendo revelado destacado interesse pela preservação da História do Casarão da Várzea. É o autor da poesia abaixo transcrita.

Exaltação ao Casarão da Várzea

Velho Casarão da Várzea
Ou Casarão da Várzea querido!
Não importa o apelido
Que te atribua a existência
Hás de ser sempre a essência

Do saber nestas coxilhas
E as tradições farroupilhas
Bem te dão por merecido.

Muito mais que centenário
São teus anos de existência.
E na gaúcha querência
És lança altaneira a seguir.
Brilhante foi teu passado,
Seguro são hoje teus dias,
Qual altiva Três Marias
A indicar o porvir.

No início deste século
Foste Escola e Colégio Militar.
Nos dias de Trinta e Nove,
Passaste à Preparatória.
Ah! Quantos dias de glória
Neste teu rememorar,
Quando tantos elevaste à História
E muitos choras no altar!

Nossa querida Preparatória,
Que nos acolheu em Cinquenta,
Qual mãe bondosa e sedenta
Pra nos dar conhecimento;
Somos gratos por tua acolhida
Reconhecidos por teus cuidados
Por eles nos tornamos soldados
Com eles nos guiamos na vida.

Ao guri daquela época,
Chucro total de quartel,
Deste o número 87.
Neri por nome de guerra.
E muita fibra e alegria.
Só me faltava o flete,

Sou gaúcho da campanha,
Nascido lá na fronteira,
Criado na pampa brava,
Pensava em Cavalaria,
O que a tanto chegaria
No prosseguir da carreira.

Os anos vão se passando,
Em Sessenta e Dois te transformam:
Voltaste a CMPA.
Em nada modificando,
Apenas adaptado
Teu destino de ensinar.

E os desígnios do destino,
Quem me dera adivinhar!
Por volta de Oitenta e Quatro,
Me ordenam te comandar.
Ao meu Bom Deus agradeci
Tamanha dignidade.
Não sei se a mereci,
Mas muito me desvaneci
Naquela oportunidade!

Bendito sejas, nosso Velho Casarão!
Anos passados, guardamos de ti saudades.
Em teu regaço, mil amizades nasceram
E em nós permaneceram
E a mais das vezes cresceram,
Afirmando tua perenidade.

Glórias te damos, nossa querida EPPA!
Forjaste em nós a grandeza dos ideais.
Teus ensinamentos para nós foram riquezas,
Do bom proceder, nos indicaste a inteireza,
Do mais saber, nos deste tua grandeza,
Por muito pouco não nos tornas imortais.

Em 15 de julho de 2000 participamos da comemoração dos 50 anos de ingresso de minha turma “Turma Cel Professor Guarani Frota”, falecido em acidente aéreo em 1950. Turma que integrei em 1951.

O Cel Neri Pacheco Prates, antigo comandante do CMPA, e que foi o coordenador do evento declamou, de sua lavra, no Salão Brasil, a poesia acima transcrita. Trabalho que reproduziu, posteriormente, em plaqueta e que foi publicada na magnífica e original publicação **Causos, Crônicas e outras historietas militares**, v.2, p. 113, Rio de Janeiro: Imprinta, 2003.

Publicação já com sete volumes editados, numerando 1.116 páginas, 557 textos e 218 autores diversos. E que traz algumas outras colaborações sobre temas referentes ao Casarão, como a do acadêmico Ten Cel Antônio Gonçalves Meira, um apaixonado pela EPPA, sobre a qual publicou várias crônicas nos jornais **Letras em Marcha** e **Ombro a Ombro,** infelizmente desaparecidos com as mortes de seus âncoras, respectivamente o Cel Neomil Ferreira Alves, hoje patrono de cadeira na AHIMTB, ocupada pelo Ten Cel Meira, e o Cel Pedro Schirmer.

No volume 3, merecem menção os artigos do Ten Cel Meira sobre a EPPA: *Alta Temperatura, Charles Atlas, Cinemas e epepeanos.*

Entre os responsáveis por esta notável contribuição, sem paralelo na literatura militar brasileira figura na Revista da EPPA da nossa turma, como articulista ilustrador, o Cel Rodolfo H. Donner, que foi ilustrador, junto com Álvaro Escobar, da página 38 (de humor): **TrigonarS/A, Rede dos cadetes voadores**. É uma alusão aos vôos de alunos com a Trigonometria, traduzidos em imagens e em poesia.

Donner integra o Conselho Editorial, junto com outros dois epepeanos, cronistas e colaboradores, os coronéis Murilo Gurjão e Wagner Gomes de Brito Fernandes, e os três são ex-alunos ilustres do Casarão por esta razão.

O Cel Edmundo Trigo Cecílio, do Conselho Fiscal, demonstra a relevância desta obra social e cultural invocando

esta afirmação do poeta Oscar Wilde:

"A memória é um diário que todos carregamos conosco"

E é o que a citada Coleção vem fazendo a cada livro. E a mesma concita a todos os militares que partilhem suas memórias com os leitores desta Coleção de Memória Militar, ou seja, o prazer da vida de outrora, para suas alegrias. E acrescento:

Pois recordar é reviver!

Deste modo se estará ajudando ao Exército a preservar e conquistar seu Objetivo cultural atual nº 1, que assim definiu:

Preservar, pesquisar, cultuar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército.

Cláudio Moreira Bento, Cel
Presidente da AHIMTB/IHTRGS

INTRODUÇÃO

HISTÓRIA DO CASARÃO DA VÁRZEA

O Casarão da Várzea, consagrado em 2005 como denominação histórica do Colégio Militar de Porto Alegre, há 115 anos vem prestando relevantes serviços ao Ensino no Exército como:

- Escola Militar da Província do RS (1881-88);
- Escola Militar do Rio Grande do Sul – Porto Alegre (1889-1898);
- Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre (1903-1905);
- Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-11);
- Colégio Militar de Porto Alegre (1912-39);
- Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (1939-61); e, novamente
- Colégio Militar de Porto Alegre, desde 1961.

Portanto, sem os 22 da EPPA, são 75 anos (até 2009) como Colégio Militar.

O Casarão da Várzea é uma instituição do Exército recordista em tempo de serviços prestados ao ensino militar. São descontados cerca de sete anos, descontínuos, dos quais 19 meses em que a escola esteve fechada, durante a Revolução Federalista de 1893-95, para que seus alunos e professores reforçassem as forças do Governo. Por cinco anos e quatro meses a Escola ficou fechada para funcionar por igual período em Rio Pardo, como Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo. Neste período, o Casarão foi ocupado pelo 25º Batalhão de Caçadores.

Considero-o uma espécie de Santuário do Ensino no Exército, pelo tempo que serve a esta finalidade e pelos fatos e personagens importantes da história do Exército e do Brasil aos quais esteve vinculado.

Nele, de 1906 a 1911, foi implantado o Regulamento de Ensino do Exército de 1905, inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar, que até hoje vigora.

O Casarão da Várzea da Redenção foi o celeiro dos líde-

res que consolidaram a Reforma Militar (1900-45), motivadora da elevação dos padrões do Exército aos da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Força Expedicionária esta que apresentou excelente performance ao lutar contra, ou em aliança, com frações dos melhores exércitos do mundo, presentes no Teatro de Operações europeu na 2ª Guerra Mundial (1939-45). Constatar esta afirmação é obra de simples raciocínio e verificação.

No Casarão da Várzea estudaram seis futuros presidentes do Brasil: Eurico Gaspar Dutra, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazú Médici, Ernesto Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo.

No Casarão foi idealizada, e fundada por seus professores, a hoje esplêndida e conceituada Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como o Grêmio Gaúcho (tradicionalista), pelo Major João Cezimbra Jacques, instrutor de Cavalaria na Escola Preparatória e de Tática, desde o Rio Pardo, junto com seus alunos e funcionários civis. Este Grêmio veio a se projetar no Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), do qual Cezimbra Jacques foi eleito patrono.

No Casarão da Redenção, como Colégio Militar, estudou por cinco anos o grande poeta Mário Quintana, neto do heróico médico da Retirada da Laguna, (1867) Capitão Cândido Manoel de Oliveira Quintana.

Foi um dos primeiros alunos a freqüentar a Escola Preparatória de Porto Alegre o Cel Jarbas Gonçalves Passarinho, que governou o Pará, foi ministro do Trabalho, da Educação e da Justiça, tendo presidido o Senado Federal como senador pelo estado ao qual governou.

Segundo a Portaria Nº 434-Cmt Ex, de 17 Jun 05, o Colégio Militar de Porto Alegre, recebeu a denominação histórica de **COLÉGIO CASARÃO DA VÁRZEA**, fruto de pesquisa realizada pelos coronéis Caminha e Araújo, sob a orientação da AHIMTB e do CDocEx.

Esta é a parte do patrimônio do Casarão da Várzea que os alunos do CMPA de hoje e do amanhã têm que honrar e acrescentar mais e mais glórias às suas marcantes tradições. **(Cláudio Moreira Bento)**.

Marechal do Exército
José Antônio Corrêa da Câmara
(1824-1893)

O Marechal Câmara – 2º Visconde de Pelotas, como Ministro, destinou o Casarão da Várzea para abrigar estabelecimento de Ensino Militar. Foi ele que, na qualidade de Ministro da Guerra de 1880-81, conforme seu biógrafo em CÂMARA, Rinaldo Pereira da Câmara. ***Biografia do Marechal Câmara.*** Porto Alegre: Globo, 1964, pág. 66, Vol I:

...*Também remodelou e adaptou o quartel da Várzea, aqui em Porto Alegre, com a finalidade de instalar a nossa tradicional Escola Militar, que tamanha contribuição vem prestando à formação e ao aperfeiçoamento da classe...*

Câmara decidiu, portanto, que o Casarão da Várzea não seria mais destinado a servir de quartel para tropa e sim para nele ser instalada a Escola Militar de Porto Alegre.

O Marechal Câmara foi a maior autoridade militar presente na Fundação do Clube Militar (26Jun1887), coroando

sua obra como Senador em defesa da classe militar. Em defesa do Cel Cunha Mattos, durante a Questão Militar, declarou:

"Assisti ao militar o direito de desagravo quando ferido em sua honra".

Mais tarde, apoiou o Marechal Deodoro na mesma Questão Militar, que envolveu o Ten Cel Senna Madureira.

O Marechal Câmara nasceu em Porto Alegre em 17 Fev 1824. Era neto do grande fronteiro do Rio Pardo Ten Gen Patrício Corrêa da Câmara, denominação histórica da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, sediada em Bagé, cuja história escrevemos em 2003, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Era genro do Visconde de São Leopoldo, que foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Sua brilhante carreira durou de 1839 à 1893, cerca de 54 anos. Combateu durante a Revolução Farroupilha, na Cavalaria imperial, como tenente. Cursou, em 1856, a Escola Militar em Porto Alegre, então na Praia de Belas, cujo local é, hoje, caserna de uma unidade da Brigada Militar do RS. Isto depois de haver lutado como capitão na Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Voltou à Escola Militar, na função de Ajudante, até a guerra contra o ditador uruguaio Athanásio Cruz Aguirre em 1864, tendo brilhado no comando de uma fração subordinada ao Brigadeiro Sampaio, atual patrono da Infantaria. Foi louvado ***"por haver se revelado intrépido, calmo e valente".*** Sua atuação lhe valeu a promoção a Coronel. Participou também de toda a Guerra do Paraguai, 1865-70.

Com a morte de Andrade Neves, substituiu-o em 17 Abril 1869 no comando da aguerrida 3ª Divisão. Em Avaí, sua intrépida ação lhe valeu a promoção a brigadeiro, ao retornar de uma carga. Promoção esta feita segundo a tradição, e atribuída ao Marquês de Caxias ao dizer-lhe: ***"Mais uma carga Brigadeiro Câmara!"***

Ao Brigadeiro Câmara coube, em pessoa, alcançar o Marechal Solano Lopes e testemunhar a sua morte em 1º

de março de 1870. Foi promovido a Marechal de Campo, hoje Gen de Divisão, aos 46 anos, e agraciado com o título de Barão.

Recebeu do povo carioca uma espada de ouro, que passou a usar. Em 18 Jan 1879 foi promovido a Tenente-General (hoje General de Exército).

Sua biografia foi escrita em 3 volumes por seu neto, ex-comandante do Casarão da Várzea (na época: EPPA), Cel Rinaldo Pereira da Câmara, patrono da Delegacia da AHI-MTB para o Rio Grande do Sul, cujo delegado é o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, nosso parceiro em mais esta obra.

A biografia do Marechal Câmara constitui a meu ver a mais completa e extensa biografia de um oficial do nosso Exército, tendo por fundo o mais importante período do Exército em sua dimensão operacional. Estudo só comparável à **História do General Osório**, escrita por seu filho Dr. Fernando Luiz Osório e continuada por dois de seus netos.

Proclamada a República, o Marechal Câmara foi o primeiro presidente republicano do Rio Grande do Sul. Ele faleceu em 11 de agosto de 1893, às vésperas da Guerra Civil de 1893/95, que passou à História como Revolução Federalista de 1893.

Nota: Este é o resumo de artigo do Cel Bento na **Revista do Clube Militar**. Edição Histórica do Centenário do Clube nº 280, em 1987, e por ele coordenada como Diretor Cultural e da Revista do Clube).

A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL DO CASARÃO DA VÁRZEA

A idéia de construção do atual quartel do Colégio Militar de Porto Alegre surgiu quase ao término da Guerra do Paraguai. Precisamente em 15 de novembro de 1869, quando o presidente nomeado da Província, o Dr. João Sertório (14Jun1869 - 29Ago1870), representou ao Ministro da Guerra sobre a urgente necessidade de construir em Porto Alegre um quartel digno deste nome, pois

o existente, o do Regimento Guarani estava arruinado. Nome este com origem no fato dele ter sido ocupado, no passado, por soldados guaranis das Missões, conforme abordamos em nosso livro (Cel Bento) **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**. (Brasília: EGGCF, 1989).

Havia ainda o da Companhia de Inválidos, prestes a desabar, e o da Praça da Independência, que estava servindo de Enfermaria.

Foi então mandado construir o Casarão da Várzea, para servir de quartel para 600 praças. Conforme a Memória Descriptiva do Serviço de Engenharia e Communicações -1920, o Conselheiro Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, então Presidente da Província, determinou ...*que o edifício fosse construído no Campo do Bomfim...* Seu custo foi orçado em 193.000 réis. O Casarão foi levantado pelo Capitão Manoel Borges Silveira Neto. Este orçamento, em 30 Mar 1870, passou a 394.862 réis.

Em 08 Mai 1872 foi encarregado da Secção de Construção do Casarão da Várzea o Ten Cel Manoel Martins da Silva, tendo antes que verificar se existia outro terreno em Porto Alegre, preferível ao atual local, por sua posição e grandeza para exercícios militares.

O Ten Cel Manuel Martins da Silva indicou como melhor local um terreno no Campo do Bom Fim, à frente do atual, com o que não concordou a Câmara Municipal, que autorizou a construção no atual local.

Assim, em 29 de abril de 1872, teve lugar a solenidade de lançamento da Pedra Fundamental e início da construção do Casarão da Várzea.

Venceu a concorrência pública para escavações e construção da 1ª secção de alicerces o Sr. José Maria do Canto. Obra a ser entregue em 70 dias, descontados feriados e dias de chuva. Ele construiu 842 m3 de alvenaria de pedra da melhor qualidade.

Em 10 Out 1872 foi contratada a 2ª secção de alicerces, para ser entregue em 50 dias, sendo construídos

468 m3 de alvenaria de pedra.

Em 26 Dez 1872 José Maria do Canto ganhou mais uma concorrência. E esta, para construir a 3ª secção de alicerces.

Os alicerces exteriores do Casarão da Várzea, com 3 metros de profundidade, são de pedra e argamassa de cal e areia. As paredes externas e as das arcadas são de alvenaria de tijolos com a espessura e grossura de 64 cm.

O projeto do Casarão da Várzea

O Casarão da Várzea foi projetado para ser um quartel de Infantaria com quatro entradas. O lado menor foi aumentado de 31 metros. As obras foram suspensas em março de 1878, estando suas paredes iniciadas, já com cerca de um metro. O projeto inicial foi do engenheiro e arquiteto alemão Wilhelm Ahrons, funcionário da Prefeitura.

Em 1880, ano em que faleceu o Duque de Caxias (em 7 de maio), sendo Ministro da Guerra o Marechal Câmara, Visconde de Pelotas, este ordenou o reinício das obras do Casarão, mas agora com adaptações para servir de Internato da Escola Militar, para um grande número de alunos, e de residências nos sobrados, em seus vértices, para o comandante, para o ajudante da Escola e para funcionários da Administração. E também adaptações para poder ser utilizado o grande campo à sua frente (atual Parque da Redenção) para exercícios militares, que não poderiam se realizar no pátio interno do Casarão.

Neste campo, então chamado do Bom Fim, teve lugar, no início de agosto de 1871, a concorrida cerimônia de entrega ao General Osório, pelo Cel Manoel Deodoro da Fonseca, da espada de honra oferecida pelos oficiais que ele comandara na Guerra do Paraguai. A cerimônia foi seguida de um exercício simulado de um ataque de Cavalaria a uma posição defendida por Infantaria e Arti-

lharia. Cerimônia que detalhamos no nosso livro **"General Osório – o maior herói e líder popular brasileiro".** Campo do Bom Fim que passou a se chamar Parque da Redenção, de acordo com a seguinte citação do site do Parque Farroupilha:

"Em 1807, quando a área se localizava próxima ao portão de entrada da cidade, abrigava os carreteiros que comercializavam o gado da região. Era chamada de Campos da Várzea do Portão e, depois, Campo do Bom Fim, face à proximidade da Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim (1867) e das festas que ali se realizavam.

Algum tempo depois a área ficou marcada para sempre: Serviu de cenário ao importante movimento pela libertação dos escravos, sendo denominada de Campo da Redenção.

Em 9 de setembro de 1884, a Câmara propõe a denominação de ***Campo da Redenção*** *em homenagem à libertação dos escravos do terceiro distrito da Capital, registrando a significativa vitória da luta abolicionista local, que resultou na redenção de centenas de escravos um ano antes da libertação dos sexagenários e quatro antes da libertação geral do país. Esse nome permanece na memória dos Porto-alegrenses até hoje".*

A denominação de Parque Farroupilha foi a partir de 1935, ano do Centenário da Revolução Farroupilha.

E neste campo em 1885, sob a direção do Marechal Gastão de Orleans, Conde D'Eu, foram realizadas manobras militares pela Guarnição de Porto Alegre, inclusive alunos da Escola Militar, e dirigidas a partir dela. Dali, o Conde seguiu para Saicã, onde presidiu a realização de manobras, como Comandante da Artilharia do Exército. Hoje ele é denominação histórica da AD/6, por nós biografado no livro ***História da AD/6 – AD Marechal Gastão de Orleans*****,** lançado no Casarão da Várzea na noite de 8 de julho de 2003, ,junto com os livros ***Caxias e a Unidade Nacional*** e ***2002-Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário,*** todos de nossa autoria (Cel Ben-

to) e pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil, sendo que o da AD/6 em parceria como o professor de História do CMPA Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. E todos lançados no contexto das comemorações pela AHIMTB, em Porto Alegre, do Bicentenário do Duque de Caxias.

Ao projeto inicial do Casarão foi acrescido mais um sobrado, não previsto, um ático no meio do corpo do fundo, e o pórtico da frente. A ampliação (2ª fase) foi projetada pelo arquiteto alemão Hermann Otto Menchen.

O heróico General Tibúrcio, como comandante da Escola Militar na Praia de Belas e recém promovido, alterou a distribuição interna do Casarão antes que a Escola se transferisse para o local.

O primeiro andar do sobrado da esquerda foi destinado à moradia do comandante da Escola Militar e o segundo andar à residência do Quartel-Mestre (atual intendente). O sobrado da esquerda, ao fundo, foi destinado à Enfermaria, Farmácia e Banheiros, situação que permanecia em 1951/52 quando ali estudamos.

Os assoalhos e forros foram feitos de tábuas de pinho da Província. Os lavatórios dos alojamentos dos alunos foram ladrilhados de cimento em mosaico. A entrada do Casarão foi calçada com paralelepípedos para garantir a passagem de Artilharia e carroças.

O telhado, exceto as ripas de pinho, foi todo construído com madeira de lei.

As duas faces das 134 portas e das 250 janelas do Casarão foram almofadadas. Das portas, 33 foram envidraçadas. Os caixilhos das janelas externas eram de louro, e de cedro os das arcadas. As janelas eram de dobrar em quatro partes. Na parte mais alta do prédio, na sua frente, foram colocadas as Armas do Império em alto relevo, em mármore.

A entrada principal do Casarão era fechada com um portão de ferro, com bandeira, com adornos de ferro fundido com 3.20 m de largura e 4.00 m de altura. Acima do

portão de entrada foi colocado um mármore, em escudo, do qual partiam duas fitas de mármore com as seguintes inscrições, além de 1887, ano da construção do Casarão da Várzea:

À direita:

O CONSELHEIRO JAGUARIBE MANDOU COMEÇAR A CONSTRUCÇÃO D'ESTE EDIFÍCIO PARA QUARTEL D'INFANTARIA EM 1872.

À esquerda:

O GENERAL VISCONDE DE PELOTAS MANDOU CONTINUAL-A APROPRIANDO-O PARA ESCOLA MILITAR COM INTERNATO EM 1880.

À esquerda, mais abaixo, foi colocada uma placa de bronze com o seguintes dizeres:

CINQUENTENÁRIO DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Este prédio foi sede do Colégio Militar de Porto Alegre, de 1912 a 1938, da Escola Preparatória de Cadetes, posteriormente Escola Preparatória de Porto Alegre, de 1939 a 1961, e a partir de 1º de janeiro de 1962 passou a ser, novamente, sede do Colégio Militar de Porto Alegre.

O Casarão da Várzea, desde 1883, possui seu relógio de torre com corda para 8 dias. Construtor: **Collin, de Paris**, com dois mostradores, um na frente e o outro voltado para o pátio, movidos pelo mesmo mecanismo.

A capela do Casarão foi ornamentada em estilo gótico bem como o seu altar e a sacristia. E uma escada em espiral para acesso ao Coro.

Existiam oito banheiros de alvenaria de cimento guarnecidos de pó de mármore, sendo quatro para banhos de chuva (chuveiro). Foram construídas 12 latrinas, que despejavam em fossas móveis do Sistema de Subou, por ainda não existir em Porto Alegre, na época, serviço de canalização de esgoto, que abastecia cozinha, banheiros, latrinas e dormitórios, no pátio. Os conhecidos por Vergasianos estavam colocados no páteo, em

pequenos chalés.

As calçadas internas e externas, de lajes de grês protegiam os alicerces da chuva. Uma calçada unia a entrada até a capela, no fundo, e duas outras, oblíquas, iam da entrada ao trem de Artilharia e Rancho.

Características do Casarão

O Casarão da Várzea é um retângulo de 160 m de comprimento por 93 de largura, ocupando uma área de 14.880 m2. O pátio interno tem 136,28 m de comprimento por 63 m de largura, ocupando uma área de 8.580,60 m2 e o segundo pavimento tem 934,20 m2. Conforme citação do Cel Bento:

Lembro dos trotes aos bichos de meu tempo em que eles eram obrigados a medir a largura e o comprimento do pátio com um pau de fósforo.

As salas de aula dispunham de uma área total, com seus gabinetes, de 1.884 m2 e os alojamentos e seus gabinetes de uma área de 1.251 m2. A casa do comandante possuía 167,721 m2 de área, a Capela 152 m2, o Refeitório 291,20 m2, a Sala de Esgrima 118,00 m2 e a Arrecadação de Artilharia 154,85 m2.

O custo da obra foi de 566.400$000 (quinhentos e sessenta e seis contos e quatrocentos mil réis). O metro quadrado da construção custou 38$132 réis e ela foi feita para abrigar 200 alunos alojados no Internato, e também nas salas de aula.

Cada aluno disporia no alojamento de 5,438 m2 de área, 25,375 m3 de volume de ar, dos quais 1,50 m3 de espaço em seu armário. Na sala de aula cada aluno disporia de 5,482 m2 de área e 25,375 m3 de ar, dos quais 1,50 m3 de espaço para a sua mesa. A construção, em caso de guerra, poderia aquartelar dois batalhões de Infantaria com 1.000 praças.

O Externato começou a funcionar no Casarão da Várzea em 1º de maio de 1883, no 13º aniversário do

término da Guerra do Paraguai. E ainda em maio, ali passaram a residir o Comandante e o Ajudante da Escola.

O abastecimento de água era feito pela Companhia Hidráulica e complementada por duas cisternas construídas no pátio, com 60.000 litros cada, com filtros e depuradores para coletar as águas do telhado. Foi construído um reservatório de 4.500 litros (caixa d'água suportada por uma coluna de ferro de 4,70 m, para o qual a água de uma cisterna era elevada por bomba dupla.

Ao longo dos tempos, o Casarão sofreu acréscimos, como a nova configuração do torreão central, o qual recebeu duas estátuas: a da esquerda simboliza um soldado romano com o gládio e com a Bandeira Nacional (Marte), e a da direita é a deusa grega Minerva, que porta uma grande pena de escrita, o que simboliza o ensino. Estas estátuas são atribuídas ao arquiteto Alfred Adlof, conforme ALVES, José Francisco. ***A escultura pública de Porto Alegre.*** Porto Alegre: Artfolio, 2004.

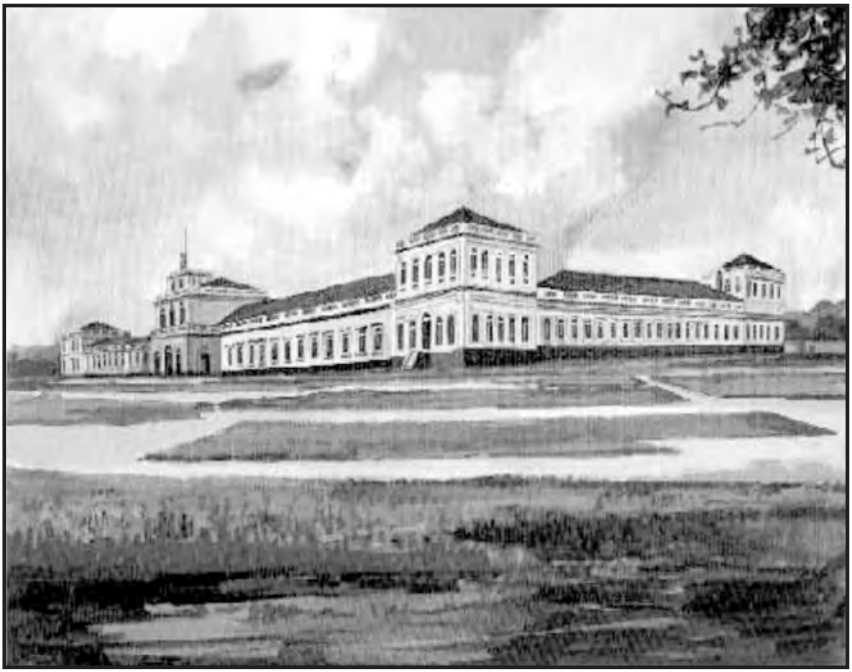
Foi executado também, no fundo, o segundo andar (estilo neoclássico), e reconstrução na frente, do lado esquerdo, de um pavilhão incendiado (14Mai43), em cima do atual Salão Brasil e que foi abordado em artigo pelo confrade Major Dentista Hélio Ricardo Alves, já falecido, que testemunhou o incêndio. A causa foi um curto-circuito na instalação elétrica do teto da 2ª Companhia.

A inauguração do Casarão da Várzea ocorreu no mesmo ano da Fundação do Clube Militar, na qual atuou como membro de sua Comissão de Imprensa o Marechal Câmara, que sete anos antes havia decidido adaptar o Casarão para Escola Militar.

E foi nele que foram formadas de 1906/11, como Escola de Guerra, as gerações que consolidaram o profissionalismo militar baixado pelo Regulamento de Ensino de 1905, e que concluíram a Reforma Militar de 1897/1945, conforme abordamos em nosso álbum ***Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil***. Rio de Janeiro: FHE-POUPEx, 1987, publicado

no ano do Centenário do Casarão.

A presente abordagem buscou apoio na interpretação de dados colhidos pelo falecido Major Dentista Flávio José Corrêa Mabilde, membro do Instituto de História e Tradições do RGS e, em 1985, por solicitação do comandante do CMPA Cel Cav QEMA Neri Pacheco Prates, nosso antigo companheiro na EPPA, em 1951/52 e contemporâneo na Escola na Escola de Comando e Estado-Maior onde, de certa feita, a ele recorremos para uma emergência médica para conter uma hemorragia num pós-operatório de um filho nosso (Cel Bento), hoje oficial de Marinha.



Aspecto inicial do Casarão da Várzea ao ser construído. Não possuía o segundo andar e o torreão não tinha o aspecto que apresenta hoje. (Fonte: pintura de Newton Coutinho que ilustra a Escola de Guerra no Álbum do autor Escola de Formação de Oficiais das FFAA, patrocinado pela FHE-POUPEx).

CRONOGRAFIA DA LEGISLAÇÃO OFICIAL DE ORIGEM DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE (CMPA)

(Denominações históricas, transformações e outros dados)
Pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

1. Informações Gerais

O atual Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) possui nos seus arquivos dados atualizados somente a partir de 1912. A documentação anterior foi recolhida ao Arquivo do Exército no ano de 1936 cumprindo-se determinação superior. Como a criação do primeiro Estabelecimento de Ensino (EE) militar em Porto Alegre remonta ao ano de 1851, foi necessário buscar informações históricas no Arquivo Histórico do Exército, localizado no Palácio Duque de Caxias (PDC), no Rio de Janeiro. Instituição chefiada de 1983/1991 pelo Coronel Cláudio Moreira Bento, idealizador e autor da maior parte do presente trabalho.

Naquele Arquivo, os pesquisadores devem procurar a Secção de História, a qual atende pelo fone/fax xx-21-2233-0007, ou pela rede Interna de Telefonia do Exército (RITEx), nº 810-5460/5838. Entretanto, os trabalhos disponíveis no CMPA, citados abaixo nos "Trabalhos Existentes", são excepcionalmente úteis, principalmente o livro do Professor Laudelino Medeiros – "Escola Militar de Porto Alegre", sem desmerecer os demais.

2. Trabalhos existentes

a. "**Escola Militar de Porto Alegre**"

Livro de autoria do Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Laudelino Teixeira de Medeiros. Foi publicado em 1992 pela Editora da Universidade. Possui 119 págs. E abrange o período 1853/1911. O livro foi composto e impresso pela Escola Profissional La Salle Gráfica e Editora, Canoas, RS.

b. "A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre", "Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas" e "História da 3ª Região Militar"

Livros e artigos de autoria do historiador militar Coronel Cláudio Moreira Bento, autor e organizador desta obra, ex-aluno da EsPPA (1951-52), Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do RGS e que, como diretor do Arquivo Histórico do Exército apoiou as pesquisas, no Rio, do professor Laudelino, conforme este reconheceu e agradeceu em seu precioso livro.

c. "**Sinopse do Histórico do Colégio Militar de Porto Alegre**"

Autoria do Coronel Professor do CMPA, Flávio José Corrêa Mabilde, publicado em l985. Este trabalho está à disposição no próprio Colégio.

d. "**Histórico do Velho Casarão da Várzea**"

Apostila de autoria do Coronel Neri Pacheco Prates, ex-comandante do CMPA **(In**: **Conheça melhor a AACV.** Porto Alegre: CMPA, 1997). Outros trabalhos abordam o assunto, embora não especificamente. Destacamos os seguintes:

- CIDADE, Francisco de Paula. ***Cadetes e Alunos Militares Através dos Tempos – l878/l932***. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1961, 198 páginas.

- LIMA FIGUEIREDO. ***Casernas e Escolas***. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, l945, 166 páginas.

- PEREGRINO, Humberto. ***História e Projeção das Instituições Culturais do Exército***. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967, 144 páginas.

- FONTOURA, João Neves da. ***Memórias***. Porto Alegre: Globo, 02 volumes, 1958/1963, 901 páginas.

- O Cel Bento, em seus trabalhos, menciona outras obras.

3. Cronografia da Legislação

(Foi objeto de plaqueta de nossa autoria com Apresen-

tação do Cel Cláudio Moreira Bento, em 2001, sob a égide da AHIMTB e IHTRGS)

a. Decreto Imperial nº 634, de 20 de setembro de 1851

Cria o primeiro Estabelecimento de Ensino militar na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Curso de Infantaria e Cavalaria. Diz o Art 1º do Decreto: *"Crear-se-ha na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul hum curso de Infantaria e Cavallaria, composto das matérias do 1º e 5º anno da Escola Militar, e do desenho correspondente a estes anos...".*

b. Lei do Império Nº 862, de 30 de julho de 1856

Fixava as forças de terra para o ano financeiro de 1857-58. O Art. 5º/&3º, autoriza o governo "*a reformar o Regulamento da Escola de Applicação e do Curso de Cavallaria e Infantaria do Rio Grande do Sul"*.

c. Decreto Imperial Nº 953, de 05 de abril de 1852

Aprova o Regulamento da Escola e seu Curso. No dia 02 de abril de l853, o Curso foi instalado, com o efetivo de 64 alunos. A Escola era situada no mesmo prédio do Liceu Dom Affonso, onde hoje é o Colégio Sevigné, ou onde hoje está a Biblioteca Pública do Estado.

d. Decreto Imperial Nº 2.116, de 01 de março de 1858

Converte o Curso de Infantaria e Cavalaria, bem como a própria Escola, em curso preparatório, de acordo com o novo Regulamento, da mesma data do Decreto. Diz o Art 1º: *"As atuais escolas... e o Curso de Infantaria e Cavalaria da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, passarão a denominar-se...* ***Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul".*** Segundo o Cel MABILDE, em sua "Sinopse...", a finalidade preparatória destinava-se a proporcionar "*...um melhor preparo básico aos candidatos à Escola Militar da Praia Vermelha, na Corte".*

e. Decreto Imperial Nº 2.582, de 21 de abril de 1860

Oficializa a chamada Reforma Rego Barros, a qual muda a denominação, assim como das demais Escolas congêneres, para **Escola Auxiliar da Escola Militar da**

Corte (Artº 79 do Regulamento).

f. Decreto Imperial Nº 3.083, de 28 de abril de 1863

Volta a ser preparatória, de acordo com o Regulamento do mesmo ano*: "... retoma a outra denominação, pelo Regulamento de 1863"*. Voltou, portanto, o nome de **Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**, com a mesma missão e finalidade. O Ministro da Guerra era o General POLYDORO DA FONSECA QUINTANILHA JORDÃO, ex-comandante da Escola em 1860. As referências a esta alteração foram publicadas no **Guia Militar** e no **Almanaque do Ministério da Guerra** de 1863.

g. Decreto Imperial Nº 3.187, de 18 de novembro de 1863

Cria a Escola Preparatória, de acordo com o Decreto anterior: *"Ministério dos Negócios da Guerra – Rio de Janeiro – em 28 de Novembro de 1863. Hei por bem Crear, na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, a Escola Preparatória de que tratão os arts..."*.

h. Decreto Nº 3.705, de 22 de setembro de 1866

O Art 15 do Decreto acima citado extingue as atividades da Escola, em conseqüência da Guerra do Paraguai. Uma edição do Guia Militar daquele ano assim se expressa: *"... com a Guerra do Paraguai, foi suspenso o exercício da Escola".* Esta permaneceria fechada por oito anos, até 1874. Sobre o local de funcionamento, o "**Álbum do Rio Grande do Sul**", de CARLOS A. REIS, de 1905 (pág. 11), registra que a Escola funcionou, no ano de l864, e por algum tempo impossível de precisar, em *"...dois sobrados contíguos, situados na Rua dos Andradas, em frente ao atual Comando da Brigada Militar ao lado do antigo QG da 3ª Região Militar".* Segundo Laudelino Medeiros em **"Escola Militar de Porto Alegre",** página 74, a Escola permaneceu naqueles prédios até ser fechada, em 1866. O Artº 15 diz: "*Fica supprimida a Escola Preparatória da Província do Rio Grande do Sul, creada pelo decreto 3187, de 18 de novembro de 1863".*

i. Ofício Nº 849, de 04 Abr 1872, do Ministro da Fazenda

Trata da construção do novo prédio da Escola, no Campo do Bonfim, local autorizado pela Câmara Municipal em resolução de 08Abr1872. O ofício autoriza o Diretor da Obra, Tenente-Coronel MANUEL MARTINS DA SILVA, a proceder o quanto antes a medição do terreno, bem como o começo imediato da construção. Autoriza também as despesas com a solenidade de lançamento da Pedra Fundamental, a qual ocorreu em 29 de abril de 1872.

j. Decreto Nº 5.529, de 17 de janeiro de 1874

Aprova, em seu Artº 35 e subseqüentes, o novo Regulamento para as escolas do Exército, abrindo caminho para o restabelecimento da Escola.

k. Decreto Nº 5.550, de 14 de fevereiro de 1874

Restabelece o **Curso de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul**, que fica aguardando o Regulamento correspondente.

l. Decreto Nº 5.578, de 21 de março de 1874

Aprova o Regulamento do Curso, com a duração de dois anos. O início do funcionamento foi a 24 de maio do mesmo ano, no 8º aniversário da Batalha de Tuiuti, conforme registrado na página 360 do **Guia Militar**. Nesta fase, o Curso funcionou, por algum tempo, no prédio de outra escola. Em **"Datas Rio-Grandenses",** Porto Alegre, Globo, 1962, diz o autor, Dr. SEBASTIÃO LEÃO CORUJA FILHO: *"O ato de inauguração teve toda a solenidade e realizou-se no edifício da Escola que funcionava na chácara do Dr. MORAES, na Várzea".* Esta chácara situava-se aproximadamente em frente ao atual Auditório Araújo Viana, e pertencia ao Major Reformado do Exército conhecido como Dr. MORAES, pai do Cel LUIZ CARLOS DE MORAES, que comandou o Colégio Militar. O Curso permaneceu pouco tempo naquele local.

m. Relatório de 10 de março de 1875 do Comandante

Neste documento, destinado ao Presidente da Província, o Comandante do Curso, Brigadeiro INNOCENCIO V. PEDERNEIRAS, referindo-se ao funcionamento do mesmo,

sugere àquela autoridade a mudança do nome de “Curso” para “Escola”, bem como a alteração do Plano de Estudos.

n. Lei Nº 2.706, de 31 de maio de 1877

Autoriza o governo da Província a alterar o Plano de Estudos e o nome, que passa a ser “**Escola de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul”.**

o. Decreto Nº 6.783, de 29 de dezembro de 1877

Aprova o novo Regulamento da Escola, o qual é publicado no Relatório do Ministro da Guerra do ano seguinte, 1878, na página 17.

p. Relatório do Ministro da Guerra de 1878

Na Relação Demonstrativa dos Próprios Nacionais pertencentes ao Ministério da Guerra, anexa ao citado Relatório, consta referência ao andamento da construção do grande edifício no Campo do Bom Fim, em Porto Alegre, para quartel do Exército. O citado Campo, hoje, é o Parque Farroupilha, e o prédio é o atual. Enquanto isso, em 1879, a Escola foi transferida para o local chamado “Areal da Baronesa”, em uma casa alugada à Baronesa de Gravataí, inicialmente por três anos, bairro de “Praia de Belas”, provavelmente na própria Avenida Praia de Belas, esquina com Av. Ipiranga, onde hoje existe uma unidade da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, o 1º BPM.

q. Decreto Nº 8.205, de 30 de julho de 1881

Altera a estrutura do Curso e sua denominação, mais uma vez, criando o 3º ano e o Curso de Artilharia. Diz o Decreto, no seu Art 5º: “Tanto a Escola Militar da Corte, como a de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul, que passa a denominar-se **Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul.**..”. A Escola passa, portanto, a aguardar o Regulamento.

r. Decreto Nº 9.251, de 26 de julho de 1884

Aprova o Regulamento da Escola, estabelecendo um curso superior e um preparatório, além do Curso de Artilharia, que já funcionava há três anos. Estas alterações estão registradas no **Almanaque do Ministério da Guerra de 1884.**

4. Escolas que funcionaram no Casarão da Várzea (Continuação da Cronografia)

a. Telegrama do Ministro da Guerra de 06 Nov de 1886

Através deste documento, o Ministro da Guerra cria o internato na Escola. A inauguração do internato aconteceu em 03 de março de 1887, com 133 internos, coincidindo com a ocupação e início do funcionamento do novo prédio, o atual.

b. Decreto Nº 330, de 12 de abril de 1890

Implanta a reforma "Filosófica", de orientação positivista, nas escolas militares. O Brasil já era uma República, tendo como presidente o Marechal MANOEL DEODORO DA FONSECA e como Ministro da Guerra o Coronel BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES. As províncias foram transformadas em Estados, e o nome da Escola passou a ser simplesmente **"Escola Militar do Rio Grande do Sul**", alteração constante do **Relatório do Ministério da Guerra de 1892**, página 11.

c. Relatório do Ministério da Guerra de maio de 1895

Determina a reabertura da Escola Militar, a qual havia sido fechada em 05 de outubro de 1893 em conseqüência da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Diz LAUDELINO MEDEIROS em seu citado livro (página 33):

"A necessidade do governo, de mobilizar os oficiais professores, e mesmo os alunos para servirem como oficiais inferiores, determinou o fechamento...". Segundo o Cel MABILDE, em seu trabalho, muitos integrantes da Escola aderiram à Revolução, ao lado dos revoltosos, os Maragatos, contra o governo da República. Em seu Relatório (página 23), diz o Ministro da Guerra: *"Interrompidos os trabalhos escolares com a revolução, foram novamente encetados no corrente ano, devendo a reabertura das aulas efetuar-se no dia 15 do corrente, visto não ter sido possível sê-lo no dia 1º de março, época regular".* O jornal Mercantil-Folha da Tarde, de Porto Alegre diz, em sua edição de 05Out1893: *Escola Militar- Por portaria do Sr. ministro da guerra foram hoje suspensos os trabalhos da Escola Militar d'esta capital. À hora em*

escrevemos, já os Srs. Offciais se haviam apresentado ao quartel general. Os alumnos, praças de pret fora,m mandados addir ao 13º batalhão de infantaria, donde tomarão o destino que lhes for determinado. Esteve fechada a Escola por cerca de 19 meses e meio ou seja, um ano, sete meses e meio.

d. Decreto Nº 2.881, de 18 de abril de 1898

Estabelece um novo Regulamento, reduzindo os estudos teóricos e ampliando os práticos, tudo em conseqüência das fortes críticas do General FRANCISCO DE PAULA ARGOLLO a favor do ensino diretamente ligado à atividade militar. O Gen ARGOLLO era Ministro da Guerra, e seu posicionamento sensibilizou o Congresso que, através da Lei Nº 463, de novembro de 1897 determina as reformas acima citadas, suprime o **"Curso Geral" da Escola Militar de Porto Alegre** e reúne o curso preparatório à Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, que passa a chamar-se **Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo**. A Escola de Rio Pardo havia sido inaugurada em 25 de março de 1888 pelo Ten Cel JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA JÚNIOR. Ficou extinta, portanto, a **Escola Militar de Porto Alegre**. O Ministro da Guerra era o General JOÃO THOMAZ CANTUÁRIA, portoalegrense, veterano da Artilharia da Retirada da Laguna, foi o primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército e hoje É denominação histórica da 6ª Região Militar.

e. Decreto Nº 1001, de 07 de agosto de 1903

Cria a **Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre**, abrindo caminho para a transferência da **Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo** para a Capital. De 1898 a 1903, por cerca de cinco anos, o Casarão da Várzea foi ocupado pelo 25º Batalhão de Infantaria, segundo o Cel MABILDE.

f. Aviso Nº 2.783, de 24 de agosto de 1903

Transfere a Escola de Rio Pardo para Porto Alegre, com o nome de **Escola Preparatória e de Táctica de Porto Alegre**, sendo novamente ocupado o prédio da Várzea. A Ordem do Dia Nº 159, de 10 de agosto de 1903, do Com-

mando do 6º Districto Militar, com sede em Rio Grande, publicou: "*Foi sanccionada pelo Sr. Presidente da República, a lei do Congresso Nacional decretando a mudança da escola preparatória e de táctica de Rio Pardo para Porto Alegre.- Telegramma do Sr. Marechal Ministro da Guerra de 6 do vigente"* (grafia da época). A Ordem do Dia Nº 165, de 14 de setembro registrava: "*Recolheu-se à capital do Estado, a 11 do corrente, a escola preparatória e de táctica, ultimamente transferida da cidade de Rio Pardo para a de Porto Alegre".*

g. Decreto Nº 5.698, de 02 de outubro de 1905

Cria a **Escola de Guerra de Porto Alegre**, extinguindo a anterior, tudo em conseqüência da reforma do ensino militar, autorizada pela lei Nº 1.316. A Escola de Guerra foi instalada no dia 13 de fevereiro de 1906, sendo Cmt o Cel CARLOS AUGUSTO DE CAMPOS. Com a citada reforma, foi criada também, mediante Aviso, em Rio Pardo, a **Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria**.

h. Lei Nº 1.860, de 04 de janeiro de 1908

Reorganiza o Exército, institui o alistamento militar e, entre outras determinações, manda extinguir gradativamente a **Escola de Guerra de Porto Alegre.**

i. Decreto Nº 7.228, de 17 de dezembro de 1908

Regula a aplicação da Lei citada no item anterior: *"... resolve mandar fechar, à medida que forem terminando os respectivos exames, a **Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria** em 1911, em Rio Pardo, e a **Escola de Guerra de Porto Alegre**, encerrando-se em 1909 as aulas do 1º ano e em 1910 as do 2º ano desta escola".*

j.Decreto Nº 8.522, de 18 de janeiro de 1911

Extingue a **Escola de Guerra de Porto Alegre** mas, ao mesmo tempo, transfere-a para o Realengo, como **Escola de Guerra do Realengo**, no Rio de Janeiro.

k. Decreto Nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912

Cria o **Colégio Militar de Porto Alegre**. O Presidente da República era o Marechal HERMES ERNESTO DA FONSECA, o Ministro da Guerra era o General ADOLPHO

DA FONTOURA MENNA BARRETO e o Comandante do Colégio o Cel MANOEL JOSÉ FARIA DE ALBUQUERQUE. Diz o Cel MABILDE:

"No dia 22 de março de 1912, seu primeiro Comandante dava por criado o ***Colégio Militar de Porto Alegre*** *conforme Ordem do Dia daquela data, a qual ficou consagrada como aniversário do CMPA (data aprovada pelo Estado-Maior do Exército e publicada no Boletim do Exército Nº 09 de 30 de setembro de 1968)".* Em conseqüência de obras de recuperação do prédio, a abertura das aulas deu-se a l9 de junho de 1912, com 275 alunos. A primeira vez em que o CMPA entrou em forma externamente foi na cerimônia de trasladação da estátua do Conde de Porto Alegre da Praça da Matriz para a Praça Conde de Porto Alegre, conforme Antônio da Rocha Almeida em seu "Vultos da Pátria", vol 1.

l. Decreto Nº 1.123, de 27 de fevereiro de 1939

Cria a "**Escola Preparatória de Cadetes**", extinguindo o **Colégio Militar de Porto Alegre**. O Boletim Interno Nº 75 de 01 de março de 1939, do CMPA, o declara extinto. Segundo a "Sinopse...", do Cel MABILDE, a causa foi a necessidade de um aprimoramento do Ensino Militar, para modernização, em virtude de novas doutrinas surgidas com a 2ª Guerra Mundial.

m. Decreto Nº 3.828, de 15 de março de 1939

Extingue a Escola Preparatória de Cadetes (EPC) e cria a **"Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre**", alteração de nome publicada no Boletim Interno nº 01 de 01 de Abril de 1939.

n. Decreto Nº 166, de 17 de novembro de 1961

Extingue a Escola Preparatória e cria, novamente, o **Colégio Militar de Porto Alegre**, transformação publicada no Boletim Interno nº 294, de 31 Dez 61, para execução a partir de 01 de janeiro de 1962. Assim, no ano em que comemorava o cinqüentenário de criação, o CMPA, através de seu BI nº 01, de 02 de janeiro de 1962, declarava a sua entrada em funcionamento.

Cronografia Geral das Denominações

DENOMINAÇÃO	ANO/LOCAL
Curso de Infantaria e Cavalaria da Província	1853, em casa alugada situada no Areal da Baronesa
Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul	1858, idem
Escola Militar Auxiliar da Escola Militar da Corte	1860, idem
Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul	1863, idem
Escola Militar Preparatória da Província do Rio Grande do Sul	1864, dois sobrados contíguos na Rua dos Andradas
Escola fechada devido à Guerra do Paraguai	1866 – 1874
Curso de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul	1874, prédio de outra escola na “Chácara do Dr. Moraes”, na Várzea
Escola de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul	1877, idem
Escola de Infantaria e Cavalaria da Província do 0Rio Grande do Sul	1879, palacete da Baronesa de Gravataí
Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul	1881, idem
Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul	1887, idem
Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul	1887, Av. José Bonifácio 363 (atual endereço)
Escola Militar do Rio Grande do Sul	1890, idem
Escola fechada devido à Revolução Federalista	1893 – 1895
Escola Militar do Rio Grande do Sul	1895, Av. José Bonifácio 363
Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo	1898, Rio Pardo
Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre	1903, Av. José Bonifácio, 363
Escola de Guerra de Porto Alegre	1905, idem
Escola extinta (idem a de Rio Pardo)	1911
Colégio Militar de Porto Alegre	1912, idem
Escola Preparatória de Cadetes	1939, idem
Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (EPPA)	1939, idem
Colégio Militar de Porto Alegre	1961, idem

Pesquisa:
Cel Inf R1 Luiz Ernani Caminha Giorgis, professor do Colégio Militar de Porto Alegre e Delegado da Delegacia do RS (Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara) da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (lecaminha@gmail.com).

Revisão e Formatação:
Cel Cláudio Moreira Bento (revisão e complementos), Presidente da AHIMTB e do IHTRGS, Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, do Colégio Militar de Porto Alegre, membro correspondente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (araujocmpa@gmail.com).

PROJEÇÃO DO CASARÃO DA VÁRZEA NA QUESTÃO MILITAR E NA PROCLAMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA

O criador do estabelecimento de Ensino do Exército no Casarão da Várzea como Ministro do Exército, o Marechal Câmara, Visconde de Pelotas, destacou-se, como senador, na defesa do Major Cunha Mattos, envolvido na 1ª Questão Militar.

E voltou a fazê-lo no Rio Grande do Sul, na Questão Militar, que teve como alvo o comandante da Escola Militar Tática e de Tiro de Rio Pardo, em 1886, conforme abordamos em Escolas Militares do Rio Pardo (Porto Alegre: Metrópole, 2004) em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Então o Marechal Câmara, em aliança com o Marechal Deodoro da Fonseca, como vice-presidente da Província de 8 de maio a 12 de outubro de 1886, como comandante do Comando das Armas (atual 3ª Região Militar) e pela segunda vez em 1885-86, saíram em defesa do Ten Cel Antônio Senna Madureira, junto com Júlio de Castilhos. Este, através do jornal republicano A Federação. E ganharam a parada. Pessoalmente, foram receber Senna Madureira no porto, junto com sua esposa D. Constância, filha do heróico marinheiro tombado em ação, o Capitão- Tenente Mariz e Barros, e neta paterna do Almirante Visconde de Inhaúma, que comandou a Esquadra brasileira na Guerra do Paraguai, no Comando-em-Chefe do Marquês de Caxias.

Câmara e Deodoro caminharam desde o porto até o Solar dos Câmara, na rua Duque de Caxias atual, de braços com D. Constância, uma brava mulher.

E o comandante da Escola Militar do Rio Grande do Sul, em instalação no Casarão da Várzea, o Cel José Simeão de Oliveira, herói da Guerra do Paraguai e amigo do Marechal Câmara, participou ativamente da Questão Militar em defesa do comandante da Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, também em instalação.

Finda a Questão Militar, vitoriosa, José Simeão acom-

panhou o Marechal Deodoro até o Rio de Janeiro participando da fundação do Clube Militar em 1887, como 1º secretário do Clube, ao lado do Marechal Câmara, da Comissão de Imprensa de Deodoro, presidente eleito, de Senna Madureira, integrante da Comissão de Imprensa, e do chefe de Comissão Redatora dos Estatutos do Clube, que foram passados a limpo por D. Constância.

José Simeão participou das gestões que terminaram com a Abolição, depois de protestos do Clube Militar contra o uso do Exército como Capitão-do-Mato na perseguição de escravos fugidos e, a seguir, da Proclamação da República.

O 2º secretário do Clube Militar foi, então, Marciano Augusto Botelho de Magalhães, irmão de Benjamin Constant e que comandaria o Casarão da Várzea no reinício da Escola Militar de Porto Alegre, fechada durante a citada revolução.

Proclamada a República, o Marechal Câmara foi o primeiro Presidente do Rio Grande do Sul.

Em 1888 a Escola Militar, no Casarão da Várzea, tomou papel saliente na deposição, do Governo da Província, do Barão de Santa Tecla, Joaquim da Silva Tavares, irmão do General honorário Joca Tavares, que instalou Governo do Estado paralelo em Bagé, em nome do Governicho e depois liderou, no campo militar, a Revolução Federalista.

Em 3 de novembro, no Rio, o Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca, dissolveu o Congresso, com o apoio da maioria expressiva dos governadores, sob o argumento de *"a derrubada inconstitucional de seus votos pelo Congresso e em nome da governabilidade."*

No Rio Grande do Sul isto serviu de argumento para a deposição, sob a liderança do Marechal Câmara, de Júlio de Castilhos que, sob influência liberal, manifestou-se contra o fechamento do Congresso.

Somente a Guarnição de Porto Alegre, integrada pela Escola Militar (no Casarão da Várzea), mais os 13º e 30º Batalhões de Infantaria, o 29º, enviado de Pelotas, e o 2º Batalhão de Engenheiros (futuro 1º Batalhão Ferroviário e hoje 16º Batalhão de Construção) mostraram-se dispostos

a manter o mandato de Júlio de Castilhos, com o apoio do comandante da atual 3ª Região Militar, Gen Salustiano.

Comandava o 30º BI o Cel Arthur Oscar Andrade Guimarães que, como General, comandaria a última expedição a Canudos em 1897. E o 13º era comandado pelo Coronel Thomaz Thompson Flores, que pereceria naquela guerra, cuja morte foi descrita de modo comovente por Euclides da Cunha em **Os Sertões.** O 2º Batalhão de Engenheiros era comandado pelo Major Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, que viria a ser o 1º Comandante e organizador da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Comandou a Escola Militar de Porto Alegre o Coronel Dionísio Cerqueira, constituinte em 1891, e autor do clássico ***Reminiscências da Guerra do Paraguai.***

O 29º BI era comandado pelo Cel João César Sampaio, o qual comandara a Divisão do Sul, que libertou Bagé, em 8 de janeiro, do cerco federalista ao qual foi submetida por 46 longos dias. Como General, o Cel Sampaio escreveu o livro ***O Coronel Sampaio e os Apontamentos de Dr. Wenceslau Escobar*** (Porto Alegre, Liv. Globo, 1920), o contraditório ao livro escrito pelo Dr. Wenceslau Escobar pela mesma editora e ano. Livro do Coronel Sampaio que, misteriosamente, sumiu, e do qual só encontramos um exemplar na Biblioteca do Exército, exemplar este que pertencera ao General Valentim Benício e por ele anotado. Benício era filho de Uruguaiana e foi o organizador da Biblioteca do Exército Editora em 1937.

Biografamos o General João César Sampaio na **História da 3ª Região Militar**, v. 2, 1995, p. 159-165, que merece ser lida como ato de justiça e de isenção. Ele combateu em Canudos e recebeu este elogio de Arthur Oscar:

"O Cel Sampaio se comportou com bravura, salientando-se dentre os demais comandantes da Brigada. Revelou altas qualidades de excelente tático, operando na posição mais avançada em que o inimigo estava mais pertinaz".

Com a deposição de Júlio de Castilhos assumiu o governo de exceção, formado pelo alegretense Dr. João de Barros Cassal, pelo gabrielense Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil e pelo caçapavano General Manuel Luis Ro-

cha Osório. Esta junta passou à História como Governicho e dirigiu de forma discricionária o Estado por sete meses e meio, assim caracterizada por Sérgio da Costa Franco em **A Guerra Civil de 1893** (Porto Alegre: UFRGS, 1993):

"O Governicho se revelou débil e inseguro, convocando eleições para depois adiá-las, e promulgando provisoriamente uma constituição que se assemelhava em tudo à Constituição castilhista. Mas por se sentir fraco, resvalou para a violência, sobretudo no interior do Estado, tão logo a oposição castilhista se tornou mais intensa. Ocorreram toda a sorte de abusos e perseguições aos opositores, o que ficou documentado no livro de MOURA, Euclydes B. de. ***O vandalismo no RGS****. Porto Alegre: Martins Livreiro, s/E, 1992."*

Com a renúncia forçada de Júlio de Castilhos o Marechal Salustiano Jerônimo dos Reis foi obrigado pelo Governicho a deixar o cargo de Comandante da atual 3ª Região Militar passando-o ao General Antonio Joaquim Bacelar. Foi nomeada pelo Governicho uma Junta Governativa Provisória para o comando da atual 3ª Região Militar, constituída pelo deputado federal General Manoel Luiz da Rocha Osório, cumulativamente com o Comando-em-Chefe das forças que *"deviam operar contra a tirania do presidente da República Marechal Deodoro e restabelecer a Constituição Federal".*

O General Rocha Osório adotou o seguinte dispositivo, dois dias antes da renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca:

Comando das Operações no Sul do Estado:

. General Honorário João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares).

Comando das Operações do Norte do Estado:

. General Antonio Joaquim Barcelos.

O Governicho planejou uma expedição ao Litoral-Norte do Estado, em Torres, para impedir uma invasão de forças enviadas pelo Marechal Deodoro. Expedição da qual faria parte uma Brigada de Artilharia constituída de alunos da Escola Militar do Casarão da Várzea. Era uma manobra para afastar as forças simpáticas ao Marechal Deodoro e a Júlio de Castilhos para longe.

- 1ª Brigada – Cel Arthur Oscar com o seu 30º BI e um

Batalhão da Polícia Militar que, em 15 de outubro de 1892, passou a integrar a Brigada Militar, então criada ao comando do último comandante do Batalhão de Engenheiros, Major Joaquim Pantaleão Telles.

- 2ª Brigada – Cel Thomaz Thompson Flores com o seu 13º BI, o Ten Cel João César Sampaio com o seu 29º BI de Pelotas e uma Brigada de Artilharia guarnecida por alunos da Escola Militar do Casarão da Várzea.

Quando ela se preparava para partir houve a renúncia do Presidente Marechal Deodoro, sendo o mesmo substituído pelo Vice-Presidente, Marechal Floriano Peixoto.

Convocada uma reunião no QG da atual 3ª Região Militar, o Cel Arthur Oscar usou a palavra dizendo que julgava inconveniente qualquer manifestação coletiva da atual 3ª Região Militar ao novo governo, pois ela faria alusão ao Marechal Deodoro, um marechal do Exército Brasileiro. E a ele aludindo iriam ferir a Hierarquia e a Disciplina. E que não sentia vergonha de declarar bem alto, apesar do ato de dissolução do Congresso, que assim mesmo amava Deodoro por ele haver feito a República. Lamentava o seu gesto, mas não tripudiaria sobre ele em sua queda!

E retirou-se, seguido por seu irmão Carlos Eugênio, que representava a Escola Militar de Porto Alegre, pelo Cel Thomaz Thompson Flores, Ten Cel João César Sampaio e Major Joaquim Pantaleão Telles.

Eles foram removidos para o Rio por proposta do Governicho. E retornaram quatro meses depois, assumindo seus comandos em Saicã, por ordem do Presidente Marechal Floriano Peixoto.

Estes fatos foram testemunhados pelo representante do Casarão da Várzea General Carlos Eugênio Guimarães, mais tarde comandante da atual 3ª RM, em seu livro ***Arthur Oscar – um soldado do Império e da República*** (Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1964) e pelo Ten Cel César Sampaio em seu citado livro.

O Governicho afastou do comando da 3ª RM muitos oficiais, que foram reintegrados em suas funções com a

queda do Governicho, sete meses depois.

O 30º BI de Arthur Oscar desdobrou-se mais tarde nos atuais 18º e 19º Batalhões de Infantaria Motorizada, sediados em Sapucaia e São Leopoldo.

O Casarão da Várzea tornou-se, como Escola Militar, um forte núcleo republicano. Ao estourar a Revolução de 93 a Escola foi fechada, a pedido de seus alunos e professores, que desejavam combater em defesa do governo.

A Escola Militar esteve fechada durante a Revolução Federalista. A maioria foi lutar contra os revolucionários. Mas houve um pequeno grupo favorável aos federalistas.

Entre estes, Plácido de Castro, que foi enviado para integrar as tropas do Governo, ao comando do Marechal Izidoro Fernandes. E antes do sítio das tropas do governo no Rio Negro (Sítio do Rio Negro) ele, que integrava o Corpo de Transportes, ao comando do Major Bento Gonçalves da Silva, neto homônimo do líder farroupilha, apresentou-se aos federalistas para combater por sua causa, tendo nelas atingido o posto de major, muito jovem.

Estuda o fato o acadêmico da AHIMTB historiador Osório Santana Figueiredo em seu livro ***Plácido de Castro, o Colosso do Acre***. Santa Maria: Pallotti, 2007.

Estudamos Plácido antes, na plaqueta feita a pedido da SUDAM, ***O Libertador do Acre***. Belém: SUDAM, 1973. Isto no centenário de Plácido de Castro, a pedido do Cel Art Milton Câmara Sena, superintendente da SUDAM, em número de 10.000 exemplares, para distribuição nas Escolas da Amazônia.

E a Plácido de Castro se deve em muito o destino brasileiro do Acre.

A convite do Governo do Acre lá estivemos em 1974 como integrantes da Comissão de História do Estado-Maior do Exército, percorrendo os caminhos percorridos pelo herói até seu assassinato.

Sem favor nenhum é hoje um dos mais ilustres personagens que estudaram no Casarão da Várzea, então Escola Militar de Porto Alegre.

Em 24 de janeiro de 2007 Plácido teve seu nome ins-

crito no Livro de Aço do Panteão da Pátria, na Praça dos Três Poderes em Brasília, aos lados dos grandes heróis nacionais, Tiradentes, Duque de Caxias, Almirante Marquês de Tamandaré, Santos Dumont, Mal Deodoro da Fonseca, Gen Osório e outros considerados heróis.

Atuou de modo notável na consolidação da República no Rio Grande do Sul, concomitantemente ao Marechal Floriano, o professor de Matemática da Escola Militar de Porto Alegre o Major Caetano de Farias, cuja atuação descrevemos em sua biografia que inicia o subtítulo "Os professores do Casarão de 1885-2007".

Os fatos aqui abordados foram retirados, em grande parte, de nosso livro ***História da 3ª Região Militar 1889-1953***. Porto Alegre: 3ª RM, 1995, cap. 6 e 7.

Como se concluiu, foi expressiva a projeção do Casarão da Várzea na Questão Militar, proclamação e consolidação da República.

Para quem desejar conhecer em detalhes, do ponto de vista do Exército, o massacre do Rio Negro, abordamos o fato sobre o título: O Massacre Federalista do Rio Negro, em Bagé, em 28 de novembro de 1893, na ***Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro***, nº 154, volume nº 379, abr/jun 1993, p. 55-88.

COMANDANTES DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO EXÉRCITO NO CASARÃO DA VÁRZEA

Escola Militar de Porto Alegre

1880-86 – Coronel João Simeão de Oliveira (de 3/10 a 11/12). Fez a transição do Curso de Cavalaria e Infantaria de Porto Alegre, que comandava desde 1880, para a Escola Militar de Porto Alegre no Casarão, quando lhe coube comandar a adaptação para receber a Escola Militar de Porto Alegre, que ali começou a funcionar ao comando dos seguintes oficiais:

1886-88 – Coronel Catão Augusto dos Santos Roxo (nomeado em 12/12. Interinamente, em 1888, o Tenente-Coronel Luiz Celestino de Castro).

1888-89 – Coronel Francisco Antônio de Moraes (nomeado em 18/9).

1890 – Tenente Coronel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva.

1891– Coronel de Engenharia Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira (substituído interinamente pelo Ten Cel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva). Mais tarde foi Ministro da Guerra e autor da preciosa obra ***Reminiscências da Guerra do Paraguai.*** É patrono de cadeira na AHIMTB.

1892 – Coronel Henrique Valadares (nomeado em 9/4; interinamente: Tenente Coronel Luiz Celestino de Castro).

1892-93 – Coronel do Corpo de Engenheiros José Jardim (nomeado em 21/10).

1893-94 – Coronel Francisco da Rocha Callado (nomeado em 12/5).

1894-96 – Coronel Marciano Augusto Botelho de Magalhães (nomeado em 1º/4; interinamente: Coronel Luiz C. de Castro). O Coronel Marciano era irmão de Benjamin Constant.

1896-97 – Coronel Francisco Marcolino de Souza Aguiar (nomeado em 3/6). Comandou a transição para Escola Militar de Porto Alegre.

1897-98 – Tenente Coronel Joaquim Martins de Mello (interinamente: Tenente Coronel Joaquim de Salles Torres Homem).

1898-99 – Coronel graduado João Cândido Jacques (nomeado em abril, exerceu o comando até setembro). A reforma de 18 de abril de 1898 extinguiu a Escola Militar de Porto Alegre.

Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre

1903-05 – Coronel do Corpo de Engenheiros Joaquim Martins de Mello (Diretor da Escola Preparatória e de Tática, que até 11Set1903 permaneceu em Rio Pardo e que foi suprimida em 2 de outubro de 1905).

Escola de Guerra de Porto Alegre

1906-09 – Coronel Carlos Augusto de Campos (reaberta com o nome de Escola de Guerra). Escola esta criada em razão do fechamento e extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, em decorrência de seu envolvimento na Revolta da Vacina Obrigatória, e também com a finalidade de implementar o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar, que vigorava desde 1874, para o profissionalismo militar, que até hoje vigora, e que suprimiu o posto de Alferes pelo de Aspirante a Oficial. Escola esquecida no vídeo que apresenta a evolução do ensino militar apresentada na AMAN, feito por comunicadores sociais, e que não levou em conta nosso trabalho ***"Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas",*** editado em 1987, patrocinado pela FHE- POUPEx e lançado no Clube do Exército em ato presidido pelo Ministro do Exército Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves que o apresentou aos presentes, sem restrições.

1909-10 – Coronel Dr. Oscar de Oliveira Miranda (nomeado em 21/8).

Colégio Militar de Porto Alegre

1912-18 – Cel Art Manoel José de Farias Albuquerque;

1918-19 – Cel Art José Rafael Alves de Azambuja (interino);

1919 – Ten Cel Art Narciso Peixoto Lopes (interino);

1919-20 – Gen Ramiro da Silva Souto;

1920-28 – Mal Graduado José Rafael Alves de Azambuja;

1928 – Gen Narciso Peixoto Lopes (interino);

1928 – Gen Graduado José Rafael Alves de Azambuja;

1928 – Cel Art José Ignácio da Cunha Rasgado (interino);

1928-29 – Cel Gustavo Lebon Régis. Consagrado herói da resistência ao cerco da Lapa, onde foi ferido à bala;

1929 – Cel Art Luiz Gonzaga Borges da Fonseca (interino);

1930 – Gen Div José Ignácio da Cunha Rasgado (interino);

1930-31 – Cel Felício Paes Ribeiro;
1931-32 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1932 – Gen Div Otávio Pacífico Furtado (interino);
1932-33 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1933 – Gen Div Otávio Pacífico Furtado (interino);
1933-34 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1934 – Gen Div Otávio Pacífico Furtado (interino);
1934 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1934 – Gen Div Otávio Pacífico Furtado (interino);
1934-35 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1935 – Cel Art Luiz Gonzaga Borges da Fonseca (interino);
1935-36 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1936 – Gen Div Otávio Pacífico Furtado (interino);
1936-37 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1937 – Cel Art Luiz Gonzaga Borges da Fonseca (interino);
1937-38 – Gen Div Ramiro da Silva Souto;
1938 – Cel Art Luiz Gonzaga Borges da Fonseca (interino);
1938 – Gen Div Ramiro da Silva Souto. Foi o seu 8º e último comando
do CMPA durante a década de 30.
1938 – Cel Art Luiz Gonzaga Borges da Fonseca (interino);
1938-39 – Cel Luiz Carlos de Moraes.

Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-61)

1939-42 – Cel Cav Outubrino Antunes da Graça;
1942-46 – Cel Cav Coriolano de Andrade. Atingiu o generalato;
1946-50 – Cel Inf Rinaldo Pereira da Câmara. Idem;
1950-52 – Cel Cav José Dantas Arêas Pimentel. Idem;
1953-57 – Cel Cav Manoel Alves Pires de Azambuja;
1957-59 – Cel Cav Arthur Danton de Sá e Souza;
1959-60 – Cel Inf Galvão do Nascimento Leães;
1960-61 – Cel Cav João de Deus Nunes Saraiva;

Memórias de aluno da EPPA (1951-52)
Cel Cláudio Moreira Bento
(Turma Cel Guarani Frota)

A seguir, apresento o conjunto de minhas Memórias da parte referente à EPPA, no tocante à minha formação profissional, resgatada pela Gráfica Drumond, escaneando parte dos originais de minhas Memórias até o presente, e que foram distribuídas encadernadas. Além dos originais em meu poder confiei exemplar à sobrinha Cacilda, minha afilhada de batismo e casamento, ao meu Colégio N.Sª Aparecida de Canguçu, onde cursei o primário, e ao Curso de Engenharia da AMAN.

Sem esperanças de aprovação no Exército no Concurso de Admissão à EPPA fui para Canguçu como 3º sargento de Comunicações da Reserva, sonhando com Odontologia. Na viagem, na carga de um caminhão, a certa altura de um cemitério próximo entre a curva da Batata e Nonda Ribeiro vi algo estranho voando no ar. Pensei em até assombração, pois foi na frente de um cemitério. Ao chegar ao destino constatei haver sido um envelope com uma série de fotos que haviam voado e perdidas para sempre.

Aprontando-me para retornar a estudar no Ginásio Gonzaga em Pelotas, fui avisado por alguém que lera o meu nome no jornal, relacionando-o com o Concurso para a EPPA. Fui a Pelotas consultar jornais na Biblioteca Pública e, para minha surpresa e grande alegria, ali estava o inacreditável. Eu passara no Concurso em 2º lugar entre os militares, sendo classificado em Porto Alegre e não como outros, menos classificados, em São Paulo ou Fortaleza. Aí fiquei orgulhoso do acesso democrático que tive ao Exército, de nada valendo os temores que alguns fossem

beneficiados com prejuízo dos concorrentes anônimos. E ainda uma sensação legítima de haver conquistado um status e posição por mérito pessoal.

E segui para Porto Alegre para me apresentar. Havia treinado na Escola, inclusive como cabo da Guarda. Ao chegar, havia aquela massa de veteranos que cercava os bichos ou bicharada (calouros). Fui chamado por um deles, o Rei Zulu (Lourival de Souza Filho), hoje meu apreciado amigo, apelei e botei banca de sargento da Reserva. Foi aí que a coisa piorou! Apelidou-me de "Papai Adão", para ter alguém para acompanhá-lo com o apelido com nome de musica de Carnaval. Para fugir aos trotes durante o dia passeava pelo Redenção e fazia refeições num hotel onde se hospedavam encruzilhadenses. Éramos cinco calouros pára-quedistas (denominação dos que entravavam direto no 2º e 3º anos). Os civis eram um carioca, o "Madureira" (Altair Carvalho de Souza), um intelectual muito inteligente que reencontraria em Bento Gonçalves em 1957, quando me passou a residência do Batalhão Ferroviário em Jaboticaba, tendo incluído cálculos matemáticos "sacais" na medição de enchimento de pedras de mão. O controle visual do material era tão preciso quanto. Mas queria se distrair! Outro era o "Nicotina", de Piquete-SP, que deixou o Exército por saúde. Havia mais o Adão Maciel Vaz - o "Bruzundunga", de São Gabriel, e o Jaime Irajá Pereira, que encontrei em Campo Grande como expert em Logística. Era de Jaguarão. O Vaz, até meu parente distante, talvez, foi mal de olhos e marcado outro exame. Então falou que não podia esperar e, na conversa, mencionou um compromisso com um general. Palavra milagrosa que resultou na sua aprovação sem maiores delongas e ele se foi para "São Gabriel das carretas" sem ter de voltar. Foi vivo! O outro que ainda era soldado e meu amigo durante toda as nossas vidas era o soldado Omar Lima Dias (foi Presidente do GBOEx, onde realizou obra muito elogiada e, lamentavelmente, ao passear em Buenos Aires, foi colhido por um forte derrame que o impossibilitou de qualquer atividade).

Em número de cinco páraquedistas passamos sofrendo trotes, que aos poucos foram amainando. A pior turma era a transferida de Fortaleza. Mas ganhei a confiança deles, certo dia em que chegaram meio “turbinados” no alojamento, quando “tomei conta” deles para não serem vistos pelo Oficial de Dia.

Lembro do célebre Baile do Adeus da turma anterior à minha, em que fui encarregado de fazer o “Bole”. Uma mistura de bebida alcoólica com frutas, inclusive Abacaxi da Pesqueira com lata em forma cônica. Eu adorava abacaxi em lata. E neste dia comi até fartar-me escolhendo os mais maduros. Lembro que até cristais de açúcar se formaram em meus dentes.

Certa feita, atalhando o caminho à noite, para chegar a Escola por detrás do Ginásio de Esporte de repente senti uns passos atrás de mim. Apurei o passo e notei que quem vinha atrás de mim também o fizera. Percebi que ia ser assaltado e corri para valer. Eu era bom nos 100 metros, o assaltante correu um pouco e desistiu. Ali havia muitos assaltos à noite. Eu caminhava com um punhal metido na manga direita, ao invés de carregá-lo a cinta. Deixando-o cair eu o empunhava fácil pois treinara muito este movimento.

Lembro do cadete Átila que, estando de Sargento de Dia, e eu de plantão, cismou que eu estava dormindo nos lavatórios, afirmando que o meu capote estava quente. Abusou até onde pode de sua autoridade. E este seu modo de ser lhe trouxe problemas como oficial nos anos 60.

O estudo não foi problema. Era prazeroso. Os professores, em maioria coronéis, nos tratavam muito bem. Havia um professor civil, de português, com quem, certa feita, tirei 10. Lembro do major Hélio Prates da Silveira, futuro governador de Brasília e professor de um dos ramos da Matemática. Certa feita, falou que viajara de trem ao Rio para prestar exame para o Magistério e que em caminho se distraíra resolvendo uma enorme quantidade de problemas matemáticos, elogiando muito o comandante da

escola, com quem convivera no interior.

Morava perto o professor Cel Telino Chagastelles, muito respeitado na Escola, cujo comando às vezes assumia. Era nosso colega Cláudio Chagastelles, seu filho, com quem conviveríamos em 1979-80 na AMAN, como instrutores de História Militar. Em torno dele girava um grupo de colegas, que freqüentavam a sua casa. Ao falecer o General Telino escrevi seu necrológio na **Revista do Clube Militar,** em tributo à sua dedicação ao GBOEx e, assim, à família militar.

O acesso da escola para o centro (ida) e o retorno eram facilitados por bondes nas avenidas que ladeavam o Parque da Redenção e pela rua Venâncio Aires. Eram bons e baratos e muito bem freqüentados. E o Centro de Porto Alegre era o *point* dos alunos por suas variadas atrações. Era costume cedermos o lugar a senhoras e idosos.

Lembro do médico Dr. Barros, que morava numa das casas da Escola. Quem ia consultar não podia dizer "Dr., eu estou gripado" ou "estou com diarréia". A "mictada" invariável era esta: "Se você já fez o diagnóstico de seu mal por que veio aqui?" Tinha que se usar de diplomacia. Assim ganhava-se sua boa vontade e se recebia um xarope gostoso!

Como tipo muito popular e querido entre os alunos havia o Cabo Lagarto, o corneteiro. Era entroncado, barrigudo e vermelho.

Havia épocas de muito mosquito. A proteção era um mosqueteiro individual que era colocado sobre dois suportes nos pés e cabeceira da cama. E possuir um era um "barato"! Para que não fosse "desapertado" (tirado por outrem), o seu usuário tinha de amarrá-lo num dos braços para que, numa tentativa de alguém desejar levá-lo o proprietário acordar. Na época do mosquito era um privilégio possuir-se um mosquiteiro.

Lembro do despertar do interesse pela História Militar do Brasil. Eu tinha um caderno onde colocava frases célebres proferidas por heróis militares brasileiros: Caxias,

Osório, Antônio João, Hilário Gurjão, etc. Sempre um gosto pela História Militar do Brasil. Sonho que concretizei no **Projeto História do Exército na Região Sul,** já com 17 livros, e ainda em desenvolvimento, como esta História do Casarão da Várzea, a maioria em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Lembro do costume de "peruar" a 20. Ou seja, pedir para reservar a parte da "bagana", a parte final de um cigarro que um aluno estava fumando. Isto de parte dos que não tinham dinheiro para comprar seus cigarros. Não sei a razão da bagana acesa chamar-se 20. Talvez os 20% restantes do cigarro normalmente jogado fora. Outro costume era pedir-se roupas emprestadas. Lembro que eu possuía um casacão (capote) com um tipo cor imitando camelo, e um lenço branco de pescoço. Emprestei-o várias vezes a colegas, que saíam orgulhosos com ele. O dinheiro era pouco entre a maioria.

Um dos que mais cediam "as 20" era o Abel Machado, santanense alto e forte, mas tranqüilo e de um íntimo bondoso. Era apelidado por isto de "Boi Manso". Era imperturbável a provocações. Era um doce de colega. Faleceu cedo com um tumor maligno no cérebro. Convivemos na ECEME em anos diferentes. Não tinha filhos!

Lembro do aluno Eduardo Chuay, paulista que manobrou, mostrando a sua inclinação mais política do que de soldado, para que Ademar de Barros fosse o paraninfo da turma, em detrimento de um coronel professor de Biologia – Cel Braga Pinheiro. E ia ganhando, não fora a intervenção do capitão Kruel, comandante de companhia. O futuro de Chuay como político é conhecido. Foi cassado em 64. Mais tarde, elegeu-se deputado pelo Rio e foi secretário de Finanças do Rio. Está na batalha!

Recordo do "Barbacena", o Lauro Abranches, ligado ao grupo amigo do Chagasteles Era mineiro de Barbacena. Fez carreira como bancário, bem sucedido. Ficou próspero e rotundo. Mas, lamentavelmente, a certa altura seu império caiu e passou maus momentos. Não sei o final. Gran-

de figura humana! Boa praça era o Luiz Carlos Coutinho, artilheiro convicto, cujo pai servira na Fábrica de Itajubá. Cidade onde o reencontraria, com grande prestígio, por ser ligado ao Dr. Aureliano Chaves, tendo antes servido aos presidentes Castelo Branco e **Médici**. E também ao Presidente Figueiredo. Lembro de quando, como plantão da hora, eu o via dormindo de barriga para cima, e sua cabeça girando como um pêndulo. Era uma figura humana marcante! Fantasiava colocar seus canhões no alto da Mantiqueira para defender Minas. O Presidente Castello Branco divertia-se com as narrações do Coutinho. Hoje, cultua o sadio costume de cumprimentar seus colegas nas datas dos seus aniversários.

Lembro do "Baiano", o Paulo Rufino Alves, grande figura humana. Reencontrei-o nos anos 1977/78 em São Paulo, trazido pelo Gen Dilermando Gomes Monteiro para controlar, segundo suas diretrizes, como comandante, o DOI/CODI do II Exército. Testemunhei o seu grande esforço para fazer cumprir as diretrizes do Gen Dilermando. Seu trabalho foi heróico. Mas venceu! Creio que o nível de stress que vivenciou então, contribuiu para a sua morte prematura por problemas cardíacos. Lembro que muito me apoiou com slides de fotos para a montagem de uma conferência sobre A Batalha do Passo do Rosário, em 1977, ano de seu sesquicentenário.

Foram para a Arma de Engenharia os seguintes alunos: Álvaro Escobar, Alyr Maia, (bons amigos, com os quais fomos servir como aspirantes na 6ª Cia Com em São Leopoldo), Arinos Pinto, Gilberto Zenkner, Airton Paim, Hélio Casemiro, Isaac Sukerman, José Waldir de Andrade, Mário Moreira Leite, Max Blaske, Ney Correia da Silva, este vindo do Ceará (meu colega e bom amigo desde o Ginásio Gonzaga em Pelotas e na AMAN, EsAO e ECEME, tendo sido de quem recebi o comando do 4º BE Cmb em Itajubá em 1981), Ricardo Lázaro da Silva, Roberto Meireles, Roberto José Martinez (grande figura humana com que serviríamos em Bento Gonçalves) e Nilton Cardona

Vargas, grande amigo na EPPA, AMAN e no 3º BE Cmb em Cachoeira. Foi transferido para o Amazonas como capitão e lá se radicou. Para o curso Técnico Everardo Priess, Gilberto Job, Jorge Falcão (outra figura de eleição) e Luigy Tiellet da Silva (grande e puro garoto). Para a Intendência, o "Negra Maluca" (Aureci Lopes de Souza) hoje defendendo a raça negra brasileira em revista especializada. E mais o "Jacú" (Nicolau Dino Filho) um "rep" (repetente no Ceará) que possuía o uniforme azulão, ao contrário de nós que o tivemos substituído por jaqueta verde. Ficávamos com inveja ao ver o Dino, que lembrava mesmo um Jacú, sair garboso com o seu azulão e sendo confundido com os cadetes da AMAN. Havia mais o falecido Odil de Oliveira, que já havia estado em escola da Aeronáutica .

Lembro do Antônio Alberto da Silva Lisboa, o "Picão", irmão de um oficial professor que foi um dos idealizadores de uma instituição de crédito que foi à falência e até hoje responde na justiça, inclusive com seus bens. "Picão", na gíria da escola, era sinônimo de conquistador e namorador. Mas o Lisboa não o era. Herdou, talvez, o apelido do irmão. Era repetente. Fora um trotista implacável e ao "ir ao pau", sendo reprovado no 2º ano, teve de repetir e incorporar-se à turma a qual dera trote. Turma que demorou muito em aceita-lo e, como vingança, o criticava. O Lisboa escreveu a História do 9º RI de Pelotas. Havia os irmãos Zechir, o preto e o branco. O preto, Ayrton, ou "Porco Preto", radicou-se em Pelotas, dedicando-se ao magistério. Grande praça. O branco, Darvin, vive no Rio, tendo sido por algum tempo nosso sub-diretor no Arquivo do Exército. Havia o João Luiz Feijó Figueira, com quem cursamos a ECEME em 67/69, indo juntos servir no EM/IV Exército no Recife. Era um grande praça, hoje com comércio em Niterói, e sempre magro. O Jorge Machado reencontrei-o na AMAN, como instrutor. Lembro que na EPPA ele perdeu o pai vitimado por um acidente, o que nos chocou muito. O Sarayba, grande atleta. Tiramos junto a ECEME. Lembro a sua mágoa por haver seu pai, coronel em 1930, ter sido

afastado por ser contra a Revolução. Sarayba saiu general e comandou no Rio Grande do Sul. O Luiz Henrique da Silva Maia – O "Cabeção" era maranhense e fizemos a ECEME juntos. Era um grande papo. Vivia, na época da EPPA, com um bom padrão, por ser filho de um próspero comerciante em São Luiz. Havia servido em 64 com Castelo Branco no IV Exército e com o Cel Hélio Ibiapina (que eu conhecera como tenente em 1941 como residente do 1º B Ferroviário em Canguçu. Com ele aprendi a nadar à moda australiana, como o Tarzan). O Maia perdeu a esposa na ECEME, de repente, deixando-o com vários filhos para encaminhar. Trabalhou na RFFSA.

Boa praça na EPPA foi o Renato Kleber de Carvalho. Lembro dele em 1975 como analista na Agência Central do SNI, onde era muito conceituado. E o "Bochecha" - o Rubem Paim Sampaio, resendense, onde vive hoje. Possui maçãs do rosto rosadas e pronunciadas. Encontrei-o trabalhando no IBGE e apresentando problemas de saúde. É irmão do Gen Paim Sampaio que, em junho de 1997, encontrei comandando a 3ª DE em Santa Maria, o qual homenageamos, como Presidente da Academia Resendense de História, como sendo o primeiro general resendense formado na AMAN. Era o Bochecha uma boa praça. Lembro os primos Carlos Aníbal Salgado e o Banho, até hoje solteiro. E do Amaury Ramos, o "Dedizinha", por possuir cabeça grande, falecido prematuramente. Lembro do José Oscar Azambuja Segredo, um aluno correto, boa praça, natural de Bagé mas que, ao que parece, não foi i feliz em sua carreira... Uma pena! E o Nery Pacheco Prates, grande garoto de Rosário do Sul. Nos reencontramos na ECEME, onde recorri, e sou-lhe grato porisso pois, como enfermeiro, o procurei para dar uma injeção num filho num momento de muita angústia paterna. A última vez que o vi foi numa conferência sobre a Revolução Farroupilha que fiz em Porto Alegre no Instituto Histórico. Nunca mais o vi até 2000, quando o reencontrei como coordenador do encontro dos 50 anos da Turma Cel Guarani Frota da EPPA

no CMPA. Lembro do Bulcão de Lima, que atingiu o generalato, mas pouco contato com ele tive. Era lavrense, onde presidi encontro do IHTRGS e constatei a importância de sua família na história local, tendo sido dado ao encontro o nome de um parente seu. Muito popular era o "rep" conhecido por "Tico Tico", o Sérgio de Oliveira Souza. E o Saul Bonnetti Guimarães, de Venâncio Aires, que saiu da AMAN, foi para a fronteira do Rio Grande e nunca mais o vi. Era um grande praça. Lembro do Sérgio Macedo Crossetti, boa praça também. No Natal de 54 ganhei do meu irmão, policial civil, uma pistola Luger com balas velhas. O Crosseti não desistiu enquanto não a comprou. E o Victor Hugo Alenara, grande praça. Estivemos juntos na AMAN em 77. Lembrei também do Fifi, o Juarez Soares Motta, de São Borja que, em 1964, era Ajudante de Ordens do Presidente João Goulart. Quando cursávamos a EsAO convidou-me para visitar o Sítio do Capim Melado, onde Jango residira antes da Revolução de 64. Lembro que, neste dia, ao abastecer meu Fusca 62 num posto o carro ficou cheio de pintas brancas sobre o vermelho, provenientes de um poste em pintura. Custou muito a sair. Mas foi uma boa visita histórica.

Outro colega muito boa praça era o samborjense Leônidas Sasso das Dores, o "Baixinho". Juntos conheceríamos São Paulo. Lembro dele mais tarde, contando que, como cadete, fora praticar equitação no Regimento de Dragões no Rio, então comandado pelo Cel Amauri Kruel que tinha sido E/2 da FEB. Leônidas feriu-se no pênis, foi ao banheiro e sangrou um pouco no mictório. Neste momento, entrou o Cel Kruel com uma comitiva e, à semelhança de um degradação, deu a maior "mictada" no Leônidas. E atenção nenhuma deu-lhe para seu ferimento. Muito mais tarde, em Brasília, por volta de 1975, o Leônidas estava na roda do poder em tomo do Gen Figueiredo e do Gen Otávio Medeiros do SNI.

Lembro do falecido Bruscatti, do "Morcego" (Ney Aragão), dos irmãos José Nilo e Vicente Luiz Bragança, gran-

des praças. Encontrei o Vicente no Parque Osório, na comemoração dos 200 anos do General Osório e com quem tive mais contato. Nunca mais tivera até então notícias de ambos, cavalarianos. E o Gaynor da Silva Marques. Era paulista de um local próximo à Itararé. Casou em São Leopoldo, onde serviríamos juntos. Era trotista e muito bronquinha. Reencontrei-o calmo, e morando em Porto Alegre. Lembro do Cláudio da Cunha Mattos, pelotense, solteiro convicto, que reencontrei muitas vezes no Rio e uma vez em Campo Grande. Boa praça. E o "Tonelada", por ser levezinho, o Cláudio Miguens Soares, que ficou meio calvo, grande praça. Reencontramo-nos em Brasília, no EME. Havia mais o Ari Fraga, artilheiro que reencontrei em Brasília e o falecido Vicente Valero, bom garoto, que faleceu na época da EsAO de um acidente na avenida Brasil no Rio, do qual não teve a mínima culpa.

Teria diversos contatos futuros com o Ornar Lima Dias, o "Bochecha II". Boa praça. Servimos em São Leopoldo, com pouco contato pois morava em Porto Alegre. Cursamos a ECEME juntos. Nos EUA, lembro que juntos tiramos uma foto defronte o Congresso dos EUA. Comandou o 9º RI em Pelotas e depois ali mesmo em Pelotas foi chefe do EM/8ª Bda Inf Mtz, cuja denominação histórica, aprovada como Manoel Marques de Souza I, foi por nós sugerida e defendida. Ao lançar meu livro em 1983 ***Canguçu - reencontro com a História***, ele esteve presente ao evento. Com acentuada inclinação para administração, publicou valiosos trabalhos a respeito. Seu filho tentou a AMAN, e lá o pageamos e orientamos no sentido da melhor opção. Seguiu profissão civil. O Omar presidia o Conselho do GBOEx. Uma grande praça. Encontrei-o no lançamento de meu livro pelo GBOEx ***Amor Febril - Memória da canção militar brasileira***, em 1990.

Na EPPA, existia um garoto nascido em Montenegro. Era o Ney Paulo Panizzutti. Com ele me reencontraria em 1978 na AMAN, onde era professor de Português, e também na cidade de Resende, onde se radicou e onde era

muito conhecido e apreciado. Nossos caminhos se cruzaram com freqüência. Possuindo eu moradia própria em Resende há 19 anos, foi-me fácil participar dos 25º, 30º , 35º e 40º aniversários de formatura de nossa Turma Asp Mega de 15 Fev 1955. Em todas, o Panizzutti foi o orador. Na última, fui o seu porta voz, por impossibilidade de seu comparecimento, ocasião que distribuímos aos presentes nossa obra ***1994 - Jubileu de Ouro da AMAN em Resende***. V. Redonda, SORAMAN, 1994 e a biografia sintética do Asp Francisco Mega publicada com foto no **Letras em Marcha** mai/jun 1995. Só então, 40 anos passados, pela primeira vez o nosso patrono foi biografado. Ele nos fora imposto não sei por quem. Satisfeito, mostrei aos colegas a justiça da escolha e o heroísmo do mesmo. O Panizzutti traduziu do francês as memórias e cartas do Ten Gen Henrique Böhn em 1980, que fizeram parte de meu livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-76**. Rio: BIBLIEX, 1996. Ao fundar a Academia Resendense de História em 26 de março de 1992 destinei-lhe, como sinal de apreço e consideração, a cadeira Mal José Pessoa. Certa feita, num almoço com o general José Mauro Cupertino, comandante da AMAN, o Panizzutti assim se dirigiu a mim, numa roda de oficiais jovens: “Bento, fiquei muito chateado ao saber que levastes armas do Museu da AMAN para o Museu do Exército em Copacabana”! Foi uma surpresa. Nunca havia feito tal coisa, mas talvez assim constasse na tradição escolar. Aí então lhe falei. “Eu nunca levei nada do patrimônio histórico da AMAN. Ao contrário, o enriqueci. Existem três óleos do general Osório que eu trouxe em 1979 do Museu Imperial de Petrópolis e do Museu Histórico Nacional que, desde então, por um acordo com seus diretores, eram para não serem reclamados e aqui ficarem,e mais os fragmentos do maxilar e dos dentes do Gen Osório, que hoje se encontram no Regimento Osório em Porto Alegre!” O Panizzutti e seu filho homônimo, então Presidente da Câmara de Resende, me ajudaram a resgatar a memória injustiçada do Conde de

Resende (Dom Luiz de Castro) ao usarem pesquisa minha para basearem a criação da Comenda Conde de Resende. Pesquisa publicada na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. v.l53, n. 375, abj/jun 1992 p. 32-43 sob o título O Conde de Resende - o fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil. Enfim, o Conde era acusado de haver matado Tiradentes. Em verdade foi julgado por um Tribunal Civil e sentenciado à morte por antecipação pela Rainha D. Maria I. O Príncipe D. João, que assumiu o poder como regente poderia ter comutado a pena e não o fez. E o Conde de Resende, a quem coube executar a pena contra Tiradentes, serviria de bode expiatório. Em função disso, a Estação de Resende foi mudada para Agulhas Negras e a Escola Militar de Resende para Escola Militar das Agulhas Negras quando, em realidade, ele foi o seu fundador em 1792, e o criador de Resende em 1801, que recebeu seu nome quando em viagem de retorno a Portugal. E por um capricho do destino ambas, desde 1944, estão juntas. Tentamos ajustar a real fundação da AMAN como sendo em 1792, o que a faria a escola militar pioneira nas Américas, lugar ocupado por West Point. Mas o maior opositor foi um antigo colega de AMAN (omitido). Ele tinha o poder e eu o saber. Meti a viola no saco na certeza de que a verdade é filha da História e não da autoridade! A Marinha, antes, havia reformulado a História da Escola Naval. Assim, por decreto presidencial (em vigor) do Presidente Vargas, a Academia Real Militar, fundada em 1810 pelo Príncipe D. João, sob cuja égide fora fundada a Real Academia do Conde de Resende em 1792, passou a ser considerada raiz histórica da AMAN. Nesta altura esgotei a argumentação. E perdemos a chance de um bicentenário da AMAN em 1992. Isto tudo está no trabalho citado, e aqui menciono por tratar-se de Memórias. O Panizzutti conseguiu-me, como Secretário de Cultura de Resende, ou função equivalente, doar-me os diplomas da Academia Resendense de História. Lembro de um enfarte que teve, após o qual eu fui assíduo em visitá-lo

e confortá-lo. É a vida! (ele faleceu neste ano de 2008, e fui o orador junto ao seu caixão, representando a turmas da EPPA e AMAN).

No tempo em que estudei na EPPA ela foi um point cultural, atraído por seu comandante o Cel Cav QEMA Arêas Dantas Pimentel. Organizou um coro orfeônico do qual participei. O nosso auditório, o Salão Brasil, era muito movimentado por promoções culturais que atraíam a sociedade. Lembro que ali teve lugar cerimônia que ampliou o alcance de uma rádio associada gaúcha que passou a ombrear em alcance com as rádios platinas e contou com a presença de Assis Chateaubriand. Lembro que numa destas reuniões, presentes muitos civis, de repente se ouviu um apito e em seguida o chamado "Aluno 1!" Foi surpresa geral. Era o aluno Everardo Priess que, como se estivesse num ambiente militar, desse um apito para chamar alguém. Mas aquele local e circunstâncias eram incompatíveis. Foi alvo de brincadeiras por seu gesto. Foi criticado por sua "grossura". Ou gesto indelicado e incivil. O aluno 1 era filho do célebre coronel Rodrigo Otávio, o "RO". O Priess mais tarde, na Praia de Copacabana, quando estava de rumo à AMAN, pediu para um civil tirar uma foto. E antes de entregar a câmera disse-lhe com firmeza "-Deixa ver se tuas mãos estão limpas!" Ele seguiu a carreira de engenheiro militar e afinou nas maneiras e no físico. Hoje um grande praça e conceituado engenheiro na NUCLEBRAZ em Resende. Como aluno teve uma divergência com o "Picão" e foram no banheiro decidir na "porrada". Sendo o Priess mais forte que o Picão este apelou para pontapés. E Priess protestou – Não vale pontapés! Resultado ambos foram parar no mesmo quarto no Hospital Militar onde se entenderam e se tornaram grandes amigos. Lembro da presença de uma regente, menina prodígio, a Gianela de Marco, italiana (trecho omitido ....).

Lembro o Ten Bitencourt, o "MM", que nos levaria para o Rio. Era volumoso e muito passional, mas estimado pelos alunos. Certa feita, perguntado por que o chamavam de "MM", um aluno disse "-significa Muito Macho." E ele,

orgulhoso, foi confidenciar isso para outro oficial que lhe disse "-Olha, Bitencourt "MM" significa Monte de... Mais tarde, encontrei-o em um exercício no Rio Pardo. Luiz Carlos Mena Barreto era durão, mas também admirado pelos alunos. Na Revolução foi envolvido na repressão. Cursou a ECEME, e a última vez que o vi foi em São Borja numa cerimônia cívica de evocação da invasão de São Borja pelo Paraguai. Nessa ocasião presidi ali uma reunião do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. O quartel possui o túmulo do seu heróico parente, o Gen João Manuel Menna Barreto, morto no ataque a Peribebuí e que caiu do cavalo nos braços de sua china, conforme registrou Taunay em suas ***Memórias***, de como a dor sentida pela perda, traduzida num choro comovente e incontido durante o tempo em que durou o velório do general. Morreu em um acidente o Luiz Carlos. Lembro que ficou muito admirado do meu status de historiador, que não cansou de elogiar, e de como eu conduzira o evento. Aliás, festa promovida pelo ex-Diretor de Assuntos Culturais do Exército Gen Bda Sérgio Roberto Dentino Morgado, então Cel Cmt do regimento João Manoel. Pois desconhecia o meu antigo instrutor da EPPA aquela faceta minha.

Desde criança tinha fascínio por luta livre. Na escola, tive a chance de entrar para a equipe de Judô chefiada pelo "Massariço", o aluno Osvaldo de Carvalho, pedritense muito entroncado, com boa liderança entre os colegas e respeitado, mas ruim de estudo. Lembro que o judô serviu-me para uma desforra dissuasória, ao treinar contra um trotista abusado, carioca. A certa altura de um pega de treinamento eu levei a melhor e ele sentiu. Daí por diante mudou o tratamento. Por suas tentativas de trote humilhante nunca consegui assimilá-lo, em que pese suas tentativas. Aliás, sentimento que nutro até hoje pelos alunos que extrapolaram, ou que se julgavam em superioridade social em relação aos paraquedistas os quais, em sua cabeças doentias, eram inferiores a eles e assim custaram a cair na realidade. Muitos deles, fruto de suas mentes curtas,

foram mal sucedidos nos estudos. Não os cito. Eles sabem identificar as suas deficiências. E eu sempre os desprezei por isto, por serem a negação da virtude militar, a CAMARADAGEM. Lembro de uma demonstração de Judô que fizemos na SOGIPA que muito impressionou a assistência. Lembro de um aluno "Rep", o Leopoldo Vasconcelos, de Cachoeira do Sul, o 66, muito bom praça, que dizia que tinha um irmão e que todo o doce ou comida que devia ser repartida entre os dois o pai mandava um cortar e o outro escolher. Assim a divisão era equitativa. Isto ficou como lição preciosa que praticaria com meus filhos.

Lembro do Capitão Ubatuba, o "Tombem", por não saber dizer a palavra também. Gozavam quando ele dizia "-Direita volver! Esquerda tombem! " Certa feita, ao mandar sua companhia fazer sarilho comandou "Ensarilhar armas! E a seguir "Ordinário marche! Cuidado com o sarilho!!!" E foram todas as armas ao chão. Isto me contaram. Eu não vi!

Nas férias, lembro que o Ten Guilherme de Carvalho, da Junta de Alistamento de Canguçu, me pediu, e fiz com o maior prazer, um levantamento e planejamento de apropriação de diversos prédios da cidade para uma possível ocupação por tropas. Lembro que caprichei e ele ficou encantado, oficiando a EPPA a respeito. Este tenente reformado foi para Pelotas e terminou seus dias lutando pelos interesses de seus companheiros da reserva e reformados, fazendo-lhes requerimentos e outros apoios burocráticos. Por esta razão foi dado seu nome a instituição que hoje cuida do que ele bem cuidava.

Havia na escola um grupo de alunos muito tranquilos e unidos que não se metiam em confusões. Estavam sempre reunidos e apelidados de "Terneiros" ou "Terneirada". Não sei a razão? Lembrando o cômico de sucesso Tiririca, lembro do "Rep, mineiro Tiririca, filho de um fazendeiro mineiro. Ao chegar à Escola foi ele quem me deu ordem unida e de movimento de arma. Era muito peleador. Não escolhia parada. Era uma onça na "porrada" como chamá-

vamos um briga. Foi “rep” na AMAN e desligado. Por onde andará o Tiririca? Grande praça!

Era tradição na escola a gravação de nomes numa calçada entre o pátio e o passadiço. Lembro que lá gravei meu nome, como muitos o haviam feito antes. Era uma obra que levava dias e dias. Lembro, em destaque, do nome do já citado, Amauri Kruel. A pedra era um arenito vermelho muito comum em São Leopoldo e arredores.

Os alunos civis tinham que pagar seu enxoval, e eu, como havia feito o exame como militar, fui poupado. Era na época algo em torno de 1.800 cruzeiros, a metade do soldo de um tenente. No final do curso, alunos de fora do Rio Grande deixaram à minha disposição peças de seus enxovais, tendo eu pego diversas mantas verdes, lençóis e colchas, distribuindo-as em Canguçu a alguns amigos pobres. Dava pena aquela imensa quantidade de enxovais ali deixada por ser impossível de transportar.

A viagem Porto Alegre-Canguçu naquele tempo não era rápida como hoje. O rio Guaíba era atravessado de balsa a motor de Assunção a Guaíba. E mais outra balsa existia no passo do Mendonça no rio Camaquã. A cidade de Camaquã era pequena e na rodoviária existia um café com pão. Este, aguardava o café na mesa, enrolado em papel. A estrada era de terra e levava-se todo o dia viajando. Canguçu-Pelotas era pela estrada velha e levava cerca de 2 a 3 horas de viagem.

Lembro que a Educação Física era ministrada pelo capitão Daniel que tornou-se professor de Física, ou como se dizia “O capitão Daniel perdeu a Educação e ficou com a Física”. Ele, como presidente da Sociedade Literária, travou um duelo oratório com o futuro brilhante locutor Eron Domingues, saindo- se muito bem.

Lembro que a base cultural que eu adquirira no Ginásio Gonzaga muito facilitou o curso na EPPA e, com surpresa ao ser transferido para a AMAN, minhas alterações registravam a seguinte classificação: “Numa turma de 118 alunos foi classificado em 3º lugar.” Valeu-me a

base do Gonzaga!

Desta turma, o que atingiu o mais alto posto foi Cândido Vargas de Freire, de Dom Pedrito. Era muito exigente quando em comando, o que não correspondia como subordinado. Foi da Arma de Engenharia. Sua última função foi comandante da 6ª RM (não foi nos 50 anos da Turma). Contava muitas aventuras de seu tio Gen Gonzaga, figura folclórica do Exército da fronteira. Uma delas, chegando na granja do regimento e vendo que o cabo encarregado dos porcos não estava procedendo de acordo, dispensou-o. E o cabo velho, ao perguntar-lhe para quem passaria a função o Cel Gonzaga respondeu: "Passa para o porco mais antigo!" Servimos junto como capitães no 1º BFv em Bento Gonçalves. Era da nossa roda do mate na AMAN. Contava que seu tio Gonzaga possuía duas famílias. E durante toda a vida ou até Ten Cel sua desculpa para sua santa esposa é que estava de Oficial de Dia, e ela engolia! E assim conseguiu criar outra família. O Gen Gonzaga enriqueceu o folclore castrense!

Lembro o Gurjão (revelou se muito bom cronista), o Romito (muito ligado ao Rotary Club). Como cômicos ou "funcionários", o Pereba", Fernando O'Reilly Magalhães, com que convivi em Brasília no EME e o Paulo Banho, grandes praças. Lembro do Max Blaske, catarinense, bom praça de quem conheci uma irmã historiadora num simpósio em Brasília. Lembro o Blaske entrando num picadeiro numa aula de equitação na AMAN em que havia um código para abrir ou fechar a porta da arena, o que ele confundiu gritando de fora para entrar -"Porta aberta!!!" numa nítida confusão influenciado pela canção "Porta aberta ..." do Vicente Celestino.

Lembro do Gilberto Job que se dizia ser hemofílico e que seguiu o curso técnico. Foi industrial pioneiro de informática. Não esqueço o Mariano, baixinho, muito gozador, e sempre às voltas com suas namoradas na rua da República.

Lembro o aluno Brissac, muito bonitinho pelos pa-

drões de julgamento feminino e para o qual não faltaria candidata em Resende dentro da escassez de meninas. E ali ele viria a casar (já avô). Cursamos a ECEME juntos e ele foi servir em São Paulo no QG/II Ex. E hoje mantemos cerrado contato pela Internet. Lembro mais o Ari Fraga, o "Pingüim", que reencontrei em Brasília como profissional acreditado. E o falecido Bruscatti Ramos, falecido, pessoa boníssima.

O jovem aprecia uma boa mesa. Em Porto Alegre, gostava do restaurante D. Maria, junto ao abrigo dos bondes, ou estação. Neste, conheci a batida, mistura de banana, maçã e leite no liquidificador. Um aparelho recém comercializado. As churrascarias, hoje tão difundidas no Brasil, eram raras. Lembro uma na Av. Osvaldo Aranha, se não me falha a memória, tinha o nome deste grande gaúcho. No Partenon, teve início o galeto com vinho Lacrima Christi de Urussanga - SC, uma delícia. Era comum então comer-se um salsichão assado na brasa. Para a sede havia uma porta na rua da Praia que vendia Hidrolitrol. Era boa e barata!

Lembro em Porto Alegre de haver integrado um grupo de freqüentadores de bailes em bairros, junto com o meu primo Barbosa Lessa e Paixão Cortes. Lembro de um baile que com eles fui na Azenha, perto do local do 1º combate vitorioso da Revolução Farroupilha. Longe estava de imaginar que fora ali no Casarão da Redenção, em que eu estudava, que havia tido início, com o major Cezimbra Jacques, alunos da Escola e civis o Movimento Tradicionalista Gaucho (MTG), do qual Cezimbra hoje é o patrono. Movimento ressurgido com o GTG 35 que visitei, na época ainda engatinhando. Lembro de uma tentativa de alunos de cultuar o tradicionalismo, tendo eu participado de uma visita à casa de Manoelito de Ornelas, autor de ***Gaúchos e beduínos***, do qual resultou uma palestra sua na Escola. Mal imaginava que um dia eu fundaria em 1986 em Pelotas o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e escreveria no **Diário Popular** de Pelotas em 29 Set 1992 e em outros jornais "O Exército e o Tradicionalismo gaúcho"

focalizando o major Cezimbra Jacques, e seria colaborador assíduo do ***Tradição*** de Edson Otto. Tais são as coisas desta vida. E mais, que participaria como convidado do 1º Congresso Tradicionalista Brasileiro, realizado em Capão da Canoa, como autoridade tradicionalista.

Recordo, por marcante, uma reunião de alunos da Escola no Campo do Cruzeiro em Porto Alegre, junto com alunas do Instituto de Educação de Porto Alegre, localizado no Parque da Redenção, e de onde provinha expressiva parte das namoradas dos alunos. Uma professora, naquele tempo, ganhava cerca de 1.800 cruzeiros e um tenente 3.600 cruzeiros. Juntos os dois era, naquele tempo, um rendimento expressivo. Lembro que, ao ser ensaiado em conjunto o Hino à Bandeira, os alunos cantavam: “Recebe o afeto que se encerra em nosso peito VARONIL, enquanto que as normalistas diziam em nosso peito JUVENIL. Alguém teve a infeliz idéia de que todos cantassem VARONIL. Ao ser iniciado o canto as normalistas fizeram greve. Então sugeriu- se que, num gesto cavalheiresco, os alunos cantassem JUVENIL por abarcar a juventude sem distinção de sexo. E ao ser executado os alunos fizeram greve. Não lembro a solução dada. Parece que foi recolher os alunos e deixar só as meninas.

Lembrei-me agora do Nerva, que namorava uma filha do Cel chefe da Casa Civil do Governador. Foi desligado na AMAN. Era um excelente companheiro (no encontro da Turma em 2000 ele era proprietário de uma Panificação).

Lembro com saudade de Porto Alegre cuja Geografia e História eu vivenciaria na obra ***Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias***. Brasília: EGGCF, 1987, de que fiz exposição em slides ao CPOR de Porto Alegre. Ali resgatei a história das ruas e seus nomes, e sempre na lembrança dos felizes e despreocupados dias em Porto Alegre.

Lembro que nas férias de 1951/52 houve em Canguçu o incêndio do Sobrado Velho e que me coube de certa forma liderar os militares da Brigada Militar, aliado à minha

condição também de filho do prefeito recém eleito. O sobrado era propriedade da esposa de antigo prefeito, cujo irmão natural era o canguçuense Cel da Brigada Militar Juvêncio Lemos que falecera (naquele dia) em Pelotas, e avô do Cel Inf Juvêncio Saldanha Lemos, autor da obra ***Os mercenários do Imperador***, e cujo irmão César Tasso, também militar, faleceu no governo de Fernando de Noronha. Foi uma noite de grande solidariedade. E lá estava eu com o uniforme de instrução da EPPA, liderando as providências para apagar o incêndio, ou melhor, diminuir as suas consequências. Hoje, no local, funciona a Câmara de Vereadores, em prédio reconstruído.

Lembro dos meus 20 anos em 1951, no final do ano, 19 de outubro, em que arrumei uma túnica azulão com Dino. Fiquei deprimido este dia por haver deixado a juventude, e ser a vida, dali por diante, por minha conta. Tirada uma foto, foi a de que mais gostei.

A Viagem Porto Alegre - Rio - Resende no verão de 1952/53

Lembro que foi num navio Ita, o Itaitera ou Itaquera. Lembro da despedida em Porto Alegre com familiares chorosos e o general Oscar Barros Falcão, pai de um dos alunos ali presente. A viagem até Rio Grande foi tranqüila mas sem o encanto da que havia feito para o exame na Preparatória. Lembro da chegada em Rio Grande. E lá, aos 21 anos, conheci o mar, na praia do Cassino. Foi um conhecimento emocionante. Lembro do encanto da saída de Rio Grande rumo à barra. Era o navio acompanhado por golfinhos, ali conhecidos como botos, e meio sacralizados nas notícias que deles tinha como salvadores de pessoas que estavam se afogando, ou devolvendo à praia corpos de afogados. E assim, como o João de Barro (ou "forneiro" como eu conhecia), eram poupados consensualmente de violências ou de serem caçados.

Ao cruzar a barra, lembrei das aventuras infantis de meu pai por ali, onde assistira a entrada da esquadra

revoltada do almirante Custódio de Mello. Era “A Barra Diabólica do Rio Grande”, que seria o 3º tema que eu abordaria ao iniciar-me como escritor no **Diário Popular** de Pelotas em 5, 12, 19 e 26 de abril de 1970, na Coluna Querência.

Mal desconfiaria que um dia eu abordaria o ataque a Rio Grande por Custódio de Mello na ***História da 3ª RM*** v.2 e a reconquista de Rio Grande em 1776 na obra ***A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul 1774/76***. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996 (os molhes de Rio Grande, resgatei sua esquecida história em artigo na **Revista Marítima Brasileira**, e participei intensamente em apoio ao 6º GAC – Grupo Marquês de Tamandaré, da realização do Memorial Militar Brigadeiro José da Silva Pais, defronte o Grupo, idealizado por seu comandante, o Cel Augusto César, visando resgatar a bela História Militar do Brasil em Rio Grande, ausente dos 14 museus existentes na cidade. Ele comandou o Grupo de 2005/07 e conquistou a estima do Povo de Rio Grande e São José do Norte. Pois exerceu seu comando “como protetor das comunidades e não como tropa de ocupação das mesmas”) .

Ao sair o navio barra fora e rumar para o norte senti um aperto no coração, com temor do desconhecido. Sem novidades, chegamos ao porto de Santos. Ali lembro haver tomado banho de mar na praia Zé Menino, que dispunha de cabines de aluguel para mudar-se a roupa. A seguir, foi um passeio a Monte Serrat, num elevador inclinado e de onde se divisava bela vista. Lá existiam dois espelhos, um côncavo e outro convexo, que deformavam a imagem do turista, afinando-a ou engordando-a. Havia aquela sensação de cidade do contrabando. Lembro que comprei uma camisa branca de Nylon, que era um produto em surgimento. Numa folga, aproveitei para visitar minha irmã mais velha Luiza em São Paulo, onde seu marido era funcionário da Sidney Ross. Me acompanhou o Leônidas Sasso das Dores. Em chegando a São Paulo, desembarcamos num final de linha. E procuramos tomar

um táxi. E o motorista se recusou. Perguntado, respondeu que o endereço era logo ali a duas quadras. Foi um alívio poupar uns “cobres”. Depois de algumas horas retornamos ao navio. E seguimos para o Rio. Mal desconfiava que um dia eu escreveria sobre a participação do porto de Santos em defesa de São Paulo para não cair em mãos da Revolta na Armada, 1993/94. Assunto que resgatamos em artigo “Contribuição paulista ao combate a guerra civil 1893/95”. **A Defesa Nacional**, n. 769, jul/set 1995, p. l 19-140 e na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, 1993.

Ao sair de Santos perdemos de vista a costa e ficamos em mar alto. Lembro da sensação desagradável da noite chegar na amurada, com o mar agitado, na escuridão, e sentir o navio como uma casca de noz, como meu pai, amante da vida marítima, dizia. E aí me vem o pensamento. Quando que eu iria imaginar que um dia meus três filhos seriam oficiais da Marinha do Brasil? Sendo dois da Marinha de Guerra e um da Mercante, da FRONAPE.

Até aí tudo estava bem. Ao sentar-me para escrever carta à família “A bordo do navio x”, comecei a sentir um enjôo, ou a marear. Fui para o refeitório, e ao alguém na mesa abriu uma cerveja. O cheiro da mesma fez com que eu levantasse rápido e fosse despejar tudo no mar. Daí em diante foi desagradável, até entrarmos na Baía de Guanabara.

Era a grande a expectativa de divisarmos os famosos Corcovado e Pão de Açúcar. Mas que decepção. Eles estavam cobertos por nevoeiro, o que nos impediu de contemplá-los. E fomos atracar no porto. Mais tarde eu escreveria para o GBOEx ***A História do Brasil através de seus fortes***, onde focalizaria as histórias da fortaleza de Santa Cruz e de Copacabana e, genericamente, as defesas da Baía de Guanabara, além de haver presidido comissão que indicou o Forte de Copacabana como Museu do Exército.

Lembro que do porto até o Colégio Militar fomos

transportados por caminhões de assento lateral, sendo que o motorista fazia algumas curvas rápidas, o que parecia que a força centrífuga nos lançaria fora. E não havia onde agarrar-se firme. Chegando ao CM, recebemos alojamento e conhecemos um programa de TV o qual, em Porto Alegre era mostrado em vitrines. A ânsia era conhecer Copacabana. E para lá fomos de ônibus. Não havia cabine para mudar e guardar a roupa, e nem como tirar a água salgada do corpo, nem mesmo a areia dos pés. Conforto que encontráramos na praia Zé Menino em Santos. Escondidos sob o calçadão, tiramos a roupa e colocamos furtivamente o calção. No final, operação inversa, sendo obrigados a tirar a areia dos pés com a água dos esgotos.

O banho compensou, comparado com o Cassino e Zé Menino. As ondas eram gostosas. Fui atirar-me na crista de uma e ela me jogou no seco da areia. Ali recordei que um dia havia ganho numa hora de calouros 20 cruzeiros cantando “Existem praias tão lindas cheia de luz. Nenhuma tem o encanto que tu possuis. Tuas areias, teu céu tão lindo. Tuas sereias, sempre sorrindo...”. E ali estava ela encantadora, ao conhecê-la em seus anos dourados. Voltamos ao CM com a coceira incômoda do sal entre a pele e a roupa. Outro passeio foi à praça Saenz Peña, onde comi o primeiro picolé da Kibon (em lançamento) e comprei uma máquina de fotografar tipo caixão. Muitas vezes por ali passaria, entre 1983/91 no itinerário QG-meu apartamento na Ferreira Pontes, 430, bloco 1, apto 504 no Grajaú, vendido em 1996, lembrando aquela primeira visita. A hospedagem no CM, em matéria de cardápio perdia longe para a nossa saudosa EPPA. E foi aí que alguém, ao embarcar, começou ironicamente, entre riso geral, a declamar estes versos irreverentes: “Adeus CM, casinha da fome. Jamais me verás tu. Criei ferrugem nos dentes e teia de aranha no c...” Foi um exagero, mas nos alegrou um pouco a brincadeira para gozar “os bombeiros”, nome com que tratávamos os alunos do Colégio

Militar, por lembrar, seu uniforme caqui, um bombeiro. Era bombeiro de carteirinha o Agenor Homem de Carvalho, grande figura humana, de quem recordo em 1953, no meu pelotão, com calça caqui boca larga. Comandaria o Colégio Militar cerca de 30 anos mais tarde, tendo sido chefe da Casa Militar do ex-presidente Collor. Seu último comando foi a 6ª RM, em Salvador.

Viagem Rio de Janeiro - Resende

Era a hora de seguir para Resende. Isto trazia uma certa preocupação, pela ameaça de trote. Eram prometidas algumas vinganças contra trotistas epepeanos que haviam dado trote em parentes de veteranos da AMAN. A viagem não teve nada de alegre. Lembro da fantasia em minha cabeça que exerceu a oferta, numa estação, de "Queijinhos de Valença". Comprei um, esperando um sabor delicioso. Era uma porcaria. Dinheiro jogado fora!

Chegamos em Resende. Na estação, éramos esperados pelo cadete do 3º ano Fernandes, cercado pela fama de bom de judô. Mais tarde, em 1978-80, daríamo-nos muito bem e com muitas afinidades culturais, e assíduos na sauna do CIMAN, que presidiu.

Ele nos conduziu em forma, com muita competência pelo longo caminho e de malas na mão. De longe avistávamos cadetes na frente do edifício principal e alguns falavam que estavam nos esperando para o trote. Assim não tínhamos atenções a não ser para esta possibilidade. E tudo já estava preparado para receber-nos, inclusive apartamentos.

Fiquei encantado com a construção da AMAN, com nove anos de inaugurada e ainda em pleno esplendor. E ali foi amor à primeira vista. Mal imaginaria que me tornaria o seu historiador e que passaria a proclamar. "Possuo três mães. A legítima ou de útero, que já não mais existe e foi para o andar superior, e em seu lugar deixou grandes saudades. A telúrica Canguçu, meu berço natal, de quem tive que me afastar por condicionantes do destino, mas que não a esqueço e sempre que possível vou até lá bus-

car forças telúricas para continuar a aventura da vida, e a profissional, a AMAN, à cuja sombra, ou perto, vivo há 21 anos, e sobre sua história possuo o melhor arquivo".

Possuo em construção, hoje, um apartamento que dá vista para ela e para o Itatiaia, e é onde pretendo morar, se a idade tornar inviável morar no meu retiro da Casa da Palmeira Imperial, à rua Florença, nº 266, no Jardim das Rosas em Itatiaia/RJ, endereço que o historiador, poeta e folclorista cel PMRS Hélio Moro Mariante dizia ser uma poesia. E para mim tem sido poesia e refúgio anímico!

Houve um licenciamento antes do início das aulas e fui para São Paulo, para a casa de minha irmã. Lembro que fui pelo ônibus Expresso Brasileiro, um luxo para os padrões a que me acostumara. Os motoristas lembravam pilotos de aeronaves. E o conforto do ar condicionado? Desembarquei próximo de onde eu residiria em São Paulo em 1976/77 como oficial do EM do II Exército, como egresso da EsNI. Ou próximo do cruzamento com as avenidas Ipiranga e São João. Peguei um táxi e, com pouco dinheiro, ia com o olho grudado no taxímetro. Pois não tinha idéia da distância. Lembro de passar pelas indústrias Matarazzo, hoje esfaceladas, e com alívio chegar na casa de minha irmã, no Alto da Lapa.

Nota: Omitimos trechos desnecessários e entre parênteses algumas observações da atualidade. Completei lembranças de alguns colegas considerados ex-alunos ilustres na parte deste livro intitulado **Ex- alunos ilustres do Casarão 1885-2008**.

Para mim, escrever **Memórias** teve o sabor de reviver. Acredito que recordar é reviver. E estas Memórias da EPPA são em homenagem aos companheiros da Turma Cel Guarani Frota, que homenageio, bem como na 2ª capa deste livro, onde reproduzo a placa de bronze próximo do Salão Brasil, inaugurada na comemoração dos 50 anos da Turma.

Memória que, segundo Camões, o poeta e soldado "os homens desenterra". E que, no presente caso, foi um

gratíssimo dever como historiador militar brasileiro. Pois acredito no que alguém afirmou:

"...o homem tem três mortes. A primeira ao dar o último suspiro, a segunda ao baixar à sepultura e a última ao seu nome ser escrito ou pronunciado, ou ser lembrado pela última vez".

Colégio Militar de Porto Alegre (1962- 2009)

1962-63 – Cel Cav João de Deus Nunes Saraiva;
1963-66 – Cel Inf José Plácido de Castro Nogueira;
1966-69 – Cel Cav José Paiva Portinho;
1969-71 – Cel Cav Túlio Chagas Nogueira. Foi Gen Ex;
1971-73 – Cel Art Jonas de Morais Correa Neto. É Gen Ex;
1973-75 – Cel Cav Milton Machado Martins;
1975-78 – Cel Cav Evilácio Pereira;
1978-80 – Cel Art Lélio de Almeida Tavares;
1980-82 – Cel Inf Wladimir de Azevedo;
1982-84 – Cel Art Miguel Monori Filho;
1984-86 – Cel Cav Neri Pacheco Prates;
1986-88 – Cel Cav Venino Nereu Zambon;
1988-90 – Cel Art Dilermando Carlos Soares Adler. É Gen Div;
1990-92 – Cel Art Nilton Serrano Pereira;
1992-94 – Cel Art Paulo Roberto de Souza;
1994-97 – Cel Cav José Eurico de Andrade Neves Pinto;
1997 – Cel Com Marino Luiz da Rosa;
1997-01 – Cel Art Edmir Mármora Júnior;
2001-03 – Cel Cav Luiz Carlos Rodrigues Padilha; é Gen Bda;
2003-04 – Cel Art Paulo César Monteiro Cabrita;
2004 – Ten Cel Cav Thiovanne Piaggio Cardoso;
2007 – Cel Fernando Vasconcellos Pereira; é Gen Bda;
2008 – Cel Cav Paulo Contieri (atual comandante).

A AHIMTB e o IHTRGS têm atuado muito no Colégio Militar nestes últimos seis comandos, de 1998 a 2008.

ALGUNS DESTACADOS CHEFES QUE COMANDARAM O CASARÃO

Coronel José Simeão de Oliveira
O primeiro comandante no Casarão

Foi o Cel José Simeão de Oliveira, gaúcho da cidade do Rio Grande, que atingiu o maior posto no Exército.

Nasceu em 26 de setembro de 1838, quando a República Rio-Grandense e a revolução que a mantinha viviam fase áurea, com a reconquista do Rio Pardo, em 30 de abril, seguida da colocação de Porto Alegre, sob o terceiro, último e o mais prolongado sítio farroupilha, em 15 de junho.

Seu padrinho foi o heróico Major Manoel Marques de Souza, mais tarde Visconde de Porto Alegre, que, dois anos antes, num gesto de bravura e audácia, conseguiu libertar-se do navio-presídio de nome Presiganga, ao largo do Guaíba, e liderar a reconquista definitiva de Porto Alegre aos farrapos, em 15 de junho de 1836.

O pai de José Simeão, mais tarde tenente-coronel de mesmo nome, fez carreira na Pagadoria do Exército, Porto Alegre, depois de, como bom pintor, junto com Araújo Porto Alegre, mais tarde Barão de Santo Ângelo, pintar paisagens em casas de pessoas ricas, e panos e cenários modestos de teatro e da Casa da ópera de Porto Alegre.

A fortuna bafejou a sorte do pai de José Simeão, que se tornou rico proprietário em Rio Grande e em Porto Alegre e viajou muito pelo Brasil, em especial para o Rio de Janeiro.

Assim, em 1843, em plena Revolução Farroupilha, foi comissionado pela Câmara de Rio Grande para assistir ao casamento de D. Pedro II e D. Tereza Cristina. A partir de então, manteve a tradição de abrir a capela de seu palacete, em Porto Alegre, para comemorar, com ato religioso, os

aniversários do imperador.

Nesta comemoração, como músico e compositor, dirigia a parte musical, e sua esposa cantava os principais trechos.

Em 1870, seu filho, José Simeão, foi comissionado pelo Exército, em Operações contra o Paraguai, para transportar, desde Cerro Corá, no Paraguai, até o Palácio São Cristóvão, a espada do Mal Solano Lopes, a qual entregou pessoalmente a D. Pedro II. Por uma coincidência, esta espada foi devolvida ao Paraguai 110 anos mais tarde, em 9 de abril de 1980, no Palácio Lopes, pelo presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, sobrinho-neto de José Simeão, que era irmão de sua avó, Leopoldina de Oliveira Figueiredo, da qual o ex-presidente herdou traços fisionômicos.

A honrosa missão de José Simeão, de transportar a espada do Mal Lopes, deveu-se à sua importante atuação na Vanguarda, ao comando do Cel Silva Tavares, para o fim da guerra, em 1° de março de 1870, decorrente da morte do marechal Lopes, e assim descrita por Silva Tavares:

"Os serviços deste destemido major foram importantíssimos durante a ação. Foi um dos que mais se distinguiram na Vitória. Perseguiu o Mal Lopes quando este escapava a cavalo ao galope, do acampamento para o mato.

Fez assim com que os soldados que protegiam Lopes lhe dirigissem de preferência os seus tiros".

Foi José Simeão que também indicou ao General Câmara o rumo tomado pelo Marechal Lopes, depois deste desmontar e, ferido e exausto, atravessar o arroio Aquidaban, até ser alcançado na margem oposta, onde teve o seu fim, combatendo de espada em punho, como um bravo, coerente com o seu ideal e a sua verdade.

José Simeão ingressou no Exército em 04Fev1855, aos 16 anos, no Regimento Mallet. Freqüentou as escolas de Porto Alegre e da Praia Vermelha (1855-1863).

Ao final, bacharelou-se em Ciências Contábeis, Física e Matemática. Como alferes atuou na guerra contra Aguirre (1864), como encarregado do Registro Histórico das Ope-

rações.

Na Guerra da Tríplice Aliança (1865-67), combateu do início ao fim. Integrou a Comissão de Engenheiros do 1º Corpo de Exército, ao comando de Osorio. Tomou parte destacada na invasão do Paraguai, no desembarque aliado, em Passo da Pátria, onde comandou o vapor Marquês de Caxias. A partir de Tuiuti, como engenheiro da acentuada vocação cavalariana, passou a integrar a aguerrida e legendária 2ª Divisão de Cavalaria, ao comando de Andrade Neves e, por morte deste, do Gen Câmara, como assistente do deputado de Quartel Mestre-General (intendente-mor).

Referências elogiosas dizem de sua "bravura, intrepidez, denodo, valor, distinção, dedicação ao serviço, presteza na transmissão de ordens e o fato de acompanhar sempre a Vanguarda". Esta última, significa que sempre esteve na Vanguarda do Exército, pois sua Unidade era a Vanguarda. Assim, foi um dos atores do epílogo da guerra em Cerro Corá em 1º de março de 1870. José Simeão permaneceu mais um ano no Paraguai, na Força de Ocupação.

Ao entregar a espada do Marechal Lopes ao Imperador, este, contrariado por não haver sido possível poupar a vida do Marechal Lopes, perguntou-lhe em tom sério e formal:

"-Por que os senhores não me trouxeram o marechal Solano Lopes com vida?

O major Simeão, constrangido mas respeitoso, respondeu:

"Vossa Majestade, da leitura da documentação que acabo de entregar, saberá das razões pelas quais não foi possível assim proceder".

José Simeão, até 1873, trabalhou na construção da 1ª ferrovia do Brasil – a D. Pedro II, e no Regulamento do Asilo dos Inválidos da Pátria, na ilha do Bom Jesus. Local onde, em sua histórica Igreja (hoje saqueada de suas históricas imagens, abandonada e ameaçada de ruir), foram guardados temporariamente os veneráveis restos mortais dos heróicos patronos da Infantaria e Cavalaria – o Brigadeiro Sampaio e o General Osório.

José Simeão dirigiu o Arsenal de Porto Alegre até 1878 e o Arquivo Real Militar por algum tempo. Repartição esta que integrava os engenheiros militares e reunia cartas topográficas e plantas de obras militares. Por algum tempo era confundido como origem do Arquivo Histórico do Exército, ligação entre os dois que os generais Aurélio de Lyra Tavares e Francisco de Paula e Azevedo EBí, historiadores e patronos de cadeiras na AHIMTB, provaram que não havia.

Em 1878, José Simeão secretariou a Repartição do Ajudante-General, que fora criada em 1857, pelo Marquês de Caxias, com o fim de "dirigir o Exército, assegurar-lhe unidade de ação e continuidade de serviços". Foi uma espécie de Estado-Maior do Ministro da Guerra, tanto que cedeu lugar ao Estado-Maior do Exército em 1896. Foi seu titular, por cerca de 17 anos, o Marechal de Exército Manoel Fonseca da Costa, Marquês da Gávea (17Mar1871 a 17Mar1888), que fora Ajudante-de-Ordens de Caxias na pacificação de São Paulo (1842), e cujo filho, o Visconde da Penha, fora Ajudante-de-Ordens de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e seu chefe de Estado-Maior no Paraguai, além de herdeiro, em testamento, da invicta espada de seis campanhas do Patrono do Exército, da qual o Espadim de Caxias, arma privativa e distintiva dos cadetes do Exército, instituído em 1931, é cópia fiel em escala.

José Simeão, como coronel, comandou a Escola Militar do Rio Grande de 1886/87. Inicialmente, no edifício do atual quartel do 9º BPM da Brigada Militar e, à partir de 1883, no velho Casarão da Redenção, então adaptado para este fim. Em 11 de agosto de 1886, menos de um ano antes da fundação do Clube Militar, em carta à esposa Marieta de Souza Oliveira, no Rio de Janeiro, revelou preocupação política:

"Não sei quando se entenderá neste país que o serviço público é feito à nação e não aos partidos..."

Indo para o Rio, atuou na fundação do Clube Militar. A seguir, comandou a Fábrica de Pólvora da Estrela e a Escola de Tiro de Campo Grande, além de substituir, como brigadeiro, desde 25 de abril de 1888, o Conde D'Eu, atual

patrono da AD/6, num impedimento no Comando Geral da Artilharia e na Comissão de Melhoramentos do Exército.

Na República, governou Pernambuco e as suas armas por quatro meses. Exerceu as funções de Ajudante-General, em substituição ao Marechal Floriano Peixoto, deixando-as ao ser eleito e assumir o mandato de senador por Pernambuco.

No Senado, revelou "moderação de linguagem, retidão de princípios, austeridade, integridade de caráter e amenidade no trato".

Foi ali imortalizado, em 1896, pelo pintor A. Figueiredo, no quadro "Compromisso Constitucional", do Museu da República, onde figura, em segundo plano entre Júlio de Castilhos e o Marechal Floriano.

Dissolvido o Congresso, ascendeu à condição de Ministro da Guerra de Floriano, cargo que deixou em 2 de fevereiro de 1892, por não haverem sido convocadas eleições, antes do Manifesto dos 13 generais, de 21 de março de 1892.

Exerceu uma comissão no exterior: a chefia da delegação do Brasil na Exposição Colombiana de Chicago. No período, foi colhido por morte repentina, em 2 de junho de 1893, em Nova Iorque, como marechal efetivo, desde 7 de abril de 1992, data do pronunciamento de Floriano à Nação. Na época, os federalistas do Rio Grande do Sul se preparavam, no Uruguai, para dar início à grande marcha em direção ao Rio, ao comando de Gumersindo Saraiva, que só foi detido na Lapa, pela resistência memorável de Gomes Carneiro.

Velado na catedral de Saint Patrick, o seu corpo veio para o Brasil e foi sepultado no Catumbi. Não possuindo filhos, era casado com a Sra. Marietinha. Esta é a avó da museóloga e correspondente da AHIMTB Marietinha Leão de Aquino M. Souza Leão, sobrinha-bisneta do marechal José Simeão, cuja memória tem preservado com imenso carinho e a quem se deve valiosos subsídios aqui abordados e não encontrados entre os subsídios do Arquivo Histórico

do Exército. Sobrinha-bisneta que procura quadro de José Simeão pintado pelo pintor Pedro Weingartner e doado à Escola Militar (no Casarão) em 1892.

Como comandante da Escola Militar de Porto Alegre, o Cel Simeão teve participação destacada na Questão Militar, liderada pelos marechais Deodoro da Fonseca e Câmara em 1896, decorrente da crítica injusta de parlamentar contra o Ten Cel Sena Madureira, comandante da Escola de Tiro de Rio Pardo, fato que abordamos com mais detalhes no livro ***Escolas Militares de Rio Pardo, 1856/1911***, em parceria com o Cel Caminha. No centenário do Clube Militar em 1987, em concurso de pinturas, dois concorrentes apresentaram pinturas sobre o herói. Biografamos o Cel José Simeão na Revista do Centenário, como Diretor Cultural do Clube Militar e de sua Revista. Este é, em síntese, o perfil do ilustre e heróico 1° comandante no Casarão da Várzea, muito pouco conhecido.

Gen Dionísio Cerqueira

(Pelo acadêmico Cel Jose de Sá Martins, ocupante da cadeira da AHIMTB que tem o General Dionísio Cerqueira como patrono)

O General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira comandou, no Casarão da Várzea, em 1891, a Escola Militar de Porto Alegre. Ele orientou sua vida pelo entendimento de que Deus legara três âncoras ao homem: amor à Pátria, amor à Liberdade e amor à Justiça. Ele, que era natural de uma localidade próxima à Feira de Santana, na Bahia, filho de um Médico, decidiu que seria Engenheiro e conseguiu que seu pai o mandasse para a Escola Central no Rio de Janeiro.

Aos 17 anos, apresentou-se como Voluntário do Exército quando do início da Guerra contra o Paraguai. Posteriormente, foi incluído na categoria de Voluntário da Pátria. Partiu para os campos de batalha como soldado de Artilha-

ria. Mais tarde, para atender ao seu temperamento arrojado e desejoso de muita ação, conseguiu trocar a Artilharia pela Infantaria, mas registra em seu livro ***Reminiscências da Campanha do Paraguai***, a propósito dessa decisão*: "Compreendi então quão nobre e difícil é a missão do Oficial de Artilharia e a calma e abnegação que lhe são necessárias para a resistência aos ímpetos do coração nos dias das batalhas, na violência das refregas".*

Tomou parte na batalhas de Tuiutí, nos combates de Estabelecimiento e de Forte Laureles, Humaitá, Angostura, Lomas Valentinas, Tupuia, Peribebuí e Campo Grande, e integrou a expedição ao Chaco – operação na qual recebeu citação imperial por denodo e bravura. Por sua participação no combate de Estabelecimiento foi agraciado com a Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro. Em Angostura foi elogiado por sua excessiva coragem. Em Lomas Valentinas, onde foi ferido gravemente, recebeu a Medalha do Mérito Militar. Foi promovido a Oficial da Ordem da Rosa pela sua participação nos combates de maio de 1868. Nos combates da Cordilheira, o Conde D'Eu o promoveu a 1º Ten por ato de bravura.

Depois da guerra, em 1872, faz o Curso de Artilharia e é promovido a Capitão. Em 1874, conclui sua formação de Engenheiro Militar e Civil de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

Ao longo da sua profícua vida foi Militar, Político, Diplomata, Engenheiro, Geógrafo e Escritor, tendo sido Ministro de Estado (foi Ministro das Relações Exteriores no Governo Prudente de Morais e ocupou interinamente, nesse mesmo quadriênio as pastas da Viação e da Guerra – esta por duas vezes). Foi ainda, Constituinte em 1891 e Deputado Federal (pela Bahia) em diferentes legislaturas.

Depois da guerra contra o Paraguai, o assunto militar passou para segundo plano nas preocupações do Governo, o que significava acentuado grau de inação para os militares.

Dionísio Cerqueira consegue se fazer Demarcador de

Fronteiras, o que significava uma existência aventurosa e áspera. Ele trabalhou na demarcação da fronteira com a Venezuela e posteriormente na mesma atividade em relação à fronteira com a Argentina. Nessas tarefas ele adquiriu grande experiência em relação à questão dos índios da Amazônia (dos quais passou a ser grande defensor – antecedendo Rondon) e também com relação à fronteira com a Argentina, o que o levou a protestar contra o Tratado assinado por Quintino Bocaiúva – Ministro do Exterior do Governo Provisório – por entender que ele dava à Argentina terras do Brasil. Estava em jogo a famosa Questão das Missões – identificação dos rios Chopim e Chapecó – que acabou sendo levada ao arbitramento do Presidente Cleveland, dos EUA.

Dionísio Cerqueira foi um dos nossos negociadores – ele foi quem localizou, na Espanha, os documentos que nos asseguravam ganho de causa.

Como Ministro das Relações Exteriores, em 6 de outubro de 1898, teve a glória de assinar o Tratado que consagrou a decisão arbitral para a qual tanto concorrera.

Ainda no Ministério do Exterior resolveu diversas questões internacionais de importância para o Brasil, como a "questão dos protocolos italianos" e a questão dos limites com a Guiana Francesa.

Na abertura do seu famoso livro – ***Reminiscências da Campanha do Paraguai*** – escreveu como abertura:

"Glória aos bravos camaradas que caíram no campo da honra".

Dionísio Cerqueira e sua obra foram muito estudados por Umberto Peregrino (patrono de cadeira ainda em vida da AHIMTB). Sobre as obras, diz Umberto Peregrino*: "são o nosso melhor manancial de documento humano da nossa maior campanha externa".*

Ele destaca o espírito crítico das ***Reminiscências...*** com o comentário de que *"não teriam a importância que têm, não seriam a mesma obra se fossem apenas informativas, se renunciassem às intervenções opinativas, e se*

apresentassem destituídas de espírito crítico".

No citado livro, Dionísio dá ênfase à necessidade do País sempre contar com uma Reserva apta, considerando-a a base fundamental dos Exércitos modernos. Ele vislumbra e prevê o importante papel que os aviões poderiam desempenhar nos campos de batalha. Ressalta o papel da Cavalaria na perseguição e a importância da reunião das forças no momento oportuno, e aponta o Movimento como a primeira lei da guerra.

Caxias, Osório, Mallet, Sampaio, Villagran Cabrita, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto são alguns dos muitos chefes militares sobre os quais Dionísio faz as melhores referências.

Dionísio Cerqueira manifesta as preocupações que teve com a guerra. *"Oh guerra! E há quem faça a tua apologia",* registra ele, que escreve sobre as dúvidas que passou a ter sobre as razões e necessidade da luta que assistia e tomava parte.

Ele destaca o valor do soldado paraguaio, e em determinado ponto, refletindo sobre o quase extermínio de *"um povo valoroso"* indaga: - são hoje mais felizes?

No seu outro livro – ***Reminiscências da Fronteira*** – lemos uma interessante descrição das viagens na região e dos trabalhos de demarcação das fronteiras. É nesse livro que registra sua repulsa à escravidão dos índios, que então ainda era prática ilegal corrente na Amazônia.

Umberto Peregrino, autor de interessante estudo biocrítico sobre a vida e obra de Dionísio Cerqueira, citado nos idos de 1948, assim destaca:

"...foi grande na bravura, na inteligência, na fibra moral, sem ter deixado de ser profundamente humano. Soube bater-se e soube comover-se; soube aprender e soube compreender; soube elevar-se e soube guardar humildade; soube analisar e soube sentir; soube penetrar as almas dos outros homens e soube escutar a sua. Soube, enfim, achar o melhor sentido da vida, e soube vivê-la nesse sentido, porque soube amar a beleza e exercitar a bondade".

Coronel Marciano Botelho de Magalhães

O Cel Marciano comandou a Escola Militar de Porto Alegre durante a Revolução Federalista de 1894-96. Era o irmão caçula de Benjamim Constant e foi por ele criado. Nasceu a 6 de maio de 1848. Era de baixa estatura (59 polegadas, ou 1,50 m), tinha cabelos pretos, testa larga, olhos castanhos, bigodes fartos e cavanhaque bem tratado.

Sentou praça em 18 Jan 1864, com licença para "estudar preparatórios" para a Escola Militar. Pediu desligamento da Escola afim de seguir voluntariamente para a guerra. Por "lembrança" (textual de seus assentamentos) do QG, incorporou-se ao 16º RI e, ainda por "lembrança", foi mandado para Curuzú e, em seguida para Tuiutí, Taí, Estabelecimento e Tuiu-Cuê. Por motivos não esclarecidos, pediu baixa e se apresentou ao 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, "passando a fazer serviços de inferior". Logo obteve a promoção, novamente, de segundo-sargento.

Recebeu vários elogios em campanha por "valentia" nos combates, "coragem e placidez", incomparável bravura" etc, principalmente no ataque às posições inimigas em Caraguatahy, onde foi promovido por atos de bravura.

Retornando ao Brasil, matriculou-se na Escola da Praia Vermelha em Matemáticas e Ciências Físicas. Comandou a Fortaleza da Lage. Exerceu a função de coadjuvante da Escola no Casarão da Várzea.

Juntamente com o irmão Benjamin Constant, desenvolveu intensa campanha abolicionista, republicana e positivista. Foi um dos propugnadores da criação do Clube Militar, de cuja diretoria foi o 2º Secretário, sendo 1º Secretário o Cel Simão de Oliveira, o primeiro comandante no Casarão.

Com o advento da República foi eleito, pelo Paraná, deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1891. Em 1896 atingiu o generalato e obteve permissão para assinar-

se abreviadamente “Marciano de Magalhães”.

Tendo Deodoro dissolvido o Congresso, Marciano demorou a se apresentar ao Exército, sendo considerado desertor e, depois, mandado ficar preso em sua residência.

No Governo do Marechal Floriano, ao saber da Revolta na Armada, renunciou à sua carreira de deputado e se apresentou para combater os amotinados. Tomou parte na Revolta contra a Vacina Obrigatória em 1905. Assunto que abordamos em Revolta da Vacina Obrigatória, na Revista ***A Defesa Nacional*****,** nº 752, 1991, Abr/Jun p.149. Em 1908 foi eleito presidente do Clube Militar. Faleceu em 20 Jul 1911 com 63 anos.

O Termo do Sorteio Militar assinado em 10 de dezembro de 1916 no atual Palácio Duque de Caxias, presente o Presidente da República Dr. Wenceslau Braz, foi assinado por todas as autoridades presentes com uma caneta de ouro que pertencera ao Gen Marciano que, como capitão diretor do Arsenal de Guerra, a recebera de presente dos funcionários. Caneta trazida por seu genro, conforme abordamos em artigo (Cel Bento) com 12 ilustrações: - Serviço Militar Obrigatório no Brasil e sua implementação através do Sorteio Militar – na Revista ***A Defesa Nacional***, nº 729, Jan/Fev 1987. p.20/130.

Coronel Gustavo Lebon Régis (1879-1930)

Comandou o Colégio Militar de Porto Alegre de 1928 ao início de 1930. Nasceu em Itajaí em 18 de fevereiro de 1874.

Lutou heroicamente na defesa da Lapa, em 1894, como aluno da Escola Militar enviado para o Sul para lutar contra o avanço de revoltosos federalistas e da Armada.

Comissionado Alferes, recebeu do comandante legalista da Lapa, o heróico Cel Ernesto Gomes Carneiro, o comando de Setor no final da rua Boa Vis-

ta. Ali participou da épica resistência de 40 dias na Lapa, que criou condições para o Marechal Floriano ganhar tempo para melhor se preparar na retaguarda para conter o avanço revolucionário para o Rio de Janeiro, por terra e por mar, dos revoltosos federalistas e de 1/6 da Armada. Ao ser sua posição envolvida pelos federalistas e revoltosos da Armada, o Cel Gomes Carneiro o socorreu, encontrando-o tiroteando com os federalistas, protegido pela couraça do canhão que ele comandava. E tem lugar um combate corpo a corpo, no qual o Cel Gomes Carneiro foi ferido mortalmente. Logo a seguir, foi ferido gravemente à bala o alferes Lebon Régis, sendo ambos conduzidos ao Hospital de Sangue, onde seu chefe faleceu, ao cumprir sua missão de retardamento de revolucionários, e Lebon Régis fora atingido por um tiro no lado direito do ventre. E delirando gritava: Viva a República! Viva a República!

Restabelecido do ferimento, passou à disposição, em Florianópolis atual, do Cel Moreira César, do qual recebeu as funções de Auxiliar do Delegado de Polícia, na Fortaleza de Sant'Ana do Estreito e, a seguir, comandante da mesma. Promovido a 2º Tenente, retornou à Escola Militar em 25 de fevereiro de 1895. E depois de missão no Pará reingressou na Escola da Praia Vermelha em março de 1896, nela se formando em janeiro de 1902. Foi classificado no atual Regimento Mallet, ainda em São Gabriel. Foi eleito deputado por Santa Catarina, tendo trabalhado na construção da ponte Hercílio Luz, ligando o continente à ilha. Era natural de Itajaí.

Criada a Arma de Engenharia em 1908, passou a integrá-la como capitão, com antiguidade de 23 de agosto de 1908.

Graduado major, foi servir em 1915 no 4º Batalhão de Engenharia, em instalações hoje ocupadas pelo Arsenal de Guerra de General Câmara. Promovido a tenente-coronel, retornou ao 4º Batalhão de Engenharia, agora em Itajubá, na qualidade de seu comandante, por cerca de um ano e meio. No comando do Batalhão liderou uma operação de socorro aos itajubenses, atingidos por violenta enchente. Em seguida, face à eclosão em São Paulo da Revolução de

1924, deslocou-se com o 4º Batalhão até Mogi das Cruzes, junto com a Divisão que integrava, exercendo ali as funções de Delegado Militar, onde confirmou seu valor e competência.

Depois de cerca de dois meses regressou com o Batalhão a Itajubá. Este Batalhão venceu, no Rio, uma competição de Cabo de Guerra, vencendo, inclusive, a nossa Marinha. Conforme consta do Museu Juarez Távora: - *E foi assim elogiado pelo comandante da 4ª Região Militar em Juiz de Fora:*

"Ao Sr. Coronel Gustavo Lebon Régis apresento minhas felicitações por este fato revelador do alto conceito que desfruta a Instrução nesta brilhante Unidade, o 4º Batalhão de Engenharia, que acaba de prestar serviços relevantes (combate à Revolução de 24).

(No Paraná, o batalhão combateu através de uma de suas subunidades). Era uma equipe de telefonistas, destacados em apoio ao General Rondon que combatia a Coluna Miguel Costa-Prestes.

Do batalhão, Lebon Régis assumiu o comando da 4ª Região Militar e depois serviu na Diretoria de Engenharia.

Em 5 de julho de 1928 foi nomeado comandante do Colégio Militar de Porto Alegre, ocasião em que promoveu ali marcante cerimônia comemorativa do aniversário da batalha do Tuiuti, a maior batalha campal travada na América do Sul.

Deixou o Colégio Militar em fevereiro de 1930 para comandar o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, vindo a falecer quatro meses mais tarde naquele comando, aos 56 anos de idade.

Seu nome, Lebon Régis, foi dado ao antigo distrito de Santo Antonio do Trombudo, em Santa Catarina. Foi Secretário-geral do Estado e superintendente (prefeito) de Florianópolis. Foi em razão de sua vida, plena de dignidade, honradez e sacrifício, que levou o parlamento catarinense a distinguí-lo com o nome do município, em cujo território ocorreram alguns dos mais terríveis confrontos entre os caboclos e as tropas do Exército, na Guerra do Contestado, durante cinco anos, entre 1912/16. O mérito de Lebon Régis

foi reconhecido pela Assembléia Legislativa, que, em 19 de dezembro de 1958, homenageou-lhe com o nome do novo município, que foi instalado em 28 de Janeiro de 1959. Foi deputado estadual por Santa Catarina da 4ª a 8ª legislatura (1902/15). Presidiu a Assembléia Legislativa em 1912. Foi deputado federal de 1915/17. Representou Santa Catarina na comissão demarcadora de limites com o estado do Paraná após a Guerra do Contestado. Atuou como fiscal das obras de construção da Ponte Hercílio Luz.

A Sala Histórica no CMPA conserva pintura expressiva deste herói da Lapa, que como aluno da Escola Militar da Praia Vermelha foi enviado para ajudar o Cel Ernesto Gomes Carneiro a ali retardar o avanço federalista que pretendia depor o governo do Floriano Peixoto. E conseguiram este memorável feito, que ajudou a consolidar a República do Brasil.

Quando comandamos o 4º Batalhão de Engenharia, em Itajubá demos, ao refeitório de soldados, o nome de SOLDADO NESTOR GARCIA, soldado do Batalhão que se destacou, ao comando do Cel Lebon Regis no combate à Coluna Miguel Costa/Prestes e, ao Cassino dos Cabos, CABO NARCISO RODRIGUES ROSA, que se destacou na Revolução de 1932.

Gen Div Graduado Ramiro da Silva Souto

O Gen Div Ramiro da Silva Souto comandou o Colégio Militar por largo período de mais de sete anos de 1919 a 1920 e de 1931 a 1938. Nasceu em São Sepé, RS em 22 de outubro de 1870. Era filho de Israel Ramiro da Silva Souto – Tenente-Coronel da Guarda Nacional de São Sepé, Veterano da Guerra do Paraguai, e de D. Inocência Corrêa de Souto.

Foi praça voluntária em 3 de fevereiro de 1887, ano da fundação do Clube Militar, tendo estudado, a partir de 18 de

janeiro de 1888, na Escola Militar do Rio Grande do Sul, no Casarão da Várzea.

Sua vida profissional assim transcorreu: no 4º Regimento de Cavalaria; 3º Batalhão de Artilharia de Posição (adido); 1º Regimento de Artilharia de Posição (adido); 3º Regimento de Artilharia de Campanha (adido); 10º Batalhão de Infantaria (adido); 11º Batalhão de Infantaria (adido); 4º Regimento de Artilharia de Campanha (adido); 1º Regimento de Artilharia de Campanha (adido); 2º Batalhão de Engenharia (adido); 1º Regimento de Artilharia de Campanha; 4º Regimento de Artilharia de Campanha; Arsenal de Guerra de Porto Alegre-RS; 4º Regimento de Artilharia de Campanha; Comando do 6º Distrito Militar (Ajudante de Ordens); Escola Preparatória e Táctica de Porto Alegre (Adjunto de Ensino); 4º Batalhão de Artilharia de Posição; Escola de Guerra (instrutor); 5º Batalhão de Artilharia de Posição; 1º Batalhão de Artilharia de Posição; 20º Grupo de Artilharia de Montanha; 1º Grupo de Artilharia Montada; 6º Grupo de Artilharia a Cavalo; Fábrica de Pólvora sem Fumaça em Piquete, SP (praticante); Escola Militar do Realengo (Fiscal); Fábrica de Pólvora sem Fumaça.

Comandou o 3º Grupo de Obuses, o 1º Grupo de Artilharia do 3º Regimento de Artilharia a Pé e o 6º Regimento de Artilharia Montada. Foi Fiscal da Escola de Estado-Maior e por fim comandou, como General de Brigada na Reserva, o Colégio Militar de Porto Alegre, de 08 Jan 1931/37, conforme se detalha na relação de comandantes do Casarão da Várzea. Segundo o acadêmico Ten Cel Antônio Meira ele foi homenageado no nome do Estádio da Escola defronte ao Casarão. Estádio hoje pertencente ao Parque Farroupilha, conservando o nome de Ramiro Souto.

Possuía a Medalha de ouro de 30 anos de bons serviços ao Exército. Cursou as Três Armas sob o Regulamento de 1890 e o de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Sua carreira teve o seguinte desenvolvimento: soldado: 03Fev1886; 1º Cadete: 26Mar1887; Alferes-aluno: 09Jan1893; 2º Tenente: 08Jan1895 (com antiguidade de 13Nov1894); 1º

Tenente: 17Fev1897; Capitão Graduado: 21Dez1904; Capitão Efetivo: 02Ago1905; Major Graduado: 20Jan1915; Major Efetivo: 27Jan1915; Tenente-Coronel: 09Jul71919; Coronel: 09Fev1923; General-de-Brigada: 28Jul23 (na reserva) e General-de-Divisão graduado: 28Jun23 (na reserva). Foi reformado em 26 de agosto de 1938.

Durante a Guerra Civil de 1893/95 (Revolução Federalista/RS), contou tempo dobrado de 27 Mar 1893 a 25 Ago de 1895, tendo ficado adido nas seguintes unidades como Alferes Aluno e 2º Tenente: 4º Batalhão de Artilharia de Posição; 1º Regimento de Artilharia de Posição; 3º Regimento de Artilharia de Campanha; 10º Batalhão de Infantaria. Combateu a Revolta da Chibata em 1910 no Rio de Janeiro como major.

Pesquisa Realizada por Ferreira Júnior, Capitão QCO do Arquivo Histórico do Exército e complementada com dados do autor.

Principal fonte: Fé-de-ofício: Pasta nº XXX-24-131-SAP-AHEx;

Almanaques de Oficiais: 1894-1937-AI-AHEx;

Boletins do Exército: 1909-1937-SC-AHEx;

Ordens do Dia do Exército: 1887-1909-AI-AHEx;

Reconhecimento de Cadetes: Letra S-caixa nº 80 Pasta S-61 e caixa nº 081 Pasta S-64. AI-AHEx.

Cel Outubrino Antunes da Graça, o 1º Comandante

Comandou a EPPA de 1939 a 1942, de modo assinalado, conforme atestam seus alunos, hoje membros da AHIMTB, Coronéis Jarbas Passarinho, Rubem Barbosa Rosadas e Ten Cel Antonio Gonçalves Meira. Ele nasceu a 4 de dezembro de 1842 no Rio Grande do Sul. Era filho de Bruno Antunes da Graça. Sentou

praça em Porto Alegre, no 25º Batalhão de Infantaria, em 15Dez1900. Casou com D. Inês Castro da Graça, de cujo consórcio nasceram os oficiais do Exército, de Infantaria, Jayme Ribeiro da Graça, historiador, cuja biografia sintetizamos no livro ***"Conde de Porto Alegre - Bicentenário em 2004"*** de cuja 1ª edição ele participara com dois outros historiadores. E ainda Bruno Ribeiro da Graça, oficial de Infantaria que conheci como capitão quando fui aluno da EPPA, e mais Cecy, falecida com 5 anos. Freqüentou as seguintes escolas: Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo; Escola Militar da Praia Vermelha, até seu fechamento e extinção em 1904; Escola de Guerra de Porto Alegre, de 05Mar06 a 01Jan09; Escola de Artilharia e Engenharia no Realengo, de 30Abr09 a 11Abr10; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, de 14Mar21 a 02Fev22 e a Escola de Estado-Maior, de 03Fev22 a 14Jul24 e de 26Set24 a 10Jan25. Estas duas últimas sob a influência da Missão Militar Francesa. Vida Profissional: como oficial de Cavalaria: 7º Regimento de Cavalaria (7º RC), Quaraí-RS (de 22Abr10 a 20Mar11); 5º RC, São Luís Gonzaga, RS (de 28Abr11 a 16Jan12); 2ª vez no 7º RC, Quaraí, RS (de 08Fev a 21Mai12); 6º RC, São Borja, RS (de 25Mai a 04Out12); 3ª vez no 7º RC, Quaraí, RS (de 06Out12 a 27Nov14); Quartel-General da 2ª Brigada de Cavalaria, Alegrete, RS (de 01Dez14 a 15Jan15); 4ª vez em Quaraí, agora Enfermaria Militar, RS (de 17Jan a 27Abr15); 9º RC, Alegrete, RS (de 30Jun15 a 20Dez17); 5ª vez em Quaraí no 7º RC (de 02Jan18 a 08Mar19); 15º RC, Livramento, RS (10Mar a 31Dez19); 2ª vez em Livramento, no 7º Regimento de Cavalaria Independente, 7º RCI (01Jan20 a 01Mar21); QG/3ª RM, Porto Alegre, RS (de 08Jun25 a 14Mai30), por cerca de 5 anos; 14º RCI, Dom Pedrito, RS (de 17Jun30 a 16Jan31); 8º RCI, Rosário do Sul, RS (de 07Fev a 13Abr31); 2ª vez no QG/3ª RM, Porto Alegre, RS (de 07Mai31 a 22Out32); 3ª vez em Livramento, como comandante do 7º RCI (de

15Out34 a 15Abr35; 4ª Brigada de Cavalaria (16Abr a 04Jun35, e de 14Nov35 a 12Jan36, foi Comandante Interino); pela 4ª vez em Livramento, e a 2ª como comandante do 7º RCI (de 05Jun a 13Nov35); Colégio Militar, como seu Diretor; Comandante da 3ª Divisão de Cavalaria, Bagé, RS (de 31Mar a 21Ago38); 6ª Brigada de Cavalaria, Bagé, RS (de 22Ago38 a 06Mar39); e 1º comandante da recém criada EPPA, Escola Preparatória de Cadetes, Porto Alegre-RS (de 01Abr39 a 07Ago42). O Cel Outubrino possuía as seguintes condecorações: Medalha de Ouro com Passador de Platina (mais de 40 anos de serviço) e a Comemorativa do Cinqüentenário da Proclamação da República. Freqüentou os cursos de Infantaria e Cavalaria pelo Regulamente de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar para o profissionalismo militar que perdura até hoje; cursou a EsAO pelo Regulamento de 1920, onde obteve grau 7,00 (7º lugar), e o Curso de Estado-Maior onde obteve grau 6,885 e o 7º lugar de sua turma. A sua carreira teve o seguinte desenvolvimento: Aspirante a Oficial: 02Jan1909; 2º Tenente: 11Fev11; 1º Tenente: 04Abr11; Capitão: 07Set22; Major: 20Fev30; Tenente-Coronel: 29Jun33; e Coronel: 25Dez35, todas estas três últimas por merecimento. Foi transferido para a Reserva no comando da EPPA em 7 de agosto de 1942 e reformado em 2 de maio de 1949. Contou com 45 anos, 11 meses e 20 dias de serviço, tendo contado dobrado dois meses do período da Revolução de 1924. Em 07Out30, como major, foi preso em Dom Pedrito e enviado para Porto Alegre, por não aderir ao movimento revolucionário liderado por seu antigo colega em Rio Pardo, Dr. Getúlio Vargas. Sua Fé-de-ofício: Pasta nº XI-23-31-SAP-AHEX, complementada pelo autor com dados de seu conhecimento e por interpretação. O Cel Outubrino faleceu em 26 Set 1963 com 91 anos. Pesquisa solicitada ao Arquivo Histórico do Exército e realizada por Ferreira Jr., Cap QCO.

Coronel Coriolano de Andrade, o 2º comandante

Atingiu o generalato. Foi o organizador e primeiro comandante da 6ª DI, de 6 de janeiro de 1949 à 17 de setembro de 1952, por quase 4 anos. Foi também o comandante da 3ª RM na sua transição de comando operacional, logístico e administrativo para comando logístico e administrativo, ao transferir a parte operacional para a Zona Militar Sul (depois III Ex e atual CMS) em 23 de março de 1953, sob o comando do Gen Ex Odylio Denys, chefe que lhe daria o elogio derradeiro em sua marcante carreira. O General Coriolano nasceu em Porto Alegre em 16 de agosto de 1889, três meses antes da Proclamação da República. Era filho de Manoel Arcelino de Andrade. Era pai de Terezinha Murias Andrade (1931) e de Waldemir Murias Andrade (1938), conforme suas alterações, e casado com D. Valmerina. Ingressou como praça no 25º BI em São Gonçalo-RS, onde logo se destacou, até 2º Sargento, quando foi matriculado na Escola de Guerra em Porto Alegre, onde funcionaria o Colégio Militar, depois Escola Preparatória de Cadetes e local onde mais tarde serviria, inclusive como seu comandante, em mais de uma oportunidade. Inicialmente, serviu na Artilharia em Alegrete, Itaquí e Forte de Copacabana. Somente em 25 de dezembro de 1914 foi confirmado na Cavalaria. Serviu no 15° RC, Santana; 1° RC, Rio (ao comando de Isidoro Dias Lopes); no 8º RC, Uruguaiana; no 7° RC, Quaraí, no 5° RC, São Luiz Gonzaga e no 3º RCDivisionário, Dom Pedrito, onde foi promovido à Capitão, em 31 de outubro de 1924. Serviu no EM/4ª DC em Sant'ana, onde participou do combate à Revolução de 1924-1926 naquela fronteira. Após servir no 7º RCI, foi comandar, no Casarão da Várzea, alunos do Colégio Militar (CMPA), retornando ao 14º RCI e logo depois ao CMPA. Em 1932, participou como Ten Cel Comissionado, na condição

de Chefe de Estado-Maior, de destacamento da Brigada Militar que combateu a Revolução de 32 na área de Vacaria, tendo comandado em Santa Maria o 4º Corpo Provisório, até este ser dissolvido. Cursou a Escola de Estado-Maior de 1933 a 35, indo estagiar na 2ª DC, no Alegrete. Assumiu interinamente o comando do 6º RC, quando foi substituído pelo Ten Cel Dilermando de Assis, matador, em legítima defesa da vida, do escritor Euclides da Cunha e de seu filho, que procurava defender sua honra. Dilermando não poupou elogios ao Major Coriolano. Em 1936 comandou, em Jaguarão, o 13º RCI (atual Regimento Osório), quando comandou interinamente a 6ª Bda Cav da 3ª DC (atual 3ª Bda C Mec). Deixando o 13º RCI, assumiu a função de comandante da Escola Preparatória de Cadetes, no Casarão da Várzea, em 1939, quando da sua criação. Depois de um tempo no 13° RCI assumiu a direção da 8ª CR em Porto Alegre, onde foi promovido a Coronel, por merecimento, em 06 de junho de 1941. Em 28 de agosto de 1942 foi nomeado comandante da Escola Preparatória de Cadetes, de novo no Casarão da Várzea. Acumulou a função de Comandante da Guarnição de Porto Alegre. Comandou esta Escola por cerca de 2 anos, tendo assumido após, como Gen Bda, promovido em março de 1944, a 2ª DC (atual 2ª BdaCMec, em Uruguaiana) à cuja frente permaneceu por cerca de 5 anos, até 1949. Foi nomeado, em março de 1949, sub-comandante da 6ª DI (atual 6ª DE, Div Voluntários da Pátria) a qual comandou efetivamente e, mais do que isto, foi o seu organizador e instalador de seu QG, na Av. João Pessoa (local da Policlínica Militar), que muito freqüentamos de 1955-57, como oficial da 6ª Cia de Comunicações, em São Leopoldo, RS. Foi promovido a Gen Div Graduado em 23 de março de 1951, fato que recordo como aluno da EPPA e, por esta razão, efetivado no comando da 6ª DI, em 20 de julho de 1951. Nesta condição exerceu, por diversas vezes, o comando interino da 3ª RM nos impedimentos do titular, e também de 17 de setembro de 1952 a 16 de junho de 1953, quando foi transferido para a Reserva e reformado como Marechal.

Coronel Rinaldo Pereira da Câmara, o 3º comandante

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), tem procurado resgatar, preservar e divulgar a vida e obra de assinalados historiadores militares terrestres brasileiros, do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, elegendo-os sócios correspondentes, acadêmicos, acadêmicos eméritos, patronos de cadeiras ou patronos de suas delegacias, as quais vem estabelecendo por todo o Brasil, o que pode ser confirmado em nosso livro ***Resende, História Militar 1744-2001*** (Resende: AHIMTB,2001), comemorativo dos 200 anos de Resende.

E para a delegacia do Rio Grande do Sul foi eleito o General Rinaldo Pereira da Câmara, autor, no nosso entender, da mais expressiva e alentada biografia de um militar do Exército, a do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, dentro de uma moldura muito bem feita da História do Rio Grande do Sul, sem esquecer seu ilustre ancestral, o Marechal Patrício Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas, patrono da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, cuja biografia, de nossa lavra, abordamos na História desta Grande Unidade, que desenvolvemos em parceria com o historiador militar e nosso Delegado no Rio Grande do Sul, Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, como o 7º volume do Projeto História do Exército na Região Sul, sob jurisdição do Comando Militar do Sul e não mais do Exército no Rio Grande do Sul. A seguir, da lavra do dedicado Delegado da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara. (Cel Cláudio Moreira Bento).

Esboço Biográfico do Gen Rinaldo Pereira da Câmara

(pelo Cel Caminha)

Rinaldo Pereira da Câmara nasceu em Porto Alegre, RS, a 07 de maio de 1899, filho de Alfredo Pinheiro Corrêa

da Câmara, general do Exército, e de Dona Zeferina Pereira da Câmara. Era neto, na linha paterna, do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, 2º Visconde de Pelotas.

O jovem Rinaldo estudou no antigo Ginásio Anchieta, hoje Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Ingressando na carreira militar, nos passos de seu avô e de seu pai, estudou no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). Seguiu então para a Escola Militar do Realengo, onde fez o Curso de Infantaria, tendo sido declarado Aspirante a Oficial em 30 de dezembro de 1919.

Sua primeira unidade como oficial foi o 7º Regimento de Infantaria, em Santa Maria, RS. As demais organizações militares em que serviu e as datas das promoções, nos seus 37 anos e 10 meses dedicados ao Exército foram as seguintes:
- 4ª Companhia de Estabelecimentos (Rio de Janeiro, RJ): 1917/18;
- Escola Militar do Realengo (Rio de Janeiro,RJ): 1918/20;
- 7º Regimento de Infantaria (Santa Maria, RS): 1920;
- Promoção a 2º Tenente: 15 de abril de 1920;
- Promoção a 1º Tenente: 31 de outubro de 1920;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1920/22;
- 13º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre, RS): 1922/23;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1923/25;
- Inspetoria de Tiro da 3ª Região Militar (Porto Alegre): 1925/27;
- Colégio Militar de Porto Alegre: 1927/28;
- Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO/Rio): 1928;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1929;
- Colégio Militar de Porto Alegre: 1929/30;
- 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo,RS): 1930;
- Promoção a Capitão: 07 de agosto de 1930;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1931;
- Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA): 1931/32;
- 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo): 1923/33;
- CPOR/PA: 1933;
- Escola de Estado-Maior (Rio de Janeiro): 1933/36;
- Estado-Maior do Exército (Rio de Janeiro): 1936;

- 7º Regimento de Infantaria (Santa Maria, RS): 1936/37;
- Promoção a Major: 24 de maio de 1937;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1938 (Jan/Fev);
- Quartel-General da 3ª Região Militar (Porto Alegre): 1938;
- 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1938/40;
- QG da 3ª RM/3ª Divisão de Infantaria (P. Alegre): 1940/43;
- Promoção a Tenente-Coronel: 24 de maio de 1942;
- 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo), na função de Comandante: 1943/44;
- 11º Regimento de Infantaria (São João D'El Rey, MG): 1944 (Fev/Abr);
- Hospital Central do Exército (HCEx,Rio): 1944 (Abr/Mai);
- Estado-Maior do Exército (Rio): 1944 (Jun/Ago);
- Promoção a Coronel: 25 de junho de 1944;
- 8ª Circunscrição de Recrutamento (P. Alegre): 1944/45;
- QG da 3ª RM (P. Alegre): 1945/46;
- Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (ex-CM-PA), na função de Comandante: 1946/50;
- QG da 3ª RM (como adido): 1950/52;
- Escola Superior de Guerra (Rio de Janeiro): 1952;
- Transferência para a Reserva Remunerada: 11 de outubro de 1952.

As condecorações recebidas pelo General Rinaldo ao longo da carreira foram as seguintes:

- Medalha de Ouro (Tempo de Serviço/mais de 30 anos);
- Medalha de Guerra;
- Medalha de Prata do Cinqüentenário da República;
- Medalha da Ordem do Mérito Militar-Grau de Comendador.

Transferido para a Reserva Remunerada em outubro de 1952, o então Coronel Rinaldo recebeu, de acordo com a legislação da época, duas promoções simultâneas, a de General de Brigada e a de General de Divisão. Suas promoções, de major em diante, foram todas por merecimento. Na época em que estava servindo no 7º BC, em Porto Alegre, o então 1º Tenente Rinaldo contraiu núpcias, a 21 de janeiro de 1921, com Dona Eugênia Rodrigues Puente, filha do ilustre filho de Canguçu e distinto professor André Leão Puente.

Segundo o Cel Bento, em seu livro ***Canguçu – reencontro com a História***. Porto Alegre: IEL, 1983, Dona Eugênia o deixaria viúvo 31 anos depois, falecendo a 05 de outubro de 1953, no Rio de Janeiro, ou seja, seis dias antes de sua passagem para a reserva. Rinaldo Pereira da Câmara era homem de profunda fé católica, tendo pertencido a várias entidades religiosas, como a Venerável Confraria de Nossa Senhora do Carmo e à Congregação Mariana dos Formados "Auxilium Christianorum". O General Rinaldo destacou-se desde cedo por trabalhos intelectuais de grande valor, mormente na pesquisa histórica. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto Sanmartiniano de Buenos Aires. Na época de Comandante da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (EPPA), realizou diversas Conferências, dirigidas aos oficiais e alunos, das quais destacamos as seguintes:

- Osório e a Batalha de Tuiuti (23 de maio de 1946);
- Caxias, grande Capitão (24 de agosto de 1946);
- O Marechal Foch – vida e obra (31 de março de 1949);
- A Campanha da Cordilheira (21 de março de 1950);
- Homenagem ao Marechal Visconde de Pelotas (1940);
- Nun'Álvares e a Vocação Universalista de Portugal (1940);
- O Visconde de São Leopoldo (1945);
- Ecos de uma Polêmica (1945);
- Aquidaban perante a História (1946);
- Os Fundamentos da Raça (1949);
- A Campanha dos Andes (1949);
- O Exército, a Igreja e a Nação (1950);
- Significação histórica de San Martin (1952);
- À Margem de um Documento Histórico (1952);
- Interpretando um Documento Histórico (1953);
- A Eucaristia e a Formação do Povo Brasileiro (1954);
- A Recuperação da Amazônia (1955);
- O Povo Judeu em Face do Século Messiânico (1956);
- A Revolução Farroupilha em face da legislação da época (1968);
- A Morte de Solano López descrita pelo Brig Corrêa da Câmara (1970);

- O término da luta: a morte de López (1970);
- Caxias, cristão de fé robusta (1970).

Mas sua principal obra foi sobre seu avô, o Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas. Intitulada ***O Marechal Câmara*****,** é composta de três volumes, a saber:
- 1º volume: ***Reflexões introdutórias à sua Biografia.*** Porto Alegre: Globo, 1964;
- 2º volume: ***Sua vida militar.*** Porto Alegre: Globo, 1970;
- 3º volume: ***Sua vida Política*****.** Porto Alegre: IEL/SECDT/RS, 1979.

Dos três volumes, o Gen Rinaldo completou dois. O 3º estava em preparo quando a morte o colheu, a 20 de agosto de 1974, com 75 anos de idade. O 3º volume foi concluído pelo escritor gaúcho, seu amigo, General Riograndino da Costa e Silva, patrono de cadeira na AHIMTB. O Gen Rinaldo deixou viúva sua 2ª esposa, Dona Geny Alberton Câmara e uma filha, Dona Maria Teresa Câmara Alves. Ao colocar seu nome na Delegacia do Rio Grande do Sul, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil prestou homenagem ao ilustre militar, educador e cidadão, representada pela figura e pelo conjunto da obra do General Rinaldo Pereira da Câmara.

General José Dantas Arêas Pimentel, o 4º comandante

Foi o comandante da EPPA quando lá estudamos em 1951/52. Comandou a 2ª Divisão de Cavalaria de 10Fev55 a 30Jun56. Nasceu no Rio Grande do Sul em 06Out98. Praça de 01Jul15, como soldado no 5º BC. Cursou a "Missão Indígena" na Escola Militar do Realengo, onde foi declarado Asp Of Cavalaria em 1921 e depois a ECEME, a qual concluiu em 1936. Como tenente serviu no 1º RCI, 4º RCI e 13º RCI, de Fev21 a Dez23, depois no CMRJ, em 1923, e em 1924 no 3º RCI. Foi AjO do Comandante da 4ª RM em Juiz de Fora e da 3ª RM de Fev25 a Mar31. Como

capitão, serviu no 9º RCI. Como major, foi instrutor-chefe de Cavalaria da Escola Militar do Realengo, de Jul39 a Jan41. Como major e tenente-coronel foi adido militar e oficial de ligação do Brasil na Bolívia, de Jul41 a Jan44. Chefiou o EM/1ª DC em Santiago, de Jan44 a Fev45. Como coronel, comandou o 14º RCI em Dom Pedrito, de Mar45 a Ago46. Chefiou o Gabinete da SGeEx, de Out46 a Mar47 e comandou o CPOR/PA de Jun48 a Jun50. Logo a seguir, comandou a Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, de Jun50 a Set52. Foi promovido a General de Brigada no comando da EPPA, que freqüentamos em seu comando em 1951 e 1952. Comandou a EsAO de Jan53 a Mar54. A seguir, chefiou o Núcleo da Divisão Blindada no Rio, de Mar a Ago54. Foi Secretário-Geral do Exército de Ago54 a Jan55 e comandante da 2ª DC, de onde foi transferido para chefiar a Diretoria de Remonta de Set a Out56, onde foi reformado. Sua carreira teve o seguinte curso: Soldado, 01Jul15; Cabo, 23Jul15; 3º Sgt, 16Ago16; 2º Sgt, 21Dez17; Asp Of, 18Jan21; 2º Ten, 11Mar21; 1º Ten, 07Set22; Cap, 07Mar31; Maj, 03Mar1938; Ten Cel, 15Abr43; Cel, 25Dez45; Gen Bda, 19Set52; Gen Div, 30Out56 e Gen Ex (na inatividade). Possuía as seguintes condecorações: Comendador do Ordem do Mérito Militar, Medalhas Militar de Ouro, de Guerra e Pacificador. Oficial da Ordem do Condor de los Andes, da Bolívia, e Reconhecimento Francesa, da França.

Elogio – Do comandante da Zona Militar do Sul em BI nº 179, de 07Ago56. Agradecimento e louvor a Oficial-General: Durante dezesseis meses, exerceu o Exmº Sr Gen de Bda José Dantas Arêas Pimentel, com seguro descortino profissional, o Comando da 2ª Divisão de Cavalaria para o qual fora nomeado em 17Dez54. Cavalariano e cavaleiro de dedicada estirpe, permanentemente voltado à eficiência da tropa e aprimoramento dos quadros integrantes da GU sob seu esclarecido Comando. Oficial General de reconhecidos dotes de inteligência e de cultura geral e militar, conduziu-se o General Pimentel como um cooperador prestimoso e eficiente deste Comando. Sua atuação à testa da 2ª DC,

primando por dedicação nos misteres militares, acatamento às decisões superiores e oportunas sugestões, visando a uma justa elevação do nível tático, técnico e administrativo daquela Divisão, de já tradicional relevo no âmbito da ZMS, constitui mais uma comprovação do longo acervo de serviços prestados ao Exército pelo Gen Pimentel, através do exercício de comissões as mais honrosas. É portanto, por dever de justiça, que agradeço ao Gen Arêas Pimentel a colaboração digna de encômios que me prestou, louvando-o pela dedicação elevada em prol dos superiores interesses da 2ª DC, prestando-lhe, desta forma, de público, o testemunho do meu apreço e consideração às suas virtudes de militar e de cidadão. (Bol da ZMS, nº 173, de 02Ago56).

O General Pimentel e a EPPA em 1951/52 – Fomos comandados seus na EPPA, a qual cursamos em 1951/52, coincidente com o seu comando. Consultando a Revista da EPPA de 1952, de nossa turma, constatamos o quanto ele foi homenageado e estimado pelos subordinados. Ela começa com uma nota de seu Diretor, Aluno Gilberto Souza Gomes Job, com elogio ao Cel Pimentel. E foi na EPPA que despertou forte em mim o historiador militar, iniciando por registrar num caderno frases e pensamentos de grandes chefes militares do Brasil. No nosso Baile do Adeus o general Pimentel compareceu de smoking, em 06Nov52, e nós aparecemos casualmente e em primeiro plano na foto de abertura da reportagem à página 75 e na página 98 o que nos fez pensar, parodiando Casimiro de Abreu:

"Oh, que saudades que eu tenho da aurora da minha vida militar, da minha EPPA inesquecível e querida que os anos não trazem mais".

Escreveu o aluno Job*: "Sincera homenagem ao Exmo. Sr. General José Dantas Arêas Pimentel, por tudo que S. Excia fez por nós, seus comandados e pela própria EPPA".* Logo a seguir, na revista, como homenagem, e tendo a foto do Coronel Pimentel, consta o seguinte trecho, depois de algumas considerações:

"Por isso, Coronel Pimentel, é que por tudo que nós fi-

zestes, por todas as horas agradáveis que nos proporcionastes, por todos os ensinamentos que nos ministrastes, resolvemos dizer-vos, apenas, pura e simplesmente: Obrigado".

Mais adiante o aluno Antonio Lisboa assina a reportagem ilustrada sob o título: -O General Pimentel despede-se da EPPA – que conclui:

"Os homens passam, mas as suas idéias ficam. O seu magnífico comando passou, mas o exemplo inigualável que dele fica, servirá, certamente para projetar no plano dos dias e pelos anos o grande vulto que conseguiu forjar a Nova Escola. Vulto de reformador e de chefe, de mestre e benfeitor inexcedível".

Éramos, na época, um observador discreto. E desde 1997 temos estado com freqüência no Casarão, como presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul para presidir sessões históricas no Salão Brasil. Poderia caracterizar a EPPA no tempo que a cursei como Escola risonha e franca. E guardo a citada revista com imenso carinho.

E ao pesquisá-la, 52 anos mais tarde, fui invadido por uma imensa saudade do carismático Casarão da Várzea, cuja parte de sua história estamos aqui resgatando.

E decorridos 56 anos daquela época, hoje os alunos daquele tempo, septuagenários e, em maioria, reformados, ainda continuam a atuar com expressiva atividade social militar como o Cel Omar Lima Dias do GBOEx, até há pouco tempo, o Cel Carlos Cláudio Miguez Soares, âncora do Jornal Inconfidência, Gilberto Souza Gomes Job (falecido) como articulista, Cel Ney Paulo Panizzutti, como assessor cultural do Cmt da AMAN (falecido), Cel Roberto José Martinez, até data recente na Agência da FHE-POUPEX em Santa Maria e Rodolpho H. Donner, na elaboração da notável e preciosa coletânea ABEL, Carlos Alberto dos Santos. Causos, crônicas e outras – Historietas Militares. Rio de Janeiro: Casabel, 2007, já em seu 7º volume. E mais outros, seguramente, cujas atividades desconhecemos.

Coronel Tellino Chagastelles (1897-1980)

O Coronel Tellino, professor de Álgebra, foi quem substituiu o Coronel Pimentel no comando da EPPA. Ele faleceu a 26 de junho de 1980 em Porto Alegre, aos 83 anos como General de Brigada R-1. Fora um competente, enérgico e admirado ex-professor de Álgebra do CMRJ (1946-48) e da EPPA. Dentre as múltiplas funções que exerceu, o lugar de destaque foi o que passou a ocupar, ainda em vida, na História da Previdência Social no Brasil e na gratidão da família militar brasileira. Destaque assegurado pela seriedade, firmeza, honestidade, espírito público, desinteresse e descortino com que dirigiu de 1949-69 por cerca de 20 anos o Grêmio Beneficente dos Oficiais do Exército (GBOEx), aberto ao mundo civil em 1965 por sua iniciativa. Seu honrado nome nesse período foi penhor de segurança e principalmente de certeza para os associados do GBOEx e beneficiários potenciais de que ele, com seu carisma e energia, velava pelo interesse geral. O General Tellino nasceu em Porto Alegre e era filho do General Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz e D. Perpétua das Chagas Telles, filha dos barões de Candiota. Eram seus irmãos os engenheiros Jaymino e Luizio que construíram o farol na confluência dos rios Negro e Amazonas; Anina, esposa do General Rômulo Telles Pessoa e Amelina, esposa do Almirante Cícero Marinho. Cursou a Escola Militar do Realengo sendo colega de turma, entre outros, dos Marechais Odylio Denys, Gustavo Cordeiro de Farias e Olímpio Falconiére. Declarado Aspirante de Cavalaria, foi servir no 1º RC no Rio (atual Dragões da Independência, de Brasília). Cursou depois Infantaria e Engenharia, indo servir em Porto Alegre, onde cursou Engenharia Civil. Em 1920, como capitão, atuou na Bahia no combate aos jagunços, tendo servido depois em Pelotas. Como capitão, ainda, serviu na Carta Geral (1936-38), sendo efetivado na Arma de Infantaria no CMRJ e na Escola Prepa-

ratória de Porto Alegre, tendo respondido por seu comando diversas vezes como coronel mais antigo. Possuía as medalhas de 40 anos de bons serviços, Marechal Trompowsky e do Mérito Militar, no grau de Comendador. Foi pecuarista, desde 1934, na Fazenda Mangueira de Pedra, em Arroio dos Ratos, RS. Foi um dos fundadores do Montepio da Família Militar, Banco Duque de Caxias e Banco Sul-Brasileiro (conta nº 1). Em 1964-65, foi o interventor da CEF-RS. O General Tellino, modelar e querido chefe de família foi casado com D. Olga Castro Chagastelles, de cujo casamento nasceram o Cel Art R1 Ary Castro Chagastelles, casado com Célia (Borba) Brossard Chagastelles; Tenente Cel Cav R-1 Derk Castro Chagastelles, casado com Dea Mariath Chagastelles; Cel QEMA José Cláudio de Castro Chagastelles, que foi instrutor junto conosco de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, casado com Vera Lúcia Montedônio Chagastelles e Maria Helena, que foi casada com o Capitão Eng Arinos Martins Pinto. Deixou 14 netos e quatro bisnetos. O General Tellino, cujos serviços prestados, particularmente, à previdência da família militar do Exército, por dever social e espírito de classe, é um exemplo a ser seguido por todos quantos no Brasil têm responsabilidade na condução dos negócios ligados à Previdência Social. (Esta é a síntese um pouco atualizada, que o autor publicou na ***Revista do Clube Militar*** por ocasião do falecimento do general Tellino).

General Túlio Chagas Nogueira

Comandou o Colégio Militar de Porto Alegre de 1969/1971. Nasceu em São Gabriel, RS, em 16 de outubro de 1917. Pais: Outubro Pinto Nogueira e D. Ana Cândida Chagas Nogueira. Praça de 09 de abril de 1935 na Escola Militar do Realengo, onde foi declarado Aspirante a Oficial de Cavalaria em 21 de novembro de 1937, tendo origem no CMRJ. Serviu no 7° RC, em

Santana do Livramento, 1941-1942. Foi AjO do General de Brigada Eduardo Guedes Alcoforado, seu sogro, no EME e 9ª RM (Mato Grosso), 1942-45. Serviu no Regimento Andrade Neves, 1946. Cursou a ECEME em 1947, sendo dispensado de cursar a EsAO pelo Aviso Ministerial 68, de 26 de janeiro 1951. Estagiou no EM/1ª DI na Vila Militar, em 1948. Adjunto da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, de 1948-51. Instrutor de Cavalaria da EsAO, 1951-52. Maj em 25 de abril 1952, foi instrutor de Cavalaria na ECEME, 1955-56, Instrutor-Chefe do Ensino Tático da Escola de Motomecanização em 1954. Estagiário na ESG, 1958. Adjunto do SNI de 1958-61, onde foi promovido a Ten Cel em 29Abr59; 2º Secretário do EME: 1962-63, sub-comandante da EsIE, 1962. Comandante do Corpo de Cadetes, Chefe da Divisão de Ensino e sub-comandante da AMAN, 1964-68, tendo sido em 1964 assistente do chefe do EME e em 1963 do chefe do EMFA. Chefiou a Missão Militar Brasileira no Paraguai, 1968-69. General de Brigada em 25Nov71. Comandou a 2ª Brigada C Mec (Uruguaiana), Jan1972 a Jan1974; a AMAN, Fev74 a Fev76. Diretor de Assistência Social, Mar a Dez76. Diretor da DFA, Mar77 a Jun79 como Gen Div desde 21Mar77. Comandante de 2ª RM, São Paulo, SP (1978/79). Comandante Interino do II Ex, 22Jul à Ago79. Comandante da 2ª RM, de 01Set79 a 11Mai81. Comandante do III Exército, atual CMS, de 12Mai à 12Ago82. Chefe do EME, 20Ago82-83 e Ministro do STM, onde encerrou sua carreira militar, expressivamente voltada para o Ensino Militar, em 17Out7 (DOU –22Out87). Condecorações principais: Grã-Cruz do Mérito Militar, Rio Branco e Judiciário Militar. Grande Oficial do Mérito Aeronáutico e Naval. Mérito Tamandaré e Santos Dumont, Pacificador e Medalha de Ouro com passador de platina. Estrangeiras: Mérito Militar 1ª Classe-Portugal, Mérito Militar e Honorífica de Cavalaria do Paraguai. E cidadão honorário de Resende. Realizou palestras sobre informações estratégicas, Mobilização Nacional, Economia de Guerra: na ECEME, 1958-1966, na Escola de Guerra Naval, 1959-1961, na PUC/RJ, 1966 e UFPR, 1965. Foi desportista praticante do Pentatlo Moderno, Basquete, Vôlei, Equitação, Pólo, Tênis e Golf.

General Jonas de Morais Correia Neto

Comandou a 6ª DE, de 29Abr86 a 28Abr88. Nasceu no Rio de janeiro, em 22Nov25, filho do Gen Div (Prof.) Jonas de Morais Correia Filho e de D. Valmirina Ramos Correia, autores da letra e música da Canção da Engenharia – "Se for mister partir um dia para a guerra...". Casou com D. Ercília Goulart Correia, bagéense, de cujo consórcio nasceram: Guilherme Paulo, Jonas, Reinaldo (oficial de Cavalaria) e Marilda. Cursou Artilharia na Escola Militar do Realengo e foi declarado Asp Of na Escola Militar de Resende (atual AMAN) em 11Ago45. Cursou ainda: Guerra Química na EsIE (1948), Equitação (1949), EsAO (1955), ECEME (1958-1960), EGC/CEMFA (1970) e CSG (1974). Estagiou em 1948 na Escola do Corpo Químico dos EUA. Serviu como subalterno no 3º RADC (depois 3° RACav) em Bagé (1946-47 e 1950-51); no REsA em Deodoro (1948), no 1º RO 105 – Regimento Floriano, em Deodoro (1954-55) e no 3° RAM 75 em Curitiba, 1956-57. Como oficial de estado-maior serviu no QG da 2ª DC (atual 2ª BdaCMec) em Uruguaiana (1961-62); no EME-Rio (1966-67); no Gabinete do Ministro (1968-70); na DEPA (1973); no DGP, Assistente do Chefe (1978); Chefe de Gabinete do DEC (1978) e assessor do Vice-Chefe do EME (1979). Foi instrutor do CMRJ (1952 a Jun54) e da EsAO (1964-65). Integrou o Corpo Permanente da ESG (1974-77, na Chefia da Divisão de Estudos). Comandou o Colégio Militar de Porto Alegre – CMPA, de Mar71 à Mar73. Como oficial-general, desde 31Mar79, comandou a AD/3 (da 3ª DE) de 18Mar79 à 20Ago81); dirigiu a DIP (21Set81 à 28Mar83); foi Subchefe de operações do EMFA (28Mar83 à 12Abr84), dirigiu a DEE (02Mar84 à 15Mar85); foi secretário Geral do Exército (20Mar85 a 18Abril86); Comandante da 6ª DE; Comandante Militar do Sudeste – São Paulo (06Mai88

à 21Dez89) e Ministro Chefe do EMFA de 15Mar90 até Abri91, quando foi transferido para a Reserva. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar, Forças Armadas, Judiciário Militar, Judiciário do Trabalho, Rio Branco e de Brasília; Grande Oficial do Mérito Naval e da Aeronáutica. Medalhas: Militar Ouro (platina), Pacificador, Mérito Santos Dumont, Tamandaré e Marechal Trompowski. Estrangeiras: Medalha do Mérito Militar/Portugal/2ª classe, Ordem do Infante Dom Henrique/Comendador/Portugal, Ordem de Mayo/ Argentina, Ordem do Mérito/Itália e Mérito da Segurança Nacional/ Coréia do Sul. Recebeu as seguintes medalhas honoríficas: CMRJ/ Comandante aluno, Maria Quitéria, Imperatriz Leopoldina do IHGSP, Anchieta da SEC/RJ, São Sebastião do IHGRJ e ANVFEB, entre outras. Insígnias do IGMB, do IHGB e AHIMTB. Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of, 11Ago45; 2º Ten, 23Nov45; 1° Ten, 25Dez47; Cap, 25Mar51; Maj, 25Out55; Ten Cel 25Ago65; Cel, 25Dez70; Gen Bda, 31Mar79; Gen Div, 31Mar84 e Gen Ex, 31Mar88. Historiador Militar Terrestre, presidiu o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o qual seu pai havia presidido por 12 anos. Integra as seguintes instituições culturais: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e os de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santos, Uruguaiana, Sergipe, entre outros, Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), os dois últimos por nós fundados em 1986 e 1996. Sua posse como acadêmico na AHIMTB teve lugar no Colégio Militar do Rio de Janeiro, quando inaugurou cadeira tendo por patrono seu ilustre pai General Jonas de Morais Correia Filho, na Casa de Thomaz Coelho, muito ligada sentimentalmente a ambos. Integra as associações de Diplomados da ESG (ADESG), Clube Militar, Sociedade Brasileira de Geografia e Associação de ex-alunos do CMRJ. Esportista de Tiro e Equitação. Produziu diversos artigos históricos, conferências, ensaios e artigos publicados. Alguns destaques:

A tomada do Rio Formoso: “A Defesa Nacional”, abril 54; Caxias em Itororó na Berlinda (Polêmica histórica): Correio do Sul (Bagé, Agosto e Novembro 1957) e revista do Clube Militar (1958); Batalha do Passo do Rosário: Revista do IGHMB (1962); Aspectos da Guerra Revolucionária: Conferência na PUC (GB-Jun1965) para o Curso de Jornalismo, Publicado no Mensário de Cultura Militar do EME (Jan/Out 65); Personalidade do Duque de Caxias: Conferência no Clube Militar (Jan/Out 65), em ciclo promovido pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; Carta a um recruta: Mensagem ao seu filho mais velho, quando serviu ao Exército, como soldado, divulgada no suplemento “Letras e Armas” de O jornal (Rio, Março 1967), e posteriormente reproduzida em diversas publicações, distribuída em folheto, pelo EMFA (1974/1978); Influência Napoleônica no Exército Brasileiro: Conferência no IHGB, no ciclo comemorativo do sesquicentenário de nascimento de Bonaparte (Ago69), Publicado na Revista do IHGB e na RMB (Jul/Set70); Barão do Triunfo, bravo entre os bravos!: Conferência no IHGMB, na sessão evocativa do General Andrade Neves, no ano do centenário da sua morte (Dez69), publicado na Revista do IHGMB e na RMB (Jan/Mar70); Problemas da Juventude: Conferência na escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1970), Distribuída em folheto, pela EsAO; Carta a um aluno do Colégio Militar: ***A Defesa Nacional*** (Mar/Abr70); Osório, num relance evocativo: Palestra na Fundação Osório, Publicado na Revista do IGHMB, 2° sem 70; Os símbolos nacionais na Independência: Conferência no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no ciclo do Sesquicentenário, promovido pela SEC/RS, em 1972, publicado nos respectivos Anais (1973); Riachuelo e Tuiuti, Barroso e Osório: (dois paralelos históricos), Conferência no Serviços de Documentação Geral da Marinha (Jun73); Publicado na Revista Navigator, do SDGM; Minas na Guerra (os mineiros na 2ª GM): Revista do IHGMB, Ago 77; Colégio militar em quatro tempos: Revista do Clube militar, Mar/Abr 78; Artigos semanais, como colaborador

permanente do “Correio da Manhã”, no Suplemento Literário de sábado (Rio, 1970). Comandar é decidir: “Letras em Marcha”; O capitão-chefe é líder: Conferência na EsAO (1983). (Esta lista é parcial e até 1983).

General Dilermando Carlos Soares Adler

Comandou a 6ª DE de 11 de julho de 1998 a 9 de maio de 2000. Nasceu em Cachoeira do Sul em 18 de agosto de 1940. É filho de Cydemundo Oscar Adler e de D. Ady Soares Adler. Casou com D. Marília Mothci Adler, de cujo consórcio nasceram Ana Cristina, casada com Luiz Fernando, pais de Carolina e o filho Alexandre, casado com Daniela. O General Adler cursou a AMAN, 1959-61, a EsAO, 1971, a ECEME, 1975-77 e no exterior o Curso Superior de Estado-Maior no Exército Italiano, 1985-86. Cursou Administração de Empresas e fez pós-graduação em Gerência Empresarial. Comandou subunidades dos 3° GAC AP e 13° GAC. Foi instrutor de Artilharia na EsAO, 1972-74 e Oficial de Estado-Maior das 3ª DE, AD/3, 11ª Brigada de Infantaria Blindada, 6ª DE e EME; foi Chefe de Gabinete da Escola Nacional de informações, 1979-81, Assistente-Secretário dos generais Manoel Augusto Teixeira, Paulo Neves de Aquino e Tamoyo Pereira das Neves, e assistente da 1ª Subchefia do EME. Comandou o Colégio Militar de Porto Alegre, 1988-89. Foi assistente do Ministro do Exército Gen Ex Carlos Tinoco Ribeiro Gomes. Como oficial-general comandou a AD/5 em Curitiba, 1993-95, a AD/6 – AD Marechal Gastão de Orleans, 1995-97, Diretor de Armamento e Munição (DAM), 1997-98 e foi comandante de 6ª DE. Foi Vice-Chefe de Ciência e Tecnologia, quando passou para a reserva, ao final de 2000. Foi delegado do Exército Brasileiro junto à Conferência dos Exércitos Americanos, na Argentina, em 1987.

OS PROFESSORES DO CASARÃO DA VÁRZEA DE 1885 A ATUALIDADE

Aqui, a nossa homenagem a todos os professores responsáveis pela formação dos alunos em todas as escolas que funcionaram no Casarão da Várzea.

Foi difícil se levantar com precisão, por carência de fontes históricas, os que ali lecionaram de 1885 a 1911. Aqui tentaremos reconstituir alguns nomes de professores deste período. Merece destaque inicial o então capitão **José Caetano de Farias** (ao lado), que a seguir destacaremos.

Foi professor de Matemática Superior em Porto Alegre de 1878/88, no palacete da Baronesa e depois no Casarão da Várzea, como tenente e capitão. Ele exerceria, como Chefe do Estado-Maior do Exército e Ministro da Guerra de 1910-1918, notável ação reformadora do Exército Brasileiro moderno, desdobrado em três dimensões: o Exército de Paz, o de Manobras e o de Guerra.

Em sua administração, com a adoção do Serviço Militar Obrigatório em 1816, como Sorteio Militar, o soldado deixou de ser profissional desconsiderado pela sociedade para ser um soldado que cumpria um dever cívico para com a defesa do Brasil. Sorteio Militar que abordamos em artigo "Os 70 anos do Sorteio Militar", na Revista ***A Defesa Nacional*** nº 729, Jan/Fev 1997.

Em sua administração foi extinta a Guarda Nacional, em 1918, e passaram ao controle do Exército, como Reserva, todas as polícias militares.

E mais, por um fato relevante e pouco ressaltado. Ou seja, agasalhar a sua sombra de indiscutível autoridade profissional à ação revolucionária doutrinária militar dos **"Jovens Turcos**" sob o lema: **Rumo à Tropa** – através da Revista ***A Defesa Nacional,*** que fundaram em 1913, e direta-

mente como instrutores em algumas unidades da Vila Militar. Referendou como Ministro da Guerra, em 25 de outubro de 1914, a declaração de Guerra do Brasil à Alemanha, tendo antes enfrentado a Rebelião de Sargentos de 1915 e a Revolta do Contestado em Santa Catarina e Paraná de 1914 a 1916. Promovido a Major, em 27Abr1894, foi enviado secretamente a Porto Alegre pelo Marechal Floriano Peixoto com a missão de observar com a maior imparcialidade a situação política no Rio Grande, e a relatar. O Major Caetano veio ao Sul e relatou ao Marechal Floriano:

"Existem três partidos. O mais numeroso e o mais forte é o de Gaspar Silveira Martins, mas composto de republicanos, sobretudo de monarquistas. O segundo é o de Júlio de Castilhos. É menor que o primeiro, mas é coeso, disciplinado e composto exclusivamente de republicanos. O terceiro, que está no poder, é muito fraco e só sobrevive das divergências dos outros dois".

Floriano Peixoto decidiu apoiar Júlio de Castilhos.

A seguir, o Major Caetano de Farias participou do esquema militar para a derrubada do ilegítimo "Governicho" e reposição de Júlio de Castilhos no governo do Estado, para o qual havia sido eleito. Ação que consistiu em assumir o controle dos Correios e Telégrafos por três dias até a consumação da restauração de Júlio de Castilhos.

Entre seus colegas passou a ser chamado de "Florianinho". Realizamos estudo biográfico sobre este ilustre chefe na Revista ***A Defesa Nacional*** nº 724, Mar/Abr 1986 p. 93/124, merecendo destaque suas notáveis realizações no Exército, como Chefe do Estado- Maior e Ministro da Guerra.

Ele foi casado com uma gaúcha da família Andrade Neves.

Foram professores no período de 1885 a 1898 e depois de 1903 a 1911 os seguintes professores, que lecionaram na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, conforme levantamos na obra ***Escolas Militares de Rio Pardo 1858/1911*****:**

Cap Dr. Amphilócio de Azevedo – Matemática
Cap Dr. Sérgio de Oliveira – Álgebra

Cap Dr. Marques Guimarães
Cap Dr. Hipólito das Chagas Pereira – Geometria
Cap Dr. José Rafael de Azambuja – Ciências
1º Ten Joaquim Vasconcelos – Adj Ciências
1º Ten André Trajano de Oliveira
Eram instrutores:
Ten Morais Castro – Esgrima
1º Ten Teófilo Ângelo das Neves – Infantaria
Cap José Rodrigues das Neves – Armamento
Cap Cav João Cezimbra Jacques – Cavalaria

Capitão João Cezimbra Jacques – Cavalaria

Este merece um destaque especial por haver sido eleito Patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) por proposta do tradicionalista, historiador e poeta Cel PMRS Hélio Moro Mariante, nosso 1º Vice-Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS e patrono de cadeira especial, dedicada à Brigada Militar do RGS, na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB).

Sobre Cezimbra Jacques, Bertoldo Klinger, em suas memórias desta Escola, publicada em nossa citada obra, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, ***Escolas Militares de Rio Pardo...*** ele assim escreveu:

"De Cezimbra Jacques se dizia que vez por outra armava barraca no fundo do pátio da Escola e ali passava dias com o cavalo à soga, churrasqueando e mateando".

Transferido para Porto Alegre, ele fundaria, em 22 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho, com a ajuda de alunos da Escola Preparatória e Tática, de Porto Alegre, transferida de Rio Pardo para o Casarão da Várzea.

Escrevemos sobre ele sob o título ***O pioneirismo do Exército no Movimento Tradicionalista Gaúcho*** na

revista ***A Defesa Nacional***, nº 793 – Jan 1993, e antes no **Noticiário do Exército** nº 8.464, de 10 Jul 1993.

Ampliou este estudo o Cel Leonardo Araújo, sócio efetivo do IHTRGS e correspondente da AHIMTB em plaqueta intitulada ***João Cezimbra Jacques*.**

Aos 18 anos Cezimbra Jaques combateu na Guerra do Paraguai, no 2º Regimento de Cavalaria. Era filho de Santa Maria, onde nasceu em 13 Nov 1849.

Cezimbra Jacques faleceu em 28Jul1928, no Rio de Janeiro. A pedido, pesquisando, descobrimos o destino dos restos mortais de Cezimbra com o auxílio do tradicionalista membro da sociedade Sul-Rio Grandense, no Rio de Janeiro e do IHTRGS, Ruy Paulo Dziobrzrinski.

O óbito de Cezimbra foi lavrado sob o número 242 e seus restos mortais trasladados para Porto Alegre em Ago 1927, com a guia nº 406.

Em Porto Alegre não se conseguiu, até o presente momento, saber quem o levou e onde foram depositados seus restos mortais.

O Ten Cel Cezimbra Jacques, instrutor de Cavalaria em Rio Pardo e Porto Alegre, consagrou-se como notável escritor regionalista, conferencista, indigenista, professor e instrutor. Ele falava francês, guarani e kaingangue.

Foi instrutor militar de um Instituto transformado em Colégio Estadual, o Júlio de Castilhos (Julinho), onde estudaram alguns dos fundadores do GTG 35, que daria origem ao atual Movimento Tradicionalista Gaúcho. Cezimbra fundou o Grêmio Gaúcho em 22 Mai 1898, segundo o Cel Araújo, no Casarão da Várzea, no ano do fechamento da Escola Militar do Rio Grande do Sul, para transferir seus alunos para a Escola de Rio Pardo. Dado constante em livro de Efemérides dão como Cezimbra haver sido desligado de lente (professor) no Casarão em 1901, quando foi transferido para a reserva.

Os professores do Casarão e a Escola de Engenharia da UFRGS

Foram professores no Casarão da Várzea os seguintes professores. Participaram da fundação da Escola de Engenharia de Porto Alegre em 1897 os três primeiros.

João José Parobé

Otávio Rocha

- Juvenal Otaviano Müller
- João José Pereira Parobé
- Cap Art Manoel Theófilo Brasil Viana, em 1885
- Otávio Francisco Rocha, o notável prefeito de Porto Alegre, foi aluno e professor da Escola Militar no Casarão da Várzea;
- João Simplício Alves de Carvalho.

Ex-professores do CMPA de 1912 a 1938

A seguir, o quadro de professores do Casarão de 1912 à atualidade, levantado pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, mais uma vez parceiro em mais esta obra.

Nome	Posto	Disciplina
Adolpho Carneiro da Fontoura	Cel	Francês
Alcides de Oliveira Fabrício	Ten Cel Ref	Geometria
Alcides de Souza Ramos	Cap	Inglês
Antonio de Carvalho Lima	Maj Ref	Francês
Aristides Prado	2º Ten	Mestre
Athayde da Costa Galvão	Maj Ref	Geometria

Cassilandro de Oliveira Vernes	Cap Ref	Inglês
Cassilandro de Oliveira Vernes	Cel	Inglês
Conrado Félix Serra Sampaio	Cel	Português
Creso de Barros Jorge Monteiro	2º Ten	Mestre
Diogo Martins Ferraz	Cel Dr	Ciên. Físicas
Eduardo Marques de Souza	Gen Ref	Inglês
Eulálio Franco Ribeiro	Cap	Tiro ao Alvo
Francisco Sérgio de Oliveira	Gen Ref	Álgebra
Gonçalo Correia Lima	Cel	Português
Humberto Arêas Pimentel	Ten Cel	Inglês
Hymeneu da Cunha Louzada	Maj Ref	Matemática
Jayme da Costa Pereira	Ten	Desenho
João Alcides Cunha	Ten	Português
João Antonio de Moura e Cunha	Cel	Esp./Alemão
João Dionysio da Silva Pereira	Ten Cel Ref	Matemática
Jocelyno Pacheco de Assis	Cap	Matemática
José de Assis Brasil	Gen Ref	Desenho
José Ignácio da Cunha Rasgado	Cel	Ciênc./Topog.
José Rafael Alves de Azambuja	Cel	Fís./Quím.
Juvêncio da Silva Gomes	Cel Dr	Geografia
Lafayette Cruz	Maj Ref	Hist./Geografia
Lauro de Oliveira Pimentel	2º Ten	Hist./Geografia
Leonardo Ribeiro da Silva	Cap Ref	Português
Luiz Gonzaga Borges da Fonseca	Cel	Desenho
Mário Cruz	Cel	Ciências
Narciso Peixoto Lopes	Cel	História
Octavio Pacifico Furtado	Cel	Ciên. Naturais
Otacílio de Oliveira	Maj Ref	Matemática
Plínio Pereira Alves	Cap Ref	Matemática
Rômulo Telles Pessoa	2º Ten	Matemática
Tharcillo Franco Tupy Caldas	Ten Cel Ref	Geografia
Waldemar Kholer Riedel	2º Ten	Esgrima

Ex-professores da EPPA de 1939 a 1961

Nome	**Posto**	**Disciplina**
Ademar Dias da Costa	Cel	Matemática
Adroaldo Argeu Alves	Ten Cel	Matemática
Adyr de Carvalho	Cap	Desenho
Affonso da Cunha Mesquita (Gen)	Maj	Matemática

Adhemar Dias da Costa	Cel	Desenho
Alberto Marinho	Maj	S/ informação
Alcides Oliveira	Cel	S/ informação
Alfredo Carlos Teixeira Leite	Maj	História
Altino Berthier Brasil	Maj	Francês
Antonio Alves Alves	Maj	Geografia
Aparício de S. Branco	Maj	Biologia
Aramis Camargo de Lemos	Maj	Matemática
Army Alves de Alves	Maj	Desenho
Artur Mascarenhas Façanha	Cap	Matemática
Aurélio da Silva Py (Gen)	Ten Cel	Química
Calimério Nestor dos Santos Filho	Cel	S/ informação
Carlos Vanário	1º Ten	Espanhol
Carlos de Oliveira	Cel	Desenho
Daniel Monteiro	Cap	Matemática
José Joaquim de Andrade Neves	Civil, Dr.	Música
Leopoldo Henrique Reuter	Civil, Dr.	S/ informação
Manuel Carlos Barcelos Furtado	Civil, Dr.	S/ informação
Paulo Setembrino de Carvalho	Civil, Dr.	História
Eduardo Martins Müller	Ten Cel	Inglês
Edward Cunha Mendonça	1º Ten	Português
Emanuel Tácito Teixeira	Maj	Inglês
Emílio Ribeiro da Silva	Ten Cel	Português
Enapino Brusque B. de Andrade	Ten Cel	Geografia
Eurico de Souza Gomes Filho	Maj	Matemática
Eurico Muzzel de Farias	Ten Cel	Matemática
Expedito O. Pimenta	Maj	História
Fernando de Moraes Vernes	Ten Cel Dr.	Geografia
Fernando Pons	Maj	Física
Flaviano de Matos Vanique	Cel	Desenho
Gilberto Marinho	Ten Cel	Francês
Guarani Frota	Maj	Educ. Física
Hélio Prates da Silveira	Cap	Matemática
Himeneu da Cunha Louzada	Cel	Matemática
Humberto da Cruz Cordeiro	Cel	História
Ildefonso Escobar	Cap Res	História
Israel Ramiro Souto (Gen)	Ten Cel	Geografia
Jaguarê Teixeira	Cap	Matemática
Jaci Antonio Louzada Tupi Caldas	Dr.	Química
Jacinto Maria de Godoy	Maj	Francês

Jacob Santana Aúde	Ten Cel, Dr.	Química
João Alcides Cunha	Cel	Geografia
João de Macedo Linhares	Ten Cel	Desenho
João José Ribeiro Jr.	1º Ten	Desenho
Joaquim Luiz Amaro da Silveira	Maj	Geografia
Jorge Braga Pinheiro	Ten Cel, Dr.	Física
Jorge Carlos Antunes Daudt	Maj, Dr.	Biologia
José Cairoli	Maj	Espanhol
José Carlos Fialho Rodrigues	Civil	Ciências
Júlio de Castilhos C. de Medeiros	Gen	Português
Léo Acyr Ferreira	Maj	Química
Luiz Gonzaga Borges da Fonseca	Cel	Desenho
Mário Cruz	Cel	Matemática
Mário Dias de Castro Vergara	Prof. Dr.	Química
Mário Flores	Cap	Português
Morenci do Couto e Silva	Maj	Português
Ney Bernard	Dr.	Matemática
Ody S. dos Santos	Maj	Francês
Olinto Arami Silva	Ten Cel	História
Oscar Rebelo Miranda	Ten Cel	Matemática
Osório Tuiuti de Oliveira Freitas	Ten Cel	Filosofia
Otacílio de Oliveira	Cel	Matemática
Pedro Einloft	Cap	Matemática
Rodolfo Lemos de Melo (Gen)	Ten Cel	Geografia
Rômulo Teles Pessoa	Cel	Matemática
Ruy Carvalho Gonçalves	Maj	Matemática
Telino Chagas Teles (Gen)	Cel	Matemática
Túlio E. P. Perozzi	Maj	História
Vanderlei Francisco Gonçalves	Cap	Inglês

Ex-professores do CMPA de 1962 a 2008

Nome	**Posto**	**Disciplina**
Adriana Dessessarts Trinidad	Ten	Geografia
Aguinaldo Pozzes Monteiro	Prof. Civil	Química
Albino Pozzes	Prof. Civil	Português
Alceu Benvenutti Kremer	Cel	Biologia
Alexandre René W. Mascarello	Cel	Matemática
Alfredo Carlos Teixeira Leite	Cel	História
Altino Berthier Brasil	Cel	Francês

Anacleto Ferreira Porto	Prof. Civil	Química
Andréa Bueno Montenegro	Profª Civil	CFB
Antonio César T. de Moraes	Cel	Matemática
Antonio Messias Alves Gazal	Cel	Geografia
Aramis Camargo de Lemos	Cel	Desenho
Aramy Alves e Alves	Cel	Desenho
Artur da Silva Lisboa	Cel	História
Auri Eduardo Reolon	Cel	Matemática
Ayda Maria Vassali	Profª Civil	Psicóloga
Bernardino da Rocha Brandão	Cel	Desenho
Carlos Alberto Folchini	Prof. Civil	Biologia
Carlos Alberto Marcon	Cel	Química
Carlos Alberto Viana Herédia	Prof. Civil	Matemática
Carlos Gilberto Coelho Favilla	Prof. Civil	Física
Carlos Itaroty Della Nina da Silva	Cel	OSPB/EMC
Célia Regina Rodrigues	Ten	Espanhol
Cirino Machado de Oliveira	Cel	Português
Cláudia Eluza	Ten	Psicóloga
Comercindo Castanheira Pereira	Prof. Civil	Desenho
Darcy Jorge Camillo	Cel	Biologia
Débora Clementina D. Gonçalves	Profª Civil	Português
Edward Cunha Mendonça	Cel	Física
Edmundo Valeriano Santos	Cel	História
Eduardo Emílio Maurel Müller	Cel	Matemática
Enio Meissner	Cel	Física
Ernani Medaglia Muniz Tavares	Cel	História
Fernanda Marx	Ten	Inglês
Fernanda Menna Barreto	Ten	Inglês
Flávio Santos da Rosa	Cel	Português
Fortunato William Álvares Santana	Cel	Matemática
Gabriel Mayer	Prof. Civil	Inglês
Galeno Pianta Junior	Cel	Matemática
Geraldo Beyer Machado	Prof. Civil	Química
Geraldo Figueira Ruggeri	Cel	Química
Geraldo Lauro Marques	Cel	Filosofia
Gilberto Moreira	Prof. Civil	Química
Giovani Mascarenhas	Major	Orient. Educ.
Heitor D'Ala Costa	Prof. Civil	Português
Helio Casimiro	Cel	Português
Hélio Newmann Sant'Anna	Ten Cel	Português

Hélio Prates da Silveira	Cel	Matemática
Irajá do Nascimento Filho	Prof. Civil	Física
Ivo Benfatto	Cel	Português
Ivo de Castro Constantino	Cel	Português
Jaguaré Teixeira	Gen	Matemática
João Baréa	Prof. Civil	Geografia
João Gilberto Cardozo César	Prof. Civil	Química
João Pessoa R. Moreira	Cel	Geografia
Ejoão Uchoa Menegatti	Cel	Português
Joaquim Franzoni Duarte	Cel	Inglês
Joaquim Pedro de A. Vieira	Cel	Inglês
José Cairoli	Cel	Português
José Carlos Fialho Rodrigues	Prof. Civil	Biologia
José Alberto Moreno	Prof. Civil	Geografia
José Antonio Silva de Oliveira	Cel	Geografia
José Celso Bortoluzzi da Silveira	Prof. Civil	S/ informação
José Fernando de L. Miranda	Prof. Civil	Literatura
José Mário Borges da Costa	Cel	Desenho
José Roberto Porto Simões	Cel	Física
Leonardo Roberto C. de Araújo	Cel	Matemática
Lucas Schwartz	Prof. Civil	Português
Luciano Márcio Prates dos Santos	Cel	História
Luiz Carlos Bado Bittencourt	Cel	História
Luiz de Souza Vignolo	Cel	História
Luiz Edmundo T. da Fontoura	Cel	História
Luiz Niuton Albuquerque	Cel	Português
Luiz Sérgio Machado Tourinho	Cel	OSPB/EMC
Marco Aurélio Müller	Cel	História
Marcos Dias de Castro	Prof. Civil	Física
Marcos Dias de Castro Vergara	Prof. Civil	Química
Maria Ângela Paiva Maurmann	Prof. Civil	Inglês
Maria Cristina Lisboa Gaspar	Prof. Civil	Português
Maria Teresinha Eloy da Silva	Prof. Civil	Biologia
Marino Zambonato	Cel	Inic. ao Trab.
Mário Elias Porciúncula	Cel	Português
Mariza Druck Sant'Anna	Prof. Civil	Geografia
Matias Moreira Matias	Cel	Desenho
Nathaniel Gomes Álvares	Cel	Física
Nara Brasco Pampaneli	Prof. Civil	Português
Newton Cunha Müller	Cel	Matemática

Ney Moraes Fernandes	Gen	Matemática
Nilton Fernando Rocha Hack	Prof. Civil	Matemática
Paulo Sérgio Fioravante Jardim	Prof. Civil	História
Pedro A. de Marsillac Motta Neto	Cel	Desenho
Pedro Miron Shneider	Prof. Civil	Português
Pedro Rosa Filho	Prof. Civil	Biologia
Pedro Schram Escobar	Cel	História
Raul Dias Torres	Cel	Geografia
Raul Fernando M. Regadas	Cel	Desenho
Raul Nunes dos Santos	Cel	Biologia
Roberto Otto Popien	Cel	Inglês
Romeu Klein	Prof. Civil	Ens. religioso
Sérgio Pedrinho Minúscoli	Prof. Civil	Português
Tânia Marra	Profª civil	Português
Vandoir Stormowski	Ten	Matemática
Vera Maria Troglio Sponchiado	Profª civil	Ed. Artística
Vicente Henrique B. Saldanha	Prof. Civil	Inglês
Vilmar Ramos de Bittencout	Prof. Civil	Biologia
Volney Trevisan	Cel	Desenho
Wilmar Penha Rodrigues	Cel	Biologia
Wolney Silveira Wieczoreck	Ten	Educ. Física
Walter Nei Pereira	Maj	Matemática

ATUAIS PROFESSORES (AS)

Cadeira de Português

Cel RAPHAEL ORTIZ DE SANT´ANNA
Cap ALEXANDRE JOSE KOWALSKI DE OLIVEIRA
Cap CÉLIA CÂMARA DE ARAÚJO
Cap ENEIDA APARECIDA MADER
Cap HELITON DE OLIVEIRA DOMINGOS
Ten SABRINA ARAÚJO PACHECO
ANA MARIA WEBSTER DE LUCENA
CLÁUDIA MARIA MARTINS FARIAS DE MELLO
EDNA CALIL VAZ VERARDO DOS SANTOS
MARIA APARECIDA MARTINS KUYVEN
ROSA MARIA MORSCH

Cadeira de Literatura

Cap ELIANE PADRÃO OLIVEIRA

IONE MARIA RICH VINHAIS
MARIA IZABEL DA SILVEIRA

Cadeira de Educação Artística
Ten VINICIUS LAPENTA DA CUNHA

Cadeira de Matemática
Cel SÉRGIO LUIZ GAUER
Cel R/1 HIRAM REIS E SILVA
Cap ANTÔNIO CARLOS PEREIRA COSTA
Ten ROSANE RATZLAFF DA ROSA
ALEXANDRE LEIRIA MACHADO
ALMIRO RODOLFO KMENTT VIANA
ELISA MARIA ALMEIDA BRITES
JOSAINE DE MOURA PINHEIRO
LAUDELI MARTINHO FURLAN
LENICE MIRANDOLA DA ROCHA
LUIZ ALBERTO PRATES PICCOLI
NARA SILVIA TRAMONTINA ZUKAUSKAS
ROGÉRIO RIBEIRO
UBIRAJARA VALDUGA VASSEUR

Cadeira de Desenho
Cel GILBERTO MACHADO DA ROSA
Ten ALCEU FERREIRA JÚNIOR

Cadeira de Informática
MARCELO IZERHARDT RITZEL

Cadeira de Ciências Físicas e Biológicas
Maj AIRTON FERRUGEM DOS SANTOS
Maj DERLI GONÇALVES DA SILVA
Cap ORLANDO VIEIRA FURTADO FILHO
Cap FABIANO FERREIRA ANTUNES
Ten LÉA APARECIDA BENDIK RECH
Ten MARIANE CASTRO DA SILVA
ANTONIO CARLOS PAIM
CARLOS ALBERTO GENZ
CÉRES MUNIZ CAON
LETÍCIA BECKER HOMRICH

Cadeira de Física
Cel DEOCLECIO JOSÉ DE SOUZA
Cap LUCIANA MOREIRA PIMENTEL
JOÃO CARLOS PINHEIRO BECK
LUIZ CARLOS GOMES
MARIA HELENA GRAVINA

Cadeira de Química
Cap SANDRA VALERIA MENDES DE MORAES
CARLOS ODONE DA COSTA NUNES
LUCIANE LEMOS MONTEAVARO
MARIA INÊS SOARES MELECCHI

Cadeira de História
Cel LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
EVA ESPERANÇA GUTERRES ALVES
MARTA IVONE GONÇALVES DA SILVA
PATRICIA RODRIGUES AUGUSTO CARRA
PAULO SÉRGIO FIORAVANTE JARDIM
PIERRE GABRIELLI BEDIN
RICARDO ARTHUR FITZ
SILVANA SCHULLER PINEDA

Cadeira de Filosofia/Sociologia
Cap RONALDO QUEIROZ DE MORAIS
Ten TIAGO ZILLI

Cadeira de Geografia
Maj MARCIO FENILI ANTUNES
Cap RICARDO MARTINS DE FREITAS
Ten PAULO SÉRGIO VIEIRA SINDEAUX
IGNEZ CANOZZI SANT'ANNA
JOSÉ TORRES RONNA
MARIA TEREZINHA DALBEM STROPPER
SÉRGIO MEIMES

Cadeira de Educação Física
Cel JOÃO BATISTA CARNEIRO BORGES
Ten CLÓVIS RODRIGUES JUNIOR
Ten SÉRGIO BARBOSA NETO

CLÓVIS RODRIGUES
GUSTAVO OTTO AQUERE HAGEN
HÉLIO RICHE BANDEIRA
HÉRCULES LUIZ VENZON
JOÃO BATISTA DOS SANTOS
LAETITIA CATARINA STRELAU ROSA
RICARDO DE ALMEIDA CASTILLO
SUZANA DE SOUZA GUTIERREZ
SUZANA MARIA SCHIEFFERDECKER SOMMER

Cadeira de Inglês
Cap MARCO ANTÔNIO ESTEVES SERPA
Cap PATRÍCIA FLASMO DE OLIVEIRA
Ten ANA RITA DE AVILA BELBUTE PERES
Ten FABIANE CATARINE DUTRA
ANA LÚCIA WACLAWOVSKY
CARLOS FERNANDO HOERLLE FILHO (à disposição da Biblioteca)
CÁSSIA MARQUES SERPA
GISELE PANDOLFO BRAGA
MARCOS LOVATO
MARIA CLARA CORSINI SILVA
MARIA DE LOURDES SILVA CHRISTELLO
ROSALINA DONADIO FRANCO

Cadeira de Espanhol
Ten CÉLIA REGINA RODRIGUES
Ten MÁRCIA DE BARCELOS LONDERO
ANA LUIZA RODRIGUEZ ANTUNES

Prevest (Pré-vestibular)
Cel ALCEU FERREIRA
Maj RODRIGO HENQUE GONÇALVES
Ten JORGE NAZARENO BATISTA MELO
Ten RONALDO TOMAS DORIGON
ANA LUIZA RODRIGUEZ ANTUNES
ANGELA SCHENEIDER ALBUQUERQUE
CYNARA CHEMALE KESSLER
DIEGO PAUTASSO
GERALDO BEYER MACHADO

GUSTAVO QUEVEDO CARVALHO
HELENA FRIEDRICH
JÉSURA LOPES CHAVES
MARCIA DE MELO BRAGA
MARCOS VINICIUS MILAN MACIEL
REJANE ROLIM AZAMBUJA
ROSE MAY NACUL BERTHIER

Sub-direção de Ensino
Maj LEANDRO DALBOSCO MACHADO

Supervisão Escolar
Maj MAURÍCIO DANIEL DA SILVA
Ten ALICE ROSANE BRUM SEVERO

Secção Psico-Pedagógica
Ten SANDRA RATZLAFF
MARIA LEONIA CALVARIO VARGAS HERZER
CRISTINA KASZUBA DE FREITAS
CRISTINA KREMER

AS ORIGENS DOS COLÉGIOS MILITARES NO BRASIL

As origens dos Colégios Militares remontam ao ano da Proclamação da República quando, por proposta do Ministro da Guerra, senador Thomaz Coelho, foi criado através do Decreto Imperial nº 10.220 de 09 de março de 1889, o então Imperial Colégio Militar, atual Colégio Militar do Rio de Janeiro. O CMRJ, segundo seu fundador, em seu relatório de 1889, como Ministro da Guerra, destinava-se a atender ao seguinte propósito estratégico:

"Proporcionar aos filhos de militares ativos, inativos e honorários do Exército e da Marinha, e aos civis que desejem seguir a carreira militar, os meios de receberem instrução que em poucos anos lhes abram as portas das Escolas Militares do Império".

As escolas militares funcionavam em Fortaleza, na Praia Vermelha (Rio) e no Casarão da Várzea, hoje caserna do CMPA. A última foi objeto de magnífico trabalho do professor Laudelino Medeiros, em ***Escola Militar de Porto Alegre*** (1853 -1911) que também abordamos em ***Escolas de Formação de Oficiais das FFAA*** (Rio, FHE-POUPEx, 1987).

O livro do professor Laudelino foi contribuição da UFRGS em 1992, e não deve ser desconhecido das sucessivas turmas egressas do CMPA. O ensino do CMRJ em 1889 era gratuito para filhos de militares e cobrado para os civis. Funcionava como internato e externato, e seus alunos formavam uma unidade militar que obedecia em tudo os regulamentos do Exército, salvo o que não fosse praticável em função da idade dos alunos.

O atual prédio central do CMRJ, onde ele teve início, foi adquirido com recursos fornecidos pelo Conselho do Patrimônio do Asilo Inválidos da Pátria, unidade militar que por muitos anos amparou velhos soldados invalidados em guerras travadas pelo Brasil. Ficava na Ilha do Bom Jesus.

O CMRJ é chamado carinhosamente de Casa de Thomaz Coelho, hoje Denominação Histórica, em homenagem ao seu idealizador e fundador. E pai, igualmente, da idéia vitoriosa dos colégios militares, que se espalham pelo Brasil, e que tem merecido especial atenção do comando do Exército, como uma forma de prestar também, assistência social e educacional à família brasileira, visando minorar efeitos das proibitivas mensalidades escolares da rede privada e deficiência da rede pública.

Penso que não só o CMRJ deve ser considerado a Casa de Thomaz Coelho, mas também os demais Colégios Militares. E vou mais longe! Talvez fosse o caso de se considerar a hipótese de Thomaz Coelho vir a ser consagrado como o patrono dos Colégios Mi-

litares, da mesma forma como os CPOR consagraram o Major Correia Lima extra-oficialmente, aguardando sua oficialização.

Assim, é de justiça evocar-se para os Colégios Militares do Brasil:

Thomaz José Coelho (1839-1895). Nasceu em Campos-RJ, em 28 de novembro de 1839, quando ia acesa e viva a Revolução Farroupilha na Província do Rio Grande de São Pedro. Escola esta que foi um celeiro de presidentes da República, como também o foi o CMPA. Thomaz Coelho militou no Partido Conservador. Foi deputado e senador pelo Rio de Janeiro (1872-87). Foi Ministro da Agricultura do gabinete chefiado pelo Duque de Caxias (1875-78), quando realizou obras marcantes, como a criação da Inspetoria de Imigração e Colonização. Dirigiu o Banco do Brasil.

Faleceu em 20 de setembro de 1895, cerca de um mês após ser celebrada, em Pelotas, a Paz que pôs fim à Guerra Civil (1893-95), que enlutou a Região Sul, período em que o velho Casarão da Redenção fechou suas portas e seus alunos foram lutar como, por exemplo, Plácido de Castro, o Libertador do Acre.

O discurso inaugural do Colégio Militar do Rio foi feito por seu primeiro professor, o Barão Homem de Mello, que havia presidido o Rio Grande do Sul e ajudado o General Osório a mobilizar o 3º Corpo de Exército para a Guerra do Paraguai. Foi também ministro da Guerra Interino em 1881, grande historiador e o primeiro biógrafo do general Andrade Neves. Faleceu em Itatiaia em 1918 onde é o meu patrono (Cel Bento) de Cadeira na Academia Itatiaiense de História, que fundamos em 1992. Era filho dos barões de Pindamonhangaba, cujo pai era irmão do comandante da Guarda Imperial que testemunhou o Brado de "**Independência ou morte!**" do Príncipe Dom Pedro em 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga.

LEMBRANÇAS DO CASARÃO DA VÁRZEA POR EX-ALUNOS MEMBROS DA AHIMTB

Recordações da inesquecível Escola Preparatória de Cadetes em 1939
Jarbas Passarinho

Ao lado, foto do aluno Jarbas Gonçalves Passarinho que, na foto de baixo, é o primeiro à esquerda, da primeira fila do conjunto de alunos representantes de cada unidade da federação onde nasceram. Foi a melhor foto conseguida do arquivo familiar do Cel Passarinho. (Fonte Arquivo fotográfico familiar do Cel Jarbas Passarinho).

Em 1939, inscrevi-me no Rio de Janeiro em concurso universal para ingresso na Escola Preparatória de Cadetes, também realizado em Salvador e Porto Alegre. A escola fora criada naquele ano, no "Casarão da Várzea" em substituição ao Colégio Militar, constando de três anos correspondentes ao 2º grau de hoje. Fui cursar o terceiro ano, a título de revisão, pois completara, em Belém do Pará, o Colégio Paes de Carvalho, aluno que fora do Ginásio e do Colégio, dois anos no curso Pré-Politécnico. Vinha de um educandário tradicional no Pará, mas onde prevalecia a indisciplina do Corpo Discente, que em 1932 participara de uma aventura armada solidários com São Paulo, e com os fuzis furtados do Tiro de Guerra. Eles chegaram a dominar Belém, cujas tropas federais e estaduais haviam sido deslocadas para combater, em São Paulo, a Revolução Constitucionalista.

Os estudantes universitários dominaram, inclusive, a cidade durante a noite. Frustrados ao tentar conquistar o quartel do Corpo de Bombeiros, foram vencidos ao amanhecer, e silenciada a metralhadora deixada num dos quartéis da Polícia Militar. E foi morto o seu atirador, um aluno do 4º ano do Ginásio. Faço este preâmbulo para salientar a natureza da adaptação que me esperava na Escola Preparatória de Cadetes (EPC), cujo Corpo de Alunos era constituído pelos aprovados no concurso, ex-alunos de Colégios Militares, praças do Exército e da Aeronáutica e civis. Em Belém, era comum nós, ginasianos, participarmos de greves e os professores faltarem nos horários de suas aulas.

O Exército mandou-nos do Rio para Porto Alegre por navio da famosa Companhia de Navegação Costeira, presidida pelo empresário Henrique Laje, que se tornaria, por sua ligação com a Escola Militar, oficialmente o cadete de número 1.

Ao aportar no cais do rio Guaíba, recebi de um sargento, a minha primeira lição militar. Foi o número 165, de matrícula e a ordem de, se chamado pelo número, responder pelo nome de guerra, que eu escolheria dentre meus nomes de família que constavam de minha incorporação e vice-versa.

Não sabia eu o que era nome de guerra e preferi utilizar meu sobrenome, o que me causou o primeiro contratempo, pouco depois, na Revista do Recolher.

Na minha Companhia, a 2ª, um tenente fazia a chamada. Ao chegar ao número 165, respondi: Passarinho! O tenente elevou o tom de voz e voltou a chamar 165, ao que repeti, também alteando a voz, certo de que ele não me ouvira antes:

- Passarinho!

Então, o Oficial, irritado, gritou comigo: *"Mandei ensinar que respondesse pelo nome de guerra e não pelo apelido!"*

No dia seguinte, lendo o quadro de aulas, vi uma observação no todo inesperada, de que em caso de chuva, determinada instrução seria dada em local abrigado. No Co-

légio que cursara não havia quadro de distribuição e utilização do tempo e jamais, pois, previsão de mudança de local se necessário. Começava meu aprendizado castrense. Tive conhecimento dos instrutores e professores. Chamou-me atenção o coronel professor de Geometria, disciplina que fora o espantalho no Ginásio paraense. Ele tocou o quadro negro com o giz, pediu-nos para definir ponto. Juntou os pontos sucessivamente e traçou a reta e definiu-a e assim por diante toda a Geometria Euclidiana. Uma visão sucinta, mas completa do que iríamos estudar durante o ano.

Assim travei contato com o nível dos professores que nos ensinariam as matérias exigidas pelo Concurso de Admissão à Escola Militar do Rio de Janeiro. Estávamos tão bem preparados que mesmo os que haviam sido reprovados ao fim do Curso de Revisão, mas tinham o Curso Colegial necessário a prestar o concurso, foram nela aprovados no vestibular.

De outro lado, os instrutores, todos de Infantaria, deixaram-nos capazes de indicação de sargentos, se reprovados nas matérias teóricas exigidas. O índice de aprovação ultrapassou 90% dos candidatos que cursaram a EPC em revisão, o que fez com que o Ministro Dutra liberasse do exame intelectual todos os alunos das Escolas Preparatórias de Cadetes criadas posteriormente em Fortaleza e Campinas. Foi a melhor escola desse nível colegial que tive a ventura de cursar.

Nosso comandante, o coronel de Cavalaria Outubrino Antunes da Graça, foi, mais que um simples chefe, foi um educador excepcional. Soube, em pouco tempo, nos transformar em verdadeiros soldados.

Aliás, até setembro ou outubro de 1939, nossa graduação era de soldado, quando o Ministro da Guerra, General Dutra, mandou dar-nos posto hierárquico de nível de sub-tenente. Nunca houve um sargento ou cabo que nos faltasse à continência, especialmente nas ruas ao encontrarmo-nos, o que mostrou o grau de disciplina existente na guarnição de Porto Alegre.

Na formatura matinal aprendemos a cantar o Hino Nacional, presente o Comandante, sob a batuta de um maestro provido de diapasão. Vimos que, em verdade, não sabíamos cantar o nosso Hino, com os devidos acordes musicais.

Uma vez por semana, o Coronel Outubrino fazia uma preleção ao corpo de alunos, sempre discorrendo sobre um tema cívico-militar. Era ouvido com o maior respeito. Aos seus oficiais transmitia a diferença entre chefe e líder. Em pouco tempo ficamos aptos a desempenhar o exigido de sargentos no Exército.

Nas marchas longas, com equipamento e fuzil, que somavam 32 quilos, embora estafados, compreendíamos que uma das virtudes da Infantaria era não se deixar vencer pelo cansaço nem pela dor.

Em ordem unida ficamos irrepreensíveis. Pela primeira vez, a EPC desfilaria no 7 de Setembro, impecável, na avenida Borges de Medeiros, sob aplausos, ainda que ao toque de um único corneteiro.

Nas salas de aula, guardávamos silêncio e acompanhávamos as aulas de uma equipe de professores de quem teríamos saudades depois. Mantínhamos, espontaneamente, um Código de Honra em que a cola nunca foi admitida por nós mesmos.

A EPC, cuja canção foi de autoria de um de nossos colegas, marcou-nos a todos ao longo da vida, seja os militares que seguiram a carreira da armas, onde chegaram alguns ao generalato, seja dos poucos que se inclinaram por profissão civil. Num caso como no outro, estávamos armados cavaleiros moralmente íntegros e orgulhosos de servir à Pátria, em qualquer circunstância a que a vida nos submetesse.

Prezado Cel Bento: aqui pude traçar as recordações mais vivas da lembrança da inesquecível escola que a aprovação em concurso me permitiu cursar e na qual, a partir de seu Comandante, aprendi a amar o meu Brasil.

Nota: O autor é patrono em vida da cadeira 50 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Foi Go-

vernador do Pará, Ministro do Trabalho, da Educação e da Justiça, e presidiu o Senado Federal. Deixou o Serviço Ativo como Coronel de Artilharia do QEMA. Como instrutor de Artilharia seu conceito era tamanho entre os cadetes que, à sua revelia, o elegeram Patrono da Turma formada pela AMAN, o que não aceitou por questões de ética castrense. Possui a condecoração de Comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil. Foi, como cadete, o orador junto ao túmulo de Henrique Lage, consagrado como o Cadete nº 1.

Uma lembrança indelével
Coronel Ruy Collares Machado

Decorria o ano de 1957. No comando da Escola Preparatória de Porto Alegre encontrava-se o Cel Arthur Danton de Sá e Souza. Figura respeitável de chefe militar, com um halo de bondade, de simpatia, inspirador de confiança imediata e, emoldurando seus traços fisionômicos, impunha-se com facilidade. Encanecido precocemente, de sua fisionomia tranquila transparecendo sempre a serenidade, criava por reflexo em seus subordinados um sentimento de disciplina consciente, irreprimível e duradoura.

No velho Casarão da Várzea reinava pois o ambiente costumeiro de trabalho e de realizações, objetivando o aprimoramento do caráter e do saber da juventude, que ali se desenvolvia risonha e feliz.

Indo ao gabinete do Comando, certo dia, para a saudação matinal regulamentar, deparei-me com o Maj Antônio Mendes Ribeiro, que lá se encontrava com a mesma finalidade. Mendes Ribeiro era um colega dotado de uma rara personalidade. Alegre, brincalhão, contador de anedotas espirituosas e cumpridor responsável

de seus deveres, granjeava fácil a amizade daqueles que dele se acercavam. Eu me incluía neste grupo.

Cumprida a formalidade do "bom dia", descemos juntos para empreender o trajeto, que nos conduziria à sala dos professores, através do pátio.

Para surpresa minha, Mendes Ribeiro estava angustiado. Transmitiu-me o motivo de seu pesar: professor de Espanhol, em virtude da extinção desta cadeira, e na falta absoluta de professor de Química, fora designado para ministrar esta disciplina na 2ª e 3ª séries da EsPPA, em caráter precário. Afirmou-me que, a despeito de passar noites insones tentando preparar as aulas, não conseguia desempenhar-se satisfatoriamente. Daí sentar-se à beira da exaustão e estar sofrendo, minado pela amargura. Compreendi seu estado de ânimo, mas sem que ele pudesse imaginar, por uma dessas estranhas interferências de imprevisível desígnio, que não raro acontecem, estava falando com a pessoa adequada para ajudá-lo a sair da dificuldade. No anterior eu fizera o vestibular de Engenharia Civil para ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e fora muito bem sucedido. Passara em Química com nota 10 no exame escrito, e com 9,0 no oral. Sempre me dera bem com tal matéria, nas ocasiões em que a defrontara. Logo, não tive um instante de hesitação. Propus-me a assumir o ensino de tal disciplina, em seu lugar, com a condição de permanecer ministrando minhas aulas de inglês.

Meu camarada, um tanto incrédulo, pediu confirmação, o que fiz, incumbindo-o de tratar do assunto com o Comandante, levando-lhe minha proposta, que foi aceita imediatamente, para alívio de uma incômoda situação.

O Cel Sá e Souza a acolheu prazerosamente, e por dois anos letivos, 1957 e 58, exerci o novo compromisso.

Nos meus assentamentos da vida militar consta a seguinte referência, a propósito dos fatos narrados,

feita pelo então comandante interino da EsPPPA, Coronel Professor Osório Tuiuty de Oliveira Freitas, em 1958:

Com a apresentação do Maj Léo A. F. Sá Brito foi dispensado de lecionar Química o professor de inglês Ruy Collares Machado, que vinha lecionando, de acordo com a letra z) do Art. 27 do R/114, a aludida matéria. Seu espírito de cooperação, aliado às suas inerentes qualidades de professor emérito, foram penhor seguro do sucesso do ensino de Química nesta escola. A direção de ensino cumpre a grata satisfação de agradecer e louvar o Maj Collares pelos inestimáveis serviços prestados durante o período de 13 mai 57 a 14 jul 58 que lecionou com tanta dedicação e eficiência a matéria de Química para o 2º e 3º anos desta Es. (Individual).

Há, entre os livros do Antigo Testamento Bíblico, um texto de Eclesiastes, pseudônimo de Salomão, segundo alguns exegetas. Nele, se encontra a condenação da vaidade: “Vanitas Vanitatum; et omnia Vanitas”. É um severo julgamento. Nem tudo é vaidade, no entanto. Existem atitudes bem intencionadas, que visam resultados altruístas, como o bem comum e a ajuda ao semelhante nos momentos difíceis.

Vejo por este prisma a solução que resolveu o impasse, momentaneamente ocorrendo na disciplina de Química, em 1957. Por isso ela permanece indelével na minha memória. É inapagável com a tinta das obras primas dos mestres pintores do Renascimento. É uma marca da minha passagem pelo Velho Casarão da Várzea.

No ano seguinte, ao término dessa incumbência, eu me candidatei a uma vaga na Cadeira de História. Em Concurso de Títulos e Provas, com defesa de Tese no Rio de Janeiro, efetivei-me no Magistério do Exército, nesta matéria.

Foi o ato definitivo da minha vocação de professor.

Coronel Outubrino Antunes da Graça, o 1º comandante da EPPA

Pelo Acadêmico Coronel professor Rubem Barbosa Rosadas

Ao lado, o Cadete na AMAN Rubem Barbosa Rosadas, Presidente da SAM em 1948

Cheguei à Escola Preparatória de Porto Alegre aos 17 anos, oito dos quais vividos em internato marista sob regime disciplinar que me "afizeram" ao acatamento a regras.

As exigências da EPPA, por isso, se me afiguravam suaves porque isentas de fiscalização onipresente.

No entanto, o grau de emancipação experimentado me deixava insatisfeito. A ausência de referência a valores a regerem minha forma de vida me deixava, nos momentos decisórios, timidamente inseguro. Assim, o regozijo por me sentir liberado de fiscalização não me livrava de opressiva timidez. Faltava-me orientação para independência. Tal efeito era generalizado entre os alunos, embora nem tanto naqueles de famílias residentes em Porto Alegre.

A atuação esclarecida do Cel Outubrino Antunes da Graça, aliando o discernimento profissional de comandante ao zelo útil da vocação educativa tentaria nos livrar das conseqüências do descompasso vivido, procurando ultrapassar o mero treinamento de adolescentes em soldados. Visava antes estimulá-los a perseguirem a conquista da maturidade e responsabilidade que, se soldados viessem a ser, assegurar-lhes-ia manter a integridade nas adversidades. Em lugar de talhar autômatos passivamente obedientes, propunha-se a lapidar homens motivados, que conciliassem a dureza do cumprimento do dever com a serenidade ante adversidades. Sua influência era isen-

ta de afetação acadêmica e exibições eruditas. Tratava problemas corriqueiros, suas causas, variantes, efeitos e, sobretudo significados, com desvelada simplicidade. Nada de citações pernósticas, evocações exibicionistas, férulas virtuosísticas, lugares comuns inócuos, obviedades repetitivas, impostações teatralizadas.

Diariamente, à formatura inicial da jornada, fiscalizava em poucos minutos acontecimentos ou previsões que abrangiam questões éticas, sociais e psicológicas, econômicas, higiênicas, disciplinares, estudantis, afetivas, de namoros, vida conjugal etc... Certa vez surpreendeu-nos com exame da natureza, importância, riscos e conseqüências da atividade sexual, superando a obviedade maçante da que receberamos dias antes em aula programada na instrução de higiene, sobretudo pelas referências à dimensão ética do ato sexual.

Em outra ocasião ousou mesmo abordar a natureza, dificuldade, equívoco e vantagens da castidade.

Comandava ensinando-nos a comandar, pelo exemplo, graças à confiança que inspirava, à intangível evidência de seu caráter singular, à percepção de sua autenticidade, à espontaneidade de seu bom senso, à solidez de sua experiência coerente, à fidelidade às convicções próprias, à serenidade imperturbável ante decepções, ameaças e riscos, à resistência de sua força moral, ao ousado desdém pelo convencional, à retidão quanto ao bem e a verdade, à franqueza de sua comunicação, à aversão a segundas intenções, ao escrúpulo em suas decisões, à tranqüilidade na retificação de enganos, à imperturbabilidade na desventura, à firmeza de personalidade sadia, esclarecida, corajosa e modesta.

Certa vez acompanhei de perto o procedimento de um caso de apropriação indébita, a reinquirir incansavelmente o acusado, deixando a impressão que queria pilhá-lo em contradição ou descobrir como exculpá-lo. Ao termo, porém, vi que não o movia qualquer propósito policialesco. A meticulosa repetitividade não visava alcançar

a plenitude da falta, mas sim a do caráter do faltoso.

Quando o ano letivo atingia a metade um acontecimento traumatizou a normalidade dos trabalhos escolares.

Sabia-se que, à promoção ao generalato, o Cel Outubrino era o melhor cotado dos candidatos. Abaixo, outro coronel, interventor do Rio Grande do Sul, nomeado pelo presidente da República, de quem era velho companheiro desde correrias revolucionárias, disputava a cobiçada oportunidade.

Getúlio Vargas não queria faltar às esperanças do amigo nem ferir a sistemática das usanças militares e apelou por uma "parlamentação" conciliatória enviando a Porto Alegre general muito prestigiado para felicitar em seu nome o Cel Outubrino pela promoção que o atingiria. Simultaneamente transmitia o pedido do presidente a que se comprometesse que pouco tempo depois da promoção pediria passagem para a reserva abrindo vaga para a promoção do coronel "companheiro".

Constou então que o Cel Outubrino teria imperturbavelmente respondido:

"General! Faça o favor de comunicar ao presidente Presidente Getúlio Vargas que não é do meu feitio negociar minhas promoções. Se o Exército se fartou dos meus serviços não esperarei o generalato para me reformar. Assinarei hoje mesmo meu pedido de transferência para a reserva".

Amargurado com a injusta impertinência, não sucumbiu à sedução oferecida na pusilânime proposta. Imediatamente em seguida à publicação do deferimento a seu requerimento transmitiu, sem esperar a nomeação do substituto, o comando ao subcomandante e retirou-se, sem as merecidas homenagens de despedida, sem saudosas manifestações de pesar pelo afastamento, sem o consolo da solidariedade dos que ficaram, anonimamente e discreto como sempre vivera, como simples serviçal a se retirar pela porta dos fundos, empertigado pelo orgulho de não se acomodar aos poderes descabidos de poderosos.

Guardo inúmeras e expressivas lembranças saudáveis de meus tempos de EPPA, mas nenhuma sequer se aproximou das referentes ao efetivo reconhecimento pela importância tida em meu amadurecimento, a influência de meu primeiro comandante, Cel Outubrino da Graça. Ela foi que me deu a chave para ultrapassar as fanfarronadas juvenis e abriu-me a passagem para pensamentos e sentimentos amadurecidos com seus ensinamentos, exemplos e exortações.

A ele meu mais carinhoso respeito e o pedido a Deus que o conserve em sua acolhida.

Nota: Outubrino da Graça havia freqüentado a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, onde fora colega de Getúlio Vargas. E ambos freqüentavam o 2º ano por ocasião da revolta dos alunos em 3 e 4 maio de 1902 contra ato do Capitão Marcos Telles. Getúlio foi desligado junto com 30 colegas e mandado de volta para a tropa e Outubrino foi punido com 10 dias de prisão junto com o aluno Salvador César Obino, no futuro o idealizador da Escola Superior de Guerra. Entre os punidos com seis dias de prisão encontrava-se Valentim Benício. O responsável pelo incidente que puniu a metade dos alunos não foi punido, apenas censurado pelo "emprego de palavras injuriosas em emergência melindrosa". Descrevo e interpreto este episódio em Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911. Porto Alegre: Metrópole, 2005. p.111/116, rica em lições. Alunos que mais tarde atingiram altos postos como o Marechal Pantaleão Pessoa, testemunha do episódio, condenaram a atitude do Capitão Marcos Telles e o responsabilizaram pelo grave incidente. Conta-se que o adolescente Outubrino era muito valente, e que certa feita um valentão o ameaçou de dar-lhe um tiro no rosto caso ele duvidasse. E ele não acreditando ofereceu o rosto e disse: "Então atire se você é homem"! E a resposta foi um tiro que atingiu o seu pescoço o qual trazia a cicatriz desta sua louca aventura.

Minha vida na Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA)

Acadêmico Emérito Cel Prof Arivaldo Silveira Fontes

Era estudante do ginásio em Aracajú, quando ouvi falar da existência de uma Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre. Poucos dias depois os jornais deram a notícia dos exames de admissão aquela Escola, 1940. Alguns colegas do Ateneu Sergipense e outros poucos candidatos de Salvador nos inscrevemos para as mesmas através da 6ª RM (Bahia e Sergipe).

Realizados os exames, poucas semanas depois fomos convocados por aquela Região para o exame médico. Aprovado, embarquei para o Sul. Só três candidatos foram relacionados na Região. Dois eram da Bahia, o estudante Antônio Lúcio da Silva Ramos (mais tarde oficial intendente) e Carlos Aboim Costa (depois oficial de Engenharia). Só eu fui relacionado em Sergipe.

Embarcamos no vapor “Aratimbó”, com destino a Porto Alegre, sem haver conseguido do governo as passagens respectivas. Só mais tarde, já como oficial, fui indenizado, sem nenhum acréscimo, da respectiva passagem.

Ao chegarmos a Escola de Porto Alegre, fomos recebidos sob vaia, chamando-nos de “bichos” (no Nordeste usávamos a palavra “calouro” para aluno novo). Em seguida, fui vaiado novamente porque usava uma gravata esverdeada, aos gritos de bicho integralista. Ficamos adidos à 2ª Cia (aguardando matrícula), que era o início das aulas. Vimos que o ensino era muito bem cuidado na Escola.

Uma pergunta do colega Antônio Lúcio, que viera de Salvador, sobre determinado livro de Geometria, deu ao Cel Adrovaldo o nome do livro. Era o Fegemê. Surpresa geral, o livro era desconhecido de todos. Era livro usado na Escola:

“a geometria do FGM”. Houve riso geral. Não sabiam que no nordeste usávamos determinadas letras, com pronúncia com os hábitos da Escola.

Em breve tomávamos parte nas sessões da Literária e exercíamos cargo na direção na mesma.

Os anos se passaram e, no final de 1943, concluímos o curso de três anos e embarcávamos para a Escola Militar do Realengo, aguardando a abertura da escola militar em Resende.

A turma de 1941 (3ª turma da Escola Preparatória de Cadetes) assentou praça a 15 de março de 1941. Em 1941 já havia a escola de Porto Alegre. Ainda nesse ano foi criada a Escola de São Paulo (capital). E por essa razão as Escolas passaram a chamar-se Escolas Preparatórias. Em 1942, foi criada a Escola de Fortaleza. As Escolas de Cadetes surgiram com o fechamento, em 1938, dos Colégios Militares do Ceará e Porto Alegre. O Colégio do Rio não sofreu modificação. Da EPPA foram vários componentes de 1941 para o magistério militar: na própria Escola, no CMRJ, na EP/São Paulo e na EP/Fortaleza.

Em 1941 houve uma grande enchente em Porto Alegre e os alunos da Escola prestaram serviço de guarda em vários locais, ocupados pelos flagelados pela enchente. Foram elogiados em Ago1941 pela atuação junto às vítimas da enchente. Em 1941 era Interventor no Rio Grande do Sul o Cel Oswaldo Cordeiro de Farias, pouco depois nomeado Cmt da Artilharia Divisionária da FEB (Gen Bda em 1942).

Prestei compromisso à Bandeira em agosto de 1941. Era Comandante da 3ª RM o Gen Estevão Leitão de Carvalho, mais tarde Presidente da Fundação Osório.

Comandou a EPPA: 1- Cel Outubrino Antunes da Graça, que veio do CMR e depois o Cel Coriolano de Andrade, mais tarde oficial-general. Eram comandantes da Companhia os Capitães: Moziul Moreira Lima (1ª Cia), Júlio de Castilhos (2ª Cia) e Valter (3ª Cia). Depois veio o Capitão Ito Moreira Guimarães (1ª Cia). Eram auxiliares de instrutor os tenentes Viana Moog, depois Gabriel Viveiros, que seria

professor do CMRJ, etc.

A Escola tinha um selecionado corpo de professores, quase todos vindos do Colégio Militar: Cel Frota (de aritmética), o Cel Telino Chagastelles (de álgebra), o Cel Adroaldo Argeu Alves (de geometria), Cel Porce (de física), o Cel Cachapuz de Medeiros e o Cel Tuiuti de Oliveira Freitas (de português), antigo professor, autor do livro ***Osório é Tuiuti e Tuiuti é Osório*****.** Foi professor do Ministro Dutra.

Fui redator da revista HILÉIA, nos anos de 1942 e 1943.

Nota: O Cel Arivaldo foi professor de Matemática no CMRJ, dirigiu o SENAI por cerca de 10 anos e também a Fundação Osório por largo período, onde acolheu por diversas vezes reuniões da AHIMTB da qual é o seu 1º vice-presidente desde a sua fundação.

Recordações da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, 1942

Acadêmico Emérito Cel Jardro Alcântara Avelar

Tendo prestado exame para a Escola Militar de Realengo, não obtive nota suficiente em Desenho, mas ganhei a possibilidade de freqüentar a Escola Preparatória de Porto Alegre, que me propiciou nova oportunidade de obter o almejado sonho de seguir a carreira das armas. Seguindo os trâmites legais, embarquei no vapor "Araranguá", do Lóide Brasileiro, a 20 de março de 1942.

A viagem para Porto Alegre foi excitante, pois estávamos em guerra com a Alemanha, seguindo o rigoroso "Black-Out". Como oficial responsável contamos com o Major Prof. de Francês Morency, mais tarde comandante do CMRJ.

Seguiram vários jovens, quase todos cariocas e iniciamos saudável amizade. Apenas um criava "casos", merecendo o apelido de "chato-rei"...Não abraçou a car-

reira militar.

A Escola Preparatória era comandada pelo Coronel Outubrino Antunes da Graça, excelente e bom oficial. Recebeu-nos e ficou como uma espécie de relações públicas o então aluno do 3º ano, nº 29, Tesla de Medeiros, que muito nos ajudou na adaptação à vida da caserna. Recebi o nº 6, da 1ª Companhia, comandada pelo brilhante Capitão Moziul Moreira Lima, que tanto zelo e empenho teve em sua companhia denominada de **"Colibri"** e que se fazia admirada das demais.

A vida na EPPA se dividia em duas partes distintas: pela manhã, instrução militar; a tarde era reservada para as aulas de Português, Matemática e Desenho, com excelentes mestres: Telino Chagas Teles, Cachapuz de Medeiros e Adroaldo.Argeu Alves, professor de Matemática. Aos sábados visitávamos a bela capital gaúcha e freqüentávamos o célebre Café 17 – Nacional, no Centro, ponto obrigatório de reunião.

Lembro-me de belas jovens, filhas de oficiais comandantes de Companhia e outros, que amenizavam um pouco as saudades da família no Rio de Janeiro. Muitas festas, a cargo de cariocas residentes em Porto Alegre e lembro-me de uma gaúcha cujo pai era general, Altamirando Cavalheiro de Oliveira, mais tarde amiga de minha família no Rio de Janeiro.

Freqüentávamos o GRENAL, onde jogávamos vôlei e uma dupla, Tom e Jom, que fazia sucesso. O Tom é hoje o Coronel Milton Brown do Couto, mais tarde brilhante professor do CMRJ e do Colégio Palas, que fundei. Amigo até hoje!

Dos alunos gaúchos recordo-me do excelente esgrimista Torelli, campeão renomado em terras do Sul.

De minhas Alterações, com orgulho, ainda que em caráter coletivo, o primeiro elogio no Exército, demonstrando o alto nível dos alunos: como recompensa, em 13.08.1942, "por ter hipotecado sua palavra, como seria capaz de continuar a fazer os trabalhos escolares com a máxima lisura,

sem os olhos vigilantes dos mestres, fui louvado como todos os alunos pelo Sr. Cel Comandante Outubrino, por essa prova de brio e dignidade, por essa demonstração de fé nas próprias energias, por essa compreensão do amor à responsabilidade, por esse exemplo de que acima de tudo está a honra do soldado, sendo seu nome inscrito no histórico da Escola". (elogio coletivo – o grifo é nosso).

Também o Capitão Moziul Moreira Lima, um dos maiores exemplos de militar, mais tarde novamente meu instrutor no Curso de Foto-Informação da EsIE (Escola de Instrução Especializada), já eu segundo-tenente, ao deixar o comando de sua 1ª Cia., a "Colibri", deu o seguinte elogio coletivo:

"...pelo entusiasmo, espírito de disciplina e amor à profissão de que deu sobejas provas em diferentes ocasiões, conquistando assim o agradecimento deste comando" (coletivo).

Em recordações, lembro a amizade do aluno Arivaldo Silveira Fontes, hoje 1º Vice-Pres. Da AHIMTB, professor consagrado de Matemática e Acadêmico Emérito.

Outras recordações:Tivemos um herói da FEB como instrutor, o Tenente Yedo Jacob Blauth, rigoroso, mas amigo. Completávamos nosso lazer passeando pelo belo Parque da Redenção, situado em frente à Escola.

Em tempo: o desfile de 7 de setembro de 1942 foi o ponto alto de nosso treinamento, fibra e garbo. Porto Alegre vibrou!

Com muito orgulho, obtive na média final do 3º ano a ambicionada média 6,0 que garantia o ingresso automático na Escola Militar de Realengo.

Guardo com carinho a época feliz desta fase da juventude, caracterizada pelo meu ingresso no Exército, o grande componente que devo tudo na minha vida militar. Bons companheiros, excelentes professores e instrutores. E hoje são passados 62 anos!

Nota: O Coronel Jardro faleceu no início de 2006 e foi um exemplo de apoio moral e financeiro à AHIMTB.

Primórdios Epepeanos

Acadêmico Ten Cel Antônio Gonçalves Meira em 1950, aluno do 3º ano da EPPA

O ensino preparatório tem sido entre nós prática antiga e proveitosa para o objetivo maior da formação do oficialato do Exército.

No Rio Grande do Sul, de 1884 até 1907, nas Escolas Preparatórias e de Tática de Rio Pardo e Porto Alegre, o curso preparatório, às vezes anexo, às vezes autônomo, cumpriu finalidade de adequação intelectual e disciplinar dos candidatos ao patamar superior de estudos necessários à graduação de oficial. A criação da Escola de Guerra, em Porto Alegre em 196, não descartaria o funcionamento, junto dela, do Curso Preparatório, até 1907. É verdadeira a afirmação de que os contingentes recrutados para matrícula na Escola Militar de Realengo (depois Escola de Resende e atualmente Academia Militar das Agulhas Negras), procediam dos Colégios Militares do Rio de Janeiro, Barbacena, Porto Alegre e Ceará – referimo-nos aos anos anteriores à década de 40. Do século passado, em maioria.

Entretanto, o contingente civil recrutado era grande. Um dado concreto e de exemplo é o das matrículas em Realengo, em 1937. O Colégio Militar do Rio de Janeiro apresentou 117 selecionados; o do Ceará, 70; o de Porto Alegre, 37, num total de 224 ingressos. Civis aprovados em concurso foram 102. Posteriormente, outros 109 candidatos, de procedências diversas, foram matriculados.

Fato reconhecido do planejamento militar era o de que, obviamente, tanto os candidatos poderiam ter competência intelectual ou robustez física, mas não traziam o cunho disciplinar ou os traços de enquadramento dos velhos cursos preparatórios, praças que eram experientes da caserna.

Retornou-se, pois, ao Curso Preparatório.

Em 1939, o Colégio Militar de Porto Alegre encerra as atividades e, com aproveitamento dos seus quadros e instalações, nele foi criada a Escola Preparatória de Cadetes, denominada, inicialmente, Escola de Formação de Cadetes. Na solenidade de inauguração, sob o comando da inolvidável e nobre figura do Coronel de Cavalaria Outubrino Antunes da Graça, ouviu-se a palavra do Coronel Professor Lafayette Cruz.

Ao referir-se à trajetória magnífica que o antigo Colégio Militar de Porto Alegre descrevia, desde 1912, deixou claro que o estabelecimento satisfizera plenamente a finalidade para a qual se criara: orientar a infância e instruir a juventude. E mais! O Colégio Militar de Porto Alegre deixara, no coração dos que sentiram os seus influxos, uma saudade infinita, uma lembrança imorredoura. Adiante, na bela oração proferida, acrescentou: “As altas autoridades militares sentiram a necessidade de outra instituição de efeitos mais restritos, mas que atendesse direta e exclusivamente os interesses da Defesa Nacional. Dessas altas e patrióticas cogitações nasceu a idéia do ressurgimento das velhas e tradicionais Escolas Preparatórias e de Tática, árvores frondosas “cujos frutos ainda prodigalizam seu delicioso sabor”. Estava-se em 1939! Getúlio Vargas, Presidente da República e Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, eram frutos de safras preparatorianas.

A Escola Preparatória de Porto Alegre nascera em berço dourado, herdara tradições notáveis e logo haveria de impor-se na apreciação do povo da cidade e na daqueles que a haviam criado e começavam a conduzir.

Excelentes resultados intelectuais do corpo discente, rico aproveitamento na instrução profissional, adaptação militar primorosa. Seus uniformes, idênticos aos da Escola Militar, exceto pelo uso do Espadim de Caxias, dos alarmares e do distintivo que lhe era próprio, davam-lhe identidade especial. Daí nunca os preparatorianos serem tratados pela graduação estatutária de aluno. Para todos, eram Ca-

detes! Os queridos Cadetes de Porto Alegre! Infelizmente (em nossa pessoal apreciação), o ano de 1950 haveria de trazer-lhes um novo fardamento sem qualquer marcialidade ou colorido histórico.

Logo a experiência vitoriosa da Escola Preparatória de Porto Alegre projetar-se-ia na criação da Escola Preparatória de Fortaleza (com extinção do Colégio Militar de Chapadão, em Campinas, São Paulo). Tal iniciativa tardou a se tornar realidade mas viria a efetivar-se na escola Preparatória de Campinas, extintas as escolas congêneres, na década de 60, do século passado. Nela, consagrar-se-ia o ensino preparatório, hoje única via de ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras. Restabelecer-se-iam os Colégios Militares de Porto Alegre e do Ceará (denominado, desde então, de Fortaleza), definindo-se uma linha de ensino assistencial e outra, preparatória.

A saudosa Escola Preparatória de Porto Alegre, a EPPA, deixou marca histórica indelével. Os meus primórdios recordam o renascimento do ensino preparatório. O "velho prepa" da gíria dos que o freqüentaram. Recordam os elevados ideais interpenetrados – os que se alinharam no antigo Colégio Militar de Porto Alegre e os dos que iriam constituir a escola que o substituiria.

Recordam, das primeiras turmas de preparatorianos e seus instrutores, tantos que, pouco depois, integrariam a Força Expedicionária Brasileira, na Itália. Recordam a dedicação e o estoicismo com que mantiveram a chama que ilumina o vetusto "Casarão da Várzea", assim passada radiante ao novo Colégio Militar de Porto Alegre. A Escola Preparatória de Porto Alegre, extinta em 1961, vive na alma dos que, nela acolhidos, lá estiveram, em gerações sucessivas, desde 1939.

Retornamos à já referida oração do Coronel Professor Lafayette Cruz quando afirmava que, à semelhança do fenômeno da Fênix mitológica, a Escola Preparatória de Porto Alegre nasceu das Escolas Preparatórias e de Tática de Rio Pardo e Porto Alegre sobre as cinzas do primitivo Colégio

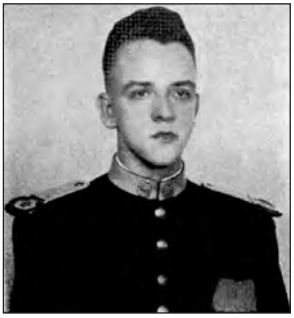
Militar de Porto Alegre.

Sobre as cinzas da Escola Preparatória de Porto Alegre, a EPPA, nasceu o pujante e o novo Colégio Militar de Porto Alegre!

Nota: O Tenente-coronel Meira é de Infantaria, Reformado. Ex-aluno da EPPA. Bacharel e Licenciado em História. Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Um depoimento

Acadêmico Cel Tiago Castro de Castro



Ao lado, o Cadete Tiago Castro de Castro. Sua foto como cadete da AMAN (1952-54)

Convidado a participar do livro História do Casarão da Várzea o Cel Tiago nos enviou a seguinte resposta: "Caro Bento. Desejo lembrar ao amigo que fui paraquedista do 3º ano da EPPA. Além disso, um paraquedista que, após ter sido aprovado no exame intelectual, teve de ser submetido a uma Junta Superior de Saúde no Rio de Janeiro, o que ocasionou um atraso de um mês e meio na minha matrícula, a qual foi possível somente em 13 de abril de 1951. Por ter passado por média, em novembro desse mesmo ano, já estava liberado da referida Escola. Portanto, tive uma pequena permanência naquele Casarão. Vindo de família civil e do 2º ano científico de um colégio público, isso aliado à situação de "bicho", pode imaginar que não foi fácil para mim a inserção e o acompanhamento de uma turma que já contava com mais de 2 anos de vida militar.

Em face de toda essa situação particular, o processo de adaptação à nova filosofia de vida foi muito penoso, impedindo-me de atentar para certas peculiaridades daquele Casarão. Diante das razões acima, infelizmente não tenho dados a oferecer. Meu fraterno abraço e meu apreço, do

amigo de sempre Tiago".

Nota: O coronel Tiago ingressou no mesmo ano que nós na EPPA. Ele como paraquedista do 3º ano e nós como paraquedista do 2º ano. Mais tarde nos encontramos em 1955 como oficiais da 6ª Cia de Comunicações em São Leopoldo. Lembro de nós dois, escalados como conferencistas para toda a Guarnição no 8º Regimento de Infantaria, onde ele se houve com muito brilho e eu abordei a Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), a minha estréia como historiador militar. Dele recebi o 1º elogio como oficial como meu comandante de Pelotão e depois foi o orador em meu casamento.

Escola Preparatória de Porto Alegre, início da década de 1950

Acadêmico Cel Prof. Nei Paulo Panizzutti

Ao lado, o Cadete Nei Paulo Panizutti, natural de Montenegro e aluno da EPPA, 1950-53 (Fonte: Revista da EPPA, 1952)

Atendendo ao pedido do camarada Cláudio Moreira Bento, com todo o prazer: Crônicas dos anos dourados:

Primeiras lembranças – O verão gaúcho ia ferrenho, naquele janeiro de 1950. Quando recebi o cartão da EPPA, anotado laconicamente: "Deferido", corri ao dicionário para saber que tal inusitada palavra, para o índio xucro que eu era, significava que fora aceito meu requerimento para o concurso de admissão. Daí por diante, um lufa-lufa, para obter o Atestado de Solteiro e Honorabilidade, assinado pelo Juiz de Direito e pelo Capitão QOA, chefe da Delegacia do Serviço Militar, de Montenegro, afora a Certidão de Nascimento "verbum ad verbum" – ou seja, palavra por palavra, no Cartório montenegrino.

Depois, o estudo, na casa porto-alegrense, em que mi-

nha tia-avó, Elvira, era governanta, ali, nas barbas da Biblioteca Pública de Porto Alegre, Praça da Matriz, detalhe que, penso ter sido decisivo para o meu resultado final no concurso. 1850 candidatos.

Já no exame médico e dentário, fizeram uma faxina: aprovados seiscentos e poucos. Gravaram-se-me, para sempre, as impressões de um guri educado em colégio dos Irmãos Maristas, cheio de recatos, no meio daquela multidão de adolescentes nus, com o corpo suado do calor porto-alegrense. E o Capitão Médico Dr. Barros, com seus enormes olhos, a distribuir-nos por vários grupos, na Enfermaria do canto sudoeste daquele prédio em quadrilátero fechado, do Casarão da Várzea.

Dos primeiros dias, gravaram-se – ainda – as impressões das provas, todas dissertativas, de Português, Matemática, História e Geografia. Nesta última, até hoje, não sei como consegui ser aprovado. Nunca havia saído de minha cidade, situada na planície central do Rio Grande... e me pedem, uma de oito questões dissertativas: *Compare o clima de Vitória, ES, com o de Belo Horizonte, MG.* Para ser exatamente honesto e franco: Chutei... Chutei feito um cão danado, e nisto, aqueles Maristas tinham-me tornado exímio: em imaginar, escrever, elocubrar. Ou seja, redigir, tirando minhoca de asfalto, se necessário. Deve ter sido minha tábua de salvação, porque, dos trinta e oito gaúchos aprovados, conquistei um honorável 35º lugar. Pelo menos, foi o que o Diário de Notícias publicou.

Deus seja louvado... desta forma assaz honrosa, deixei os tamancos de filho de ferroviário, e passei aos sapatos e borzeguins de aluno do Casarão da Várzea. Assim, pois, consegui enriquecer a memória com crônicas como a que segue:

Maestro Taveira

1951. A Escola Preparatória tinha novo comandante. Começou logo fazendo uma quadra esportiva cimentada, frente à 2ª Cia, recém-reformada após o terrível incêndio de 1949.

As salas de aula localizadas no térreo, sob o alojamento desta companhia, reformadas e batizadas Salão Brasil, iriam

dar lugar aos melhores bailes da sociedade porto-alegrense: o de 24 de maio, aniversário da Escola, e o do Adeus.

Passamos a ser convidados – os alunos – para todas as efemérides sociais da capital gaúcha. Certo dia, uma novidade no Quadro de Avisos de cada companhia: uma lista de voluntários para compor o Coro Orfeônico da Escola... Alguns torceram o nariz, outros, como este cronista, puseram lá seu *logaritmo, pagando para ver*...

O prestígio social e esportivo da Escola subia a olhos vistos: o time de basquete vencera o Mundial de Montevidéu, depois de "traçar" todos os adversários porto-alegrenses. A Liga Esportiva Estudantil Gaúcha considerou a EPPA *hors concours.* Ou seja, ficamos sem adversários com quem jogar vôlei, basquete ou futebol.

Crescia notavelmente a inveja dos "seis na b...", o que só fazia crescerem, para tristeza do Comando, as brigas de rua. Afinal, ninguém é perfeito... Os convites para os bailes no Casarão da Várzea, sempre disputadíssimos, da Rua da Praia aos Moinhos de Vento.

No primeiro ensaio do Coral, vimos adentrar o Salão Brasil um meio quilo de gente que se apresentou, em voz de tenor: "Maestro Taveira, boa tarde, senhores". Quase todos tivemos idêntico pensamento: "Com esta canalha, ele não emplaca um mês, no mais tardar!"

A língua é o chicote do rabo. O homenzinho tinha tutano para dar e vender. Não era dado a bazófias, mas não levava ninguém para compadre... O primeiro pateta que ousou brincadeira de mau gosto, levou carraspana com ponto final para vagabundo nenhum pôr defeito: *Ponha-se no seu lugar, aluno*! E mais não disse, nem foi preciso. Vez ou outra, sem bulha, o Comandante, em pessoa, vinha inspecionar o desempenho dos cantores. Irrepreensível.

Interpretava-se, a duas vozes, "Prenda Minha", do folclore gaúcho. Por outro lado, não se temia enfrentar a "Berceuse" de Brahms, a quatro vozes. Enfim, Mestre Taveira polia aquele cascalho adolescente a seu gosto e jeito. O Coral debutou fardado, em verdadeira noite de gala, no Te-

atro São Pedro, Praça da Matriz, diante do Palácio Piratini, face ao mais fino estrato da sociedade porto-alegrense. Tínhamos orgulho de pertencer a ele e notávamos o brilho nos olhos da oficialidade, em uniforme de gala, no centenário Teatro, naquela memorável noite de inauguração da cantoria. Fomos ovacionados de pé, podem crer.

O regente – que ora retiro dos guardados preciosos da memória, mais de meio século passado – ficou com cadeira cativa em nosso coração juvenil:

Para sempre, Maestro Taveira!!!

Nota: O acadêmico Cel Pannizzuti foi professor de Português na Academia Militar das Agulhas Negras e se radicou em Resende. É da turma do autor na EPPA e na AMAN, 1955, Turma Aspirante Mega. A ele devo a tradução do francês para o português das memórias do Ten General Henrique Böhn, o comandante do Exército do Sul que reconquistou a vila de Rio Grande aos espanhóis que a dominaram por 13 anos, o que abordamos em Guerra da Restauração. BIBLIEx,1991. Obra que foi publicada sem o sumário e que omitiu a colaboração do Cel Panizzutti, conforme eu havia colocado nos originais. Foi uma sabotagem infeliz de um desafeto! O que agora retifico e faço justiça!

Minhas lembranças da EPPA, 1951- 52

Acadêmico Emérito Cel Cláudio Moreira Bento

Ao lado, o Aluno Cláudio Moreira Bento, da EPPA, 1951-52, natural de Canguçu-RS (Fonte: Revista da EPPA, 1952)

Em 1950, terminado o 1º Científico no Ginásio Gonzaga em Pelotas, fomos convocados para o Serviço Militar.

Apresentamo-nos no 9º RI – Regimento Tuiuti, em Pelotas, e fomos designados para servir na 3ª Cia de Comunicações, que viera de Fortaleza-CE. Ela ocupou, acantona-

da, dois pavilhões do 9º RI, atrás do pavilhão de Comando.

Tentamos freqüentar à noite o 2º Científico no Ginásio Pelotense. As dificuldades de transportes para ida e vinda ao Ginásio me obrigaram a encerrar o curso. Passei então a estudar para concurso da EPPA, na qual estudaram alguns alunos de Pelotas.

E como cabo fomos convocados para prestar concurso em Porto Alegre. Para lá segui em companhia de dois soldados que não tiveram êxito nos exames. Lembro de sentir-me humilhado por ter que viajar na 3ª Classe. Estando eu e os dois companheiros debruçados numa amurada do navio Itaitera, aproximou-se de nós o comandante do navio que percebeu nosso constrangimento de ter que viajar na 3ª Classe e nos perguntou:

-Os senhores gostariam de fazer as refeições no Salão da 1ª Classe? E respondemos que sim. E ele disse: Então, estão convidados! Ao sairmos felizes do refeitório ele nos atacou e agradecemos contentíssimos pelo convite. Então ele falou: - Gostariam de ficar num camarote que está vago? Respondemos que sim. Então ele nos destinou um camarote! E fizemos uma inesquecível viagem pela Lagoa dos Patos curtindo a paisagem, em especial a do amanhecer, passando em frente de Itapuã até chegarmos no porto. Era a primeira vez que eu viajava de navio e visitava Porto Alegre.

Apresentando-me à Escola, passei a dar serviço de Cabo da Guarda na EPPA, fui abrigado numa pensão muito precária do barbeiro da Escola e alojado num quarto precário em cima da cozinha, acessível por uma escada atrás do fogão. Não consegui ali fazer nenhuma refeição e fui obrigado a escolher outra pensão indicada por um amigo soldado

Vieram os exames e fiquei preocupado com o nível dos candidatos, alguns trazendo nomes de ilustres famílias de soldados e outros exibindo uma desenvoltura que em realidade não possuíam. E assim desisti de preparar-me para os exames, já que me julguei sem chance. Terminados os exames, retornei à minha unidade desesperançado, e retornei ao Ginásio Gonzaga para prestar exame de 2ª época para o

3º Científico. E fui aprovado. E voltei para casa em Canguçu pensando ser dentista ou engenheiro agrônomo.

E a surpresa! Alguém leu num Jornal de Porto Alegre que eu fora aprovado. Não acreditei, pensei que era um trote fui conferir a informação em jornal na Biblioteca de Pelotas. Então confirmei o milagre. Eu fora aprovado e creio com boas notas, pois fiquei na EPPA, não me mandaram para o Ceará ou São Paulo. Pensando, cheguei à conclusão que minha aprovação era devida à boa base adquirida no Ginásio Gonzaga em que tirava o 2º ou 3º lugar, por estudar bastante como pensionista. E a resposta foi a aprovação na admissão a EPPA.

Já civil, ingressei na EPPA, que já me era familiar como seu Cabo da Guarda. E nela entrei confiante e seguro que eu seria bem acolhido. À esquerda um grupo de veteranos nos esperavam. E ao passar por eles alguém gritou uma ofensa a mim. Eu parei e falei grosso: Não aceito esta brincadeira, pois sou 3º Sargento da Reserva.

Aí partiram para cima de mim e de um soldado que vinha atrás, o mais tarde Cel Omar Lima Dias, cuja vida tocou-se com a minha em diversas ocasiões. Ele se revelaria um grande administrador do GBOEx. Os veteranos se vingaram mais nele, pois olhei para trás e ele vinha suspenso pelos braços. Aí alguém gritou: Papai Adão, nome com o qual eu fui batizado como bicho, penso que até pelo Lourival de Souza Moreira (Zulu), por ter um companheiro com nome de música de Carnaval.

A EPPA foi a melhor escola que cursei no Exército. Nossos professores, em maioria eram coronéis, respeitabilíssimos. Os alunos os respeitavam e descontavam suas brincadeiras no professor de Química, um civil.

As rotinas da EPPA eram bem diversificadas. A alimentação era muito bem cuidada e a instrução militar era leve, como adaptação.

A festa mais esperada era o Baile do Adeus, de despedida dos alunos da EPPA com destino à AMAN. O Baile do Adeus de minha turma foi inesquecível, com presença de al-

guns familiares. E a Revista EPPA da minha turma publicou em destaque minha foto, dançando. Creio que objetivo foi pegar a foto do bom amigo Barbacena (Lauro Abranches).

O trote era leve e integrador, mas constrangedor integrar quase que sozinho uma enorme turma de veteranos sedentos de darem trotes pois no ano anterior haviam eles recebido trotes. E no alojamento era a situação mais difícil. Eu, como veterano, não dei trote. É só brincadeira para descontrair. Ele é útil para firmar o sentimento de hierarquia e disciplina de uma turma para outra, mas não na mesma turma, pois alguns terminam a se julgar superiores ao colega paraquedista, denominação dos alunos que ingressavam no 2º e 3 º anos.

A minha primeira revolta contra o trote foi com o Tonelada, aluno franzino e que hoje desenvolve trabalho notável como editar do **Jornal Inconfidência**.

Os alunos provenientes da EPF eram mais trotistas. Ganhei a confiança deles aos escondê-los das vistas do Oficial de Dia em uma noite na qual chegaram na Escola de "cara cheia". Lembro do Cavalo Velho, Waldir de Andrade ou Cavalinho como lhe chama carinhosamente seu amigo Lapa (Roberto Martins), meu apreciado amigo.

Outro, muito insistente, despachei-o numa seção de Judô que eu praticava desde menino, cuja equipe, chefiada pelo aluno Maçarico, eu pertencia.

Nos estudos fui bem e tranqüilo; lembro de haver tirado 100 em Português numa prova do Professor Emílio Ribeiro. A razão é que eram perguntas de Gramática sem redação.

Minha Turma foi batizada de Turma Cel Frota, que havia morrido num acidente de aviação em 1950. Foi nosso paraninfo o Cel Professor Dr. Jorge Braga Monteiro. Homenageados de Honra o General José Dantas Pimentel, o Cel Prof. Tellino Chagas Telles – comandante, e Major Durval Lopes de Lima que me socorreu com uma cautela quando fui roubado na pensão. Foram homenageados o Cap Hélio Prates da Silveira mais tarde Governador do Distrito Federal e o 1º Tenente Rodolfo Luis Bittencourt que levou minha tur-

ma até o Rio de Janeiro e era muito querido.

Marcou presença na nossa turma o Sargento Theodomiro Alfredo Schimdt, que recebeu homenagem especial da turma.

Integraram nossa turma três equatorianos, Júlio, Pedro e Cristóval. Eles foram vítimas de um incidente lamentável. Foram levados, à noite, por um aluno ao Parque da Redenção. E abordados por um guarda a cavalo deu-se a confusão. O guarda estranhou três jovens com aspecto indígena e falando uma língua estranha. Um deles ao tentar puxar a identidade do bolso de trás, o guarda julgou estar o mesmo sacando uma arma. E passou a agredir os equatorianos com pranchados de espada e eles confusos correram em direção à EPPA. O aluno que impensadamente os levou aquele lugar foi censurado pelo comandante em formatura geral.

Destacou-se na redação da Revista o aluno Antônio Lisboa que ficou repetente, tendo sido veterano e trotista da turma que ingressou em 1950. E pagou um preço por isto ao incorporar a esta turma.

Outro que colaborou foi o aluno Everardo Priess, hoje trabalhando como engenheiro em Resende na fábrica de pastilhas à base de urânio para acionar as usinas nucleares de Angra dos Reis.

Sempre achei o Casarão da Várzea um local carismático. E a ele tenho retornado com freqüência desde o comando do Cel Edmir Mármora Júnior, como Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que ali possui sede da sua Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara e também do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. E várias sessões tenho presidido no Salão Brasil. E por tudo isto foi que decidimos escrever a sua bela História e, em especial, a da sua Escola de Guerra, 1906/11, que tem sido esquecida como Escola de Formação de Oficiais e da grande projeção de seus alunos na Reforma do Exército, em especial na consolidação de profissionalização do Exército por Regulamento de Ensino de 1905, inflexão do bacharelismo de 1874 a 1905, para o profissionalismo militar.

Recorremos a depoimentos de membros da AHIMTB que freqüentaram esta escola. E mais lembranças abordamos ao biografarmos os nossos dois comandantes da EPPA, o General Pimentel e o Cel Telino.

Por oportuno, lembro alguns costumes na EPPA. Era comum os alunos trocarem suas roupas para se apresentarem fora da escola como possuindo um guarda roupa bem variado. Eu possuía um casacão marron imitando couro de camelo que era muito requisitado pelos colegas junto com um lenço de pescoço de seda branca. No chimarrão não havia preconceito, a cuja roda eu pertencia junto com alunos de Dom Pedrito. E esquentávamos a água com um "rabo quente". Ou seja, uma resistência envolta num isolante, protegida por um invólucro de plástico que era mergulhado numa chaleira com água e esquentada furtivamente numa tomada de uma sala de aula.

Noutra parte deste livro divulgo minhas memórias da EPPA.

Rumo ao futuro

Cadete Davis Ribeiro de Senna, de Cavalaria na AMAN, 1954-56. Natural de Pernambuco

Tudo começou quando eu enfrentei o exame intelectual escrito realizado em amplo pavilhão do CPOR/ Recife após ser aprovado nos exames médico, no Hospital Militar e Físico, efetuado na pista de atletismo da Polícia Militar de Pernambuco, no quartel do Derby. Toda a papelada estava correta e eu marquei com um "X" o pequeno retângulo que identificava a Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA), como aquela de minha preferência. Nunca havia saído de Pernambuco, mas o desejo de conhecer outras plagas era bem vivo em meus pensamentos. O Ministério da Guerra cedeu aos meus

anseios e lá fui eu, todo feliz, como passageiro da empresa aérea Cruzeiro do Sul, em direção à cidade do Rio de Janeiro, capital e cidade maior do Brasil. Eis que estávamos no início do ano da graça de 1951.

Nunca viajara de avião, mas não tive medo. Ao contrário, deliciei-me com o frango assado servido no almoço, o primeiro que comi em minha vida. O bimotor DC-3 decolou às 07:00 horas do aeroporto do Ibura e aterrissou no Santos Dumont às 17:00 horas, depois de fazer escalas em Maceió, Aracaju, Salvador, Ilhéus, Caravelas e Vitória. Um sufoco!

Passei dois dias num albergue da praça da República, indicado por um cabo solidário do Serviço de Embarque da 1ª Região Militar e passeava à-toa pelas ruas do centro, admirando as mulheres que tomavam cafezinho no balcão e fumavam acintosamente nas leiterias (não existia lanchonete). Um escândalo! Andava de bonde e me alimentava na estação Central do Brasil, temeroso de me perder e de ser assaltado. À noite do 3º dia, lá estava eu, firme, em um vagão de 1ª classe, sem direito a leito, agora acompanhado pelos cariocas, que embarcaram comigo com o mesmo destino (São Paulo), de comportamento folgazão, bem diferente da rapaziada recifense, mais comedida. Lembro-me que conheci o Estádio do Pacaembu, ex-maior do país, pois o Maracanã fora inaugurado no ano anterior, com a tragédia da perda do campeonato mundial.

A viagem ferroviária foi longa. Na paulicéia – como chamavam – trocamos da estação da Luz para a Sorocabana e fomos até Itararé, onde pegamos uma composição (Viação Férrea Paraná – Santa Catarina) até Marcelino Ramos, já em terras gaúchas, ocasião em que tomei um banho pago e baldeamos de novo, desta vez para a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, que nos conduziu a Porto Alegre (não havia a Rede Ferroviária Federal). Poucas vezes fui ao carro-restaurante e a cariocada apelidou-me de Gandhi, em alusão ao líder indiano, muito magro, que fazia jejum pela independência pacifica de seu povo. “Duro”, eu passava a pastel e bolinho de milho, que vendiam nas plataformas das estações

intermediárias. Na avenida Voluntários da Pátria esperavam-nos caminhões do Exército. O silêncio substituiu a algazarra. Certo receio nos dominou ao sermos colocados em forma e subirmos nas "viaturas".

A primeira noite no velho "Casarão da Várzea" não foi muito estimulante. Distribuíram alguns colchões no alojamento novo da 2ª companhia, sem travesseiros, nem roupas de cama e cobertores. Devia fazer parte do temível "trote" de que tanto falavam, pensamos.

Era o dia 12 de março de 1951, ponto final de uma estafante viagem via ferroviária de quatro dias, do então Distrito Federal à capital do Rio Grande do Sul, atravessando cinco estados da União, feita por quase duas dezenas de jovens oriundos de vários cantos do país (mineiros, fluminenses, paulistas, capixabas). Todos aprovados em rigoroso concurso vestibular nacional e confiantes no futuro promissor, motivados pela vocação para a carreira militar, fato gerador daquela aventura digna de um filme de ficção. O protagonista saído do local mais distante era eu, "arataca" chegando à "tchelândia" e virando "aratucho", com muita honra.

Apenas começávamos. Lembro-me da comida diferente. À noite, leite. Missa aos domingos, na Igreja do Divino Espírito Santo.

Fui bom aluno, esforçado "bicho" do 1º ano, porém meu aproveitamento decresceu já como "calouro" e, "veterano", estava na segunda metade da turma.

"Laranjeira", passava as férias na escola (o rancho fechava e eu prazerosamente fazia as refeições em restaurante popular na Venâncio Aires, gratuitamente, mas certamente indenizadas pela EPPA). Dedicava-me ao jogo de bilhar (certa feita, dei uma "tacada" de 52 pontos, um recorde) sendo campeão, e às conversas telefônicas sensuais com as "fulas V.O.", namorando algumas. Havia danças em casas de famílias na vizinhança, os famosos "assaltos" e passeios amorosos na Redenção, embelezada pela impressionante fonte luminosa e colorida.

Aos domingos, matinê no Cinema Imperial, trajando cal-

ça e camisa civis, mas de sapatos pretos ou borzeguins, cinto VO; rodando no dedo indicador um chaveirinho de corrente, com o emblema do Exército Brasileiro.

Era para chamar a atenção das gurias sempre gentis e provocar os moços do Colégio Júlio de Castilhos e do Instituto Porto Alegre, rivais nem sempre amistosos.

Guardo na memória a imagem do enfermeiro bonachão de cor negra, idade madura, muito atencioso. Também recordo com apreço os sargentos EBí e Jerônimo, o corneteiro "Lagarto", meu ídolo tenente Quirino, tenente Ernani, o simpático capitão Léo, o exigente tenente Túlio, o bondoso capitão "Tombém", comandante da 2ª Cia de alunos, a "Gloriosa". Periodicamente havia o Exame de peso e altura, além da aplicação da dolorosa vacina T.TAB, contra não sei o quê, cuja violenta reação deixava o braço da gente intumescido por alguns dias.

Por deficiência física e técnica, não fui selecionado para a equipe de acrobacia, que fazia demonstrações externas de tempos em tempos, mas me revelei competente "peludo", isto é, integrante da turma encarregada de estender e recolher colchões, esteiras e lonas, armar e desarmar aparelhos de ginástica, depois da exibição. Nunca atravessei o pórtico com tranqüilidade e tinha dificuldade em executar a "oitava" obrigatória na barra, preferindo a "banana".

Fazíamos desfiles de Sete de Setembro com uniforme de gala e marchas a pé de 8 Km, capacete de fibra, mochila francesa às costas (armação de madeira, que machucava as axilas) e equipamento *Mills*, portando fuzis *Mauser* 07mm, mod. 1908, a tiracolo. Nos últimos meses do ano, realizávamos jornadas de tiro real com esse armamento no estande do 18º Rgt de Infantaria, no Partenon. Conduta interna mantida pelo Regulamento Disciplinar do Exército – RDE (prisão, detenção e repreensão), acrescido de "licenciamento sustado"; quando a transgressão era branda nos privava da saída nos fins de semana, sem constar nos assentamentos. Regime de internato, com estudo obrigatório todas as noites para aqueles alunos que não residiam na cidade. Era "vôo" prestar continência sem cobertura e o subordinado só podia retirar a mão

da pala quando o superior ordenasse: “Baixe a mão!”. E o frio? Descobrimos que, bem agasalhado, era bem vindo.

Assim funcionava a velha EPPA de meu tempo, aluno nº 285 da Turma Sesquicentenário de Caxias (1953). Desvaneço-me de ter freqüentado as aulas por cerca de três anos do jamais esquecido “Casarão da Várzea”, formador do caráter e da personalidade de muitos adolescentes que tiveram o privilégio de abrigar-se sob suas arcadas. Após o primoroso “Baile do Adeus”, no Salão Brasil, e da entrega de diplomas, o regresso para o Rio de Janeiro foi espetacular: a bordo do vapor “Itaquicé”, numa boa, de camarote e tudo com direito a namorar uma *muchacha* argentina, que me ensinou a tocar ao piano o bolero “Muñequita Linda”. Coisa de cinema, mas a seqüência de experiências não foi tão agradável: da praça Mauá para o Colégio Militar do Rio de Janeiro enfrentamos os indefectíveis caminhões e nos acomodamos mediocremente em alojamentos improvisados, comida ruim, até o embarque no trem da Central do Brasil, rumo à Academia Militar das Agulhas Negras, rumo ao futuro.

Nota: Davis Ribeiro de Sena é coronel de Cavalaria da Reserva e serviu cerca de 15 anos no Rio Grande do Sul (03 em Porto Alegre, 05 em Quaraí, 05 em Santa Rosa e 02 em Santa Maria).

Nos tempos de Getúlio Vargas

General Carlos Patrício Freitas Pereira

Costumo dizer às cinco netas que sou dos tempos de Getúlio Vargas e gosto de observar os seus olhos atentos quando lembro passagens da minha vida a ele relacionadas.

A primeira ocorreu como aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, CMRJ, no 1º científico, integrante do Curso de Formação de Reservistas, CFR, na Ba-

teria de Artilharia. Naqueles idos de 1953, ao ingressar no curso científico, o aluno era matriculado no CFR, independente da idade que tivesse. No meu caso, com apenas 15 anos, já cumpria ordens do então Cap Art Jonas de Moraes Correia Neto para pegar na palamenta dos "idosos" canhões Krupp 75, C28. Em 20 de outubro de 1953, recebemos a missão de realizar a salva de tiros em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas na abertura da Olimpíada Militar que processou-se no Campo do Vasco da Gama e tivemos a satisfação de vê-lo passar em carro aberto, a distribuir acenos e sorrisos.

A segunda interação ocorreu no "Casarão da Várzea", onde funcionava a Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, EPPA.

Fora aprovado no concurso de admissão ao 2º ano da Escola e me apresentei no 20 de junho de 1954, com 16 anos, envergando o uniforme do CMRJ, com a calça garance e o distintivo da bomba em chamas da Artilharia. A lembrança das recentes escolas de fogo realizadas na Barra da Tijuca e no Campo de Instrução de Gericinó justificavam o meu orgulho. Entretanto, a condição de reservista da arma dos fogos poderosos e profundos não foi respeitada pelos veteranos infantes da EPPA que me alcunharam de "bombeiro", no contexto do memorável trote que os "bichos" receberam no rigoroso inverno a iniciar-se.

Eis que, no 24 de agosto de 1954, em plena atividade discente, fomos surpreendidos com a notícia do suicídio do Presidente da República, no Palácio do Catete. A morte de Getúlio Vargas, figura exponencial, emblemática mesmo, motivaria tumultos nas principais capitais do país, inclusive em Porto Alegre.

O Comandante da Escola, provavelmente cumprindo ordens superiores, sustou as saídas e determinou que os alunos novos, incluindo os "paraquedistas" do 2º ano, como eu, recebessem instrução preparatória do tiro com o fuzil Mauzer Modelo 1908. Na 2ª Companhia de alunos o momento revelava tensão, amenizada pela tranqüilidade e fir-

meza do Capitão Ernani Medaglia Muniz Tavares, um exemplo de soldado para todos nós.

O Tenente Reginaldo Pimentel Marinho, sabedor da minha condição de reservista no CMRJ, colocou-me como monitor na instrução ministrada no pátio da Escola e que evoluiu até a realização do tiro com munição de festim.

Mal se dissipara a fumaça dos tiros, fomos organizados em duplas, com a missão de guarnecer as janelas do Salão Brasil (1º piso) e da nossa 2ª Companhia (2º piso). Foi com emoção e alguma pitada de medo que recebemos a munição real, com a observação para somente alimentar as armas mediante ordem.

Estávamos em nossos "postos de combate" quando repentinamente ouvimos rajadas de tiros oriundas da região lindeira entre o Parque da Redenção e a Avenida Oswaldo Aranha, onde existia o Cinema Baltimore.

A seguir, alguns civis passaram correndo na frente da Escola em atitude de pavor, marcada pelos gritos que proferiam.

Para nós, que pouco sabíamos da situação, pareceu que chegara a momento de participar da efetiva defesa da nossa EPPA. Mais tarde fomos informados que ocorrera confronto entre manifestantes que realizavam um quebra-quebra nas lojas do bairro Bom Fim e a tropa do Regimento de Cavalaria Mecanizada, sediado na Serraria, que recebera a missão de sustar o saque e restabelecer a ordem pública.

Comentou-se que um tenente desembarcara do seu carro M3A1, Stuart, o conhecido "Perereca", e buscara parlamentar com os desordeiros, quando sofreu agressão física, o que levou a guarnição do carro a disparar uma rajada de metralhadora.

Como resultado, diversos feridos e a debandada dos manifestantes, parte deles pela Avenida José Bonifácio, "desfilando", em frente da Escola para nossa perplexidade.

Da oportunidade guardei a lembrança do carinho que Getúlio Vargas despertava no povo brasileiro e a convicção

de que o Casarão da Várzea, caso necessário, seria defendido pelos jovens alunos da EPPA, a despeito da sumária instrução de tiro ministrada naquele dia.

Carlos Patrício **Freitas** Pereira – Aluno 2015 do CMRJ (1953/54) – Aluno 241 da EPPA (1954/55) – Asp Of Eng, da AMAN (1958) – Gen Div até Janeiro 2000.

A ESCOLA DE GUERRA (1906/10) EM PORTO ALEGRE

De longa data temos estranhado a ausência da Escola de Guerra de Porto Alegre na genealogia das Escolas Militares de 1792 na Real Academia de Artilharia e Desenho, localizada na Casa do Trem, hoje Academia Militar das Agulhas Negras, e ausente do filme que é passado na AMAN para os cadetes e visitantes.

Em 1987, produzimos o álbum Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil, lançado festivamente no Clube do Exército, em cerimônia presidida pelo Ministro da Guerra Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves que, inclusive, o apresentou aos presentes. E abordamos a Escola de Guerra das formas a seguir:

A ENCRUZILHADA DA PROFISSIONALIZAÇÃO MILITAR DO EXÉRCITO E CELEIRO DOS CONSOLIDADORES DA REFORMA MILITAR

Na Escola de Guerra foi implantado o Regulamento de 1905, inflexão do ensino no Exército de bacharelismo para profissionalismo militar. O bacharelismo militar, distorção da filosofia positivista, provocou o despreparo do Exército para enfrentar a Guerra Civil e a Revolta na Armada, e mais a Revolta de Canudos, no período 1893-97, quando revelou o mais baixo índice de operacionalidade de sua História.

O Regulamento de 1905, ato do Ministro Gen Argolo,

filho de veterano da Guerra do Paraguai, traduziu aspirações de outros filhos de veteranos deste conflito, que foram sendo Ministros nesses tempos: Machado Bittencourt, Medeiros Mallet, Hermes da Fonseca e mesmo os veteranos Caetano de Faria e Bento Monteiro.

O prédio do Casarão da Várzea abrigou a Escola Militar da Província do RGS (1883-88). Esteve fechada de 1893/95 com a Guerra Civil no Sul. Sofreu uma interrupção entre 1898 e 1903 para funcionar como Escola Preparatória e de Tática em Rio Pardo. Neste período, o prédio foi ocupado pelo 25º BI.

A Escola de Guerra foi o celeiro de chefes que lideraram e consolidaram a Reforma Militar (1930-45). Daquela Escola saiu Aspirante o Presidente Dutra, que foi Ministro (1937-45) de ação administrativa marcante. Inspirado no Mal Foch ele restabeleceu na AMAN o equilíbrio entre a cultura geral e a profissional, "a toda hora levada a cada um dos perigosos extremos por um ou outro chefe".

Foram seus contemporâneos os marechais Salvador César Obino, criador da ESG, Pantaleão Pessoa, Valentim Benício, reorganizador da Bibliex, e Raul Silveira de Mello, historiador militar da Fronteira Oeste. Em 1909 dali saiu aspirante o Mal José Pessoa, idealizador da AMAN e modernizador da formação de oficiais, com filosofia que persiste há meio século. Em 1911, ali se formou Mário Travassos, o primeiro comandante da AMAN (1944). Cursaram a Escola de Guerra em Porto Alegre, J. B. Magalhães, pensador militar dos mais fecundos, e Paula Cidade, idealizador da Revista dos Militares de Porto Alegre (1910-20), e que levou para a Escola de Guerra no Realengo 1911/12, "os objetivos de profissionalização do Exército sonhados por seus companheiros".

Paula Cidade foi o intérprete da evolução do pensamento militar terrestre brasileiro em ***Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira*** (Rio: Bibliex, 1998) e introdutor, no Realengo e na ECEME, da Geografia Militar, com ***Notas de Geografia Militar Sul-Americana*** (Rio: Bi-

blioteca Militar, 1940). Esforço dentro do ideal de nacionalização da Doutrina Brasileira, expresso por Caxias em 1855.

Ali formou-se, em 1910, Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe militar da Revolução de 30, ideólogo da Segurança Nacional e do fortalecimento político do Exército. A Escola de Guerra forneceu 8/12 dos oficiais que combateram no Exército da França na 1ª GM: Onofre Lima, José Pessoa, Cristóvão Barcelos, Andrade Neves, Octávio Aché, Eubank Câmara e mais os pilotos Alzir Lima e Mário Barbedo, pioneiros da Aviação do Exército.

À Missão Indígena da Escola do Realengo (1919-22) ela forneceu 7/15 dos instrutores iniciais: Newton Cavalcanti, Demerval Peixoto, Barbosa Leite, Paquet, Orozimbo, Bentes Monteiro e Sérgio A. Pires. À fundação de **A Defesa Nacional** ela forneceu 2/13 dos oficiais: Paula Cidade e Maciel da Costa. A amostragem comprova a grande contribuição da Escola de Guerra de Porto Alegre à profissionalização do Exército, sob o estímulo da Reforma do Mal Hermes (1908).

Antes do Casarão da Várzea, a Escola de Guerra serviu ao Ensino Militar (1851-83), com interrupção em 1865-73 pela Guerra do Paraguai. Nesta época, era localizada onde hoje é o quartel do 1º BPM, da sesquicentenária Brigada Militar, do Rio Grande do Sul, na Praia de Belas. Ali funcionaram ainda: a Escola Militar de Porto Alegre (1851-57); Militar Preparatória (1858-60); Militar Auxiliar (1860-63); Preparatória (1863-64) (interrupção até 1874), o Curso de Infantaria e Cavalaria da Província (1874-77) e, finalmente, a Escola Militar da Província, transferida para o Casarão da Várzea em 1883. O prédio, iniciado em 1872 para Quartel, foi apropriado para Escola Militar em 1880, pelo Ministro Mal Câmara e concluído em 1886, ano em que este chefe presidiu, no Rio, a cerimônia de fundação do centenário Clube Militar. O Casarão da Várzea, ou da Redenção, é o recordista em serviços contínuos ao ensino militar. Daí se constituir numa espécie de Santuário do Ensino do Exército.

A ESQUECIDA ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE NO ENSINO MILITAR ACADÊMICO DO EXÉRCITO DE 1792 À ATUALIDADE

Em Abr/Jun 1994 publicamos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 155 (383): 423-427, o assunto a seguir transcrito.

"Em 17 de dezembro de 1792, aniversário de D. Maria I, foi instalada na Casa do Trem, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, destinada a formar no Brasil Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e de Engenheiros.

Academia Real que considero com as seguintes projeções históricas: a pioneira do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, com a Engenharia Civil nela iniciada a ser ministrada formalmente, e a raiz ou embrião histórico da Academia Militar de Resende, considerada convencionalmente por Dec. Nº 1.718 do Presidente Getúlio Vargas de 17 de junho de 1937, como tendo por raiz ou embrião a Academia Militar criada por D. João VI em 1810, na mesma Casa do Trem, aproveitando as mesmas instalações e a infra-estrutura da Real Academia de 1792, e sem interrupção.

Decreto baixado antes de se conhecer a descoberta de arquivos pelo General de Divisão Francisco de Paula Azevedo Pondé, no Largo de São Francisco, da Academia Real de 1810, e do professor e historiador Paulo Pardal publicar e explorar os Estatutos da Real Academia de 1792 na obra: ***Brasil 1792 – Início do ensino da Engenharia Civil e da Escola de Engenharia da UFRJ*** (Rio, UFRJ, 1986). Pesquisa que nos permitiu concluir tratar-se a Real Academia de 1792 de um estabelecimento de ensino militar acadêmico destinado a formar no Brasil-Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e de Engenheiros. Para mim, à

luz das convicções acima, a Academia Militar das Agulhas Negras e a cidade de Resende, que a abriga desde 1944, são criações do 13° Vice-rei do Brasil, Conde de Resende, em 1792 e 1801.

O ensino militar acadêmico no Brasil não foi interrompido desde a instalação da Real Academia de 1792 até nossos dias. A Escola Militar da Praia Vermelha foi fechada em 1904 em função da Revolta da Vacina Obrigatória, mas continuaram no Realengo as escolas de Artilharia e Engenharia de Formação e Aplicações, sob o comando do Cel Hermes da Fonseca, que ali impediu que ela aderisse à revolta. O fechamento da Escola da Praia Vermelha, seguida de sua extinção e, ao mesmo tempo, substituição pela Escola de Guerra de Porto Alegre, foi uma manobra de reajuste da filosofia do ensino, de bacharelismo militar para profissionalismo militar.

Bacharelismo adotado pelo Regulamento de Ensino de 1874, reforçado pelo de 1890 e revogado pelo de 1905, que consagrou o profissionalismo militar, até hoje vigorante, que começou a ser implantado na Escola de Guerra de Porto Alegre (1906/11), sucessora da Escola Militar da Praia Vermelha, profissionalizante de 1855/74.

A Escola de Guerra de Porto Alegre, de 1906 a 11 e, depois de 1912, no Realengo, formou uma geração de aspirantes a oficiais, posto criado pelo Regulamento de 1905, que, mais tarde, como ilustres chefes, consolidaram o profissionalismo militar voltado para a Segurança da Pátria e foram os sustentáculos e agentes da Reforma Militar (1898-1945), que arrancou o Exército dos ultrapassados e lamentáveis padrões operacionais, relevados no combate à Guerra Civil (1893/95) na Região Sul, à Revolta na Armada, no Rio e na Região Sul, e à Guerra de Canudos (BA), em 1897, para os modernos e atualizados padrões revelados pela FEB na Itália, onde ela lutou e fez muito boa figura ao lutar aliada ou contra frações dos mais modernos exércitos presentes na Europa na II Guerra.

No contexto das circunstâncias da época, tanto a Real Academia de 1792, como a Academia Real de 1810 desti-

naram-se, precisamente, a formar engenheiros construtores do Brasil e, como subproduto, defensores nas especialidades de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, de fácil formação antes do advento da Revolução Industrial com suas complexas implicações na Arte e na Ciência da Guerra. Esta filosofia gerou uma deformação.

Passaram a atingir a cúpula do Exército engenheiros militares e não estrategistas e táticos especialistas em Arte e Ciência Militar. Isto vem explicar insucessos operacionais de generais-engenheiros, como Santos Barreto na Revolução Farroupilha, quando Davi Canabarro lhe impôs duro fracasso, ou Polidoro Quitanilha Jordão, que se liga ao insucesso ou hecatombe de Curupaiti na Guerra do Paraguai, ambos luminares na Engenharia do Brasil. Isto, por exemplo, em contraposição a Caxias com o curso de Infantaria no Largo do São Francisco ou de Osório, cavalariano formado na Academia Militar das Coxilhas *"vendo, tratando e pelejando, para aprender na realidade e não na fantasia a disciplina militar prestante"* segundo Camões, ou a Doutrina Militar.

O Regulamento de 1874 retirou do Exército a formação de engenheiros civis, encargo que exercera por 82 anos. Este encargo foi substituído pelo bacharelismo militar em ciências físicas e matemáticas e de Engenharia Militar, ambos divorciados das necessidades de Segurança do Brasil.

Deformação pela qual o Brasil pagou pesadíssimo tributo em sangue e vidas na Guerra Civil (1893/95) na Região Sul, no combate à Revolta na Armada e na Guerra de Canudos, 1897. Desta deformação, o exemplo mais eloqüente foi enviar um general que fizera carreira como professor de Descritiva – o General Pego Júnior, para combater, no Paraná, o avanço conjunto da Guerra Civil e da Revolta na Armada sobre o Rio. O que se passou é conhecido mas eloqüente! Ele foi o primeiro a abandonar o posto e Gomes Carneiro foi cercado na Lapa e veio a tombar, por incompetência e absoluta falta de liderança do General Pego Junior para a grave circunstância. O resultado foi sua inédita condenação à morte por Conselho de Guerra, por covardia, só não sendo

executado, segundo o historiador Cel Arivaldo Fontes, em razão do prestígio com seus antigos alunos, por ser um homem bom, mas sem energia até para controlar indisciplinas de seus alunos, segundo pode-se concluir da obra: PEREGRINO, Umberto, Gen. História e projeção das instituições culturais do Exército. Rio, José Olympio, 1967, p. 25/28.

A partir da Guerra do Paraguai, que considero a primeira Guerra Total entre nações, pois a primeira foi a Guerra de Secessão nos EUA, mas com características de luta interna, passou a ser exigida uma formação mais aprimorada em Arte e Ciência Militar dos oficiais dos exércitos do mundo.

A descoberta da máquina a vapor provocou a Revolução Industrial. A máquina usada em vapores e trens ampliou os Teatros de Guerra, não mais circunscritos ao campo de batalha, numa pequena faixa de terreno. A máquina introduzida nas fábricas de armamentos e munições permitiu que estes fossem produzidos em série, tornando os futuros campos de batalha intransitáveis, devido à grande intensidade de fogos em sua superfície, obrigando o combatente a procurar abrigo em fortificações e trincheiras, prescrevendo os combates românticos travados a espada, a lanças e a baioneta, onde contava muito a coragem pessoal.

O ensino militar no Exército não deu resposta pronta a esta imposição dos tempos, conforme registram ilustres chefes do Exército que viveram este equívoco, denunciaram-no e o colocaram abaixo.

Para evitar a erradicação do Exército após a Guerra do Paraguai, foi concebido o bacharelismo militar para a um só tempo evitar a erradicação, engajando-o no desenvolvimento, e também para valorizar socialmente o oficial, que levava desvantagem até para casar. Pois, casar com um oficial ou praça era viuvez e orfandade potenciais, agravada por ausência de montepio, além de ausências prolongadas do lar em função da movimentadíssima história militar do Brasil de 1822 a 70, caracterizada por lutas internas em todo o País e lutas externas na área do Rio da Prata, o que procuramos demonstrar em artigo: **Revista da Escola Militar da Praia**

Vermelha 1887 – 89. Jornal Ombro a ombro**,** setembro de 1994 (Nossa análise de tese de Adriana Barreto de Souza, do Inst. De Filosofia e Ciências Soc., IFCS).

O ensino militar teve os seguintes enfoques filosóficos:

- Predominantemente de Engenharia (1792 a 1874;

-Predominantemente bacharelismo militar (1874 a 1905), com marcante influência positiva, mas divorciado das necessidades da Segurança do Brasil, e discriminatório dos profissionais militares, chamados pejorativamente de **tarimbeiros**, em contraposição aos **científicos,** ou **bacharéis,** que apreciavam mais o título de doutor do que o do posto.

Exemplos: de tarimbeiro, o Mal Deodoro; e de científico, Benjamim Constant.

-Predominantemente profissionalismo militar (1905-atualidade), com desencontros no desejável equilíbrio entre a cultura profissional e a geral que o embasa e que, vez por outra, tocou os extremos e ainda hoje suscita dúvidas de ênfases.

A Escola de Guerra de Porto Alegre foi um elo que deu continuidade ao ensino militar acadêmico no Exército, entre a extinção da Escola Militar da Praia Vermelha e reunificação do ensino militar na Escola Militar do Realengo em 1913. Ela é uma escola omitida em esquemas e trabalhos sobre o lançado no Clube do Exército pela FHE-POUPEx e espalhado pelas paredes de organizações militares do Brasil:

Escola de Guerra de Porto Alegre 1906 -11. ***Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil***. Rio, POUPEx, 1987.

De data recente é o trabalho que a aborda o assunto com mais detalhes e teve nosso apoio como Diretor do Arquivo Histórico do Exército: MEDEIROS, Laudelino. ***Escola Militar de Porto Alegre***. P. Alegre: UFRGS, 1992.

Obra que demonstra inclusive que a Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul foi fundada em 1º de janeiro de 1897 por professores da Escola Militar de Porto Alegre.

A Escola de Guerra de Porto Alegre, que substituiu a extinta pelo mesmo Decreto de 1905, Escola Militar da Praia Vermelha, formou, de 1900 a 11, aspirantes-a-oficial das Armas,

transferindo-se para o Rio ao final de 1911, e funcionamento com este nome e função em 1912 no Realengo, até o ano seguinte (1913), quando foram unificados cursos que funcionavam em separado na criada Escola Militar do Realengo (1913 /44).

De 1909 a 1912, haviam funcionado unificadas no Realengo:

- A Escola de Artilharia e Engenharia e a de Aplicações destas armas;

- A Escola de Guerra (que só funcionou no Rio em 1912, após concluir seus cursos e haver absorvido, em 1908, a Escola de Aplicação de Infantaria e de Cavalaria, transferida de Rio Pardo).

A então Escola de Guerra de Porto Alegre formou aspirantes-a-oficiais aptos ao exercício do 1º posto, na modalidade hoje praticada pela AMAN.

Em 1913, todo ensino militar acadêmico do Exército foi unificado na Escola Militar do Realengo, à luz do regulamento de 1913 e só extinta em 1944, após um ano de funcionamento da AMAN, instalada, em 1º de março de 1944, conforme o nosso ***1994-AMAN, Jubileu de Ouro***. Volta Redonda: 1994, republicado e ampliado em 2004 com o título ***Os 60 anos da AMAN em Resende*.**

É essencial na história do ensino militar acadêmico no Exército o conhecimento sobre a projeção da Escola Militar de Porto Alegre (1853 a 1911), que inclui a Escola de Guerra (1906 a 11). E sobre esta projeção assim se manifestou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul na apresentação da obra do professor Laudelino Medeiros:

"A Escola Militar de Porto Alegre, cuja existência durou por mais de meio século, foi uma instituição educacional que exerceu grande influência na sociedade rio-grandense. Uma parte apreciável da oficialidade do Exército ali realizou sua formação profissional. Nomes destacados na nacionalidade, do Mal Câmara a Góis Monteiro, freqüentaram seus cursos. Não só a formação profissional se encerrava em seus muros (do Casarão da Várzea), mas também atividades políticas, literárias, científicas e sociais impregnavam a

atmosfera escolar e mantinham comunicação intensa com a atmosfera pública reinante na sociedade regional ".

Concluindo, a Real Academia de 1792 é a raiz histórica da AMAN, fato comprovado com pesquisas citadas do Gen Francisco de Paula de Azevedo Pondé e do Prof. Paulo Pardal, no que tem concordado outros estudiosos do tema, como os historiadores generais Lyra Tavares, Umberto Peregrino e o Cel Francisco Ruas Santos.

Propusemos, com aval do IHGMB, sob a presidência do Gen Jonas de Moraes Corrêa Neto, que a data de aniversário da AMAN fosse 17 de dezembro de 1792, fundação da Real Academia de 1792, ao invés de 23 de abril de 1812, a instalação da Academia Real Militar, considerada por decreto presidencial a raiz e o embrião da AMAN, tradição com 57 anos de culto.

Aprofundamos a Escola de Guerra (1906 a 11) em Porto Alegre e em suas relevantes repercussões na profissionalização do Exército e Reforma Militar em ***História da 3ª RM***. Porto Alegre, SENAI, 1994, v. 2.

A ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE

Em 1995 publicamos a História da 3ª Região Militar, 1889/1953. V.2 onde publicamos o trecho a seguir sobre a Escola de Guerra:

Em 1904 teve lugar na Escola Militar da Praia Vermelha a "Revolta da Vacina Obrigatória", que abordamos em artigo: ***A Revolta da Vacina Obrigatória*** – 1904. A Defesa Nacional nº 752, Abr/ Jun 1991. Pg. 148-199.

Em síntese, o Gen Silvestre Travassos, com auxílio do Cel Lauro Sodré e do Deputado Alfredo Varela, que chefiara o Estado-Maior das tropas civis que entraram em Bagé após a deposição de armas por Joca Tavares, revoltaram parte da Escola.

Houve um combate na rua da Passagem, o Gen Silvestre foi ferido e veio a morrer. Em conseqüência, a Escola Militar foi fechada. A seguir, extinta por Decreto de 02Out1905,

foi demolida, para ali ser instalada a Exposição Nacional.

O mesmo decreto criou, para substituí-la em Porto Alegre, no Casarão da Várzea, a Escola de Guerra, que estudamos em caráter pioneiro quanto à sua significação histórica, no artigo anterior.

A Escola de Guerra funcionou em Porto Alegre, de 13 Fev 1906 a 18 Jan 1911, durante cerca de cinco anos, sendo comandada pelos coronéis Carlos Augusto de Campos (1906-9) e Oscar de Oliveira Miranda.

Seus alunos fundaram a revista ***Ocidente*** e, logo a seguir, ***A Cruzada***, que teve estreito intercâmbio com estudantes de Porto Alegre.

A Revista Cruzada contava, entre seus colaboradores em assuntos militares, com o aluno Pedro Aurélio de Góis Monteiro, mais tarde líder militar da Revolução de 30, Ministro da Guerra e Chefe do Estado Maior. A Cruzada tinha por objetivo:

"Trabalhar pelo futuro da Pátria, impedindo o descalabro moral que por aí vai, conduzindo a República, ao regime absoluto da democratização".

Também colaborou o, mais tarde, assinalado historiador Francisco de Paula Cidade, filho de Porto Alegre, cuja vida e obra assinalamos em artigo: ***Paula Cidade, um escritor e soldado a serviço do Exército****,* A Defesa Nacional nº 709, Set/Out 1993. Pg. 13-35. Foi nosso discurso de posse no Instituto de Geografia e História do Brasil em cadeira da qual ele é patrono.

Foi efetivamente na Escola de Guerra de Porto Alegre que estudou o mais tarde Marechal José Pessoa, o idealizador da AMAN, sucessora dos ideais de profissionalização praticados na Escola de Guerra. Foi da Escola de Guerra que saiu o mais tarde Presidente Eurico Gaspar Dutra, em cuja notável administração como Ministro da Guerra foi construída a AMAN, 1939-44, tendo se inspirado no Marechal Ferdinand Foch ao baixar o Regulamento de 1944, "aconselhando equilíbrio entre a Cultura Geral e a Profissional, a toda a hora levada a um extremo perigoso, por um ou outro chefe".

Da Escola de Guerra saíram o Mar César Obino, gaú-

cho de Bagé, criador da ESG; Pantaleão Pessoa, gaúcho de Bagé; Valentim Benício, gaúcho de Uruguaiana, reorganizador da BIBLIEx; J. Bentes Monteiro e Demerval Peixoto, da Missão Indígena no Realengo, 1919-21; J. B. Magalhães, historiador e pensador militar fecundo e autor de ***Evolução Militar do Brasil***; o citado porto-alegrense Paula Cidade, idealizador da ***Revista dos Militares*** de Porto Alegre em 1912 e grande intérprete da evolução do pensamento militar brasileiro em ***Síntese de três séculos da Literatura Militar Brasileira*** (Rio, BIBLIEX, 1959), além de introdutor na Escola Militar do Realengo dos estudos Geografia Militar, a Geografia do Soldado, em ***Notas de Geografia Militar Sul-americana*** (Rio, BIBLIEX, 1946), para despertar a consciência da importância da Geografia na condução das operações militares, e ainda ***Cadetes e alunos militares através dos tempos*** (Rio, BIBLIEx, 1961). Foi dali que saiu o primeiro comandante da AMAN, o Cel Mário Travassos, estudioso de Geografia Militar e consagrado geopolítico brasileiro.

Ali também estudou o Ten Cel Tancredo Faustino da Silva, que pesquisou como instrumento de trabalho ***Exército Brasileiro*** (Rio, Imprensa Militar, 1939).

Ali estudaram chefes destacados, entre os quais alguns ex-comandantes da 3ª RM, Newton Cavalcante, Paquet, Emílio Lúcio Esteves (gaúcho de Taquara). J. Agostinho dos Santos, Cristovão Barcelos, Mário Barbedo e Francisco Andrade Neves, este gaúcho de Rio Pardo.

Foi da Escola de Guerra que saíram 11 dos 24 integrantes da Comissão de Estudos e Operações e de Aquisição de Material na França, dos quais nove combateram no Exército Aliado, o que será abordado oportunamente.

Pelo Dec. Nº 5696, de 02 Out 1905, que criou a Escola de Guerra, foi criada a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria no Rio Pardo, uma Escola de Aplicação de Infantaria e Engenharia no Realengo, Santa Cruz (Rio) e uma Escola de Artilharia e Engenharia no Realengo, e mais a ECEME, no Rio.

Foram Matriculados na Escola de Guerra 600 alunos dos quais 88 eram oficiais e 512 eram praças.

João Neves da Fontoura, em ***Memórias*** (P. Alegre, Liv. Globo, 1958. 2 v. p.42), assim viu a instalação da Escola de Guerra e seus reflexos:

"Depois da Revolta da Vacina, Porto Alegre sofreu a invasão dos cadetes vindos de todo os pontos do país. Era mais um poderoso fator para que a mocidade acadêmica ganhasse decisiva influência na vida de Porto Alegre, nos centros sociais e literários, na imprensa e afinal na política. Coube aos cadetes desde logo e sem contestação a ditadura da Rua da Praia e da Praça da Alfândega".

A Escola de Guerra em Porto Alegre foi a concretização de um sonho do Min da Guerra Gen João Nepomuceno Medeiros Mallet, em seu projeto de Reforma Militar, e assim expresso no ***Relatório do Ministro da Guerra em 1901*** (p. 29):

"por sua situação especial e concentração de tropas ali mantidas por considerações técnicas, está indicada para a localização de uma escola... Assim, atendendo a economia e ao numeroso corpo docente, sobressai o critério de substituição dos cursos preparatórios na (3ª RM) por uma escola em Porto Alegre ou alhures".

Essa escola e as demais que funcionaram de 1853 a 1911 foram objeto de original, inédito e valioso estudo que apoiamos como Diretor do Arquivo Histórico do Exército por:

MEDEIROS, Laudelino T. ***Escola Militar de Porto Alegre, 1853-1911*****.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

Nesse estudo, na 4ª capa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul assim se expressou:

"A Escola Militar de Porto Alegre, 1853-1911, exerceu grande influência na sociedade rio-grandense. Seus professores e alunos desempenharam importantes atividades e a História (do Rio Grande do Sul) não pode ser escrita com a omissão desses fatos. Nomes destacados da nacionalidade freqüentaram seus cursos realizando sua formação profissional onde atividades políticas, literárias e sociais impregnavam a atmosfera escolar e mantinham intensa comunicação com a sociedade regional, onde os grupos espalhados por todos os pontos, com o colorido dos uniformes de visto-

sas calças coloridas de canga vermelha, como os zuavos de Napoleão III, imprimiam um tom de animação quase revolucionário, na morna pacatez provinciana".

Na Escola de Guerra, em caráter pioneiro, foi inaugurada em 19 Ago 1906 uma aula de Esperanto com 200 alunos, dirigida por Christiano Kraemer, segundo o professor Laudelino Medeiros, op. Cit.

A movimentação de estudantes do Exército em Porto Alegre se ampliou com a transferência, de Rio Pardo para ali, da Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria, em agosto de 1903. Cerimônia imortalizada por Raul Silveira de Mello, cruzaltense, que veio a consagrar-se como historiador militar incomparável da Fronteira Oeste do Brasil, para onde se dirigiu sua família, fugindo da Guerra Civil 1893-95, e que viria a liderar a retomada do catolicismo no Exército, em Itajubá-MG, o que resultou na União dos Militares Católicos.

A Escola de Guerra foi extinta pelo Dec. 7.228, de 17 Dez 1908, encerrando suas atividades em 1911, à medida que foram acabando seus cursos já iniciados.

Na Escola de Guerra amadureceram e ganharam força os ideais de profissionalização do Exército a partir de 1905. Ela foi o celeiro de chefes, conforme demonstramos, que lideraram e consolidaram de 1930/45 o profissionalismo militar.

EX-ALUNOS ILUSTRES DO CASARÃO DA VÁRZEA 1885-2008

Esta é uma pesquisa levada a efeito pelo Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) para fazer parte deste livro **História do Casarão da Várzea 1885-2008**. Pesquisa que não tem a pretensão de esgotar o assunto, dentro do extenso contexto dos 123 anos

em que o Casarão tem acolhido alunos dos diversos cursos do Exército que ali funcionaram, fazendo com que o mesmo detenha o honroso título de recordista em tempo de serviços prestados ao Ensino do Exército.

Destaco a lista expressiva de ex-alunos do Casarão como Escola de Guerra (1903/11), conseqüência do fechamento, seguido de extinção, da Escola Militar da Praia Vermelha, e que prestaram relevantes serviços ao Exército e, em especial, à consolidação do Regulamento de Ensino de 1905, imposto por profissionais militares e seus filhos veteranos da Guerra do Paraguai. E também para a Consolidação da Reforma do Exército, iniciada com a criação do Estado-Maior do Exército, logo depois da Guerra de Canudos, até 1945, ano da primeira turma de Aspirantes egressa da atual Academia Militar das Agulhas Negras e término da 2ª Guerra Mundial. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação.

Durante a permanência da Escola de Guerra no Casarão da Várzea (1906-11) ela formou os primeiros Aspirantes a Oficial do Exército, dentro do espírito de Regulamento de Ensino do Exército de 1905, que retornou ao profissionalismo militar que até hoje vigora, em substituição ao malfadado bacharelismo militar, que vigorou de 1874 a 1905, por cerca de 30 anos, com maus reflexos operacionais no Exército no combate à Guerra Civil no Sul (1893-95), à Revolta na Armada (1893-94) e à Guerra de Canudos (1897).

Os ex-alunos ilustres são abordados, a seguir, pelos seguintes subtítulos: Presidentes da República, Vice-presidente da República, Presidente do Senado, Ex-aluno do Casarão considerado herói da Pátria, cujo nome foi inscrito no Livro de Aço no Panteão da Liberdade e da Democracia na Praça dos Três Poderes, Ministros, Senadores, Deputados Federais, Governadores, Marechais e Generais de Exército, Secretários Estaduais, Prefeitos e Intendentes, Deputados Estaduais, Heróis e veteranos de guerras e revoluções, Historiadores e escritores, Ra-

dialistas e jornalistas, Atletas e, ao final, destaques em diversas profissões e atividades e, em especial, depois de ingressarem na Reserva.

A relação não tem a pretenção de ser completa. A AHIMTB e o IHTRGS se esforçarão para a ampliar, na medida em que lhe forem enviados subsídios de integrantes das diversas turmas. O autor procurou destacar os ex-alunos ilustres de sua turma da EPPA de 1950. As atualizações serão colocadas a disposição da AACV.

Presidentes da República

- Arthur da Costa e Silva: Marechal, Adido Militar na Argentina, Comandante da 3ª Região Militar e das Forças Militares na Revolução de 1964, Ministro da Guerra no governo Castelo Branco, Presidente da República. Apesar de fazer o primário em sua terra natal, o jovem ARTHUR fora aprovado, com facilidade, no exame de admissão do Colégio Militar de Porto Alegre. Nesse tradicional estabelecimento de ensino, por onde passaram alguns dos vultos mais destacados na História do País, permaneceu de 1912 a 1917. Ele, provinciano, sem qualquer ascendência militar, colheria os primeiros louros de sua vida, chegando a Comandante-Aluno, posto dado ao 1º colocado da turma, na passagem para o último ano. E, ainda, encontrou tempo para tocar clarinete na banda do colégio. Nesse período, foi seu companheiro de classe HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO.

- Emílio Garrastazu Médici: General, Comandante da 3ª Região Militar e da AMAN, Adido Militar em Washington, Comandante do III Exército, Chefe do SNI, delegado na Junta Interamericana de Defesa e na Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, Presidente da República (1969/74).

- Eurico Gaspar Dutra: Aluno da Escola Preparatória e de Tática (Rio Pardo-1902, Porto Alegre-1903/04) e da Escola de Guerra (1905/08), destacou-se no combate à Revolução

Constitucionalista em 1932 e contra a Intentona Comunista em 1935. Líder militar, Ministro da Guerra do governo Vargas, responsável pela construção da Escola Militar de Resende (atual AMAN), da Escola de Estado-Maior, da Escola Técnica do Exército e do Hospital Militar de Porto Alegre.

- Humberto de Alencar Castelo Branco: Marechal, Oficial de Operações da FEB, Comandante Militar da Amazônia e do então IV Exército, Chefe do Estado-Maior e Presidente da República (1964/67). E hoje, denominação histórica da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e patrono, como historiador e pensador militar, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- João Batista de Oliveira Figueiredo: General. Foi o primeiro lugar no concurso para o Colégio Militar (1929) e na Turma Andrade Neves da Escola Militar do Realengo, condecorado com a Medalha Marechal Hermes (1956), por ter obtido o primeiro lugar nos três cursos da carreira: Escola Militar, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Estado-Maior do Exército, Chefe do Serviço Nacional de Informações e Contra-Informações da Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional, Chefe do Gabinete Militar. Comandou os Dragões da Independência de Brasília na transferência do Rio para Brasília e Presidente da República.

Vice-presidente da República

- Adalberto Pereira dos Santos: General, integrante da FEB, Comandante da AMAN, Chefe do Estado-Maior do Exército, Ministro interino do Exército, Presidente do STM, Vice-Presidente da República.

Presidente do Senado Federal

- Jarbas Gonçalves Passarinho: Coronel, Governador do Pará (1964/66), Senador (1966, 1974, 1986, 1992/95), Superintendente da Petrobrás na região amazônica, Ministro do Trabalho e da Previdência (1967/69), Ministro da Edu-

cação e da Cultura (1969/74), Presidente do Senado (1981), Ministro da Previdência Social (1983/86), Ministro da Justiça (1990/92), membro do IHGB, doutor *honoris causa* da UNICAMP, membro do Conselho Superior de Orientação Política e Social da FIESP, assessor especial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), articulista e escritor, e Patrono em vida da cadeira 50 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Primeiro-Ministro

- Francisco de Paula Brochado da Rocha (1919-62). Advogado, professor e político. Era filho do prefeito Otávio Rocha, de Porto Alegre. Participou da Revolução de 1930, quando foi ferido no pé, passando a usar prótese. Foi Secretário da Educação e Cultura e também da Segurança Pública do RS. Foi Consultor da República no governo Nereu Ramos e 1º ministro do governo parlamentarista João Goulart (1962), quando proferiu, no CMPA, como ex-aluno, a aula inaugural do ressurgimento do Colégio.

Ex-aluno do Casarão da Várzea herói nacional inscrito no Livro de Aço em Brasília

- Plácido de Castro. O Libertador do Acre. O único ex-aluno do Casarão da Várzea herói nacional quando Escola Militar em 1893 e que teve seu nome inscrito no **Livro de Folhas de Aço Inoxidável dos Heróis da Pátria**, existente no Panteão da Liberdade e da Democracia, na Praça dos Três Poderes em Brasília, junto com outros heróis militares: Tiradentes, Patrono Cívico do Brasil; Duque de Caxias, patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil; do Almirante Tamandaré, patrono da Marinha do Brasil; do General Osório, Patrono da

Cavalaria do Exército e vencedor da Batalha de Tuiutí, a maior Batalha Campal travada na América do Sul; do Al-

mirante Barroso, o vencedor da Batalha Naval de Riachuelo; do Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, herói da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai e Proclamador da República; e do Marechal Cândido Mariano Rondon, patrono das Comunicações do Brasil e da Arma de Comunicações no Exército. Ao pátio do Casarão foi dado o nome de Plácido de Castro pelo Coronel Jonas de Morais Correia Neto, quando comandante do CMPA.

Ministros

- Amaury Kruel: General, integrante da FEB, Chefe do Gabinete Militar e Ministro da Guerra do governo João Goulart, um dos articuladores da Contra Revolução Democrática de 1964.

- Argemiro de Assis Brasil: General, Chefe da Casa Militar do Presidente João Goulart.

- Dirceu de Araújo Nogueira: General. Comandou o 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves. Chefe do Estado-Maior do então III Ex, atual CMS, em1964, Chefe do Departamento de Engenharia e Comunicações e Ministro dos Transportes do Governo Geisel.

- João Mendonça Lima: General. Cursou a Escola de Guerra. Secretário de Viação em São Paulo, Ministro de Viação e Obras Públicas em 1937/45 e Presidente do Instituto de Resseguros do Brasil.

- Nelson de Mello: Marechal. Aluno da Escola Militar, Interventor Federal no Amazonas (1933/35), Chefe de Polícia do Distrito Federal (1944), herói de guerra como Comandante do 6º RI na FEB, Chefe do Gabinete Militar do Presidente Juscelino (1956/61) e Ministro da Guerra no governo João Goulart (1962).

- Nero Moura: Brigadeiro-do-Ar. Patrono da Aviação de Caça, Comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça na Itália e herói de guerra. Ministro da Aeronáutica (1945/51).

- Orlando Geisel: General, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Comandante do III Exército e Ministro

do Exército.

- Pantaleão da Silva Pessoa: Marechal. Cursou a Escola de Guerra. Interventor do Estado do Rio de Janeiro (1931), Chefe do Estado-Maior do General Góes Monteiro na Revolução de 1932, Chefe do Estado-Maior do Governo Provisório (1932), Chefe da Secretaria-Geral do Conselho Superior de Segurança Nacional (até 1935) e Chefe do Estado-Maior do Exército (1935/36).

- Pedro Aurélio de Góes Monteiro: General. Aluno da Escola de Guerra, Ministro da Guerra (1934), Senador, Ministro do Superior Tribunal Militar, Chefe do EMFA, líder militar da Revolução de 1930, uma das maiores expressões militares da primeira metade do século XX.

- Rubem Carlos Ludwig: General, Chefe do Gabinete Militar e Ministro da Educação.

Senadores

- Carlos Cavalcanti de Albuquerque: Coronel. Deputado Federal pelo Paraná, Governador do Paraná (1911), Senador.

- Onofre Muniz Gomes de Lima: General. Adido Militar no México, Senador pelo Ceará.

- Vespúcio de Abreu: General. Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador pelo RS.

Deputados Federais

- Domingos Virgílio Nascimento: Major, Jornalista, Deputado Federal pelo Paraná, escritor e poeta.

- Leônidas Cardoso: General, Aluno da Escola de Guerra, pai do Presidente Fernando Henrique Cardoso, Deputado Federal, tendo sido oficial intendente do Gabinete dos ministros da Guerra Pedro Aurélio de Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra. É de sua autoria um dos mais precisos relatos da Proclamação da República na qual seu pai teve

destacado papel.

- Hugo Simões Lagranha: Ex-aluno (1936), Vice-Prefeito de Canoas, assessor particular do Governador Ildo Meneghetti, Vereador em Canoas, Secretário de Obras Públicas de Canoas, Prefeito de Canoas por cinco mandatos, Deputado Federal.

Governadores

- Antônio Brito Filho: jornalista, porta-voz do Presidente Tancredo Neves, Ministro da Previdência no governo Itamar Franco, Deputado Federal, Governador do RS.

- Ataliba Jacinto Osório: General, Governador da Bahia.

- Cândido Caldas: Marechal, Interventor da Bahia (1946/47).

- Demerval Peixoto: General. Cursou a Escola de Guerra, participou dos VII Jogos da Antuérpia, na Bélgica em 1920, como integrante da equipe brasileira de tiro (pistola), integrante da Missão Indígena, Governador de Pernambuco (1947). Participou da Guerra do Contestado escrevendo livro sobre este evento intitulado **Memórias de um velho soldado**,1960, editado pela BIBLIEx.

- Hélio Prates da Silveira: Coronel, Engenheiro. Professor de Matemática da EPPA e do CMPA, Governador de Brasília (1969/70/71).

- Manoel de Cerqueira Daltro Filho. General. Aluno da Escola Militar, adido militar na França e na Bélgica, Governador de SP (1933), Interventor no RS (1937).

Marechais e Generais de Exército

- Álvaro Fiúza de Castro: General. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea.

- Anor Teixeira dos Santos: General. Pioneiro na Aviação do Exército, chefiou o EME e o EMFA e foi chefe do Estado-Maior da FEB. Foi chefe da Comissão Mista Brasil-Alemanha, interrompida com o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha. Participou com o Marechal

Mascarenhas de reconhecimento na Europa de locais de prováveis empregos da FEB.

- Antonio Apparício Ignácio Domingues: General de Exército, comandou a 1ª Região Militar e é Ministro do Superior Tribunal Militar.

- Argus Lima: General, Comandante Militar da Amazônia e do então IV Exército.

- Clóvis Jacy Burmann: General de Exército. Comandou a EsSA, a EsAO e a 6ª DE – Divisão Voluntários da Pátria. Passou para a reserva como Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa. Presidente da FHE-POUPEX, onde tem patrocinado diversos trabalhos de História Militar do Brasil e inclusive a maioria do Projeto História do Exército na Região Sul dos quais é autor das abas dos livros da 6ª DE e de Osorio, o maior herói e líder popular brasileiro. Esportista como jogador de futebol na EPPA e na AMAN. Perdeu um ano de praça pois, aprovado no concurso da EPPA para o 1º ano, não pode freqüentar a Escola em razão do Cartório de Registro de Nascimentos haver escrito seu nome como Clóves e não Clóvis. Retornou no ano seguinte como aluno pára-quedista do 2º ano.

- Cristóvão Barcellos: Marechal. Cursou a Escola de Guerra e integrou a Comissão Brasileira de Estudos, Operações de Guerra e Aquisição de material de guerra na França, ao final da 1ª Guerra. Cursou a Escola de Saint Cyr. Comandou a 8ª Brigada de Infantaria e a 7ª RM em Recife, e a 4ª RM em Juiz de Fora. Chefiou a Comissão Mista de Defesa Brasil – EUA e o Estado-Maior do Exército.

- Edison Boscacci Guedes: General de Exército, Comandante do CMS e ao qual muito se deve a construção e a consolidação do Parque Histórico Marechal de Exército Manoel Luiz Osório, e também o traslado do herói patrono da Cavalaria em 1993 para o citado Parque. Comandou a 3ª Bda C MEC e a 4ª Bda Inf em Belo Horizonte. Chefiou o CIE. Comandou a 6ª DE. Chefiou o DGP. Sentou praça em 1939 no Casarão da Várzea junto com o senador Jarbas Passarinho.

- Eron Carlos Marques: General de Exército, Coman-

dante Militar do NE em 2005.

- Gilberto Barbosa de Figueiredo: General de Exército, Administrador de Empresas, Comandante da 2ª Bda C Mec – Brigada Charrua e do Comando Militar do Oeste, Chefe do DEP (2002/03) e Presidente do Clube Militar por dois períodos.

- Heitor Fontoura de Morais. General. Historiador e estudioso da História do Rio Grande do Sul. Acaba de publicar o livro ***Revelações históricas do Sul do Brasil*****.** Foi o primeiro comandante da 1ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas. Como cadete de Cavalaria do 2º Ano da Escola do Realengo integrou, no Centenário da Revolução Farroupilha (em 1953) Comitiva Presidencial em visita ao Uruguai e Argentina. Filho do último comandante do CMPA.

- Jaime José Juraszek: General de Exército, Comandante Militar do Nordeste, e Comandante de Operações Terrestres (2002/03).

- José Carlos De Nardi: Natural de Farroupilha, RS. Ingressou na EPPA em 1961, concluindo o curso em 63, já como CMPA.. Turma de Art/AMAN/67. Possui os cursos da EsAO, ECEME e CPEAEx. Foi Adido do Exército no Chile. Comandou o 3º GAAAé, a AD/6, a 6ª DE e, como General de Exército, o CMO. É o atual Comandante Militar do Sul (Fev 2009).

- José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque: Marechal, aluno da Escola de Guerra (1906/09), escritor e historiador, integrou a Comissão de Estudos de Operações e de Aquisição de Material na França (1918/19), organizador da Companhia de Carros de Assalto (1920/23 – primeira unidade de carros de combate do Exército), Comandante do Corpo de Bombeiros do DF (1930), Subcomandante e Comandante da Escola Militar do Realengo (1930/34), idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras e dos seus novos símbolos: uniformes históricos, brasão, espadim de Caxias, etc. (1930), fundador do Centro de Instrução de Artilharia da Costa, presidente do Clube Militar (1944/46), Adido Militar em Londres (1946/47), um dos fundadores do Centro de

Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN) (1948), Comandante da Zona Militar Sul (1948/49), presidente da Comissão de Localização da nova capital, cujos estudos tornaram possível a construção de Brasília em tão curto espaço. É patrono de cadeira na AHIMTB e de Delegacia da AHIMTB em Brasília, cidade que muito está a dever a seu trabalho, inclusive a iniciativa de desapropriação dos terrenos onde se assenta a nova capital, o que conseguiu com o Governo de Goiás.

- Luiz Edmundo Maia de Carvalho: General de Exército, Comandante da 6ª DE e, Militar do Sudeste (2005) e Chefe do Estado-Maior do Exército.

- Luiz Seldon da Silva Muniz: General de Exército, Comandante do Curso de Artilharia da AMAN, da 12ª Brigada de Infantaria, da 3ª Divisão de Exército e Comandante Militar do Leste (2002/03).

- Mário Travassos: Marechal. Cursou a Escola de Guerra. Comandou a Escola Preparatória de Fortaleza. Foi o primeiro Comandante da AMAN. No posto de coronel, foi o primeiro presidente da Sociedade Pró-Livro Espírita em Braile "SPLEB"; participou da comissão que demarcou o local em que está localizado o Plano Piloto – origem da capital brasileira, escritor especialista em Geografia e Geopolítica, herói da FEB.

- Milton de Freitas Almeida: Marechal. Cursou a Escola de Guerra. Comandou os Dragões da Independência, a Polícia Militar de São Paulo, a 3ª DC, a 7ª RM, a 2ª RM e o atual Comando Militar do Sudeste. Foi Inspetor do Exército, chefe do EME e Embaixador do Brasil na Argentina.

- Newton Andrade Cavalcanti: Marechal. Cursou a Escola de Guerra, integrante da Missão Indígena (1919/21) na Escola do Realengo, Chefe da Casa Militar da Presidência da República (1935), Interventor no Mato Grosso (1935), Interventor no Rio de Janeiro (1935), Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República (1936/51), Comandante da Zona Militar Sul (1951).

- Octavio Saldanha Mazza: Marechal. Cursou a Es-

cola de Guerra. Combateu a Coluna Miguel Costa/Prestes no Paraná. Comandou a Escola Preparatória de Cadetes em São Paulo, a AD/1, a 3ª DE, o CMS e chefiou o EME e o EMFA.

- Renato Paquet: Marechal. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea. Comandou a Escola Militar do Realengo, a atual 1ª Bda C EB, a 1ª DI , a 4ª RM, a 2ª RM/2ª DE e a Zona Militar do Centro (atual CMSE). Combateu em Minas Gerais a favor da revolução de 30, no Comando do 1º Regimento de Cavalaria Divisionário, e a Intentona Comunista no Rio de Janeiro em 1935.

- Salvador César Obino: Marechal. Cursou a Escola de Guerra. Foi o primeiro comandante do CPOR-PA, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, criador da Escola Superior de Guerra e Presidente do Clube Militar.

- Sérgio Ari Pires, General. Estudou na Escola de Guerra no Casarão da Várzea. Comandou a 5ª RM e a sua ID/5. Presidiu a Comissão Mista Brasil-EUA e o Supremo Tribunal Militar.

- Virgílio Ribeiro Muxfeldt: General de Exército, Comandante da 3ª Região Militar, do Comando Militar do Nordeste e de Operações Terrestres (2005).

Secretários Estaduais

- Adalmiro Bandeira Moura: Deputado Estadual, Secretário de Estado dos Negócios da Economia do RGS (1959/60), lutou pelo não fechamento do CMPA em 1961.

- Aimé Alcebíades da Silveira Lamaison: Coronel, Secretário de Segurança (1970/78), Governador do Distrito Federal (1982/85), Diretor do BNDES (1982/85).

- Ajadil Ruiz de Lemos: Advogado, Procurador Geral do RS no Governo Ernesto Dornelles, Presidente do Conselho Superior do Ministério Público, Presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, Secretário do Interior e Justiça do Estado, Vice-Prefeito de Porto Alegre, Juiz Classista do Tribunal Regional Eleitoral, membro do Conse-

lho Federal de Educação, Professor de Direito da UFRGS.

- Altino Berthier Brasil: Coronel, ex-aluno, professor de Francês da EPPA e do CMPA, fundador e organizador do Colégio Militar de Manaus, membro do IHGRGS, lutou pelo o restabelecimento do Colégio Militar de Porto Alegre em 1961; Secretário da Indústria e Comércio do Amazonas (1975), Secretário interino do Meio Ambiente no Governo Collor, escritor e destacado especialista em Amazônia e sócio efetivo da Delegacia da AHIMTB – General Rinaldo Pereira da Câmara – sediada no CMPA.

- Antônio Erasmo Dias: Coronel, Secretário de Segurança de São Paulo (1974-79), Vereador, Deputado Estadual e Deputado Federal por São Paulo.

- Arivaldo Silveira Fontes: Coronel, escritor, historiador e educador, Professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, do Colégio Pedro II e da Fundação Osório, Diretor Geral do SENAI , acadêmico emérito da AHIMTB e seu 1º vice presidente. Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra e Secretário de Educação e Cultura de Sergipe.

- Arolde de Oliveira: Capitão, Engenheiro Eletrônico, Economista, Chefe de Operações da Embratel, Superintendente da Embratel na Amazônia, Secretário de Telecomunicações do Ministério das Comunicações (1973), Diretor da Embratel (1974/76), Diretor Regional do DENTEL-RJ (1979-82), Vice Presidente da TELERJ (1985/86), Governador da Organização Internacional de Telecomunicações por Satélite (INTELSAT, Washington, EUA, 1976/78), Chefe do Escritório Permanente da EMBRATEL (Washington, EUA, 1976/78), Representante do Brasil na IV Reunião dos Signatários dos Acordos da INTELSAT (Sidnei – Austrália, 1977) e a VII Reunião (Teerã, Irão, 1978), Professor do Curso de Engenharia Industrial da PUC-RJ (1964/66) e do Curso de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (1969/70), Deputado Federal pelo RJ desde 1983, Secretário de Transportes do Município do Rio de Janeiro.

- Cândido Vargas de Freire: General. Na Reserva, foi Secretário de Segurança do Ceará e do Distrito Federal,

- Carlos Alberto Lima Menna Barreto: Coronel. Comandante do Comando de Fronteira de Roraima (1969/71), Secretário de Segurança Pública de Roraima (1985/88), escritor, autor do livro **A farsa ianomâmi**, pela BIBLIEx em 1995.

- Carlos Eduardo Xavier Marum: Engenheiro, Advogado, Vereador em Campo Grande, MS, Deputado Estadual em MS e Secretário Estadual de Habitação em MT.

- Cibilis da Rocha Viana: Economista, Doutor em Ciências Contábeis, Professor Titular da UFRGS, escritor com obras sobre Desenvolvimento Econômico, História Econômica e Contabilidade, autor de verbetes sobre economia da **Enciclopédia Mirador**. Romancista, Auditor de Finanças Públicas no Rio Grande do Sul, Chefe de Planejamento no Governo do Estado do Rio de Janeiro, Chefe da Assessoria Econômica da Presidência da República, Diretor Executivo do Conselho Nacional de Desenvolvimento, Secretário de Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretário de Estado de Economia e Finanças do Rio de Janeiro.

- Darcy Pereira de Azambuja: um dos raros escritores que se consagram com o primeiro livro. Sua estréia, em 1925, com **No Galpão** teve o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras de onde recebeu a melhor crítica. Catedrático da Faculdade de Direito de Porto Alegre e Secretário do Interior e Justiça do Governo do Rio Grande do Sul. Escritor de contos gauchescos e de renomadas obras jurídicas (como **A Teoria Geral do Estado).**

- Edmundo Adolfo Murgel: General, Comandante do 2º/4º Regimento de Obuses. Destaque em Tiro e Equitação, comandante da 8º Brigada de Infantaria Motorizada, Pelotas, onde balizou com um Monumento o local onde existiu o Forte de São Gonçalo, construído por Gomes Freire de Andrade na margem esquerda do rio Piratini **(Diário Popular**, Pelotas 3 e 10 Dez 1972) e Secretário de Segurança do RJ.

- Eduardo Chuay. Coronel**.** Deputado Estadual e Secretário de Cultura do RJ.

- Francisco de Paula Brochado da Rocha: Advoga-

do, filho do ex-aluno do Casarão Octávio Rocha, participou da Revolução de 1930, professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Porto Alegre, Secretário de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (1946), Deputado Estadual Constituinte (1947), presidente do Instituto da OAB (1955), Consultor-geral da República (1955), Secretário de Segurança Pública (1959), Secretário do Interior e Justiça (1960), Ministro Interino da Fazenda (13 Jul 62 a 29 Jul 62).

- Ibá Mesquita Ilha Moreira: General, Secretário de Segurança do RS.

- João José Pereira Parobé: Capitão, ex-aluno e ex-professor da Escola Militar, Diretor da Escola de Engenharia entre os anos de 1898 e 1915, responsável pelo projeto do prédio inicial da Escola de Engenharia, idealizador e responsável pela criação do Colégio Júlio de Castilhos (1900), da então Escola Técnica e do então Instituto Astronômico e Meteorológico (1906), Deputado Estadual Constituinte (1891), Deputado Estadual (1909/11), Secretário Estadual de Obras Públicas (1897).

- João Manoel Simch Brochado: Coronel, Secretário de Segurança do DF.

- João Oswaldo Leivas Job: Coronel, Presidente da Carris, Secretário de Segurança do RS, pecuarista, diretor da FARSUL.

- Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros: Coronel professor da EPPA, foi secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal.

- Lauro Melchiades Rieth: Coronel, Secretário de Segurança do DF.

- Léo Guedes Etchegoyen: General. Chefe de Polícia do RS, Chefe da Assessoria Especial do Presidente Emílio Médici, adido militar na Suíça, Diretor Seccional da LABRE-DF.

- Nei Pinto de Alencar: Coronel, Secretário de Segurança do governo Euclides Triches no RS.

- Olavo Vianna Moog: General. Comandou o Batalhão da Guarda Presidencial, Secretário de Segurança de São Paulo. Foi Comandante da ID/5, 6ª DE e do CMP.

Prefeitos e Intendentes

- Antonio Cailar Barreto Viana: professor, engenheiro, Intendente de Viamão (1924/28 e 1936/43).

- Cherubim Febeliano da Costa: Major. Intendente Municipal de Porto Alegre.

- Joaquim Luiz Amaro da Silveira: Coronel. Prefeito nomeado de Livramento (1939), Diretor da Divisão de Polícia Política e Social do Governo Vargas (1944).

- Edú Villa de Azambuja: Prefeito de Passo Fundo.

- Octávio Francisco da Rocha (Octávio Rocha): 1º Tenente, aluno e Professor da Escola Militar, destacado Intendente de Porto Alegre.

Deputado Estadual

- João Vespúcio de Abreu e Silva: Capitão, fundador e professor da Escola de Engenharia (precursora da UFRGS), Deputado Estadual.

Heróis e Veteranos de guerras e revoluções

- Aloísio Monteiro Raulino de Oliveira: Um dos dois capitães integrantes da EPPA a participar da FEB.

- Alzir M. Rodrigues Lima: Capitão, pioneiro da aviação no Exército, integrante da Comissão de Estudos de Operações e de Aquisições de Material na França em 1918/19, durante a 1ª Guerra Mundial.

- Armínio Bier: Capitão, morto em combate na Revolução de 1932.

- Dante Isidoro Gastaldoni: 1º Tenente Aviador, falecido em acidente no Paraná quando se preparava para participar do 1º Grupo de Aviação de Caça da FAB, em 18Mai44.

- Geraldo da Camino: Coronel, Comandante do 2º Grupo de Artilharia da FEB.

- Ismar Ferreira da Costa: Brigadeiro-do-Ar, herói da

FEB como integrante do 1º Grupo de Aviação de Caça.

- Ito Carvalho Bernardes: General, herói da FEB, Diretor de administração do DENTEL.

- Joaquim do Nascimento Fernandes Távora. Engenheiro civil, revolucionário de 1922/23/24; irmão de Juarez Távora.

- Luiz de Araújo Correia Lima: Tenente-Coronel. Considerado o Patrono dos CPOR, e NPOR. Integrante da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo e falecido em combate durante a Revolução de 1930 em Curitiba. Foi o criador do primeiro CPOR, o do Rio de Janeiro, em conseqüência da extinção da Guarda Nacional em 1918 no Brasil.

- Luiz Lopes Dornelles: 1º Tenente Aviador, morto em combate na Itália quando participava da FEB no 1º Grupo de Aviação de Caça da FAB, em 26Abr45.

- Mário Barbedo: Capitão, pioneiro da Aviação do Exército, integrante da Comissão de Estudos de Operações e de Aquisições de Material na França (1918-19).

- Misael Mendonça: Major**.** Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea, foi vítima da Intentona Comunista em 1935 na Praia Vermelha, como comandante do 3º Regimento de Infantaria ali aquartelado. Foi sepultado com honras militares e promovido a tenente-coronel. É reverenciado todos os anos na Praia Vermelha junto com outras vítimas da Intentona Comunista.

- Moziul Moreira Lima: General, herói da FEB, jornalista, diretor do Diário Popular, de São Paulo.

- Pedro Ângelo Corrêa. Coronel. Cursou a Escola de Guerra. Destacou-se por sua bravura como comandante do 23º BC de Fortaleza, em Souza, na Paraíba, respondendo à bala à intimação de oficiais revolucionários de 30, em seu posto de comando numa casa cercada pelos mesmos. Ferido, abandonado e sozinho, continuou lutando contra o seu batalhão revoltado. Ao apelo dos revolucionários: *Basta, comandante não lute mais!* Respondeu: -Não vou morrer acuado como um cão. Vou morrer no campo da honra! E foi atingido por uma descarga e tombou morto com sua pistola

na mão, defendendo a sua verdade. À viúva foi comunicado que Pedro Ângelo estava preso. E ela voltou-se para os filhos e disse: -o pai de vocês está morto! Ele não se deixaria prender!

Historiadores e Escritores

- Adolpho João de Paula Couto: General e escritor. Comandou o 6º RO 105 em Cruz Alta. Foi Comandante da AD/3, da AMAN, da ECEME e da 6ª DE – Divisão Voluntários da Pátria. Foi Comandante interino do CMS.

- Albino de Bem Veiga: advogado, filólogo, escritor, professor da UFRGS, primeiro coordenador dos programas de pós-graduação da UFRGS, diretor do Programa Nacional de Levantamento da Norma Culta da Língua para o RS, fundador da Associação Brasileira de Lingüística, membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

- Antônio Alberto da Silva Lisboa: Coronel. Escritor, autor de obra de resgate da História do 9º RI – Regimento Tuiuti. Cronista revelado na **Revista da EPPA**/1953 e que agora ressurge com crônicas na **Coleção Militar... Historietas Militares**.

- Antônio Gonçalves Meira. Ten Cel. Historiador, com artigos sobre a EPPA e cronista dos jornais **Letras em Marcha**, **Ombro a Ombro** e **da Coleção Historietas Militares.** Acadêmico da AHIMTB, colaborador do livro **As guerras dos Gaúchos e** co-autor do livro sobre Bandas Militares.

- Carlos Cláudio Miguez Soares: Coronel. Escritor inspirado e combativo dirigente do **Jornal Inconfidência,** no qual defende, com determinação e garra, a Contra Revolução Democrática de março de 1964 de manipulações ideológicas. Pertence à Turma Aspirante Mega e possui depoimento sobre a Contra-Revolução Democrática de 1964 em Uruguaiana, transcrito no livro **História da 2ª Bda C MEC,** da AHIMTB e IHTRGS. Colaborador da **Coleção Militar**... **Historietas Militares.**

- Cláudio Moreira Bento: Coronel, historiador e tradi-

cionalista gaúcho. Considerado, atualmente, um dos maiores historiadores do Exército. Fundador e presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS). Membro de diversas entidades nacionais e internacionais ligadas à História e às Letras. Autor de mais de 85 obras (livros, plaquetas e álbuns) e premiado em sete concursos literários. Maiores dados constam de seu currículo cultural ao final deste livro (**Nota:** do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, parceiro do autor na presente relação).

- Davis Ribeiro de Sena: Coronel. Historiador militar. Autor de numerosos artigos nas **Revistas do Exército, Defesa Nacional, RIHGB, RIHGMB, RIHGRGS** e **Revista do Clube Militar,** jornais **Letras em Marcha** e **Ombro a Ombro,** e livros sobre a História do Exército, onde se destacam seus trabalhos sobre a Guerra de Canudos e sobre a Arma de Cavalaria. É autor da obra **Exército Brasileiro de Ontem, de Hoje e de Sempre**! em dois volumes. É acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Dilermando de Assis: Coronel e escritor. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea. Envolveu-se no rumoroso caso com Ana, do qual resultou matar o marido dela, Euclides da Cunha, e de seu filho. Atos considerados pela Justiça como em legitima defesa. Comandou interinamente a 2ª DC. É autor do livro **General Leovigildo Alves de Paiva, O De Brack Brasileiro**. BIBLIEx ,1948.

- Eduardo da Cunha Müller: Advogado, historiador, colecionador de peças históricas em museu particular e detentor do acervo de seu avô honorário, o Marechal Salvador César Obino. É neto e filho de dois antigos professores do Casarão da Várzea. Presidiu a Liga de Defesa Nacional, é membro acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e possui curso da Escola Superior de Guerra.

- Edu Campelo de Castro Lucas. Coronel. Escritor e editor do Informativo da Turma Avaí, da AMAN, que atua como um elo de manutenção da união de sua turma divulgando noticias de interesse da mesma no referido Informativo.

- Erildo Simeão Camargo Lemos: Coronel, Instrutor do CMPA, Comandante do CMM e do CPOR-PA, destacado presidente da Associação dos Amigos do Casarão da Várzea (AAVC) e um dos fundadores da Associação dos Ex-alunos e Amigos do CPOR-PA (AEAA). Escritor, fundador e editor do site **A Continência** na Internet.

- Ernani Medaglia Muniz Tavares: Coronel, destacado instrutor da EPPA e Professor de História do CMPA, historiador, Administrador de Empresas, Diretor-Presidente da Celulose Irani. É sócio-efetivo da Delegacia da AHIMTB/RS, Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, que funciona no CMPA.

- Francisco de Paula Cidade: Cursou a Escola de Guerra. General, escritor e historiador militar; um dos fundadores da Biblioteca do Exército Editora e da revista **A Defesa Nacional**. Comandou a 8ª RM durante a 2ª Guerra Mundial. Foi juiz militar na FEB. É considerado o maior historiador e geógrafo militar de sua geração. Foi professor de Geografia Militar do Brasil no Realengo e na ECEME. Focalizo sua biografia na Revista **A Defesa Nacional** nº 709, 1983. É patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Gélio Fregapani. Coronel. Especialista em Guerra na Selva, conhecedor dos problemas e defensor da Selva Amazônica. É autor de livro sobre este tema com vistas a defender a Amazônia da ambição estrangeira. Atuação destacada contra a idéia de demarcação continua da Reserva Raposa do Sol, a ser decidida pelo STF.

- Gilberto Souza Gomes Job. Coronel. Escritor e cronista. Foi o Diretor responsável pela edição da **Revista da EPPA** em 1952 e seu colaborador. Articulista do **Jornal Inconfidência.** Foi empresário em Brasília de empresa dedicada à Informática.

- Gregório Porto da Fonseca: Aluno da Escola Militar, Tenente-Coronel, poeta, biógrafo, ensaísta, Diretor da Secretaria da Presidência da República no governo Getúlio Vargas, Membro da Academia Brasileira de Letras.

- Hiram Reis e Silva. Coronel. Possui larga experiência vivida na Amazônia. Fundador e presidente da Sociedade Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS) que atua com determinação, persistência e sólida argumentação, através principalmente do site www.amazoniaenossaselva.com.br. Atualmente, propõe-se a descer os rios Solimões e Amazonas de caiaque, em projeto que denominou **Desafiando o Rio Mar**. É membro-efetivo da Delegacia da AHIMTB/RS, Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, que funciona no CMPA.

- Ivo Benfatto: Coronel, escritor, tradicionalista, membro do Instituto de História e Tradições do RGS; foi professor de Português e Subdiretor de Ensino no CMPA, Patrão do "35" CTG, presidente do MTG, expoente do tradicionalismo gaúcho.

- Jaime da Silva Telles: escritor.

- Jardro Alcântara de Avelar. Coronel. Historiador e professor de História no CMRJ, acadêmico emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e educador que fundou o Colégio Palas no Rio de Janeiro. Possui apreciável obra literária.

- João Baptista Magalhães. Coronel. Historiador e fecundo pensador militar brasileiro. Comandou a 2ª Divisão de Cavalaria. Possui notável e valiosa obra histórica. É um dos biógrafos do general Osório. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- João Lobato Filho: General. Cursou a Escola de Guerra. Historiador, produziu trabalho sobre as batalhas dos Guararapes e escreveu o livro **A última noite na Escola da Praia Vermelha**. BIBLIEx,1962.

- João Carlos Rotta: General, historiador e romancista. Comandou a 6ª Região Militar e a 3ª Região Militar, em ambas dando muita atenção à preservação e manutenção do patrimônio histórico e arquitetônico do Exército, dentre eles o Casarão da Várzea, onde iniciou e se despediu de sua carreira na Ativa. Foi o idealizador

do Projeto História do Exército na área da 3ª Região Militar, que vem sendo desenvolvido pela Academia de História Militar Terrestre e pelo Instituto de História e Tradições do RGS. Coordenou, no Rio G. do Sul, o Projeto História Oral do Exército sobre a Força Expedicionária Brasileira na Itália. Autor do romance **O legado de Charlote**. Era acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Juvêncio Saldanha Lemos. Coronel. Historiador Militar. Comandou o 8º BI Mtz em Santa Cruz. É autor do notável livro **Os Mercenários do Imperador**, fruto de longa e trabalhosa pesquisa sobre os alemães que foram contratados por D. Pedro I. É membro acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e efetivo do Instituto de História e Tradições do RGS.

- Kurt Pessek. Coronel. Escritor e cronista que foi presença constante no extinto jornal **Ombro a Ombro** e integra a Turma Avaí.

- Manoel Vianna de Carvalho: Major, escritor, líder espírita brasileiro.

- Octávio Augusto de Faria: Escritor gaúcho, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do RS. Estudioso de problemas da Amazônia, Adido do Exército no Uruguai (1967/69), Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial (1975/76), Comandante da 5ª DE/5ª RM (1977/78), Chefe do Departamento Geral de Serviços (1979/81), Ministro do STM (convocado), Diretor-Presidente da Liga da Defesa Nacional-RS.

- Pedro Cordolino de Azevedo. General. Cursou a Escola de Guerra de Porto Alegre. Historiador e professor de História Militar no Realengo e Resende por largo período, tendo publicado dois volumes de História Militar: um de História Militar do Brasil e outro de História Militar Mundial, que serviram de livros-textos de várias gerações de Cadetes. Como professor de História do Realengo liderou cruzada de cadetes com o fim de construir, na Praia Vermelha, o Monumento aos heróis

de Laguna.

- Pedro Schirmer. Coronel, escritor, editor e redator-chefe do jornal **Ombro a Ombro**. Escreveu obra sobre **Virtudes Militares**, BIBLIEx, 1987, e sobre **Bandas Militares**. Esta, em parceria com o acadêmico da AHIMTB Ten Cel Antonio Gonçalves Meira.

- Raul Silveira de Mello: Marechal. Cursou a Escola de Guerra de Porto Alegre e muito escreveu sobre a História Militar de Mato Grosso, com destaque para a **História do Forte de Coimbra**. Como oficial do 4º Batalhão de Engenharia de Combate iniciou campanha vitoriosa do retorno da prática do catolicismo nos quartéis, o que fora bastante afetado com a separação da Igreja do Estado. Católico de fé robusta faleceu com 103 anos. É patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que foi inaugurada pelo falecido acadêmico General Plínio Pitaluga. Ele possui testemunho da transferência da escola de Rio Pardo para Porto Alegre.

- Riograndino da Costa e Silva: General, Cursou a Escola de Guerra de Porto Alegre. Irmão do Presidente Costa e Silva. Escritor e historiador militar, membro do IHGRGS, tendo concluído a biografia do Marechal Câmara (3º vol.), levada a efeito pelo General Rinaldo Pereira da Câmara, aproveitando material por este colhido. Escreveu uma síntese histórica da 3ª Região Militar, mais tarde ampliada para três volumes, dentro do Projeto História do Exército na Região Sul. É Patrono de Cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Rodolfo H. **Donner**: Coronel. Cronista, tesoureiro e membro do Conselho Editorial da Coleção Memória Militar – *"Causos, Crônicas e Outras...- Historietas Militares".* É o autor das capas dos livros que integram a referida coleção, com cores variadas representativas das cores das Armas e Serviços do Exército. Psicólogo com formação Universitária e professor universitário da Univ. Gama Filho de Psicologia e Pedagogia. Foi um dos ilustradores da **Revista da EPPA** de 1952.

- Rubem Barbosa Rosadas. Coronel. Escritor e folclorista nordestino, como professor na AMAN. É membro acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Ruy Collares Machado: Coronel. Conhecedor profundo da História Militar Terrestre do Brasil no Sul, como professor da Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre e, a seguir, do CMPA. Ingressou no Magistério Militar (História) por concurso, obtendo o 1º lugar. Foi o 1º lugar nos Cursos de Artilharia da AMAN e EsAO. Foi superintendente da Carris e dos Diários Associados em Porto Alegre. É membro acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Tancredo Faustino da Silva. Coronel. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea, e na Reserva, como oficial do Arquivo do Exército, foi autor do precioso livro **Exército Brasileiro,** que abordou a origem de todas as Unidades do Exército e suas evoluções e denominações sucessivas, e outras unidades originárias de frações das mesmas, bem como as que foram extintas, instrumento de trabalho básico para o historiador do Exército.

- Tibério Kümmel de Macedo: General, historiador militar do 5º BEC em alentado e detalhado volume. Como oficial subalterno do 1º Batalhão Ferroviário foi o inventor de um aparelho para facilitar o lançamento de trilhos de ferrovias. No momento, faz pesquisa para resgatar a história do lançamento de uma ponte militar flutuante sobre o rio Pelotas, para substituir a fixa, levada pela enchente do mesmo rio.

- Valentim Benício da Silva. Marechal. Historiador. Cursou a Escola de Guerra. Foi Secretário da Junta Militar que depôs Washington Luiz. Chefe de Gabinete do Ministro Gen Eurico Gaspar Dutra. Reorganizador da Biblioteca do Exército como editora. Foi Adido Militar e Embaixador no Peru. Comandou a 3ª Região Militar. Foi Delegado na Junta Interamericana de Defesa (1946). É membro do IHGRGS, e patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil

- Zolá Franco Pozzobon: Coronel, escritor e historiador.

Radialistas e Jornalistas

- Adil Borges Fortes da Silva (Hilário Honório): Jornalista, primeiro assessor de imprensa da Câmara Municipal de Porto Alegre, lutou pela reabertura do CMPA em 1961.

- Carlos Dantes de Moraes. Crítico literário, advogado, jornalista, membro do IHGRGS.

- Éldio Waldanir da Silveira Macedo (Éldio Macedo): destacado jornalista esportivo e apresentador de TV, famoso apresentador do programa de luta livre "Ringue Doze" na TV Gaúcha nos anos 60, integrante da Câmara Setorial do Esporte (Min Esporte – 2003).

- Marcos Ramon Dvoskin. Administrador de Empresas, Jornalista, diretor executivo da rede de jornais do Grupo RBS, implantador do **Diário Catarinense**, diretor geral da Editora Globo e diretor da **Revista Época**. Presidente da Associação Nacional de Editores de Revistas – ANER. Foi Presidente da Editora Manchete.

- Paulo Sérgio Pinto. Engenheiro, radialista, Diretor Comercial do Jornal **Correio do Povo**, Vice-Presidente da Rede Pampa de Comunicação.

- Octávio Mariot Foques. Como aluno, em 1935, apresentava o programa **A Hora Infanti**l na PRC-2 (Rádio Gaúcha), lotando o Cinema Imperial nas matinais de domingo, ali se apresentando junto com seus artistas mirins, com grande sucesso. Diretor superintendente da Agropecuária Aruanã (AM) (2003).

- Pedro Ernesto Denardin. Um dos mais destacados jornalistas esportivos do RS.

- Ruy Kraemer: Coronel, destacado Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas-RJ, Diretor do Colégio Acadêmico-RJ, radialista, escritor.

- Ruy Figueira: Radialista, o primeiro **Repórter Esso** do RS.

Atletas

- Breno Vignoli: Coronel, Vice Campeão do II Campeonato Sul-Americano de Pentatlo Moderno (1956), integrante da equipe brasileira de pentatlo moderno que obteve medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos.

- Daniel Vargas dos Santos: 1º Tenente, pentatleta, participou dos Jogos Panamericanos de Santo Domingo (2003) (6º lugar) e das Olimpíadas de Atenas (2004) (29º lugar) na modalidade pentatlo moderno, campeão da prova de esgrima no Campeonato Mundial de Pentatlo Moderno em Moscou.

- Eduardo Munoa: enxadrista, campeão brasileiro sub 16 (1995), Campeão Brasileiro Sub 20 (1999), Vice-campeão Brasileiro Estudantil de Equipes (1994), campeão gaúcho absoluto (2002), vice campeão gaúcho absoluto (2000), vice campeão gaúcho absoluto (2003), 5º lugar no campeonato mundial sub 20 de equipes (1999), 3º lugar no campeonato mundial amador (2002), entre boas participações em estaduais, brasileiros, panamericanos e torneios abertos em geral.

- Egeo de Oliveira Freitas: General, campeão de Concurso Hípico na área do CMS e comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada durante a construção de seu atual e moderno Quartel –General em Pelotas. É constante colaborador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Guilherme Paraense. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2 de janeiro de 1911 e classificado em 87º lugar numa turma de 136 aspirantes. Em 1920 nas Olimpíadas de Antuérpia na Bélgica foi o primeiro Medalha de Ouro do Brasil numa Olimpíada com tiro rápido de pistola a 30 metros e Medalha de Bronze em equipe na mesma distância, usando armas emprestadas por competidores dos Estados Unidos.

- Jaquaré Teixeira: Coronel, Instrutor de Educação Física no CMPA e na EsPPA, Diretor da Escola Superior de Educação Física na UFRGS (1944/45).

- Marcus Vinícius Freire: Medalhista olímpico de voleibol (prata em 1984), membro da Comissão Nacional de Atletas, diretor-técnico do COB, Chefe da Missão brasileira no Pan 2003, chefe da missão do Brasil nas Olimpíadas de 2000 e 2004.

- Marseno Alvim Martins: Coronel. Professor de Educação Física com pós-graduação em Mainz, na Alemanha e especialização em atletismo na Inglaterra. Administrador de Empresas, Engenheiro Civil, campeão da Região Sul do pentatlo moderno, freqüentou pódios em vários esportes no Rio Grande do Sul, disputando pelo Grêmio de Porto Alegre. No Rio de Janeiro, pelo Fluminense, foi tricampeão gaúcho de natação; bicampeão por equipe do Troféu Brasil de Atletismo, campeão do salto com vara – modalidade que venceu também no Rio – e bronze no decatlo dos Jogos Mundiais Universitários.

- Nelson Beust: General, recordista do Exército de tiro de fuzil; um dos mais destacados especialistas brasileiro nessa modalidade esportiva, reorganizador da instrução de tiro no Exército.

- Ricardo de Almeida Castilho: Professor Mestre de Educação Física no CMPA, primeiro aluno do CMPA a representar o Brasil numa competição mundial (Pentatlo Moderno – XXVI Campeonato do Mundo – Roma, Itália, obtendo o 58º lugar individual). Por vários anos integrou a equipe brasileira da modalidade sendo que, nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo em 2003, foi o técnico da seleção. Redator do capítulo sobre Pentatlo Moderno constante no **Atlas do Esporte no Brasil.**

- Roberta Doernte Sant'Anna: Nutricionista, atleta de Pentatlo Moderno, participou da primeira competição feminina de Pentatlo Moderno em Jogos Pan-Americanos, sendo uma das duas atletas brasileiras a competir em Winnipeg, no Canadá, em 1999, obtendo a 8ª colocação. Em 2002, foi a campeã do Sul-Americano realizado em Buenos Aires, Argentina.

- Sergio Fett Sparta de Souza: Coronel, destacado

atleta do CMPA e das Forças Armadas, Comandante do 3º BPE, Chefe da Segurança Presidencial dos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, Adjunto-Chefe da Comissão Desportiva Militar do Brasil, Presidente da Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno e vice-presidente da União Internacional de Pentatlo Moderno. Campeão e recordista sul-americano de pentatlo militar e natação, campeão brasileiro de pentatlo moderno e esgrima e campeão das Forças Armadas de voleibol. Até hoje detêm o título de recordista em decatlo atlético da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). Atuou também como treinador, chefe de equipe e de delegação em vários eventos esportivos sagrando-se campeão sul-americano e mundial de Pentatlo Militar e Natação. Cursou a Escola de Educação Física do Exército, foi instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras e na EsEFEx. Mantem-se em atividade desportiva, disputando a categoria master de natação pelo Grêmio Náutico União, detendo vários recordes gaúcho e brasileiro.

Destaques em diversas profissões e atividades em especial depois de ingressarem na Reserva

- Airton Meireles Brissac. Coronel. Foi analista da Agência do SNI em São Paulo. Desenvolve destacada atuação social como atento receptor e transmissor pela Internet de importantes notícias e análises, em especial as de natureza política, de interesse de sua enorme lista de correspondentes.

- Alfredo Maciel dos Santos. Foi um dos 13 jovens-turcos, fundadores da Revista **A Defesa Nacional,** em 1913 no Clube Militar.

- Antonio Augusto de Arruda: Tenente-Coronel, professor da Escola Militar, publicou a primeira obra filosófica no RS (Curso de Direito Militar), um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do RS.

- Antonio Azambuja Souza. Coronel. Integrante da Turma Tuiuti da Academia Militar das Agulhas Negras, desenvolve atenta atuação social através de site que administra e no qual recebe e difunde assuntos de interesse da Turma Avaí, contribuindo para manter a união de seus integrantes.

- Antonio Fernando Neiva. Diretor Geral do DENTEL.

- Armando Pereira da Câmara. Brilhante filósofo brasileiro, reitor da UFRGS, primeiro reitor da PUC e Presidente do IHGRGS.

- Arnim Lore: Economista, Diretor do Banco Central, Presidente da VARIG.

- Ary Presser Bello. Brigadeiro-do-Ar, primeiro Comandante do 1º Grupo de Bombardeiros Leves – 1º GBL, subordinado ao 3º Regimento de Aviação – 3º Rav, sediado em Canoas- RS, operando a partir do Aeródromo de Gravataí. Comandante da EPCAr, Delegado da Junta Interamericana de Defesa (1964/66).

- Camila Bolzan. Oficial da FAB, única gaúcha a integrar a primeira turma de formação de pilotos de combate na Academia da Força Aérea Brasileira (2003). Primeira mulher a realizar um vôo como piloto de caça.

- Carlos Aloysio Weber. Coronel, primeiro comandante e denominação histórica do 5º BEC, Porto Velho, RO, unidade militar de Engenharia pioneira na Amazônia; presidente da RFFSA.

- Carlos de Paula Couto. Um dos nomes de maior destaque da paleontologia brasileira no século XX. Tido como continuador da obra do botânico dinamarquês Peter Lund (1801-1880). Pioneiro da paleontologia no Brasil, Paula Couto se notabilizou por seu trabalho em paleontologia de mamíferos e pela publicação de uma obra de referência fundamental nessa área, além de centenas de artigos. Em diversas expedições pelo Brasil, coletou vários fósseis que hoje compõem o acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde trabalhou por boa parte da vida.

- Carlos Gastaldoni. Engenheiro Metalúrgico, Superintendente do BNDES das áreas industrial em 1997 e de clien-

tes em 2000. Secretário do Desenvolvimento de Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

- Charles Day. Coronel. Desenvolve, a partir de Porto Alegre, intensa, atenta e elogiável ação social no sentido de manter bem unida e informada a oficialidade da Reserva residente em Porto Alegre através da Internet, comunicando circunstâncias que envolvam qualquer deles e promovendo jantares de confraternização, atuando assim como um catalisador do grupo.

- Clarisse de Moura Umpierre. Oficial da FAB, única gaúcha e primeira aluna do CMPA a ingressar na FAB em 1996, no Serviço de Intendência, integrando a turma pioneira de mulheres na Aeronáutica.

- Cristiane Magno Nunes. Médica. Primeira menina a conquistar o cargo de Coronel Aluna de um Colégio Militar (1996). No mesmo ano, Cristiane foi eleita princesa do CMPA, sendo que a rainha, Simone Beheregaray Martins dos Santos, era a Tenente-Coronel Aluna.

- Coriolano de Andrade. General. Cursou a Escola de Guerra no Casarão da Várzea, onde comandaria, depois, a EPPA. Antes, tivera diversas passagens no Casarão como CMPA e depois como EPPA. Serviu, durante sua carreira, em quase todos os regimentos de Cavalaria no Rio Grande do Sul. Foi o 1º comandante e organizador da 6ª DE, e comandante da 3ª RM. É estudado nesta obra como comandante da EPPA.

- Eduardo Dória Sá Fortes. General. Comandante da Policia Militar de Santa Catarina .

- Enio da Cunha Garcia. General. Como Chefe de Gabinete do Ministro da Guerra colaborou decisivamente para a reativação do CMPA em 1961.

- Euclides Hermes da Fonseca. Cursou a Escola de Guerra no Casarão. Na Revolução de 1922, era o Comandante do Forte de Copacabana, no episódio que passou à História como A revolta dos 18 do Forte. Era filho do ex-ministro da Guerra e ex-Presidente Marechal Hermes da Fonseca. Este, como presidente do Clube Militar, fora preso no

Posto de Comando do Comandante do 3º RI na Praia Vermelha, em local incompatível com sua posição hierárquica.

- Fábio Luiz Gomes. Destacado pecuarista e advogado gaúcho.

- Fernando Soares Schlindwein: médico, PhD e DSc em Engenharia Biomédica, Professor do Departamento de Engenharia Biomédica da University of Leicester (UK) e professor-visitante da Johns.

- Getúlio Vargas. Diretor da **Tribuna de Petrópolis**, Membro da Academia Petropolitana de Letras, um dos fundadores do Instituto Histórico de Petrópolis.

- Gilberto Fontela Schleiniger. PhD em Matemática pela University of Califórnia, Professor da Universidade de Delaware.

- Gregório Porto da Fonseca. Aluno da Escola Militar, Tenente-Coronel, poeta, biógrafo, ensaísta, Diretor da Secretaria da Presidência da República no governo Getúlio Vargas, Membro da Academia Brasileira de Letras.

- Heitor Aquino Ferreira. Coronel. Foi secretário particular e colaborador do General Golbery do Couto e Silva e do Presidente Ernesto Geisel. Traduziu vários livros importantes do Inglês para o Português.

- Hélio Loro Orlandi. Coronel, Diretor Geral do DENTEL.

- Hugo Garrastazú. General. Comandante da 3ª Divisão de Cavalaria e um dos líderes da Revolução de 64 no RS.

- Ivan Tramujas da Costa e Silva. Médico especialista em cirurgia vídeo-endoscópica, professor da Universidade Federal do Amazonas, pioneiro na execução de procedimentos vídeo-cirúrgicos em Manaus.

- João Daudt de Oliveira. Ex-aluno da Escola Preparatória e Tática (Porto Alegre), advogado, empresário, farmacêutico, conselheiro do BNDES.

- José Carlos Ferraz Hennemann. Engenheiro, Professor Doutor, Diretor da Escola de Engenharia, Pró-Reitor de Ensino, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRGS, Reitor da UFRGS.

- José Fernando Mattos. Engenheiro Mecânico, um

dos maiores especialistas brasileiros em Gestão pela Qualidade Total, criador do Programa Gaúcho da Qualidade Total, Coordenador do Programa de Qualidade da Área Pública (PGAP/PGQP – Porto Alegre-RS), Secretário Executivo do Programa de Qualidade na Gestão Pública, Presidente do Movimento Brasil Competitivo (MBC).

- José Humberto Mendes Barbosa. Coronel Aviador, Engenheiro, Advogado da Advocacia Geral da União, diretor da EMBRATUR, diretor-executivo da TVE, diretor da Parceiros Voluntários de Gramado.

- José Plácido de Castro Nogueira. Coronel. Foi Fiscal Administrativo do 9º Regimento de Infantaria em Pelotas e estimulador do time de futebol Farroupilha, ligado aquele Regimento. Comandante do CMPA (1964/66), presidente da Federação Gaúcha de Futebol.

- José Valdir Real de Andrade. Coronel. Na Reserva em Santa Maria foi assessor de Segurança e Informações por quatro anos do Reitor da Universidade Federal de Santa Maria e Diretor Executivo por 20 anos da Câmara de Indústria e Comércio do município do mesmo município.

- Justo Werlang. Empresário, membro da Fundação Gaia, defensor do meio ambiente, sócio fundador e primeiro presidente da COLMÉIA, Presidente da I Bienal do Mercosul, Vice-Presidente da IV e V Bienal do MERCOSUL, vice-presidente da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Diretor Vice-Presidente do Conselho Curatorial da Fundação Iberê Camargo.

- Lino Carneiro da Fontoura. Coronel, professor da Escola Militar, fundador e professor da Escola de Engenharia (precursora da UFRGS), um dos fundadores da Carta Geral (1ª DL).

- Luiz Carlos Avellar Coutinho. Coronel. Integrou as equipes dos presidentes Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco como o responsável pelos palácios da presidência em Brasília, e no Rio de Janeiro a do Presidente General Emílio Garrastazu Médici. Inicialmente como seu Ajudante-de-Ordens, na Chefia do SNI e no comando do III

Exército e, a seguir, como seu Secretário Particular e supervisor de Segurança da família do presidente. Também foi Secretário Particular do Presidente General João Figueiredo e seu ligação com o Vice-Presidente da República Eng. Aureliano Chaves, do qual era amigo particular. É diretor da TN Industrial, empresa importadora de Material de Informática. Ainda conserva o saudável costume de telefonar a seus amigos em seus aniversários.

- Luiz Macksen de Castro Rodrigues. Coronel, Superintendente da Polícia Federal do RS (1977/95).

- Lysímaco Ferreira da Costa. Professor, Dr., economista, industrial, siderurgista, educador, primeiro aluno a receber diploma de graduação da Unidade Federal do Paraná, Diretor Geral da Instrução Pública do Estado do Paraná (1925).

- Milton Fernando Viegas Júnior. Aluno do CMPA. Campeão da IV Olimpíada Brasileira de Astronomia (2001) em sua categoria, primeiro aluno do CMPA a representar o Brasil em uma olimpíada internacional (VII Olimpíada Internacional de Astronomia – Rússia – 2002).

- Murillo Gurjão. Coronel. Cronista, colaborador e membro do Conselho Editorial da preciosa Coleção Memória Militar, "**Causos"**, **crônicas e outras... Historietas Militares.** É o autor do prefácio do nº 7 da referida coleção.

- Nathan Willig Lima. Como aluno, representou o Brasil na X Olimpíada Internacional de Astronomia, realizada em Pequim, em outubro de 2005.

- Nei Paulo Panizzutti. Coronel. Professor de Português na AMAN e em Resende. Escritor, revisor, tradutor. Foi secretário de Cultura em Resende e acadêmico da Academia Resendense de História e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

- Nelson Mendonça Mattos. Um dos vice-presidentes do Google (Europa, África e Oriente Médio), em 2008, comandando, da Suíça, 12 centros de pesquisa e desenvolvimento, responsáveis por projetos inovadores na rede mundial de computadores. Mattos é encarregado de coordenar os times de engenharia e pesquisa responsáveis por

serviços e produtos do Google na região.

- Nery Pacheco Prates. Coronel. Comandou o Regimento Osório e o Colégio Militar de Porto Alegre. Neste, estimulou o desenvolvimento da História do Casarão da Várzea, escreveu sobre o mesmo e sobre a AACV- Associação dos Amigos do Casarão da Várzea. Coordenou a reunião do cinqüentenário da turma que ingressou na EPPA em 1950 e elaborou poesia alusiva que recitou para a turma no Salão Brasil, cujo início foi escolhida pelos autores para figurar no presente livro, à Guisa de Prefácio.

- Newton Braga. Major Brigadeiro, participou do **Raid Itália-Brasil** como navegador do Hidroavião Jahu, realizando a triunfal travessia do Atlântico em 1926/27. Escritor.

- Olavo Amaro da Silveira. General, fundador e primeiro diretor do Departamento Estadual de Educação Física e da Escola de Educação Física da UFRGS (1940/44).

- Omar Lima Dias. Coronel, Veterano da Força de Emergência da ONU em Suez, administrador de empresas, diretor-presidente executivo destacado do GBOEX, prêmio Mérito em Administração-2003 no setor.

- Oscar Vaz Clarke. Bacharel em Engenharia pela UFRJ e Mestre em Administração de Empresas na FEA-USP, executivo da indústria com vasta experiência no mercado brasileiro, trabalhou na EMC, como Diretor de Vendas, Canais, Alianças e Provedores de Serviços, e na IBM, como Gerente de Estratégias de Marketing e Negócios. Trabalhou também na Hitachi do Brasil, onde foi o Country Manager. Em 2004 foi convidado para assumir o posto de Gerente Geral da Intel no Brasil.

- Paulo Antônio Pereira Pinto. Diplomata (Ministro de Segunda Classe), Economista, escritor, Chefe do Escritório Comercial Brasileiro em Taipé notabilizou-se pela condução do “Caso Iruan” entre Brasil e Taiwan em 2002/2004, Cônsul-Geral do Brasil em Dubai, na Índia.

- Piero Ludovico Gobbato. General, Assessor da Presidência da República. Comandou a 5ª Brigada Blindada, a 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada e o CMP.

Foi o Diretor do Estado-Maior da Junta Interamericana de Defesa. A história da 3ª DE traz síntese de sua vida militar.

- Riograndino Kruel. General, um dos líderes da Revolução de 64, Chefe do Departamento Federal de Segurança.

- Roberto José Martinez. Coronel. Trabalhou no 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves, RS, na construção do Tronco Principal Sul em serviço considerado de natureza nacional relevante. Na Reserva foi, por quatro anos, assessor da Secretaria de Bem Estar Social de Santa Maria, e por cerca de 20 anos Delegado da FHE-POUPXEX naquela cidade, que abriga uma das maiores guarnições do Exército.

- Roberto Soares Schlindwein. Médico. Coordenador do Sistema Nacional de Transplantes.

- Rudolf Ahrons: Engenheiro, proprietário do escritório de Engenharia com o seu nome, o qual foi um dos mais importantes de Porto Alegre no início do século XX.

- Walter Gomes de Brito Fernandes. Cronista, colaborador e integrante do Conselho Editorial da valiosa Coleção de Memória Militar: "**Causos", crônicas e outras – Historietas Militares**, já em seu 7º volume.

- Yapir Marotta: Engenheiro, diretor regional do DENTEL, Gerente Geral de Planejamento e Regulação da Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL.

MAJOR DENTISTA HÉLIO RICARDO ALVES – O Cronista do Casarão da Várzea –

O Major Dentista Hélio Ricardo Alves, historiador que serviu longos anos no Casarão da Várzea, produziu matérias valiosas visando preservar a História do Casarão. Ele era correspondente da AHIMTB e membro da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara.

No artigo ***Tenente Blauth*****,** herói da nossa FEB, ele concluiu que o Ten Iedo Jacob Blauth e o Sargento Reginato

foram os únicos militares que saíram da Escola Preparatória de Cadetes para a FEB. Que o Ten Blauth voltou mutilado e o Sargento Antonio Reginato como 2º Tenente.

Em artigo ***O golpe na Visita Médica*** ele descreve como os alunos procediam para enganar o Cap Médico José Corrêa de Barros, que não tratava de doenças da área de especialistas, enviando o aluno que se queixasse de um mal para o Hospital Militar. O Major Hélio foi auxiliar do Dr. Barros por 10 anos, dos 15 que o Dr. Barros atuou na EPPA.

Eu mesmo recordo do seguinte: Sentindo-me muito gripado, ao consultá-lo disse: *"Dr. Barros, eu estou gripado! E ele respondeu: Se você já diagnosticou o seu mal, porque veio me consultar?".* Ele não admitia diagnósticos prévios. O aluno tinha de declarar sintomas, mas não a doença.

Em artigo ***O Pirata***, Hélio narra o episódio de um jovem engraxate, que freqüentava a EPC engraxando sapatos, ter um pé esmagado pela roda de um bonde, fato que comoveu os alunos, que se cotizaram e deram um pé mecânico para o Pirata. A presença do **Pirata** entre os alunos durou 12 anos, até que um dia sumiu para sempre.

Em artigo ***Tempo de Fartura***, aborda o Baile do Adeus, como um dos maiores e melhores eventos sociais de Porto Alegre, e festa concorridíssima. E era um privilégio estarmos de serviço na noite do Baile do Adeus. Sobravam muitos doces e salgados e tínhamos permissão de levar aquela preciosa mercadoria para casa.

E conta sobre a fartura que constatou ao servir no 1º/6º RO 105 de São Leopoldo de 1954/57, depois na Cavalaria Mecanizada, na Serraria, onde as granjas produziam bastante, sendo as sobras distribuídas pelos familiares.

Em artigo ***Os Morcegos*****,** o Major Hélio conta como espantaram, no verão de 1953, cerca de uma centena de morcegos que invadiram uma sala da Enfermaria da EPPA e nela se alojaram.

Em artigo ***Confraternização na EPPA***, ele conta que era 3º Sargento em 1941/42, monitor de Educação Física, quando o Colégio N. S. do Rosário contratou os Serviços

de Educação Física da EPC. E ao final de um ano a EPC recebeu uma visita oficial de todos os alunos do Rosário que se postaram no pátio do Casarão em postura semelhante à militar, e os alunos igualmente. Na ocasião, o Cel Outubrino falou sobre aquela reunião de confraternização. Foi encarregado de agradecer pelo Rosário o seu primeiro aluno, Heron Domingues, que falou com enorme desenvoltura. Respondeu sua oração o Presidente da Sociedade Esportiva e Literária, aluno Daniel Monteiro.

Ambos travaram um duelo de oratória e se tornaram notáveis. Heron como o Repórter Esso e Daniel fez carreira militar, foi um dos fundadores do Montepio da Família Militar, fora um aluno destacado do IPA e vencera um torneio de oratória em Buenos Aires.

No artigo ***Charles Atlas na EPPA*** ele descreve como um 2º sargento assinou por correspondência o Curso Charles Atlas que prometia transformar um franzino num corpo com músculos modelados. E vendo nisto uma oportunidade, fez cópias do mesmo no mimeógrafo da Escola (1945/48) vendendo-as aos alunos. E a prática do Método Charles Atlas virou hábito entre os alunos. Era o Sargento Edcley Cipriano, que foi o 1º lugar no CRAS e 2º na Educação Física do Exército em 1950. Formou-se em Odontologia. Faleceu em 1997.

No artigo ***Capitão Mozuel*** ele testemunhou, numa aula de Ataque e Defesa, o Capitão Mozuel ensinar como se defender de uma bofetada. E escolheu um aluno do 3º ano, muito forte, mas que era canhoto. E o capitão lhe ordenou que lhe desferisse uma bofetada. E sem sucesso ele tentou três vezes com a mão direita. E então irritado o capitão chamou o aluno de maricas e bunda mole e deu-lhe outra chance.

O aluno ficou muito ofendido com a humilhação. E encenou a bofetada com a mão direita e a seguir deu uma tremenda cacetada com a mão esquerda cerrada que derrubou o instrutor ao chão atordoado. Refeito, ele levou o aluno pra o Sub Cmt “acusando de ter lhe agredido com premeditação e com ato de traição”. E o aluno foi punido.

No artigo ***Elogiar***, o Major Hélio que serviu de 1941/54

na EPC e EPOR ele conta alguns casos verídicos sobre elogios estranhos que testemunhou.

No artigo ***Penicilina na EPC*** ele conta que o Dr. Nenoto, do Departamento Estadual de Saúde, desenvolveu penicilina e deu um frasco de 100 unidades ao médico da EPC 1º Ten Barros. E este chamou um soldado com blenorragia. E encarregou o Hélio de aplicar a penicilina. E em menos de 48 horas o soldado deixou de sentir as dores terríveis. Em seu artigo, escreveu o Major Hélio*, "sinto-me orgulhoso, de haver sido, talvez o primeiro a aplicar a penicilina no Brasil, em Enfermaria da EPC".*

No artigo o ***Sargento Schmith*** ele aborda o Sargento da 1ª Companhia, Teodomiro Alfredo Schmith, dizendo que nunca houve no EPPA um sargento tão estimado como ele pelos alunos. E a razão é que ele se *prontificava "a copiar a máquina qualquer texto, redigia cartas, petições, requerimentos".*

Era um excelente conselheiro dos alunos e interlocutor para resolver seus "pepinos". E não o fazia por recompensa. O seu altruísmo era total.

Recordo do Sargento Schmith, que mereceu da minha turma, em 1952, uma homenagem especial na ***Revista da EPPA*****.**

Em certa ocasião os alunos formados na EPPA escolheram o Sargento Schmith para patrono da Turma. Levado ao conhecimento do Comandante, este desaconselhou, pois feriria uma tradição e seria interpretado como um descrédito ao corpo docente.

NA AMAN aconteceu algo semelhante quando, no comando do General Azambuja Brilhante, os cadetes o escolheram como paraninfo da turma, situação que ele mesmo contornou, habilmente, e foi respeitada a tradição.

No caso do Sgt Schmith, este foi comunicado e declarado pela turma seu paraninfo honorário.

Na minha turma em 1952 o paraninfo escolhido foi o Dr. Braga Pinheiro. Mas numa reunião para a escolha ela foi tumultuada pela apresentação, pelo aluno Eduardo Chuay, da candidatura do Governador Ademar de Barros.

No artigo ***João – o cachorro inesquecível*****,** Hélio des-

creve um cachorro chamado João adotado pelos alunos da EPPA. Era um cão preto, porte médio, pelo liso e brilhante, muito calmo. Era amigo de todos os alunos e sempre se acercava do grupo de alunos mais próximos. João gostava tanto do som isolado da corneta, como do som da banda da escola. Era uma espécie de mascote. Ainda em 1957 ele permanecia na EPPA.

No artigo ***O incêndio da EPC***, o Maj Hélio descreve o incêndio que testemunhou como 3º sargento na tarde de 14 de maio de 1943, sua atuação e as primeiras providências, inclusive a salvação de uma criança, filho do Ten Médico Dr. Barros. Incendiara o piso acima do Salão Brasil. Organizou as providências de retirada de objetos o 1º Ten Ito do Carmo Guimarães, Oficial de Dia, no que foi ajudado pelo hoje General José de Mattos Marsillac Motta Neto. A causa do incêndio foi um curto circuito na instalação elétrica. A propagação do fogo foi ajudada pelo enceramento do piso, muito recente. Por falta de água os bombeiros não conseguiram apagar o fogo, e apenas o isolaram do comando, administração e do hoje Salão Brasil.

O Cel ALTINO BERTHIER BRASIL E O ATUAL CMPA

O atual CMPA deve a sua continuidade, depois da extinção da Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA – 1939/61), ao ilustre membro efetivo da Delegacia da AHIMTB/RS em Porto Alegre, Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, o Cel Prof Altino Berthier Brasil.

No sentido de recriar o Colégio Militar de Porto Alegre, o Coronel Berthier elaborou um Memorial neste sentido a ser encaminhado às autoridades federais. Entregou este Memorial ao antigo aluno do Colégio Militar, anterior a EPPA, o Dr. Adail Borges Fortes, secretário do **Correio do Povo** e entusiasta da idéia.

E no domingo, dia 25 de outubro de 1961, ele publicou

em destaque no jornal, na íntegra, o citado Memorial.

Esta publicação detonou um grande movimento na opinião pública porto- alegrense, com vistas ao restabelecimento do CMPA, liderado por autoridades estaduais. A notícia repercutiu em Brasília e decorrido um mês a antiga EPPA foi transformada no atual Colégio Militar.

O ato inaugural foi presidido pelo Ministro da Guerra Gen Ex João Segadas Viana.

Destacou-se nesta campanha vitoriosa o vereador Célio Marques Fernandes, conforme se constata no artigo do **Correio do Povo** de Povo Alegre de 1º de novembro de 1961, sob o título: ***Extinção da EPPA – movimento iniciado pela Câmara de Vereadores como Campanha Pró-Instalação do Colégio Militar de Porto Alegre.***

O jornal **Folha da Tarde** de 1º de novembro de 1961 em matéria intitulada: ***Ganha corpo o interesse pela reabertura do Colégio Militar***, dá a seguinte constituição da Comissão de Reinstalação do Colégio Militar: Coronel Roberto Osório, Ten Cel Altino Berthier Brasil e Major Odi Só dos Santos.

Em 7 de novembro de 1961 a **Folha da Tarde** publicou a seguinte matéria: ***Assembléia manifesta-se favorável à reabertura do Colégio Militar***, onde o deputado José Zácchia fez pronunciamento favorável à reinstalação, com apoio que teve de seus pares. E foi então oficiado às autoridades federais solicitando a reinstalação do CMPA.

Em 10 de novembro de 1961, decorridos nove dias da publicação do Memorial do Ten Cel Berthier a **Folha da Tarde** publicou matéria: ***Colégio Militar de Porto Alegre funcionará no próximo ano*** e informou que o Ministro da Guerra, Gen Ex João Segadas Viana, havia assinado ato extinguindo a EPPA, transformando-a em Colégio Militar de Porto Alegre.

O Ministro da Guerra, em visita à EPPA na manhã de 21 de novembro de 1961 declarou*: "Uma das maiores satisfações que tive como Ministro foi assinar o ato de funcionamento do tradicional Colégio Militar de Porto Alegre".* (**Folha da Tarde**, 21 Nov 1961).

Em 27 de março de 2002, o Cel Berthier, em ofício ao Cel Cav QEMA Luís Carlos Rodrigues Padilha, comandante do CMPA, entregou um dossiê com documentos e artigos do **Correio do Povo** e **Folha da Tarde**, historiando como foi reconstituído o Colégio Militar em 20 dias. Dossiê no qual buscou apoio a presente interpretação e que nos chegou às mãos pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, professor do CMPA e Delegado da AHIMTB/RS, Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara.

PROJEÇÃO SOCIAL DO CASARÃO DA VÁRZEA

O Casarão vincula-se à fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao seu pioneirismo no culto das Tradições Gaúchas. Isto, através do Grêmio Gaúcho criado por seu professor em 1898, o Ten Cel Cav João Cezimbra Jacques, hoje consagrado como patrono do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). O Casarão da Várzea, ano da criação da Liga de Futebol de Porto Alegre, foi o campeão de Porto Alegre, através do Militar Foot Ball Clube, de Alunos da Escola de Guerra. Na época, 1910, o Casarão abrigava a referida Escola, que estava sendo transferida para o Realengo.

Extinta a Escola de Guerra de Porto Alegre e criado o Colégio Militar em 1912, no ano seguinte o Militar Foot Ball Clube foi extinto e seus jogadores, agora do Colégio Militar, ajudaram a fundar o Esporte Clube Cruzeiro, que foi o campeão de Porto Alegre em 1918 e 1929, quando também foi campeão gaúcho de futebol com um Esquadrão constituído de alunos do CMPA e da UFRGS.

Na parte cultural, projetaram-se os alunos Mário Quintana, poeta, Darcy Pereira Azambuja, romancista, e Vasco Prado, artista plástico.

A publicação mais importante foi a Revista Hyloea, abordada neste trabalho pela atuante sócia correspondente da AHIMTB em Porto Alegre, Carmen Lúcia Ferreira da Sil-

va, a jornalista trineta do Conde de Porto Alegre, cuja memória ela cultua e difunde.

O Estádio Ramiro Souto foi construído em 1936 no comando do General Ramiro Souto, aproveitando instalações da Exposição ali realizada no centenário da Revolução Farroupilha.

A hoje Escola de Educação Física da UFRGS foi fundada na década de 40 pelo Capitão Olavo Amaro da Silveira, que foi o seu primeiro diretor.

Em 1964, foi criada a Legião de Honra do Colégio Militar, a pioneira na rede de Colégios Militares, e dedicada a consagrar alunos e alunas destaques no culto à Honra, à Lealdade, à Amizade e à Camaradagem. Extinta em 1980, foi recriada em 1999.

Em Março de 1979, há 29 anos, teve início o ingresso no CMPA do Magistério Feminino. Em 1989 o CMPA recebeu o seu primeiro contingente de meninas, que nos anos de 2007 e 2008 (abaixo) conquistaram os postos mais elevados de Coronel-Aluna e de Tenente Coronel-aluna. E mais, conquistaram a Presidência da Legião de Honra e a direção das Comissões de Formatura da 8ª série ginasial e da 3ª série colegial.

- 2007: Cel Aluna: Mariana Bartels; Ten Cel Aluna: Maíra Alves Braga de Oliveira;

- 2008: Ten Cel Aluna: Paula Marques Prates Behrens.

OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO CAPITÃO PAROBÉ E OUTROS DESTAQUES DO COLÉGIO DOS PRESIDENTES

Construído em 2002 um Observatório pertencente ao CMPA, ele se tornou a única escola brasileira de instrução básica a possuir um Observatório Astronômico.

O observatório faz parte de um Projeto Multidisciplinar Nacional e está instalado no interior do quartel da 1ª Divisão de Levantamento (1ª DL), no Morro Santa Teresa.

Dois alunos do CMPA representaram o Brasil em 2002 na Rússia, na VII Olimpíada Internacional de Astronomia, e em 2005 um aluno do CMPA representou o Brasil na China, na X Olimpíada.

Os únicos estudantes gaúchos selecionados para cursarem a Escola do Espaço, promovida pela Agência Espacial Brasileira em 2002, a Escola Avançada de Física no Instituto Tecnológico da Aeronáutica em 2003 e a 1ª e 3ª edições da Jornada Espacial, promovidas também por aquela Agência, tudo em São José dos Campos, SP, foram do CMPA. A saber, pela ordem: Aluno Thiago Alves da Costa (está cursando Engenharia no ITA), Aluno Jarbas Alfeu de Paula Júnior (está cursando a AMAN), Alunas Maíra Alves de Oliveira e Fernanda Costa (ambas cursando Medicina na UFRGS) e o Aluno Anderson Bertarello (concluindo o 3º ano do EM no CMPA).

Alunos egressos do CMPA possuem o mais alto índice de aprovação nos vestibulares da UFRGS entre as escolas de Porto Alegre (41% em 2005).

O CMPA, entre os Colégios Militares, é o que tem conseguido os melhores índices nos exames para a Escola Preparatória de Campinas.

De longa data tem sido a escola, no Rio Grande do Sul, que mais tem aprovado candidatos ao IME (Instituto Militar de Engenharia) e ao ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica).

Do CMPA saíram as duas primeiras gaúchas que integraram a turma pioneira de mulheres para a FAB. Uma em 1996 para a Intendência e outra em 2003 para o curso de piloto de combate.

Por tudo, o Casarão da Várzea, pelo seu passado, seu presente e seu promissor futuro, é um patrimônio da Educação, de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e do Brasil e, em especial, do Exército Brasileiro, do qual se constituiu o recordista de serviços contínuos prestados ao ensino do Exército durante cerca de 122 anos.

Sobre a projeção do Casarão da Várzea em Porto Alegre, assim a interpretou o historiador Sérgio da Costa Franco, do IHGRGS, em artigo na Revista Hyloea de 1995, pág. 9:

...“Mas a identificação de Porto Alegre com seu Colégio Militar, não provém apenas de um prolongado convívio físico na paisagem. Houve também uma inteiração efetiva e psicológica entre o porto-alegrense e essa mocidade fardada que brilhava nos desfiles, nas festas cívicas, nas competições esportivas e até nos eventos musicais e literários. Toda a história cultural e social de Porto Alegre está marcada pela presença ativa dos cadetes da antiga Escola Militar entre os quais figuravam vultos da maior importância no terreno intelectual. Embora mais jovens, e por isso com menos condições de figurar na liderança dos movimentos da comunidade, os alunos do atual CMPA não se afastam da imagem de seus antecessores”...

O COLÉGIO DOS PRESIDENTES

Pelas arcadas do Casarão transitaram alunos ilustres, entre os quais seis presidentes da República: Marechal Eurico Dutra, filho de Mato Grosso, aluno da Escola de Guerra; Marechal Humberto Castelo Branco, filho do Ceará; Arthur da Costa e Silva, gaúcho de Taquari; General Emílio Garrastazu Médici, gaúcho de Bagé; General Ernesto Geisel, gaúcho da cidade de Bento Gonçalves; e General João Figueiredo, filho da cidade do Rio de Janeiro. Todos ex-alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, por esta razão chamado de “O Colégio dos Presidentes”.

E neste grupo inclui-se o General Adalberto Pereira dos Santos, vice-presidente da República, o Cel Jarbas Gonçalves Passarinho, ex-governador e senador pelo Pará, ex-ministro do Trabalho, da Educação e da Justiça, ex-presidente do senado, etc. e, ainda, patrono em vida da cadeira 50 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Também cabe destacar ex-alunos da Escola de Guerra abordados em local próprio, os quais consolidaram o profissionalismo militar que sucedeu o bacharelismo militar, o qual vigorou no Exército de 1872 a1905.

O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE HOJE

Segundo o site do CMPA (Notícias), em texto obtido pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, professor do CMPA e parceiro neste livro, segue-se a definição do Ensino no CMPA e projeção do mesmo:

"No vestibular 2008 para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Colégio Militar de Porto Alegre obteve um recorde histórico de aprovações (sete pontos percentuais acima do recorde anterior, obtido em 2007). Dos 122 alunos da 3ª Série/2007 que prestaram o concurso, 63 obtiveram aprovação em primeira chamada, totalizando 51,63%. Fora dessa contabilização, encontram-se ainda 11 alunos da 2ª Série/2007 e 1 aluno da 1ª Série/2007 que realizaram o vestibular como 'treino' e também foram aprovados. O resultado final no vestibular 2008 da UFRGS traduz a excelência do ensino no CMPA e no SCMB".

Veja abaixo as razões do sucesso dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, postadas em seu portal Internet:

A expressiva e histórica aprovação no vestibular/2008 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a qual repercute hoje na grande imprensa do Estado e em clipagens nacionais, não se deveu a fatores isolados ou conjunturais. É fundamental constatar que, devido à modernização do ensino nos estabelecimentos educacionais do Exército, implantada pela alta direção de ensino da Força a partir do final do século passado, o incremento nos índices de aprovação em concursos e nos resultados de olimpíadas educacionais vem apresentando um aumento sensível ano após ano.

Prova disso são os expressivos resultados de alunos do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) em olimpíadas de Matemática, Física, Astronomia, Química e Informática, bem como a aprovação desses em vestibulares considerados muito difíceis, como os do ITA, IME, UNICAMP, USP, etc. Somando-se a isso os resultados do ENEM nos últimos dois anos, quando o SCMB despontou como o sistema

educacional melhor posicionado em todos os estados brasileiros onde há um Colégio Militar. É possível verificar que uma escola de excelência não é produto de uma conjuntura específica, mas sim de um conjunto de fatores que, agindo sinergicamente durante um largo período de tempo, produz resultados vitoriosos.

Em uma análise criteriosa, é possível elencar os vários fatores que contribuíram para o sucesso dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre:

- A preparação dos alunos para vida cidadã – aí incluídos os diversos concursos que esta pode lhe exigir – inicia no 6º Ano do Ensino Fundamental (antiga 5ª Série), pois nas séries iniciais é formada a base de conhecimentos que será decisiva para a continuação dos estudos. Tal preparação prossegue nas demais séries do EF e nas duas primeiras do Ensino Médio;

- No 3º Ano do Ensino Médio, o aluno cursa o chamado PREVEST (pré-vestibular), onde estuda as matérias dessa Série e também tem seu estudo dirigido para os vestibulares locais, especialmente o da UFRGS;

Em 2006, por iniciativa dos professores e com o aval do Colégio, foi planejado e desenvolvido um projeto especial e experimental, chamado de “Vestibular 2008”, onde os voluntários do então 2º Ano foram grupados em uma turma de 30 alunos e passaram a ter aulas especiais à tarde, assumindo o compromisso de permanecerem no projeto, apesar da grande carga de trabalho que lhes seria exigida. Após o resultado do vestibular, esse projeto foi considerado um sucesso, pois 22 dos 30 alunos (73,33%) foram aprovados;

Embora ainda não se tenha computado o percentual, acredita-se que o sistema de cotas tenha também participação no índice obtido. No entanto, é necessário esclarecer dois aspectos:

• houve alunos que, embora estivessem dentro do universo permitido, optaram por não fazer parte das cotas;

• embora o CMPA esteja no universo dos colégios públicos, muitos de seus alunos não podem ingressar como

cotistas, pois o índice de transferência dos filhos de militares é bastante elevado, o que faz com que esses alunos não tenham cursado todo o Ensino Médio e, pelo menos, metade do Fundamental em escolas públicas;

• o CMPA, há vários anos, aprova na UFRGS mais de 40% dos concludentes do 3º Ano do Ensino Médio. Em 2007, por exemplo, a aprovação foi de mais de 44% e, em 2006, de mais de 42%.

- Mais de 50% dos docentes do CMPA são mestres ou doutores. O Colégio busca e incentiva, incessantemente, o aperfeiçoamento profissional de seu corpo docente.

- A estrutura de ensino contempla um criterioso planejamento e organização do ano letivo e das avaliações. A existência de uma Supervisão Escolar, de Secções e Subsecções de Ensino, de uma Seção Psico-Pedagógica e de uma Seção Técnica de Ensino fornece a infra-estrutura que suporta o rigoroso planejamento, organização e condução da educação.

- As provas bimestrais são confeccionadas pelos respectivos professores, mas passam por mais cinco crivos: chefe de Subsecção (cadeira), chefe de Secção de Ensino, Secção Técnica de Ensino, Subdiretor de Ensino e Diretor de Ensino. No final do processo, a prova não é apenas responsabilidade do professor, mas sim do Colégio Militar.

À semelhança da vida cidadã futura que encontrará após sua formatura, os alunos são submetidos a um sistema meritocrático de merecimento, onde se destacam aqueles que mais se dedicam e estudam, bem como os que melhor se conduzem dentro dos parâmetros exigidos pelo Colégio. Dentro desse contexto é que existe o Batalhão Escolar, onde os alunos têm uma classificação hierárquica de grau, e a Legião de Honra, para a qual são convidados os que mais se destacam em comportamento, procedimentos e aplicação.

- A carga horária anual é superior à mínima estabelecida pelo MEC.

- Além dos conteúdos disciplinares, são oferecidas ao aluno atividades extra-classe, como: diversas modalidades

de esporte, xadrez, astronomia, coral, banda de música, teatro, clubes de disciplinas (matemática, história, literatura, ciências, filosofia, etc.) e grêmios sócio-recreativos. É incentivada a participação em olimpíadas educacionais, como: astronomia, física, biologia, matemática, etc., e em projetos sócio-assistenciais de apoio a pessoas carentes.

- A adoção de uniforme para todas as atividades possibilita que os alunos se destaquem apenas pelo que verdadeiramente são, e não pelo que vestem ou ostentam.

- Alunos, profissionais ou grupos que obtenham qualquer tipo de atuação positiva destacada intra ou extra-Colégio, recebem o reconhecimento do CMPA através de destaque em reuniões de alunos, de profissionais ou de ambos, ou ainda a citação em Boletim Interno e/ou na página Internet da instituição.

- A educação não se limita aos conteúdos das disciplinas. São também trabalhados e cultuados valores, como: respeito, ordem, organização, honestidade, honra, princípios morais, lealdade e responsabilidade pessoal e social, mas sempre dentro de um clima de amizade e camaradagem. Esse fato motiva uma forte e perene ligação afetiva entre alunos e ex-alunos com o Colégio Militar.

- A educação está baseada na harmonia e interação, profícua e constante, entre três vetores: escola, aluno e família.

- Historicamente, o CMPA trabalha com cerca de trinta alunos em cada sala de aula, admitindo, em casos excepcionais, um máximo de trinta e cinco alunos, possibilitando ao professor controlar e acompanhar o processo individual de ensino/aprendizagem.

- O Colégio possui uma excelente infra-estrutura de apoio, alicerçada na administração militar. Como integrante do Sistema Colégio Militar do Brasil, beneficia-se da troca de experiências e vivências, educacionais e administrativas, entre os doze colégios militares que compõem o sistema.

O Casarão da Várzea possui mais de 95 anos de tradição como colégio e 124 anos como escola, tendo um extenso rol de ex-alunos que se destacaram no cenário nacional.

Durante esse longo período, forjou-se a tradição de um ensino de excelência, a qual implica em maior responsabilidade para os profissionais de hoje.

- Muitos dos profissionais são ex-alunos, o que traz uma relação afetiva que potencializa de maneira positiva as atividades e relações profissionais.

A REVISTA HYLOEA DO CASARÃO DA VÁRZEA

Para que constasse neste livro a História muito pouco conhecida da Revista Hyloea uma notícia de sua história e dos assuntos que registrou, nós autores apelamos para a muito solidária sócia acadêmica correspondente da AHIMTB, a ilustre jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, trineta do Conde de Porto Alegre, cuja memória ela tem preservado e divulgado com extremo zelo.

E ela nos atendeu prontamente realizando notável trabalho de resgate da História da Hyloea, que será colocada na íntegra, no Arquivo da AHIMTB, na Sala Histórica do CMPA e em Artigos no site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil: www.resenet.org.br.

Pesquisa da qual publicamos síntese a seguir, do que mais interessante ela encerra (os autores).

A Revista Hyloea de 1995

Este número foi marcante, pois assinala a formatura da 1ª turma de meninas que ingressaram na CMPA e que traz na capa oito alunos e alunas representando uma amostra da miscigenação racial no Rio Grande do Sul.

Foi uma iniciativa feliz do correspondente da AHIMTB e sócio efetivo do IHTRGS, o então Major Antonio Cláudio Belém de Oliveira, nosso ex-aluno de História Militar na AMAN e Oficial de Relações Públicas do CMPA.

Trabalho com os seguintes textos aqui apresentados

na ordem em que aparecem:

- Mensagem do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, filho de antigo aluno da Escola de Guerra no Casarão, o mais tarde General Leônidas Cardoso, que foi o intendente do Gabinete Ministerial dos generais Góis Monteiro e Eurico Dutra, quando ministros da Guerra.
- Editorial.
- Nosso comandante – Currículo do Cel Cav José Eurico de Andrade Neves Pinto.
- Editorial.
- Artigos do Cel Cláudio Moreira Bento. As origens dos Colégios Militares no Brasil e o Casarão da Redenção – projeção Histórica.
- O Colégio Militar de Porto Alegre - do historiador Laudelino Medeiros, o autor do notável livro sobre a Escola Militar de Porto Alegre.
- A Comunidade Porto-alegrense e o Colégio Militar - do historiador Sérgio da Costa Franco, do IHGRGS.
- Valores para toda a vida - de Marcelo Rech, editor-chefe de Zero Hora.
- Mensagem do ex-presidente da República, General João Figueiredo, ex-aluno nº 150 do CMPA em 1929.
- O papel social do Exército, do Cel PM RS Hélio Moro Mariante (p. 12) que foi consagrado em vida patrono de cadeira da AHIMTB e foi vice-presidente do IHTRGS por longo período.
- Ensino e Pesquisa constroem um Exército - do Gen Ex Gleuber Vieira, Chefe do DEP (p. 13), mais tarde Comandante do Exército e hoje acadêmico da AHIMTB.
- O CMPA e o Esporte - pelo Maj Cav Mário Gilberto da Silva Lescano (p. 14).
- E a mesma Juventude - do Cel R/1 Pedro Américo Leal, vereador de Porto Alegre (p. 15).
- Esforço conjunto - do Gen Div João Carlos Rotta, comandante da 3ª RM, mais tarde consagrado acadêmico emérito da AHIMTB, que deu início ao Projeto His-

tória do Exército na Região Sul e focalizando o esforço para recuperar a parte externa do Casarão (p. 16).

- Virtudes essenciais para a projeção de Líderes, do Cel Jarbas Gonçalves Passarinho, ex-aluno editor da Hyloea e hoje patrono em vida da cadeira 50 da AHIMTB (p. 17).
- Homenagem aos Professores, pelo Cel Dentista Flávio José Correia Mabilde. Professor de História do Colégio Militar (p. 18) a quem se deve o levantamento da História da Construção do Casarão da Várzea ao tempo do Comando do Cel Neri Pacheco Prates.
- Os nossos heróis, do Ten Cel Eng Gilberto Machado Rosa (p. 19).
- Fator de Unidade e Integração, pelo Presidente da Assembléia do RGS Deputado José Otávio Germano (p. 20).
- O Colégio Militar – visto da Infância, por Tarso Genro, Prefeito de Porto Alegre. (p. 21).
- Plácido de Castro – um herói gaúcho, de Osório Santana Figueiredo, acadêmico da AHIMTB e hoje 2º Presidente do IHTRGS (p. 22).
- Profundamente Humano, do historiador caxiense Mário Gardelin, acadêmico da AHIMTB, ocupante hoje da cadeira especial Cel Arthur Ferreira Filho (p. 23).
- Mensagem aos alunos do Curso Coronel Escobar (p. 24).
- Turma Sesquicentenário da Paz de Ponche Verde (p. 25-71), contendo informações e fotos dos formandos.
- Palavras do Comandante na Formatura do 3º Ano/2º Grau (p. 62).
- Mensagem de despedida do Gen Ex Délio de Assis Monteiro, Ch do EME (p. 64).
- “Porque Hyloea”, da Professora de Português Cap Eliane Padrão (p. 64).

Eis o resumo desta preciosa e rica revista, amplamente ilustrada, a marcar a formatura do primeiro conjunto feminino e fruto de um magnífico trabalho repetimos, do hoje Coronel Antonio Carlos Belém de Oliveira, responsável pelo Projeto Especial, Diretor e Editor. Projeto Gráfico com uma

tiragem de 6.000 exemplares com as fotos de cada formando, cujas biografias foram escritas por alunos voluntários.

Indiscutivelmente um grande projeto do Cel Belém, ligado a outros interessantes projetos como o do Jornal do Comando Militar do Sul.

A expressiva capa da Revista é reproduzida como capa do presente livro.

Colégio Militar – A Revista Hyloea –

Carmen Lúcia Ferreira da Silva, Jornalista Acadêmica,
Cadeira Especial Conde de Porto Alegre

A Revista Hyloea, idealizada por um grupo de alunos das classes finais do Colégio Militar liderados por Heraclides Fontela de Oliveira**,** surge em 1922, como "Orgam official da Sociedade Cívica e Literária do Collegio Militar de Porto Alegre".

A partir de 1933, aparece com o título de **HILÉIA**. Em 1942 é apresentada como "Revista de caráter militar, social e literário", com assinaturas anuais a 10$000 na capital e 15$000 no interior. E, em 1944, a publicação é chamada de Revista da EsPPA, denominada Órgão oficial da Sociedade Esportiva e Literária (SEL) e da Escola Preparatória de Porto Alegre, com edição de alguns Álbuns de Turma de Formandos. Álbuns muito comuns entre a juventude daquele tempo.

Já em 1944, reaparece como **HILOEA** e, em 1972, retoma a grafia de **HYLOEA.** Quando o CMPA completou 90 anos, em 2002, a citada revista já está consagrada como "Veículo Oficial de Divulgação do Colégio Militar de Porto Alegre".

As revistas mais antigas parecem ter sido publicadas trimestralmente. E pelo que os editores relatam na própria revista, enfrentam dificuldades para manter a periodicidade. Mesmo assim, supõe-se que os estudantes lutam para conservar um veículo de comunicação, como expressão de

suas manifestações literárias e artísticas pessoais.

Com o passar do tempo, a revista vai adquirindo um formato mais comprometido com as realizações que ocorrem na Escola Militar. O forte vínculo dos estudantes, com seus professores e com a própria escola que lhes forma para a vida e para a profissão, é manifestado nas páginas da Revista.

Para conhecer a instituição e suas transformações, juntamente com as gerações que por ali passam, basta seguir a seqüência de seus números. Mas, não é somente a história da instituição e dos seus formandos que está escrita e registrada em fotografias, também é excelente fonte de conhecimento da cidade, do país e do mundo, em diferentes épocas.

A Sala Histórica do Casarão da Várzea guarda em seu acervo muitos exemplares da revista, com exceção dos primeiros números publicados e de alguns que devem estar faltando, mas que deixaram vestígios. Encontramos os correspondentes ao período de 1923 até agora, faltando os seguintes anos: 1926, 36, 43, 50, 51, 53, 61, 63/67, 78, 81, 83/88, 90, 92/94, 96 e 97.

A escolha do título foi assim explicada, na revista de 2001, pela aluna Ana Júlia da 2ª série do Ensino Médio*: "No lançamento da Revista do Colégio, em 1922, o Brasil vivia o início do Modernismo. Naquela época, marcada por forte nacionalismo, estava sendo veiculada a campanha:* ***"A Amazônia é Nossa".*** *Uma vez que o nome científico da Floresta é HYLOEA BRASILIENSIS, os alunos decidiram prestar uma homenagem a esse patriotismo do Brasil, utilizando o termo HYLOEA (lê-se Hiléia) para nomear a publicação".*

A mais antiga revista guardada na Sala Histórica é a **HYLOEA** – Anno I – Setembro 1923 – nº 2, referida como ***"Orgam official da Sociedade Cívica e Literária do Collegio Militar de Porto Alegre"***, fundada onze anos antes em junho e inaugurada a 7 de setembro de 1912. Em destaque, são apresentados os textos vencedores do Concurso Literário promovido pela Sociedade, então presidida por Adalber-

to Pereira dos Santos (futuro Vice-Presidente da República).

Quase todas as capas são ilustradas pela imagem do Colégio Militar, através de desenhos ou fotos externas, internas ou aéreas do prédio. Por exemplo: a capa de 1982 apresenta foto da turma de formandos em frente ao prédio do colégio, enquanto a de 1995 traz uma foto de alunos junto a uma maquete intitulada de "Revitalização do Conjunto Arquitetônico do CMPA e Alunos" (imagem usada como capa do presente livro). As páginas dos primeiros exemplares são recheadas de poemas, poesias, contos, pensamentos, crônicas, charges, caricaturas e notícias – a maior parte de autoria dos próprios alunos e de colaboradores. As revistas 1, 2 e 3 de 1938 focalizam Lendas da Cidade, pesquisadas por Levy Xavier de Souza, sobre o nascimento da macumba no RS, de "Uma Lenda do Ipanema e do Morro do Sabiá – Ituyra, O Paraizo – Terra do Amor"; e "Uma das muitas lendas que circula em torno da Praça da Harmonia", localização do antigo cadafalso.

Abordagens interessantes enfatizam temas rotineiros como no caso de "Assistência Religiosa nos Quartéis" (1932/nº 2); "Será a Carreira Militar um Apanágio da Classe?" (1945/nº 4); "Do Armário de Um Aluno e Seu Conteúdo" (1949/nº 8); e "Lages do Pátio – onde os alunos ao se despedirem gravavam seus nomes, uma tradição" (1968).

Matérias especiais

1) "Combate do Seival" através de manuscrito do arquivo da família Tavares – Barão de Cerro Alegre (1932, nº 2);
2) Zeferino Brasil especial para Hiléia (príncipe dos poetas riograndenses) – A Ambição, Águas Correntes, Nababo (1938, nº 1);
3) "Pagando Uma Dívida", colaboração do aluno Paulo Mendes Campos (1940, nº 2);
4) Territórios Federais, com mapas dos novos territórios: Rio Branco, Guaporé, Amapá, Ponta Porá e Iguaçu, e também o Plano Rodoviário Nacional com mapa, apro-

vado em 20/3/1944 (1944, nº 3);

5) "Porque o exército não quer mais o desprestigiado Prestes e seus comparsas anistiados"- transcrição de "O Eco" (1946, nº 5);
6) "Batalha de Avahy" – artigo de Pedro Américo, autor do célebre quadro (1947, nº 6);
7) "A Árvore da Montanha" – Ângelo Guido (1948);
8) "Independência do Brasil", por Rui Cirne Lima. Escolas Preparatórias "Militares do Brasil" – Érico Veríssimo (1952, nº 11);
9) "Dançando Sempre" – Barbosa Lessa, com texto e desenhos explicativos das diversas danças gaúchas. Série de "Fotos de Porto Alegre", do reconhecido Santos Vidart. "Almanaque de Rio Pardo", transcrição de trechos do historiador Dante de Laytano: "Quartel, Casa do Comandante da Fronteira, Hospital Militar e Escola de Guerra", "Alto da Fortaleza", "Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro". "O precursor dos Bandeirantes" de Walter Spalding (1954/55);
10) Conferências do Ministro Renato Barboza e do Prof. Ângelo Guido (1952, nº 11);
11) Mensagem Presidencial "Caros Estudantes... Fernando Henrique Cardoso – Presidente da República Federativa do Brasil" e Matérias de historiadores consagrados: "As Origens dos Colégios Militares no Brasil" e "O Casarão da Redenção – Projeção Histórica" – Cláudio Moreira Bento. "O Colégio Militar de Porto Alegre" – Laudelino T. Medeiros. "A Comunidade Porto-alegrense e o Colégio Militar" – Sérgio da Costa Franco. "Valores para Toda a Vida" – jornalista Marcelo Rech, editor-chefe ZH. Mensagem do Ex-Presidente Figueiredo, ex-aluno nº 150, ano de 1929. "O Papel Social do Exército Brasileiro" – Hélio Moro Mariante. "Virtudes Essenciais para a Projeção de Líderes" – Jarbas Passarinho, ex-ministro, ex-senador, e ex-aluno Editor da Hyloea de 1939; além de outros títulos por mais autoridades e historiadores (1995).

Nota: Há também um colaborador especial, o GBOEX fun-

dado em 24Mai18, com patrimônio de Cr$ 15.500.000,00 e Pecúlio de Cr$ 150.000,00 (1952).

Imagem da Mulher:

A "imagem" feminina dentro da Escola aparece na revista **Hyloea,** através da divulgação de textos românticos, da coluna "Sociedade" com fotos e legenda "senhorinha da sociedade porto-alegrense", e das promoções realizadas pela Sociedade Literária, como festas, bailes e concursos de beleza para a escolha de madrinhas dos formandos, das armas, ou dos torneios esportivos (1944/nº 3, 1946/ nº 5, 1949/nº 8).

No ano de 1927, a revista nº 3 publica uma foto de Carmen Annnes Dias (mais tarde Carmen Annes Dias Prudente, que se destacou como fundadora e presidente da Sociedade Feminina de Combate ao Câncer. Uma opinião discriminatória sobre a profissionalização da mulher é apresentada em "Eva e o Fuzil" – transcrição de carta a um general brasileiro escrita por Berilo Neves, sobre "a crescente masculinização das mulheres" (1933/nº 6).

Algumas jovens colaboraram com a revista, publicando seus poemas e poesias, caso de Alzira Freitas – "Hynno de Uma Flor" (1931/nº 6), "Harpejos da Alma – do meu Diário Noturno" (1932/nº 2), "Lendo Bilac" e "Sonhos Loucos" (1932/ nº 4), Cartas de Amor – do Marquês de Saint-Clair à Contesse de Lessine são copiadas (1938/nº 1).

Conferências sobre Educação Sexual são realizadas e transcritas (1949/nº 8).

O Coro Orfeônico, criado pelo comandante do colégio, tem como regente Dinah Néri Pereira, também maestrina das estudantes do Instituto de Educação. Daí, muitos ensaios e apresentações públicas unem as vozes masculinas e femininas dos dois corais (1962).

A partir de 1989, o Colégio Militar dá início às matrículas de meninas. Assim, a Turma "Sesquicentenário da Paz de Ponche Verde" marca a conclusão de curso da Primeira Turma Feminina – 1989/95 (1995).

Personalidades históricas retratadas em solenidades ou em visitas ao Colégio:

1. Tasso Fragoso (1927/nº 3);
2. Presidente da República Getúlio Vargas, em 23Nov (1934/nº 5 e 6);
3. Ministro da Guerra Eurico Dutra a Porto Alegre (1937/nº 3);
4. Cel Cordeiro de Farias, Interventor Federal no Estado, acompanhado do Gen José Joaquim de Andrade, Cmt da 3ª RM; e Gen Ramiro Souto, na passagem de comando ao Cel Luiz Carlos de Moraes (1938/nº 5);
5. Aluno Jarbas Gonçalves Passarinho, diretor da **HILÉIA** – militar, governador, senador e ministro (1939-1889/nº 2);
6. General Mark Clark – Cmt V Exército Aliado (1945/nº 4);
7. General Mascarenhas de Morais na saudação do Cmt Rinaldo Pereira da Câmara em 29/4 (1946/nº 5);
8. Visita do General Cordeiro de Farias (1946/nº 5);
9. General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República com saudação do comandante; e General Morris Júnior, das Forças Armadas Norte-Americanas (1947/nº 6);
10. "Reflexões sobre a Guerra Futura" – conferência pronunciada no E.P.P.A. pelo major Yedo Jacob Blauth, herói comandante da primeira tropa brasileira a atingir o cume do Monte Castelo, na Guerra da Itália (1947/nº 6);
11. Cmt do Colégio Cel Rinaldo Câmara, no Baile do Adeus (1949/nº 8);
12. "O Primeiro-Ministro Visita o CMPA"; o ex-aluno Francisco Brochado da Rocha, convidado para proferir a 1ª aula inaugural do reaparecimento do CMPA. Faz a 1ª visita ao RS em agosto. Homenagem póstuma – "Ex-Aluno Francisco Brochado da Rocha" (1962);
13. Visita do Ministro do Trabalho Jarbas Passarinho, ex-aluno, que assiste desfile e sessão da Literária e visita instalações do colégio (1968);
14. Marechal Costa e Silva, Al 254, turma 1912, fundadora do colégio, no 57º Aniversário do CMPA – 22Mar1969 – (1969);

15. Paraninfo Cel Hélio Prates da Silveira, ex-professor de Matemática e Governador do Distrito Federal (1969);
16. Paraninfo Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos – ex-aluno, Pres. Sociedade Cívica e Literária, Vice-Pres. República (1975);

Personagens e Acontecimentos em registro e reportagem:

1) Sobre Ruy Barbosa – "Comemorado o 90º dia do passamento do excelso conselheiro, a Sociedade Cultural e Literária realizará no dia 1º de junho no Salão da Biblioteca deste Collegio, uma sessão fúnebre. Falarão os Snrs. José V. Velloso, W. Ripoll, Jaime Pacheco e A. Vargas", (revista nº 5, Mai 1923). "Um Centenário" Rui Barbosa – 05Nov1849 – 05Nov1949 (1949/nº 8);
2) Personalidades recebem destaque em uma "Página de Honra" (1931/nº 4 e nº 6). Há fotos do Ministro da Guerra Pedro Aurélio Góes Monteiro e do General Ramiro Souto, diretor do Colégio Militar, e desenho de José Antônio Flores da Cunha – Interventor Federal no RGS (1934/nº 5 e 6). Quatro páginas são dedicadas na homenagem ao Major Lauro de Oliveira Pimentel – médico, escritor e mestre (1938/nº 2);
3) 2ª Guerra Mundial:
   - "Ecos da guerra submarina de 1914" – canhão do cruzador submergível alemão U-135 (1935/nº1 e 2);
   - "A Guerra e sua Preparação Moral" – Cel João Pereira – Chefe do Estado Maior da 3ª RM (1939/nº 2)**;**
   - motos, tanques, paraquedistas, luta no Pacífico, embarque dos combatentes no cais do porto de Porto Alegre, cão treinado para se lançar contra tanques, conduzindo em lugar da coleira uma carga de explosivos, charges de Churchill, Stalin e Hitler (1942);
   - General Eurico Dutra em visita às tropas brasileiras no front italiano, tripulação de F-17 brasileiro, da engenharia da FEB construindo ponte "Bailey", pracinhas confra-

ternizando com a população italiana; Academia Militar de West Point EUA (1944/nº 3);

- A 3ª Cia do regimento Sampaio e Monte Castelo (1946/nº 5);

4) "O Marechal Duque de Caxias" (1934/nº 3 e 4);
5) Festa da Uva em Caxias do Sul (1937/nº1);
6) Inauguração do Estádio Ramiro Souto (1937/nº 6). Foto de Ramiro Souto dedicada em junho de 1937 à Sociedade Cívica e Literária (1938/nº 1);
7) "A Nossa Capital", com 23 fotos (1938/nº 3) e Paisagem às margens do Guaíba (1938/nº 1);
8) Porto Alegre – Cidade Sorriso, fotos da Casa do Amador – inclui "Viaduto Borges de Medeiros" e "Escola Normal" (1938/nº 2);
9) Inauguração do Estádio General Cipriano da Costa Ferreira, na Chácara das Bananeiras, com imagens de SIOMA (fotógrafo histórico) das equipes e desfile (1940/nº 2);
10) Terra do Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia – em taça de prata às 18h de 07Set – cerimônia realizada na base onde estava sendo erigido o Monumento ao Expedicionário – presentes Túlio de Rose (colhe a terra em 13Ago1947), Major Darci Vignoli da LDN, Rui Cirne Lima, Cel Rinaldo Câmara, da EPPA (1947/nº 6);
11) Colégio Sevigné. Parque da Redenção. Aeroporto (1957);
12) Porto Alegre – em fotos preto-branco: Praça da Alfândega, Av. Mauá, Parque Farroupilha, Ponte Guaíba, Ski Aquático, Porto, Auditório Araújo Vianna, Hipódromo do Cristal, Regata, Praias e Ilhas, GNU, Procissão Nossa Senhora dos Navegantes, Por do Sol no Guaíba. Porto Alegre ganha nova Pira, localizada em frente ao Monumento do Expedicionário Brasileiro, no Parque Farroupilha. O Fogo Simbólico da Pátria é tradicionalmente guardado pelos alunos do CMPA (1968);
13) Posse do Gen Exército Emílio Garrastazu Médici – breve biografia do aluno 141-Médici. Falecimento do Marechal Arthur da Costa e Silva – breve biografia (1969);

14) “Liderança” – discurso do Major Bach aos cadetes americanos – 1ª Guerra Mundial, Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osorio. Autódromo Internacional de Tarumã – Inauguração a 8 de novembro (1970);

Vida e história do Colégio Militar – prédio, professores, alunos e funcionários:

1. Entrega do Espadim; criação da Obra Estudante Pobre e também da Sociedade Ex-Alunos do Colégio Militar (1941/nº 2);
2. Interior da E.P.P.A – gabinetes de trabalho, alojamentos, salões, biblioteca, estádio em frente à Escola, sala de exames (1944/nº 3);
3. “Um Passado Brilhante, um Presente de Glória, um Porvir Prometedor” – A História deste Edifício (1945/nº 4);
4. “Da Alvorada ao Almoço” (1946/nº 5);
5. Abertura e Encerramento das Aulas (1948);
6. “Primeiro Decênio da Escola Preparatória de Porto Alegre” (1949/nº 8);
7. A História da Escola – escrita pela Sociedade Pré-Acadêmica Militar, bastante abrangente com textos e fotos (1952/nº 11);
8. Registro das formaturas e fotos dos formandos. Na turma Cel Frota, de 1952, entre os formandos, está o presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Cel Cláudio Moreira Bento – 19Out1931- Canguçu;
9. “Nossa Escola Por Dentro”, inclui foto do Cmt Cel Rinaldo Pereira da Câmara, frente à sua mesa de trabalho (1956/nº 5);
10. Corpo de alunos, 1ª Cia, a “Poderosa”, 2ª Cia, a “Gloriosa”, 3ª Cia o “Baluarte; Concurso de Oratória: Coral da Escola; Sociedade Pré-Acadêmica da Escola Preparatória de Porto Alegre – presidente de honra, vice-presidente, secretário, tesoureiro, e ainda departamentos: cultural, esportivo, recreativo, imprensa e divulgação, artístico e publicitário; Baile do Adeus no Salão Brasil –

aparece o antigo palco (1956/nº 15);

11. Encerramento do ano letivo – presença do Cmt 3º Exército, General Osvino Ferreira Alves. Inauguração da placa da Turma Marechal Rondon e Baile do Adeus com formandos e madrinhas "realização final e máxima da Sociedade Pré-Acadêmica Militar" (1958);
12. "**HYLOEA** 1968. Com a reabertura do novo Colégio Militar de Porto Alegre, no ano de 1962, foi também reaberta uma tradição do antigo colégio – a revista HILOEA. Naquele ano a revista foi editada, mas de lá até hoje, nunca mais foi possível. Entretanto, a diretoria da Sociedade Esportiva e Literária do ano de 1968 resolveu, num gesto bastante nobre, reviver a velha tradição...Tentamos mostrar em nossas páginas um pouco daquilo que se passa em nosso colégio e em nossa cidade..." (1968);
13. "Esta era a Banda do antigo CMPA (1912-39). Dela fazia parte o atual Presidente da República, Mal Arthur da Costa e Silva, que aparece na foto, na segunda fileira, da esquerda para a direita, o terceiro." (1968, pág.80);
14. 12 novas salas de aula com o acréscimo da ala da Venâncio Aires (1968);
15. "O CMPA Forma Presidentes" sobre Médici, Costa e Silva (ex-aluno 254) e Castelo Branco (ex-aluno 105); Jornada Diária no CMPA – com horários e atividade registrada através de foto; Marechal Costa e Silva, Al 254, turma 1912, turma fundadora do colégio no Aniversário do CMPA – 22Mar1969 – 57º aniversário do CMPA, – "Colégio Militar de Porto Alegre" Cel Túlio Chagas Nogueira -1) origens históricas; 2) personalidades e destaques. Assim É o Internato. Hino do CMPA (1969);
16. Curso de Formação de Reservista (1973);
17. 1º aniversário da criação da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) 07Fev74, à qual o colégio está diretamente subordinado (1974);
18. Palavras do Comandante: "O ano de 1972 marca o início do atual edifício-sede do Colégio Militar de Porto Alegre..."(1975);

19. “Reunindo os eventos do mais antigo Colégio Militar, esta edição se propõe a mostrar e a fixar, no tempo, as atividades de dois anos do velho “Casarão da Várzea”. Editada pela Sociedade Esportiva e Literária, entidade que congrega os alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, a “HYLOEA” é uma revista tradicional que traz evocações de um passado recente, permitindo, no decorrer da existência, a grata recordação dos tempos, aqui vividos. Deixamos, pois, que o passar das páginas, marque nossa gratidão para com a temporalidade dessas envelhecidas arcadas que abrigam a memória de todos nós.” E Histórico do CMPA – fls. 2 e 3 (1982);
20. Histórico do Colégio Militar, com foto da 1ª turma de alunos (1989) – Lema do Formando “Final de uma etapa, início de novas conquistas”; Compromisso do Ex-Aluno*: “Ao deixar o CMPA, assumo o compromisso de ser um cidadão digno e honrado, conservar a fé nos destinos do Brasil, cultivar o sentimento de camaradagem fraterna que congrega alunos e ex-alunos em uma única família e guardar a fidelidade às nobres tradições do Colégio militar, prestando-lhe sempre, com dedicação e entusiasmo, o meu serviço, para sua crescente prosperidade, maior glória de seus filhos e eterno prestígio de seu nome para o bem do Brasil”* (1991);
21. O Casarão da Várzea e sua história – fotos dos 5 presidentes brasileiros que estudaram no Colégio e tradução para o inglês (1998);
22. Ex-Alunos destaques na atualidade – tradução para inglês e espanhol (1999);
23. CMPA em 1912 – “No Início do Século éramos assim...” Biblioteca, Torreão Central, Sala D’Armas, Refeitório dos Alunos, Fachada Antiga, Formatura do Batalhão Escolar, Fachada Nova, Gabinete de Química, Galeria, Salão de Honra, Pátio Interno. “O Casarão da Várzea e Sua História” – fotos de 1937/1940: times, aula de esgrima, basquete, esporte, Picadeiro. “As Origens das Escolas Militares” (2000);

24. Hora do “sofrimento” do corte de cabelos (2000);
25. “Velho Casarão – Sua História” – ex-estudantes mais ilustres, como Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Ernesto Geisel, Emílio Garrastazu Médici, João Batista de Figueredo, José Pereira Parobé, Otávio F. da Rocha, João Cezimbra Jacques, Mário Quintana, Vasco Prado (2001);
26. 1ª turma de formandos do 3º Milênio. Clubes e Grêmios: CTG Potreiro da Várzea, fundado em 29Abr1985 pelo Cel (da reserva) Ivo Benfatto e cinco alunos; Grêmio da Força Aérea, 62 alunos demonstram interesse por avião...; Grêmio da Cavalaria; Grêmio da Infantaria; Grêmio da Força Aérea; Grêmio da Artilharia; Grêmio Naval (1998); CTG Potreiro da Várzea; Banda de Música; Coral; Olimpíada; Concursos; Projeto Coleta Seletiva; Projeto Moldura (canteiros), Matemática e Literário; entre Colégios Militares (2001);
27. Em 2002, “CMPA completa 90 Anos”. Trechos da matéria “Histórico do Velho Casarão da Várzea” – Decreto nº 9397 (28Fev1912), o Presidente Marechal Hermes da Fonseca cria o C.M.P.A. Em 22Mar1912, o primeiro comandante: Manoel Farias de Albuquerque. Conforme Ordem do Dia “...dava por criado o Colégio...” Início: antes de 1916 com 275 alunos.
28. Escola Militar da província (1883-1888)
29. Escola Militar de Porto Alegre (1889-1905).

    Galeria de Honra: cinco ex-presidentes (Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo). Colégio dos Presidentes. E Destaques (João Cezimbra Jacques, José Pereira Parobé, Otávio Rocha, Armando Pereira Câmara, reitor UFRGS – turma 1912, Vianna Moog, escritor de Bandeirantes e Pioneiros – turma 1925, Plácido de Castro “O Libertador do Acre” – turma 1925;

    *1922 – efervescência do Modernismo, o Grêmio de Alunos fundou a Revista Hyloea, veículo de circulação

nacional que abriu espaço às mulheres. ”Foram as colaboradoras da Revista (entre elas a senhora Estela) que fundaram a Academia Literária Feminina do RS.

30. Matéria Sala Histórica – Instalação do Conselho Curador da Sala Histórica.
“...Sabe-se, por fotografias, que até 1920 existia um museu com um considerável acervo, cujo destino é hoje desconhecido. Em 1976, o Cel Geraldo Marques, contando então com apenas 80 peças, reorganizou o Museu do Colégio Militar de Porto Alegre, o qual, infelizmente, também foi desativado e teve grande parte do seu acervo perdida. Em 1999, foi apresentado ao Comando um plano para ser resgatado e recuperado o acervo histórico do Colégio. No mesmo ano foi confeccionado o projeto “História do Velho Casarão da Várzea”, onde era detalhado um plano de pesquisa sobre o assunto.” No ano de 2000, o museu foi recriado. Foi desativado em 2002.
31. Início 2002: Sala de Pesquisa Histórica. Setembro 2002: Secção de Livros Raros e Restauro de Documentos, instalada na Biblioteca. 1ª fase da Sala Histórica (onde era a Secção de Educação Física que foi transferida). Em 16 Out: Inauguração oficial. Em 20 Nov: aberta à visitação. Em 26 Set: Ato Solene, instalado o Conselho Curador. A revista Hyloea e outros documentos antigos estão sendo digitalizados pelo Cel Venino Zambon (2002);
32. “Legião de Honra”, criada em 27/6/1964 – auxílio a instituições carentes (2000 e 2002) e preocupação com formação, caráter dos indivíduos e culto à tradição, atuando no campo das atitudes e costumes (1970);
33. “80 Anos da Revista Hyloea”, pesquisa da profª de História do Colégio Militar Silvana Schüller Pineda: ,,, “O C.M.P.A já havia publicado a “Revista do Club Acadêmico”, de 1886, a “Revista da União Acadêmica”, de 1889, e “Escola”, de 1896.”... “No final de 1938, foi fechado o CMPA. Em março de 1939 funcionou a EPPA, nova ins-

tituição. E a Hyloea modificou-se “como um registro dos principais acontecimentos do ano letivo e apresentando à sociedade a turma de formandos”, característica que mantém na atualidade.” A historiadora acrescenta também que “uma página especial foi escrita na história da literatura regional a partir da Hyloea”. Cita então os colaboradores Mário Quintana, Alzira Freitas, Stela Brum e Lydia Moschetti (em 1943 fundou a Academia Literária Feminina do RS) (2002);

34. Aluno Milton Fernando Viegas Jr. Representa o Brasil na Olimpíada Internacional de Astronomia na Rússia (2002);
35. Em 26Ago2003 recebe oficialmente o acervo da Biblioteca da FEB, que fica somada à Biblioteca do CMPA; Clube de Espanhol; e Movimento Coral do CMPA (2003);
36. “Curiosidades Sobre A História do CMPA” e Canção do CMPA. Aluno representa CMPA na Olimpíada Internacional de Astronomia na China (2004);
37. Denominação Histórica do CMPA – “Segundo a Portaria nº 434 – Comandante do Exército, de 17 Jun 2005, o Colégio Militar de Porto Alegre, situado na cidade de Porto Alegre-RS, recebeu a denominação histórica de “Colégio Casarão da Várzea” (2005);
38. Inauguração do Observatório Astronômico Capitão Parobé, financiado pela Fundação de Apoio da UFRGS, e do Anexo, ampliando o espaço físico do CMPA, que completa 90 Anos. Matéria com foto de 1912 do CMPA (2006);
39. Outros assuntos disponíveis no original:
    - Revistas existentes;
    - Publicidade e propaganda na Revista;
    - Datas comemorativas, cobertura;
    - Atividades sociais;
    - Atividades de algumas revistas;
    - Expediente e Impressão;
    - Atividades Esportivas;
    - Sumário das revistas de 1956, 1976 e 2004.

HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CASARÃO DA VÁRZEA (AACV)

A AACV foi criada em 16 de outubro de 1995, como uma entidade de direito privado e sem fins lucrativos. Neste dia, foi realizada a primeira reunião de Diretoria, sob a presidência do então comandante do Colégio Militar de Porto Alegre, Coronel José Eurico de Andrade Neves Pinto.

A criação da AACV fundamentou-se no prescrito pelo Departamento de Ensino e Pesquisa, o qual prevê a criação de Entidades Apensas aos Colégios Militares (EACM), para apoio à atividade educacional.

Na primeira reunião da AACV foi nomeada a Diretoria Provisória, para a redação da proposta do Estatuto e do Regimento Interno.

As finalidades da AACV são as seguintes:

- integrar os esforços dos pais ou responsáveis dos alunos com o CMPA;
- contribuir para fortalecer a ação educacional;
- contribuir para fortalecer o trinômio família-aluno-colégio;
- criar condições para que os atuais e os ex-integrantes mantenham fortalecidos os laços afetivos que os unem, entre si e à instituição Colégio Militar.

Os órgãos componentes da AACV são os seguintes:

- Assembléia-Geral;
- Diretoria;
- Conselho Consultivo Deliberativo.

O Presidente de Honra da AACV é o comandante do Colégio Militar de Porto Alegre e o Presidente é eleito pelo Conselho Consultivo Deliberativo.

A AACV é constituída por três tipos de associados: os sócios efetivos, os honorários e os beneméritos.

O patrimônio da AACV é constituído pelas contribuições dos sócios efetivos, doações, bens adquiridos ou que venha a adquirir e rendas provenientes por serviços prestados.

Todo o trabalho realizado pela Associação é pelo sistema de voluntariado. A única pessoa remunerada é a Secretária, Sra. Nádia Neves. A atual diretoria é assim composta:

- Presidente: Júlio César Meyer Bandeira, Cel;
- Vice-Presidente: Ricardo Humberto Hein, Cel;
- Presidente do Conselho: Ernani Medaglia Muniz Tavares, Cel.

A AACV tem sua sede no interior do CMPA. Seu site é www.aacv.com.br.

CÓDIGO DE HONRA E JURAMENTO DOS ALUNOS DO CMPA

Código de Honra

Lealdade e Honestidade
Iniciativa e Nobreza de Atitudes
Disciplina e Camaradagem
Estudo e Amor à Cultura
Respeito às Normas do Colégio.

Ao ingressarem no CMPA os alunos fazem o seguinte juramento solene:

"JURAMENTO DO ALUNO"

"Incorporando-me ao Colégio Militar e perante seu nobre estandarte, assumo o compromisso de cumprir com honestidade meus deveres de estudante, de ser bom filho e leal companheiro, de respeitar os superiores, de ser disciplinado, de cultivar as virtudes morais, para tornar-me digno herdeiro de suas gloriosas tradições e honrado cidadão da minha Pátria".

A PRESENÇA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB) E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS) NO CMPA

Estas duas entidades têm marcado firme presença no Colégio Militar de Porto Alegre conforme registro a seguir:

1999

Foi lançada no Salão Brasil o livro de autoria do Presidente da AHIMTB e IHTRGS **História da 3ª Região Militar, 1953-1999**, prefaciada por seu comandante Gen Div Luiz Felipe Médici Candiota, sobrinho do Presidente Médici, que foi assinalado comandante da 3ª Região Militar, onde criou o lema:

"Servir e servir cada vez melhor".

O livro foi apresentado pelo Gen Div Virgílio Ribeiro Muxfeldt, comandante da 3ª Região que substituiu o General Candiota.

26 de maio de 1999

Tomou posse como acadêmico da AHIMTB na cadeira General Valentim Benício o Gen Div João Carlos Rotta, que deu início ao Projeto História do Exército na Região Sul, como comandante da 3ª Região Militar, o qual convidou o presidente da AHIMTB, como Prestador de Tarefa por Tempo Certo (PTTC) para escrever a História do Exército na área da 3ª Região Militar.

Nesta sessão foi empossado acadêmico especial o Cap da BMRS Aroldo Medina, que inaugurou a cadeira Cel BMRS Hélio Moro Mariante, eleito patrono em vida de cadeira especial da AHIMTB.

Foi empossado como correspondente da AHIMTB o Major Eng Antônio Cláudio Belém de Oliveira do CMPA (cerimônia constante do v. 19 de Posses na AHIMTB as p. 1173 ss).

27 de maio de 1999

Encontro no Salão Brasil em que foram prestadas ho-

menagens póstumas aos seus falecidos sócios efetivos: Cel Arthur Ferreira Filho (São José do Norte), Aparício da Silva Rillo (São Borja), Raul Pont (Uruguaiana), Miguel Joaquim Trindade (Alegrete), Edilberto Teixeira (Lavras do Sul), Arnaldo Cassol (Caçapava), Manoel Pessoa Faria (Pelotas), Hélio Almeida Brum (Dom Pedrito) e Marlene Barbosa Coelho (Canguçu).

Em substituição aos ilustres sócios foram empossados: o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (já falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, Vet FEB José Conrado de Souza, Cel Leonardo Araújo e o Ten Cel Claudio Belém de Oliveira.

8 de dezembro de 2000

Posse no Salão Brasil do acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na cadeira que tem por patrono o historiador General Antonio da Rocha Almeida, por elevação de seu titular Vet EB José Conrado de Souza a acadêmico emérito.

Neste dia foi instalada a Delegacia da AHIMTB em Porto Alegre – Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara. E o presidente da AHIMTB fez palestra sob o título: **A Amazônia e os seus desafios**. (Seção registrada no v. 29 de posses da AHIMTB).

Foram lançados livros de autoria de sócios.

20 de novembro de 2002

Inauguração da Sala Histórica do Casarão da Várzea destinada a preservar a História do Colégio Militar de Porto Alegre e dos estabelecimentos militares que ali funcionaram.

Integram seu Conselho Curador os seguintes membros da IHTRGS e AHIMTB: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Cel Leonardo Araújo, ambos da AHIMTB e o Cel Ivo Benfatto, do IHTRGS. Nesta sala funciona a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara e o Instituto de História e Tradições do RGS.

8 de julho de 2003

Posse como acadêmico, no Salão Brasil, do Dr. Flávio Camargo, na Cadeira General Emilio Fernandes Souza Docca e diplomado como Colaborador Emérito na AHIMTB o Cel Paulo Monteiro Cabrita, comandante do CMPA.

22 de julho de 2004

Posse do Dr. Paulo Gilberto Vizentini na cadeira Barão do Rio Branco em vaga, por elevação a acadêmico emérito, do Cel J. V. Portella Ferreira Alves, e posse na cadeira especial Ten BMRS José Luiz Silveira do Major BMRS André Woloszyn.

25 de julho de 2004

Posse como acadêmico do Dr. Eduardo Cunha Müller na cadeira General Valentim Benício, em substituição ao Gen Div João Carlos Rotta, falecido, e que foi o idealizador do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, e palestra do Presidente da AHIMTB Cel Cláudio Moreira Bento: **A projeção do governo do Dr. Getúlio Vargas no desenvolvimento da Doutrina do Exército, 1930-1945**.

16 de setembro de 2005

Cerimônia no Salão Nobre do CMPA. Condecorados com a Medalha do Mérito Farroupilha do IHTRGS o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e o Major André Woloszyn. (Cerimônia constante do v. 36 de Posses da AHIMTB, p. 44/48).

21 de junho de 2006

Posse como acadêmico do Cel Juvêncio Saldanha Lemos na cadeira Cel João Baptista Magalhães, vaga por morte do acadêmico General Hans Gerd Haltenburg, que sucedera o acadêmico emérito Cel Amerino Raposo Filho.

Foi entregue pelo acadêmico Cel José Sampaio Malan, Chefe do EM/3ª RM, o Brasão da 3ª RM, acompanhado de referência em Boletim Regional de elogio ao Cel Bento pelo seu trabalho por obra certa, por cerca de 10 anos no desen-

volvimento da História do Exército na Região Sul desde 1994.

21 de setembro de 2006

Sessão da AHIMTB no Salão Brasil de posse dos seguintes sócios efetivos da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara: Cel Mauro da Costa Rodrigues, Cel Hiram Reis e Silva, Dr. Frederico Euclides Aranha, Dr. Agamenon Wladimir Silva e condecorações com a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil: Vet FEB Conrado José de Souza (comendador), Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia (comendador), Sub Ten Alvino Melquides Brugalli (oficial) e Coronéis Thiovanne Piaggio Cardoso e Leonardo Araújo (cavaleiros).

Foi homenageado em seu centenário o ex-aluno do CMPA Mário Quintana pelo Cel Leonardo Araújo e o Cel Cláudio Moreira Bento apresentou trabalho sobre Caxias e também sobre a controvérsia de Canudos.

17 de setembro de 2007

Foi realizada sessão da AHIMTB/IHTRGS no Salão Nobre do CMPA, 3º andar da Torre Central. Presentes o Presidente, Cel Cláudio Moreira Bento, o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da AHIMTB no Rio Grande do Sul e vice- presidente do IHTRGS e os seguintes sócios efetivos da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara: General Egeo de Oliveira Freitas, Cel Mauro Costa Rodrigues, Dr. Aécio Cezar Beltrão, Dr. César Pires Machado e mais o acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos. Foram entregues aos presentes os livros ***Brasil – Linha do Tempo*** do Cel Caminha, um exemplar de ***Canguçu – reencontro com a História*** do Cel Bento; pelo Cel Mauro: exemplares da ***Memória Oral do Exército sobre o Projeto Rondon***. E foi anunciado pelo Cel Lemos e pelo Dr. Cezar Pires o próximo lançamento de livros de suas autorias. O Cel Bento anunciou seu livro ***Osório, o maior herói e líder popular brasileiro*****,** comemorativo dos 200 anos do General Osório. A seguir, a convite do comandante do CMPA, Cel Vascon-

cellos, o Cel Bento e o comandante inauguraram a Sala de Aula AHIMTB, decorada com as capas de livros do Projeto História do Exército na Região Sul (ver Guararapes 54).

22 de fevereiro de 2008

Reunião ordinária realizada nos altos do Museu do CMPA, sede do IHTRGS e da Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, da AHIMTB. Presentes, além do Presidente da AHIMTB, Cel Cláudio Moreira Bento, o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, o Dr. Flávio Camargo, a jornalista Carmen Ferreira e o Cel Ernani Medaglia. Foram tratados assuntos diversos, entre os quais a participação do Cel Bento na cerimônia dos 100 anos da 8ª Bda Inf Mtz, Brigada Manoel Marques de Souza I, o Simpósio Bicentenário de Osório e o lançamento do livro Osório, o maior líder popular brasileiro, de autoria do Cel Bento.

A ANTIGA SALA HISTÓRICA DO CASARÃO DA VÁRZEA

(Dizeres da placa afixada na coluna à frente da porta)

Inaugurada em 06 de fevereiro de 2003, a fim de resgatar e contar a história do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (EsPPA), da Escola Preparatória de Cadetes (EPC), da Escola de Formação de Cadetes (CFC) e das demais Escolas militares antecessoras.

Idealizada e realizada pelo Cel Luiz Carlos Rodrigues Padilha (Cmt CMPA), Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo (coordenador), Cel Geraldo Lauro Marques, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Cel Altino Berthier Brasil, Cel Venino Nereu Zambon, Cap Edy Ferreira Guimarães, 1º Sgt Wilson Almeida de Lima, Sra. Alice Prati (restauradora), Cb Luciano Ribeiro de Mattos e Sd Rubson Jorge Minosso Borges.

MUSEU DO CASARÃO DA VÁRZEA

O Museu do Casarão da Várzea, inaugurado em Fev 2003 com o nome de Sala Histórica Casarão da Várzea, é um espaço destinado a retratar e contar a história do Colégio Militar de Porto Alegre, das escolas militares que o precederam e, por extensão, a do ensino militar no Rio Grande do Sul.

Em 26 de Setembro de 2002, em ato solene no Salão Nobre, foi instalado o seu Conselho Curador, o qual tem por missão principal a de emprestar o respaldo necessário para que a história do Colégio Militar mantenha-se viva e pulsante para as gerações futuras. É composto por ex-integrantes, com um passado e um presente de trabalho e de amor por este Velho Casarão, a saber: Coronéis Luís Carlos Rodrigues Padilha, Ernani Medaglia Muniz Tavares, Altino Berthier Brasil, Geraldo Lauro Marques, Neri Pacheco Prates, Venino Nereu Zambon, Erildo Simeão Camargo Lemos, José Eurico Andrade Neves Pinto, Gilberto Machado da Rosa, Ivo Benfatto, Luiz Felipe Meneguetti Regadas, Antônio Carlos Macedo Munró, Deoclécio José de Souza, Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Renato Dutra de Oliveira, Rafael Ortiz de Sant'Anna, Luiz Carlos Nunes Bueno, Ten Cel Mário Gilberto da Silva Lescano, Maj Hélio Ricardo Alves e Sr. Jorge Roberto Cunha de Oliveira.

No Museu do Casarão da Várzea todos os ex-integrantes do CMPA têm um local para sentar e conversar, sem pensar que estarão "incomodando aqueles que estão trabalhando", pois estando ali, também estarão colaborando para a perpetuação da memória do Colégio. O acervo do Colégio e todos os quadros das antigas turmas localizadas no Pavilhão de Comando, foram restaurados pelo Atelier Alice Prati, em parceria cultural com o CMPA.

No Anexo ao CMPA (antiga Cia de Guardas) foi organizada a Sala de Reserva e Restauração. Para ela flui todo o material doado, a fim de ser restaurado, desinfetado, catalogado em

banco de dados e pesquisado. Como a idéia é construirmos espaços temáticos que variem conforme as grandes datas, as doações poderão estar ora expostas, ora em reserva.

Estamos fazendo a nossa parte! Agora precisamos da sua colaboração! Se o senhor ou a senhora possui algum material ligado à história do Colégio Militar e quiser doá-lo, receberá em troca um Termo de Doação que garantirá a preservação daquele para as gerações futuras. Acima de tudo, receberá a gratidão da alma de todos quantos por aqui passaram e de todos os milhares que por aqui ainda passarão. Eternize sua memória e a de seus antepassados na Sala Histórica! Visite-nos e conheça a memória do ensino militar no Rio Grande do Sul! O Velho Casarão da Várzea agradece!

Nota: no 2º piso do Museu está instalada, desde julho de 2004, a Delegacia da AHIMTB/IHTRGS/RS, Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara.

ELEMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO DO CMPA

O CMPA congrega militares das três forças e servidores civis na sua administração. Atualmente, os componentes, dentro das diversas Secções e Repartições são os seguintes:

Sub-Comandante: Ten Cel DELANO BASTOS DE MIRANDA.

Secção Técnica de Ensino: Maj MÁRCIO ROBERTO AMARO; Maj FERNANDO MEDEIROS PEREIRA (movimentado); Cap RICARDO KLEIN HOFFMANN; Ten ÉLGIO BENHUR RIBAS; ST HUMBERTO FERNANDO GIRIBONI NUNES; ST WILSON ALVES DE LIMA; 3º Sgt DILMAR ZANATTA DA SILVA; 3º Sgt LUCIANO RIBEIRO DE MATOS.

Ajudância Geral: Maj ANTONIO CARLOS DE CÉSARO DO AMARAL; Ten CLAUDIOMAR FREITAS VIEIRA; ST AMÉRICO BENGOCHEA DE ARAÚJO; ST CARLOS CÉSAR DE AZEVEDO VIEIRA; 1º Sgt ANTONIO VALTER

RESTA; 1º Sgt PAULO SÉRGIO ROCHA SELAU; 2º Sgt MARCELO DAL FORNO JOBIM; 3º Sgt RODRIGO DAL CERO SARAIVA; SC NELSON PIATNICK; SC NELSON RECH; SC MARIA INÊS HERTZOG MOSSMAN; SC CLÁUDIO ROBERTO FAGUNDES; SC INDIARA DE FATIMA ESTEVES; SC SEONICE MARISETE ESTEVES.

Secção Administrativa: TC PAULO ROBERTO TAVARES DO NASCIMENTO; Maj JORGE MURILO KERBER FERNANDES; 1º Ten LUIZ CLEOMAR DOMINGUES; 1º Sgt JOSÉ DANILO DE MORAES SILVA; 1º SGT JOÃO LUIZ LUFT; 2º Sgt TOMIO ANDERSON HEGER KOJIMA.

Serviços Gerais: 3º Sgt JAIRO JONIR LOUREIRO DOS REIS; Cb CARLOS ALBERTO MENDONÇA VARGAS; Sd SÉRGIO LUÍS PFINGSTAG; Sd JEFERSON RENATO RIGON DA SILVA.

Secção de Aquisições, Licitações e Contratos: Cap ANDERSON BARBOSA OZUNA; Ten ILSO STROMM GROSS; Ten LUÍS EDUARDO DIAS DOS SANTOS; ST CARLOS HENRIQUE BOHMER CONRADO; ST PAULO GILMAR PEREIRA DOS SANTOS; ST MOISÉS FAGUNDES LARA; 2º Sgt WELLINGTON ALVES DOS SANTOS; 2º Sgt GIOVANI SILVA DE ANDRADE; 3º Sgt LEANDRO IVAN VIEIRA.

Almoxarifado: 1º Ten ALBERTO TEIXEIRA COELHO; 1º Sgt MAURO CEZAR CENTENO BARBOZA; 3º Sgt DIRCEU NUNES DE OLIVEIRA; Sd MAURICIO DOS SANTOS SANTOS.

Secção de Saúde: 1º Ten CAREN VANESSA JANNER DAL FORNO; 2º Ten MAYCON OLIVEIRA DA SILVA; Ten JABER NASHAT SOUZA SALEH; 3º Sgt FRANCINE GUNZEL PINTO.

Aprovisionamento: Ten RUBENS DA SILVA PADILHA; 3º Sgt JOSE ANILDO DA ROSA LORETO; 3º Sgt ADRIANO LUVIELMO DE LIMA; Cb ITAMAR COSTA CARVALHO; Sd ALEXANDRE PADILHA FÉLIX; Sd EDUARDO BATISTA CORRÊA; Sd MARCO AURÉLIO MELLO RIBEIRO.

Secção de Informações e Operações: Maj MARCUS

ANTONIO RABELLO BASTOS; ST CARLOS MORAES.

Secção de Suporte Documental: Ten GENTIL CESAR BRUSCATO.

Secção de Informática: Ten JOSUÉ CRISTIANO DA SILVA LEMOS; Ten ROGER LÚCIO DE LIMA BASSAN; Sgt PEDRO AURELIANO DOS SANTOS JÚNIOR; Sgt ADRIANO CARLOS DE OLIVEIRA E SILVA; Sd RAFAEL PITHON; Civil contratado/AACV MAICON LANDO.

Banda de Música; ST JORGE LUIZ ASSIS DA ROSA.

Secção de Comunicação Social: Cel ROBERTO LEONARDO CARVALHO DE ARAÚJO; 1º Sgt LUIS HENRIQUE MALHEIROS NUNES; Sd JUAN ABADIE FORTES.

Companhia de Comando e Serviços: Cap LUCIANO HICKERT; ST LUCIANO SCHERER; 2º Sgt EMERSON SOUZA; 3º Sgt JULIS RIMET RODRIGUES.

Tesouraria: Cap RODOLFO DE VASCONCELOS VALIATTI; 1º Sgt ROBINSON ALESSANDRO DE SOUZA ÁVILA; 3º Sgt LEANDRO IVAN VIEIRA.

Gabinete do Comandante: Cb ROBERTO NOGUEIRA E SILVA.

Biblioteca: Ten ANA PAULA RODRIGUES GOMES GOULART; SC MARJORIE DA SILVA LAMPERT.

Secretaria da Sub-direção de Ensino: SC SONIA ROSA.

Comandante do Corpo de Alunos: Ten Cel OLAVO MONTAURI SILVA SEVERO JÚNIOR.

Ajudância do Corpo de Alunos: ST LEANDRO ROESCH; 3º Sgt DAIANE DA COSTA; Sd GABRIEL ROCHA PEIXOTO.

1ª Companhia de Alunos: Cap PAULO UBIRATAN MENDES; Sub-Oficial da FAB GILSON BORGES PIRES DA SILVA; Sub-Oficial da FAB ROBERTO RODRIGUES DE ARAÚJO; 1º Sgt MARILEU PIETRO; 3ª Sgt ADRIANA BATISTA DANIELSKI; 3º Sgt ADELAIDE SIMONE KALL; 3º Sgt VALÉRIA ELISA BERGGEVIST MORESCO.

2ª Companhia de Alunos: Cap EDUARDO PEIXOTO DE ARAÚJO; Sub-Oficial NARCISO AMARO; 2º Sgt RO-

BERTO BEN HUR MACHADO CURBELLO; 2º Sgt EVERSON GARCIA DA SILVA; 3º Sgt CARLA LAFLOR VIEIRA RANGEL; 3º Sgt TATIANA FERREIRA CAPUTO.

3ª Companhia de Alunos: Maj JOSÉ GERALDO PEREIRA DE CARVALHO; 1º Sgt JOSÉ LUÍS NUNES COSTA; 2º Sgt DEIVISON RAMOS DE ARAÚJO; 3º Sgt LAURA RITA CORBACHO HUBERT.

ALUNOS E ALUNAS DO CMPA (Fev de 2009)

6º Ano: PÂMELA ELIS CORRÊA, ANDREI RODRIGUES DO AMARAL, GUILHERME FONSECA GOMES, ADRIANA DE SOUSA FIGUEIREDO, ANA PAULA VENTURA TREVISAN, ARUANA ALMEIDA CORRÊA, GABRIEL JAVIMCZIK DA SILVA, GIOVANNI PEREIRA DE ANDRADE, JOÃO VÍTOR PORTELLA DOMINGUES, LYAN DE MATTOS SOUTO MONTEIRO, MARCELO GUTERRES BERNARDES, BRUNA LAGE PEREZ DE ROSÁRIO, GABRIELLY MACÊDO NASCIMENTO, JOSÉ LUÍS DA COSTA XAVIER, FELIPE BARBOSA BASTOS, PRISCILLA BROGNI PEREIRA, PEDRO RICARDO SOARES BEDIN, MURILO SIMÕES NUNES, MAX WILIAM COLEONE SILVA, RAFAEL PACHECO DA COSTA, JÉSSICA PAIM DE MATOS, ANA PAULA LOPES SCHUCH, BENTO BRUNO PEREIRA, GABRIEL AUGUSTO APPOLLO SYKA, GABRIELA DIOGO PINZÓN, NICOLE RAUBER, RAFAEL OLIVEIRA DA ROSA, THALES JÉFERSON RODRIGUES SCHIMITT, VICTOR PORCELLIS DE OLIVEIRA, TÚLIO MAIA MARANHÃO, LETÍCIA ALVES DOS SANTOS, DYÉSSICA DO PRADO NAJE, JOÃO MARCELO DE ANDRADE RÖLLSING, LAUREN CATARINA BENGOCHÊA DE ARAÚJO, CAUÃ DE ALBUQUERQUE SILVEIRA MELLO, FABNARRARA PRENDEL DE OLIVEIRA, JOAO VÍTOR BORGES DA COSTA GARCIA, LUÍSA VARGAS BERTOGLIO, DANIEL PHELIPPE COMUNELLI VIEIRA, GUILHERME MENEGHETTI AUTRAN DE MORAIS, ROGER VICTOR RODRIGUES GOULART, AMANDA BITTENCURT PINTO,

ANDERSON SOUSA DUFECH CASTILHOS, GIUSEPPE DICK BONATO, MARINA BERNARDES SILVEIRA, MATEUS XAVIER SCHENATO, PAOLA RODRIGUEZ CRESCÊNCIO, PEDRO COSTA LIMA, RAFFAEL COUTINHO UNGARETTI ROSSI, RICHARD FONSECA DE SOUZA, ROBERTA DELGADO BAUER, ANDREI WEBER VIERA, LAURA SIQUEIRA SOARES, DÉBORA DIAS BARRETO, GUSTAVO MENDES DAS VIRGENS ALMEIDA, DANIELY CINCO RIBEIRO, MATHEUS RAMOS RUI DIAS, BEN-HUR DE CASTRO ABED, WILLIAM DA ROSA BARROS, BRUNO BORGES BRASIL, INGRID VITÓRIA FLORES CASAGRANDE DIAS, ARIÁDNE GARCIA LEITE, FREDERICO SILVA DOS ÂNGELOS, LUÍSA WLADIMIRSKI CIRIACO, MARCÍRIO BARCELLOS GESSINGER, PÂMELA SCOLARO, RUDOLPH SCHUBERT, MURILO VAZ DA SILVA, ISABEL DA APRESENTAÇÃO, ADRISSON ROGÉRIO SAMERSLA, MAXINI LETIELE LOPES DALLAGNO, EDUARDO DO NASCIMENTO CONTRI, DHIÚLY RAPHAELA PEREIRA CARLOTTO, GUILHERME RODRIGUES BANDEIRA, CECÍLIA EMMEL ARAÚJO, HEBER MATHEUS DA SILVA SANTOS, FERNANDA PINZÓN DA SILVA, VICTOR EDUARDO FAGUNDES PEREIRA, VICTÓRIA SOUZA DE MORAES, RICARDO JEFFERSON TREIN FILHO, ALEXANDER DE QUEIROZ BORRET, BRUNA DA SILVA SANTOS, DOUGLAS RODRIGUES LEONOR, LARISSA NARUMI TAKEDA, NICKOLAS LEOPOLDO REBELO BARBOSA, PEDRO HENRIQUE DA SILVA DIAS, RICKSON PERALTA MAGALHÃES, RODRIGO REDIN PINTO FIGUEIRÓ, YASMIN BÖHM LEWIS ESSWEIN, JÚLIA BEZERRA ROCHA, CARINA PERALTA GONÇALVES DA SILVA, DÉBORA ANGONESE, WILLIAM BAUER DA SILVEIRA, CLARA BRITO HAMBURGO, EDUARDO GOMES MOTTA, IOHANA DE ALBUQUERQUE SILVEIRA MELLO, ALCIONE FIERRO, RODRIGUES NETO, GABRIEL FEIO DA SILVA, BÁRBARA ARAÚJO FIDELLIS, ISABELE COLLA LAZZARI ROYES, CLEYSSON RATAI PEZDA e ALINE TALITA ROSA DOS SANTOS.

7º Ano: VITOR CASANOVA DOMINOT, ERIVELTO

MONTEIRO NERI JÚNIOR, FERNANDA MIELNICZUK DE MOURA SILVEIRA, NASMYNE MARIAH DE SOUZA PIRES, GABRIEL MARINS DA COSTA, YASMIN ELIAS TRINDADE, LEONARDO DA LUZ DORNELES, PEDRO GABRIEL PAIVA BUENO, ADRINE RODRIGUES BETAT, MARINA TONIAL, IGHOR AUGUSTO FERNANDES LOPES, FELIPE LEIVAS MACHADO, PAULO HENRIQUE KRANZ DE OLIVEIRA, CAROLINE DIRRE BARCELLOS LINDNER, ANDRÉ FREITAS DA ROSA ESCOBAR, FILLIPE BASTIANI CHAVES, BRUNO HENRIQUE LEONARDO TRINDADE, NATHAN, GABRIEL PORTELLA PROFETA, BRENNO ROBERTO LIMA PONTES, HELTON BROGNI PEREIRA JÚNIOR, ARIÁDNE WEBER BENTO, BÁRBARA ALVES LEAL, VICENTE ANANIAS DAMASCENO JÚNIOR, SAMARA DOS SANTOS GONZAGA, GIULIANA BASEGGIO PARENTE DE SOUZA, BRUNO HILÁRIO DA SILVA PINTO, JOSÉ HENRIQUE FARIAS PEREIRA DE CARVALHO, DANIELA COUTINHO PETRY DE ABREU, JÉSSICA SOUZA SCHULTZ, DANIELE ALANA DA SILVA NIEWINSKI, BRUNA DA SILVA VIEIRA, KEYLA GEDIEL DO NASCIMENTO, LUCAS HAGEMAISTER, CÉSAR FELIPE SANCO HORN, GABRIELA GONÇALVES GEREVINI, NÁTALIA DA ROSA PINHEIRO, GUILHERME LINDEMANN, JONAS CORRÊA NUNES JÚNIOR, PEDRO MARTINS RECUERO, ALHANDRA ROSA DE ALBUQUERQUE, JULIANA SANTOS CORRÊA, JÚLIA DE MELO CARDOSO DE FREITAS, GIOVANNI GARCIA SABÓIA DE ALBUQUERQUE, PATRYCK RODRIGUES DA SILVA, LÍLIAN CHAGAS PECHIR, JÚLIA IRENE BATISTA PADILHA, RODRIGO LUIZ ALVES LEAL, NATHÁLIA DE ARAÚJO MACEDO, LUKAS DA SILVA TASSI, LOUISE MÜLLER RAMOS LAGO, FRANCISCO SAMPAIO MACHADO MARQUETTI, DIEGO ALVIM STOCCHERO, SÍLVIO CARLOS NASCIMENTO LIMA JR., OTHÁVIO RODRIGUES DORA, BRUNO ATHOS VIEIRA DA SILVA, VICTOR FUNARI TONIAL, RAYSSA DE ARAÚJO BRITTO, TIAGO VIEIRA ROCHA, GABRIELLE DOS SANTOS FIALHO, THAÍS BOFF BRAUNER, NÁTHALY LUZ POSTIGLIONE, EMILY DO AMARAL

CALVET PEREIRA, THOMAS VAITSES FONTANARI, LAURA EMANUELLE DA ROSA CARLOS MONTEIRO, NICHOLAS D'AVILA STOLL, JOÃO VITOR CORRÊA NOGUEIRA, MATHEUS BITTENCOURT BRAGA, LAURA SANTOS DA SILVA, MATEUS MARTINS DE ANDRADE, ELIAS VOLPATTO BORNANCINI, JULIANA RESCHKE DA FONSECA, ANTONIO HENRIQUE MAUÉS ALVES, LUÍS FERNANDO MIREK AMBROSI, LAURA BARATTO CONCEIÇÃO, ÁDRIA SAVIANO FABRÍCIO DA SILVA, ALESSANDRA DORIGON, LUCAS GONÇALVES SANTOS, FELIPE ANTOCHEVIZ MESSIAS, MARCELA HONORATO RAMOS, RAFAELA DE ALMEIDA SURDO, LETÍCIA DOS SANTOS LITRAN, ALINE STEPHANI DA ROSA GUTERRES, RENAN MORAIS RODRIGUES, JAMAL DE CASTRO ABED, ARTUR ROGÉRIO CARVALHO DE SOUZA, HILLARY COLARES ALMEIDA DE MEDEIROS, THIAGO SOUZA DA COSTA, SANDRYNE VALADARES, BRUNO DORNELES SUAREZ, NATÁLIA HINKELMANN PADILHA, LEONARDO PINTO KUMIECHICK, JOSÉ BERNARDO DA SILVA NETO, RAFAEL BERNARDONI CHAVES, NICOLE CAMOZZATO, ANNA LAURA DAL MOLIN, MATHEUS DA ROCHA LEITE, JÚLIO LORENZO FUZINATO DUTRA, ROQUELLLY NEUHAUS GUIMARÃES, DAIVES KAWON CHU, GABRIEL DOS REIS RODRIGUES, FELIPE BERTÉ SCHMIDT, DÉBORA MOTA HACKMANN, ANDERSON CAMPOS DUARTE JÚNIOR, PEDRO DE MAGALHÃES MACEDO, LUÍS ALEXANDRE PEREZ BRITO, FELIPE RUAS DE PINHO, LUIZ ALBERTO PORTILHO BRAGA, DANIELE DOS SANTOS PIRES, LAÍS CRISTINA SOARES DOS SANTOS, JOICE DE OLIVEIRA PEREIRA, CAROLINE PERSI GONÇALVES, GUSTAVO ARTHUR KEHL PADILHA, KEVIN TAKAHIRO CHIBA DA SILVA, DYENNIFFER DO PRADO NAJE, ANA PAULA DE SOUZA LIMA, LETÍCIA ARÊAS DA SILVA, GABRIELA CAROLINNE FLORES ROSINO, LEONARDO RENAN SLIM WILIN, EDUARDO RAMALHO GUERRA, DOUGLAS RICARDO MARTINS FERNANDES, DANIELLE DE LACERDA SCHEIBLER e ANA CAROLINA PINTO RODRIGUES.

8º Ano: AMANDA BINOTTO BRAGA, AMANDA GONZALEZ DA SILVA, ANAÍ CORRÊA DE SOUZA, ANDYARA DE SOUZA CARDOSO, ARTUR SACCILOTTO SIGALLIS SOUZA, EWERTON FALSARELLA MALVEZZI, LEONARDO REDIN PINTO FIGUEIRÓ, LUCAS SERRAT QUINTANA, PEDRO GEWEHR DE MELLO, VICTORIA PALOMA DE AZAMBUJA SEVERO, WILLIAM CECHIN GUARIENTI, WILLIAM SANDINO GOMES SANTOS SILVA, DEMÉTRIUS FREITAS RODRIGUES DE CARVALHO, GABRIEL CHIARELLI NOBLE, BRUNA BRUNHOLI RAMOS, THIAGO LOPES PIEXAK, MAINÁ COSTA, ALINE DIAS DE MENEZES, JEFFERSON LUIS ALVES MATIAS, JANE PAIM DE MATOS, SABRINA DE LIMA SCHUCK, BRUNA EINHARD ESTOLANO DA SILVA, DÊNIS CHAGAS PECHIR, ROBSON LEONARDO DOS SANTOS, CASIO PACHECO KREBS, LEONARDO DA SILVEIRA, NATHÁLIA MACHADO DA SILVA, ANDRELE NASCIMENTO, BRUNA CHRISTINE BROENSTRUP CORRÊA FERNANDES, EDUARDO DA SILVA VAQUEIRO, IZADORA SOBOLEWSKI PROLA, LUCAS ENDRES FUJIE, MATHEUS DE OLIVEIRA PILOTTI, MATTEUS LÍRIO CAMPO, MAURÍCIO MICHELS MARTINS, MILTON LUIZ SOARES LUPCHINSKI, NINA ROSA DE ALENCASTRO GUIMARÃES, THIAGO SANHUDO ROCHA, VICTOR MARQUES BONO, VÍTOR DA ROSA ROHDE, JÚLIA SELISTRE MENDES RIBEIRO, LIARA MORAES E SILVA, LUÍS HENRIQUE MALHEIROS NUNES JÚNIOR, VINÍCIUS EICKHOFF, FABIANA RODRIGUES SANTOS, LARAYNE KRETZMANN RODRIGUES DA SILVA, ROGER VINÍCIUS ZANCHI BRUM, LISANDRA SELENE FREITAS DA LUZ, NATHÁLIA CASTELLO DE CARVALHO DELUCA, MARIANA TROTTA VILLAR, DOUGLAS EDUARDO GIL RODRIGUES, FABRICIO GONÇALVES KRAMBECK, JÚLIA STOCCHERO AMARO, ARIEL LOPES VARGAS, BRUNA CAUDURO DE ABRÃO, EDUARDO FOCCHESATTO TENHER, GABRIEL RENATO, FISCHER GOLTZ, HENRIQUE FORTUNA DUARTE, LARISSA ISABÔ LUCAS GUEDES, LAURO FRANCISCO FAGUNDES FERREIRA,

LUCAS DEGEN MEOTTI, MARCELA CANTON BECKER, MARCELA FERNANDA DE ALMEIDA ÁVILA, VICTOR FERREIRA COLOMBY, VICTORIA EMANUELE LOBO PALLAORO, GABRIELA DE ANDRADE NEVES DIAS BRITES, RAFAEL VISINTAINER MELO, FERNANDA MADRUGA PRESTES, MICHELE RIBAS ORTIZ, JOÃO PAULO MIREK AMBROSI, ADÃO DOS SANTOS JÚNIOR, BIANCA SAYDE MANSOUR COSTA, MILENA MARCELE MÜLLER, CHARLES POSSER DIAS, LEONARDO ARRUDA DAL ROSS, WAGNER GOMES DE OLIVEIRA, EMANUELLE DA ROSA FAGUNDES, MATHEUS SILVEIRA PFEIFER, DYÉFFERSON DO PRADO NAJE, FELIPE IZIDORO DA SILVEIRA, STEFANI MEIRELES GIACONELLI, AMANDA BLANCO LEAL, NATZHA BIZARRO DUTRA, AMANDA JULY GONÇALVES RODRIGUES, BRUNA MORESCO SILVEIRA, FELIPE QUEIROZ PIRES, LEANDRO CARDOSO NUNES, MATHEUS MICK MAZUCO, NATASHA SANTOS FELIPE, NATHÁLIA PAIVA BUENO, NICOLAU PEREIRA ALFF, RENATA BACKES SCHREINER, TUÍLA DESIRRÉE LIÑARES ZANON, RÔMULO CANTANHÊDE DA ROSA, CLARISSA PIRES MÜLLER, JULIANE GONÇALVES DA SILVA, LUCAS GUIMARÃES FURTADO, IGOR ALMEIDA BIBIANO DE MORAES SILVA, BERNARDO EMMEL ARAÚJO, CAROLINE FREITAS DE AGUIAR, JÉSSICA GOMES FERNANDES, THAINÁ SILVA DE CRISTO, JORDANO ALVES DOS SANTOS, MATHEUS ZEMBRUSKI DE OLIVEIRA, MATHEUS DE SOUZA ÁLVARES DA ROSA, PAULO RICARDO WYLLIE ELYAS QUEIROZ DOS SANTOS, VITOR HUGO PERES RIOS FERREIRA CHERFEN, THIAGO MUNIZ AMARO, YÚRI DE ASSIS COSTA, CAIO DE OLIVEIRA MONTES, VICENTE SEVERO CARDONA DUARTE, MARIA CAROLINA DO NASCIMENTO, CAROLINA PEREIRA JARDIM, DIOGO MENEZES CORREIA, FELIPE GEWEHR BROCKSTEDT, LEONARDO DE MORAES VIEIRA, LETÍCIA RAMOS DE SOUSA, LOUISE VALEZAN VELASQUES, MARIENE CENTENO ABEL, RAFAEL PALMINI VALTER, WALMOR DE SOUZA NETO, VITOR HUGO BUENO DE

BARROS, JÉSSICA DORNELLES BAZ, MARIA DE LOURDES SCHENINI ROSSI MACHADO, CAROLINA FERNANDES SILVA, RENATA SOARES DE ABREU, CAIO FÁBIO MONTEIRO NUNES, ALEXANDRE MENDES DAS VIRGENS ALMEIDA, FILIPE BRITO HAMBURGO, NATASHA MURAGUTI BEZERRA, VIKTOR LEON BIZARRO DUTRA, GUILHERME BRAZIL DOS SANTOS FERREIRA, ROSÁLIA ZIEMANN PORTO, VANESSA LOPES KLEIN, DOUGLAS FARIAS RODRIGUES, LUCAS JEQUIS ESPINOSA e THALES HENRIQUE VALENTE AMARAL.

9º Ano: GABRIEL SCHOLL ROBALLO, GUSTAVO LUÍS SPRINGER, JOÃO ENRIQUE PORTELLA DOMINGUES, SAMUEL MARTINS VALCAREGGI, YASMIN BOEIRA, FERNANDO RIBEIRO DE MAGALHÃES, JOCIELE MOREIRA REZENDE, PEDRO HENRIQUE C. AURELIANO DOS SANTOS, CAROLINNE GOES MORAES, BIBIANA DE ANDRADE GARIGHAN, PEDRO ACOSTA DO NASCIMENTO, VANESSA FERREIRA ABDALLA, GABRIELA MARIA PAIVA TAVARES, JUAN RAFAEL MIRÉ SANCHEZ CHAGAS, MATHEUS COSTA, JÉSSICA DE ÁVILA WIECZOREK, MATHEUS SANTOS CÂMARA DE SOUZA, DOUGLAS DE MORAIS RODRIGUES, JHONATAS SIMÕES NUNES, CAROLINA REMEDI DE MENEZES, THAYNÁ MARTINS BARREIRO, MANOELA ZIEMANN PORTO, HERON TORRES, GABRIEL AUGUSTO MAYER DA SILVA, JULIANA BARROSO GOMES, JOÃO BATISTA CORRÊA PEREIRA FILHO, GABRIEL HENRIQUE HIZO, LEÍSA CARVALHO DE ARAÚJO, BIANCA BENVENUTTI, GABRIEL LANÇANOVA MACHADO, GIOVANA LEIVAS MULLER HOFF, GUILHERME WERBERICH SELBACH, ISRAEL, KUBIAKI OLIVEIRA DE OLIVEIRA, MARIANNA IFARRAGUIRRE MELLO, PAULO ESCOBAR DE OLIVEIRA, VICTÓRIA JALOWITZKI DE QUADROS, RUAN CALHEIRO SANMARTIN, ALLAN NICKOLLAS MACEDO LIMA, BRENDA MARIA MELO BATISTA, SAMUEL ALISON DA SILVA, LUCAS SARAIVA MARQUES, ARIANE DA SILVA ANDRADES, DANIELLE TAVA-

RES BRUSCATO, GEFERSON ROGÉRIO DE OLIVEIRA TAVARES JÚNIOR, LUCAS SILVA DOS SANTOS, ANA DREHER LISBOA, ÍTALO FRANCO COSTA, MATHEUS MACHADO DA SILVA, CAROLINNE WYLLIE ELYAS QUEIROZ DOS SANTOS, ANDERSON MONTEIRO DOS SANTOS, CARLOS HENRIQUE JACKS MENDES DOS SANTOS, MARIANA DA SILVA BARBOSA, GABRIEL LEÃO LOPES CONTIERI, GABRIEL PAGANOTTO CANABARRO, MAXIMILIANO BONIFÁCIO MENTZ, MARIANE FORTUNATO HOMES, THAÍS DIEHL, CASSIANO MACIEL DUARTE, ANNA LUIZA DAL MOLIN, BERNARDO MIGLIORE COSTA, BRUNA GONÇALVES RIBEIRO, CIBELE LIMA FLORENCE, EDUARDO ROSA DA SILVA, GIZELE DE CAMPES AQUINO, GUILHERME ANGUINONI, INGRID MIRANDA SANTA HELENA, LEONARDO COUTO PIRES, RÓGER ROSADO BARTH, THAÍS MORAES DA ROSA, MAURÍCIO ROUVEL NUNES, SIDNEY DE MONTMORENCY BOTELHO PESTANA, EDSON RAMOS BERRETA, FÁBIO PRATES PEREIRA, LUCAS SKYWALKER BEZERRA DE CARVALHO, CAROLINE RAMIRES IPUCHIMA, JENIFER VIEGAS JAREMCZUK, GUSTAVO DA SILVA VIEIRA, ANDERSON ROBERTO MACHADO DOS SANTOS, LUCAS SOUZA DE MEDEIROS, BRUNA SANTOS FIDÉLIS, YÚRI DA COSTA DA SILVA, LUCAS WEBER ALVES, MARIANA GRINGS DAS CHAGAS, AMANDA GEYER DE OLIVEIRA MACIEL, DEZYREÉ RODRIGUES DA ROSA, ELISA RUIZ FÜLBER, FERNANDA GIENDRUCZAK FERNANDES, NICOLAS SASSO DE VARGAS, TIAGO BRODT RAMA, FELIPE KAHL DE FREITAS, JANNINE TORRES PORTUGAL, BEATRIZ SILVA DE BARROS FREIRE, JONATHAN LUCAS LOUZADA, PAOLA DE LACERDA SCHEIBLER, GRAZIELA BATTISTELLO BRITTO, MAGNO VARGAS BERTOGLIO, JOÃO GUSTAVO DIAS CORRÊA, THAÍS RIBEIRO DERÓSA, LARYSSA TAYANE UNSER OLIVEIRA, RICARDO DOS SANTOS SANTANDER, MATHEUS GONÇALVES BELLEI, LUIZ ANTONIO FERREIRA PELLUZO, FELIPE PERSI GONÇALVES, MARIA FERNANDA FIEDLER BAR-

BOSA, CLEBER ANGONESE, GABRIEL PAINES SALBEGO, MATHEUS SILVESTRE DE VARGAS, DJHULLI SILVA PEIXOTO, GABRIEL MARQUES DA SILVA, MATHEUS COSTA DA SILVA, ALEXANDRE ARYEL GONÇALVES DE GONÇALVES, NATÁLIA BARBAT RODRIGUES, GABRIELLA DE ANDRADE GARIGHAN, LUCAS TORALES DE AZEREDO, AMANDA LEAL DE LIMA ALVES, AMANDA RHEINGANTZ PADILHA RAINHERI, ELIZA DA SILVA GOMES, FELIPE ZAMBELLI DE LIMA, HENRIQUE RAUPP CECHINEL, IVANOR PAULO BOCHI JÚNIOR, MATHEUS CARVALHO CORRÊA, RAFAEL HESS ALMALEH, RENAN SEVERO ALMEIDA, VICTOR MATHEUS DE CASTRO ROCHA, FABIANO ESTEVES LOPES, NATASHA SILVA DE CAMPOS, CLARA AFFELD MARTINS DE LIMA, ABRAÃO BASTOS FELIX, NATASHA SALES BOHRER, DOUGLAS HEBERLE OLIVEIRA, ANDRESSA DE MEIRELLES CONSTANTE, DANILO IPÊ DE ANDRADE JÚNIOR, VIVIANE RODRIGUES PINHEIRO, ANDREWS LIMA SILVA, DESIREÉ CRISWALL MENDONÇA GOMES, ANA CAROLINA LOPES RIBEIRO, ANDRÉ MARTINS, ARTHUR LAZZARI ROYES, ISADORA DALENOGARE DE SOUZA, GUSTAVO DE ABREU CÁCERES, JOSÉ MATEUS BRISSOW STANKE, RONALDO BERALDIN DA SILVA, AMANDA LEMOS DILL, CAMILA DI PRIMIO DE JESUS, FRANCIELE LOBO PALLAORO, GABRIEL GABBARDO DOS REIS, GIÚLIA ASSUNÇÃO SICHELERO, IGOR BECKER MORAES, JOÃO CESAR FONSECA ONOFRIO NETO, MANOELA ASTOLFI VIVAN, NATÁLIA OLIVEIRA MARIANI, PATRÍCIO ALVES DE SOUZA, ROGER NATHAN GONÇALVES SCHMIDT, TAINARA DA SILVA SPEZIA, GUILHERME MOTTA VINCENSI, RICARDO MARTINS FRANCO, JOÃO VICTOR BUENO DE BARROS, MARCOS AUGUSTO MARTINELLI AMARAL, ALISSON MEIRELES GIACOMELLI, LUIZA RIBEIRO SANTANNA, CLARISSA FERNANDES DE LIMA, ENOS DE OLIVEIRA NASCIMENTO, CLEYNER JONATHAN GONÇALVES NORBERTO e LUIZ FERNANDO SALLES RIBEIRO.

1ª Série: ANDRÉ LUIS ALTÍSSIMO DOS SANTOS, JORDANA GEWEHR DE MELLO, VIVIANE, NICOLAU PASIN, FELIPE BRAUN DA SILVA, VÍTOR DE OLIVEIRA FINGER, BÁRBARA LOUISE SZORTIKA, GABRIEL CHALLUB PIRES, STHEFAN DOS SANTOS KRINSKI, MATHEUS OZORIO BRUM, NATHANIEL MATTOS LUCAS DE CARVALHO, ALAN OLIVEIRA GOULART, CAROLINE SANTANA REAL, PAULA BUENO SEGANFREDO, ALANA GONÇALVES DE LIMA, KAMILLA BASTIANI CHAVES, THIAGO JARDIM RODRIGUES, ALISSON AUGUSTO DAL TOÉ, JULIA DE VARGAS DA ROSA, RENAN VARGAS ÁVILA, VÍTOR MATHEUS FLORES CASAGRANDE DIAS, LÍLIAN CRISTINA SANTOS DA SILVA, CAMILA ALBUQUERQUE PAVÃO, ANDRÉ DE ABREU CASTILHO DIEL, PÂMELA BORGES BRASIL, PABLO MIGUEL SANCHEZ CHAGAS, PÂMELA SILVA JARDIM, JÚLIO CEZAR ELIAS DA CUNHA FILHO, LUIZA GRIESANG CABISTANI, MAÍRA SANTANA GAMA DE ALMEIDA, MARIANNA DO AMARAL STREIT, PIETRO GEYER DE OLIVEIRA MACIEL, STEFANO EIDELWEIN, GABRIEL DE ASSUNÇÃO FERREIRA, GUSTAVO BISOTTO PERETTI, LÉO PIANKI MORALES TELES, LOUISE DIEDRICH MOCELLIN, RENAN VIEIRA DEDAVID, GUILHERME DIAS GRASSI, BIBIANA PEREIRA DA SILVA, BRUNO VIEIRA CORRENT, YASMIN DIAS SILVEIRA, LARISSA THOMAS CHEMALE, PEDRO HOEPER DACANAL, BÁRBARA OLIVEIRA BORGES, THAYMÊ LUISA DE SOUZA PIRES, LUIZA MELLO BONILHA, VITÓRIA DA ROSA PINHEIRO, CAROLINE SAUER RADICIONE, JEAN PIERRE MUNIZ AMARO, EDUARDO ROCHA COSTA, ANDRESSA FUNCHAL DA SILVA, ROBERTO PULGA JÚNIOR, PRISCILLA PRATES PEREIRA, FRANCIELLE DA SILVA NIEWINSKI, GABRIEL SILVEIRA GOULARTE, PAULO HENRIQUE DA SILVA OLIVEIRA, ANA CAROLINA TESAINER, DENISE PUGLIA, LEONARDO PIETROBON E SILVA, SAYONARA BURLANI MORAES, CESARE SCHNEIDER VICENTE, CÍNTHIA NUNES MÜLLER, RICARDO LEONAN BORGES, RAFAEL

TEBALDI, EMERSON LUIZ DE SOUZA ULIAN, JÚLIA PEZZI, LUIZA GUSMÃO NUNES, ERIC KLEIN BERNARDON, CAÍQUE ALEXANDRE RODRIGUES SILVA, CAROLINA CHITOLINA EBERLE, HELENA ROSA ARÊDE, STEFANY REIS RODRIGUES, FELIPE DE FREITAS LIMP DE ALMEIDA, GUILHERME DE ALMEIDA PASTL, MATHEUS WILLIAM DE MORAIS DA SILVEIRA, THAÍS FERREIRA DE CARVALHO SEVERO, TEFFERSON DIEGO DA ROSA GUTERRES, GABRIEL DOS SANTOS GONZAGA, CAÍQUE BRUNO DE SOUZA SÁ, SYBELE LIMA MELLO, LUÍZA GENRO COUTINHO, LUKAS LIRA DO AMARAL, MARIANA CASTELLO DE CARVALHO DELUCA, ROBERTA GONÇALVES BATISTA, MATHEUS GARCIAS DANTAS, BRUNO ABREU DE OLIVEIRA, GUILHERME DA SILVA XAVIER, CARLO DAL PIZZOL, FLÁVIA DA COSTA SCHAEFER, GIOVANNA LAZZARI MIOTTO, LUCIANA PAVAN ANTONIOLLI, FERNANDA KLEIN DE MENEZES, RAIANA BARBOZA DE OLIVEIRA, FERNANDA SILVA SCHEFFER ROLIM, GABRIEL SANCHES RECKZIEGEL, EDUARDO DIEDRICH MOCELLIN, DIEGO BELLOC VALENTE, ANNA CAROLINA BORGES FRANZ, MARCELA MORAES DE OLIVEIRA LOPES, LANA BETAT TEIXEIRA, NATALIE MENEZES ZEBALLOS, JULIANO NEME COSTA MARIANI, ANDRÉ LUCCHINI DOS SANTOS, LUIZA COELHO GUINDANI, JÚLIA LOPES VENTURA, YÚRI SOARES DE ABREU, MARCELO ZEM GONÇALVES, JOÃO VITOR DO ERRE DE JESUS ABREU, CÁSSIA DE OLIVEIRA FURTADO, EMANUEL DE ALMEIDA PASTL, AMANDA DAHMER TIECHER, ACÁCIO VASCONCELOS TELECHI, FERNANDA GUIMARÃES SOUTO MAIOR, CAMILA COELHO DAHMER, MATHEUS DE FREITAS RIBEIRO, MATHEUS DE LIMA FERREIRA, DÊNNER MAXIMILLIAN GONÇALVES NORBERTO, DÉBORA JUNG PICCININI, EDUARDO OLIVEIRA TRAVESSAS, MARIANA BARTH JUNG, VITOR HUGO SILVA DE OLIVEIRA, RODRIGO DOS SANTOS CORREIA, JÉSSICA DARLIZ FRANTZ VIANNA, JÉSSICA DE ARAÚJO TEIXEIRA, GABRIEL BOLNER BENETTI,

DIOGO MARRAMON DA SILVEIRA, DANIEL DOS SANTOS BOSSLE, JOÃO PEDRO MIOTTO BERNER, MAIARA DA SILVA MINETTO, LUIZA CAUDURO DE ABRÃO, BRUNA GEWEHR BROCKSTEDT, JOÃO HENRIQUE KRAMER DE AGUIAR, HUMBERTO GLAESER MATTIODA, GABRIEL ANTUNES DO NASCIMENTO, LUIZ HENRIQUE RODRIGUES MOREIRA, LUCAS RAMALHO GUERRA, MARIANNA GÓES MORAES, CAROLINE TOLEDO, LARISSA INÊS OLIVEIRA BRAGA, LUCAS GUTERRES CORRÊA, BRUNO MAYA FLORES, EDELENE RODRIGUES MUNIZ GUIMARÃES, DOUGLAS DARLAN SCHUCK, MARCOS VINÍCIUS FREITAS DA LUZ, LUIZA NEGRI PINHEIRO, BRUNA LEÃO LOPES CONTIERI, ELISA BOLZAN STEINKE, MIRELA MACHADO SALVI, WILLIAM VEBER MOISÉS DA SILVA, GABRIEL ORIBES DOS SANTOS e RAFAEL HINKELMANN PADILHA.

2ª Série: GUSTAVO LUIZ SCHMIDT, JULIE BÁRBARA RODRIGUES MOTA, DOUGLAS ABREU MUNHOZ, IGOR GUAZZELLI COSTA DA COSTA, LIEGE PILLING BAPTISTA DA COSTA, GABRIELLE LIPPERT BONAZZA, THIAGO VOGEL PINTO, PEDRO ANTUNES DO NASCIMENTO, MELISSA DE ASSIS VIEIRA, GUSTAVO PENS FERNANDES, MOSIAH HEYDRICH MACHADO, CARLO LUCCA COUTINHO UNGARETTI ROSSI, MARCOS MARTINS DA SILVA MONTENEGRO, CAROLINE MARQUES TABORDA, LUIZE COUTINHO BOMJARDIM DA SILVA, MARCELO PETRY DE ABREU TRINDADE, MATHEUS DA COSTA DEVINCENZI, VAGNER MENDES DIAS, FERNANDA LUIZA HORÁCIO BUTA, NATHÁLIA NAVARRO BARBIERI, CAIO BRENDO DE SOUZA SÁ, CAIO VIVAN DE OLIVEIRA, JANSEY MAIER DOS REIS, EDUARDO DE CARVALHO MAZZOCATO, GIOVANE LANFERMANN BARBOSA, LAÍS VELHO DE MESQUITA, CAMILA MARTELO RODRIGUES, ROBERTO DOS REIS PEREIRA JÚNIOR, JOSÉ GERALDO P. DE CARVALHO JÚNIOR, CÉSAR ELIAS RIBEIRO JUNIOR, LISANDRA ALMEIDA NUNES, ALICE LACERDA

GODZIENSKI, MATHEUS MARRONE CASTANHO, LUCAS GOMES DE OLIVEIRA, BRUNO SANTOS CAMPOS GOMES, MATHEUS JARA REIS, MELISSA ALVES BRAGA DE OLIVEIRA, BRUNO BRAZIL VASCONCELLOS, JÉSSICA NUNES MÜLLER, LEONARDO MORAES CHAMUN, AKIE KAWAMOTO CHIARADIA, REBECA SALAZAR SIKILERO, LUCAS DOS SANTOS FLORIANO, ARIEL CORRÊA PEZZOLI, ISABEL RODRIGUES DA CUNHA, MAURO DEBIASI FERNANDES, THIAGO CANTANHEDE DA ROSA, ERICSSON DA SILVA PEREIRA, JOÃO PAULO RADD PIRES DA SILVA, STANLEY BERNARDO DA SILVA FILHO, FLÁVIA DE MORAES FARINA, BRUNA JENISCH BRITTES, TALYTA DA ROSA, PEDRO WLADIMIRSKI CIRIACO, NERY DA SILVA MARQUES NETO, DOUGLAS MAIESKI, RAFAEL SANTOS FIDÉLIS, THIAGO PERSI GONÇALVES, CAIO LANGUIDEI MENDES, FREDERICO NASCIMENTO DUTRA, NICOLAS CAMPOS MEDEIROS, GUILHERME SCHOLL ROBALLO, NYCOLLAS SUTIL LIBERATO DA SILVA, JULIANE TAÍSA DE ÁVILA GUEZ, MARINA MORAES DE OLIVEIRA LOPES, GABRIEL AGNISCHOCK DA SILVEIRA, PEDRO ERNESTO AMARAL DOS SANTOS, RICARDO SEVERO MARTINS JÚNIOR, LUCAS GOMES MASCARENHAS, YAGO DIAS SILVEIRA, MIGUEL JOSÉ WEIRICH JUNIOR, KEYSE CRISTINA, LUGTENBURG GUEDES, RAFAEL CORREA CACERES, SAMANTHA LUCHESE GONÇALVES, LEONARDO BRANCO DURO, ANA JULIA BRUM SEVERO, ALINE MEROLA BANDEIRA, VANDERLEI AMARAL VIEIRA JUNIOR, GUSTAVO MONTEIRO VIEIRA, ISABELA LINK DE MIRANDA, ADRIANA AMORIN ANDRIOTTI, THAÍS RODRIGUES SANTOS, MARCELLE MOREIRA PUJOL, JOÃO ROBERTO VARGAS JESUS, GERSON TADEU ASTOLFI VIVAN FILHO, ADAM FIJTMAN, KAREN CATARINE DAMASCENO, RAFAEL VARGAS FRAGA, ARIEL RICARDO GUIMARÃES ALMEIDA, DANIEL DA SILVA BISPO, KAROLINE RENE WEBER, AMANDA SILVEIRA DE ALMEIDA, PHILIPPE CORINO MELLO, GEORGIA DA ROSA ROHDE, OTÁVIO SILVA PA-

RANHOS, NICOLAS MAURO DE MOREIRA BOHNENBERGER, MATHEUS PINTO LA MAISON DA SILVA, DANIEL SCHNEIDER MARTINS, DOUGLAS CLEZAR TOLOTTI, YURI TAKEHARA CHEMALE, MARIANA SANDRIN TONI, RAFAELA RAMALHO GUERRA, DIONATAN DE OLIVEIRA NADALON, PETER DANIELS DE PAIVA FRAGA, NATÁLIA OLEGÁRIO DOS SANTOS, MAITÊ ASSIS RODRIGUES, YAN LEAL RODRIGUES, GISELY APARECIDA DA SILVA, TIAGO SCHIMITT VIEIRA MACHADO, MARIANA ARIOZA FERNANDES ALMEIDA, EZEQUIEL RODRIGUES PINHEIRO, JOÃO VINÍCIUS SCHULTZ, MARIANA MOTTA VIVIAN, MARCELO VICENTE DEWES MOURA, LEONARDO SILVEIRA RITTA, MONIQUE RODRIGUES DA SILVEIRA, VANDERSON LOPES KLEIN, THIAGO RIBEIRO BARROS, RAFAELA LEPKOSKI CHAVES, AMANDA SOBREIRA, ANDRESSA BISOTTO PERETTI, ALEXANDRE SCHMITZ HOFF, FELIPE PETRY DE ABREU SOUZA, LUIZA SANTOS CUNHA, CAROLINE SCHARDOSIM BRASIL, LUANA PEREIRA DA COSTA, VINÍCIUS PACHECO COELHO, ROBINSON MATTOS NETO, GUSTAVO MONTE BLANCO DA SILVA GARCIA, NORTON APPELT SOLLA, LAURO FIALHO MULLER, LUCIANO GARBELOTTI GOMES, TAYLOR DE OLIVEIRA ANTES, ANDRÉ LUÍS FERNANDES SILVA, NATALIA NAVROTZKI RIEDNER, LAÍS DA SILVA RODRIGUES, ALISSON DE SOUZA CUNHA, ANDREY FAES PASCHOAL, FRANCISCO DE ASSIS CAVALCANTI, ELOÍSA ELEEN SILVA REIS, PAULO NELSON DA SILVA GONÇALVES, RAUL JOSÉ GONÇALVES RIOS, ANANDA RODRIGUES BANDEIRA, LUCAS DA SILVA COSTA, HANNA BEZERRA ROCHA, LEONEL LINDEMAYER SPAT, ANELLISE CAMARGO BANDEIRA, DIEGO APARECIDO PILLA DE OLIVEIRA, JULIANA CASTILHOS BEAUVALET, ADRION ROGÉRIO SAMERSLA e ADRIELLE LOPES VARGAS.

3ª Série: THAYNÁ CASTRO SOUTO, PRISCILA DA COSTA PACHECO, THAÍS CAROLINE STEIGLEDER,

FLÁVIA MENEZES VEDANA, RAFAELA FURTADO TEIXEIRA, JOFFRE ARAÚJO DE MATTOS, LUIZA BARBOZA DE SOUZA, GABRIEL DE OLIVEIRA PRATES, MYKAELLA NOGUEIRA HECKMANN, BOLIVAR CHE TEIXEIRA PEDROZO, KATHARINA CÂMARA DE ARAÚJO NEVES, FELIPE DE MEDEIROS SCHMIDT, RAFAEL FALCÃO VARGAS, JÚLIA DE ANDRADE NEVES DIAS BRITES, CAMILLA ARAÚJO RODRIGUES COSTA, KAREN BRAZ SOARES, SÍRIO SAPPER DE OLIVEIRA, PHELIPE SOUZA SANTOS, MATHEUS EDSON RAPOSO, FERNANDA PETRY DE ABREU SOUZA, RODRIGO REIS E SILVA, LAURA MARZULLO DOS SANTOS, WESLEY LAPPE TELÓ, FERNANDO DA SILVA ZOCHE, MARINA GULARTE GARCIA, GUILHERME VEBER MOISÉS DA SILVA, EMILAINE KARINE LORENCETTI, FELIPE TRINDADE CHAVES, DIEGO RODRIGO LIMA VIEIRA, DOUGLAS DE QUADROS DA SILVA, AIRAM GIBSON A. LINS DE ALBUQUERQUE, JÚLIA ALVES COUTINHO, JOÃO AUGUSTO DA SILVEIRA DE AGUIAR, THIAGO HOMEM NADLER, GUILHERME CORREA CÁCERES, THOMAS MASAAKI HATTORI, EMÍILIA DE FREITAS CABREIRA, RAFAEL SOUZA BARBOSA, VANESSA MILOST GONZALEZ, ARTHUR BARBOSA PINHO, ELLEN CHRISTINA DO CANTO ANDRINO, RAQUEL GEWEHR DE MELLO, RENATA WEBSTER DUARTE, ALEXANDRE LAUER CORDONET, GUILHERME JARDIM RODRIGUES, BRUNO FERREIRA AZAMBUJA, JESSICA FONSECA DE ARAÚJO, JULIO DE ANDRADE GARIGHAN, MATHEUS BARNECHE MENDONÇA, TAIAÇUÍRA FERNANDES FIGUEIREDO, CÁSSIA MACIEL DUARTE, ERIK ALIGHIERI BRAGA, JHONATA RODRIGUES DE BRITO, GUSTAVO JUNG, PATRICIA BELTRÃO WINIAWER, CAMILO CASTELO BASTOS FÉLIX, MARIANNE PIRES FLORES, ERICK GUILHERME GURGEL AUGUSTO, BRUNA BONFIM RODRIGUES, GABRIEL SOBOLEWSKI PROLA, GABRIEL MANZONI MOREIRA, AMANDA PINTO SOBROSA LOPES, JEFFERSON LOPES DA SILVA, LUCAS SEVERO SILVEIRA, HALOHAN CELES SARAIVA

CERQUEIRA, FELIPE WALCZAK FIORENZA, CAROLLINE DE SOUZA FERREIRA LEITE, JÉSSICA FRANCESCHINI BOMZANINI, EDISON ESTIVALETE BILHALVA JÚNIOR, MARINA NOGUEIRA DE ALMEIDA, THAÍS AYD ESTEVAM, THAMIZA CZICHOCKI MEDEIROS, FRANCYNE BOCHI DO AMARANTE, DIEGO ALEXANDRE RODRIGUES DE SÁ, ANDERSON VINÍCIUS CANELOSSI VALÉRIO, LUIZ FELIPE RODRIGUES MOREIRA, AUGUSTO PACHECO DA COSTA, WELINGTON LIMA DA SILVA FILHO, DIEFER MOISÉS MROZINSKI, THAÍS PEREIRA DE LEÃO, THAIZE LOPES DE SOUZA, ELISA DE VIEGAS HOFFMEISTER, ROBERTA CRISTINA PULGA, EDGARD ALLAN GURGEL AUGUSTO, JULIANO LEIRA DUTRA, VITOR SCHNEIDER BARRA, VICTOR HUGO JACKS MENDES DOS SANTOS, FELIPE AUGUSTO ALBARELLO JÚNIOR, JÔNATAS DO PRADO REIS, THAYSSA CASTRO SOUTO, NATHANAEL RIBEIRO ROSA, DIEGO ÁLVARES MARTIN GARRIDO, ANDRÉ FELIPE TESCHE, RODOLFO DE CARLI, FILIPE DE ÁVILA BELBUTE PERES, DIEGO MACEDO DA SILVA, FELIPE DE ALMEIDA LIMA, LUCAS DE MORAES MELLO, ANDERSON MICHELOTTO DOS SANTOS BANDEIRA, LUCAS SZADKOSKI, HANNA ACUNHA PEREIRA, LETÍCIA ALBERTO FRANCISCO, LAURA MENA PERES BASTOS, SARA AUGUSTO CARRA, DÁFNE CORRÊA MAKRAKIS, ÂNGELO PY FERREIRA, LUCAS JARDIM DO NASCIMENTO, NAIANE WEBER VIEIRA, BRUNA MILHORETTO, ANTÔNIO ORLANDO MAUÉS ALVES, ACINDINO COELHO DOS SANTOS NETO, MATHEUS LUZ RIBAS, MANUELA TIAGO VASCONCELLOS DE ANDRADE, KAMILLA FONSECA GERIBONE, ILIVAN ANDREAS NISSEN, JONATAN BRUM TAVARES, OTÁVIO DE MACEDO MENEZES, RICARDO DAHMER TIECHER, LUZIA MENEGOTTO FRICK, LUCA BROCHIER PARMEGGIANI, LETÍCIA ROCHA, ADRIANO BINOTTO BRAGA, PATRÍCIA MATOS CORRÊA, ASAFE DO CARMO S. WONDRACEK, MATHEUS BOHRER, EUGÊNIO CAMARGO STRADA, MARIANNI GONÇAL-

VES GOULART, CAROLINA RIPPEL COSTA, JANAYNA LUCIALDO PEIXOTO DE ALMEIDA, LEONARDO MUNIZ CAON, AMANDA FLEIG MAYER SALBEGO, AMANDA MELLO HUTHER, DIEGO CARNEIRO ANDERSON, GIOVANNA CHENET DE CASTRO, JULIANA ANDRICÓPOLO PACHECO, ARTUR ASSIS RODRIGUES, HUDSON LUCAS FISCHER PAES, LEANDRO BRUNHOLI RAMOS, BEATRIZ PASSERINO GLUZ, KIZZY FERNANDA TERRA FERREIRA DOS REIS, EDGAR ANTONIO MACIEL PINTO FERNANDES, PEDRO YAGO CARVALHO DOS SANTOS RODRIGUES, NELSON JUNQUEIRA DE ANDRADE, HELENA FERNANDES, ANA PAULA FERNANDES LOPES, GUSTAVO DANIEL, CASTIGLIONE DA SILVA, LUCAS AVALLON TOIGO LOCK, MATHEUS COSTA DE AGUIAR, MANOELA DEL MESTRE KUCZYNSKI, EDUARDO CAUDURO DE ABRÃO, CIBELE CRUXEN ALVES, MATHEUS BASSEDONI DOSSENA, DOUGLAS TEIXEIRA LEFFA, MANOEL ANTUNES PERASI, LAÍZA SELAU DA SILVA, FERNANDO ESTEVES LOPES, LUCAS LIMA FONSECA, LAURA PINHEIRO MARTINS, CAÉSAR AUGUSTO ROSA BOLZAN, LUCAS MOTTA VINCENSI, CAROLINA GRACIOLLI SIQUEIRA, RENATA DE CASTRO SCHINDEL, LUYSE SILVINA FRANÇA SILVA NUNES, JULIANA ANGELINA BATISTA PULGA, MATHEUS DOS SANTOS GONZAGA, MÁRCIA BARBOSA BASTOS, RAFAEL CONCY SOUZA, GÜNTER MATHEUS HERTZ e CYNTHIA CRISWALL MENDONÇA GOMES.

Notas: *1) O CMPA, a AHIMTB e o IHTRGS esperam que, dos alunos e alunas acima citados(as) surjam novos valores no campo da História e que estes possam continuar a registrar a evolução do Casarão da Várzea;*

2) A confecção das relações acima contou com a valiosa colaboração do Sgt José Luís Nunes Costa, sargenteante da 3ª Companhia de Alunos e do Cabo Luciano, da STE. O critério de apresentação foi o adotado pelo Colégio e segue normas específicas.

PROJETO-AVENTURA DESAFIANDO O RIO-MAR "NOVOS RUMOS"

O Cel Hiram Reis e Silva é professor do Colégio Militar de Porto Alegre e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

Apaixonado pela Amazônia, onde serviu por vários anos, nas unidades de Engenharia, e realizou o curso de Guerra na Selva, o militar é um dos maiores especialistas do assunto no Rio Grande do Sul, onde realiza palestras em escolas, universidades e outras instituições públicas e privadas, através da ONG Sociedade Amigos da Amazônia Brasileira - SAMBRAS, a qual preside.

Descer o Solimões em dois caiaques, de Tabatinga até Manaus, explorando a região em seus aspectos geográficos, históricos e culturais, em um percurso de mil e seiscentos quilômetros, tendo por objetivo a luta por uma Amazônia brasileira e para brasileiros é a expedição que foi empreendida pelo coronel Hiram Reis e Silva e pelo professor de educação física Romeu Chala. Tudo para divulgar as coisas da Amazônia no Rio Grande do Sul, estado mais distante da Hiléia Brasileira.

Conforme o Cel Hiram, o objetivo principal é trabalhar os corações e mentes dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) para que, com conhecimento de causa, tenham capacidade de interpretar as medidas tomadas em relação à região e apresentar sugestões de modo a frear as ações que comprometem a Amazônia Brasileira nos aspectos de meio ambiente e soberania.

O Prof. Romeu, também entusiasta pela região, aderiu à expedição na última semana dos quase dois anos de preparativos realizados pelo Cel. Hiram. A epopéia dos dois gaúchos foi iniciada no dia 1º de dezembro em Tabatinga e teve chegada em Manaus a 29 de janeiro. Sem barcos de

apoio ou qualquer outra forma de suporte local, seja oficial ou privado, e sofrendo as severas limitações de espaço nos dois caiaques, Hiram e Romeu contaram apenas com a boa vontade e com a hospitalidade dos amazonenses, que foram exemplares. No percurso entre Tabatinga e a Reserva Mamirauá, os navegadores receberam apoio das comunidades ribeirinhas, das prefeituras e dos destacamentos da Polícia Militar por onde passaram. Todos foram incansáveis em auxiliá-los, oferecendo pousada, alimentação, guarda dos caiaques e meios de Internet para a transmissão das fotografias, textos e entrevistas gravadas.

Sem comunicação na quase totalidade do percurso, os navegadores foram acompanhados apenas pela posição do GPS, rastreada hora a hora através de uma empresa especializada de Porto Alegre. Os dados coletados foram enviados para professores integrantes de uma equipe multidisciplinar do Colégio Militar de Porto Alegre e servirão para fundamentar pesquisas, trabalhos escolares e palestras durante o ano de 2009. Após compilados, serão também a base de um livro que será escrito sobre a expedição. Essa mesma equipe faz o monitoramento e o apoio à distância aos navegadores.

Os alunos, professores e a população gaúcha acompanharam o dia-a-dia da expedição através do portal Internet do Colégio Militar de Porto Alegre: http://www.cmpa.tche.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1690&Itemid=2&lang. O Clube de História do colégio realizou um "Diário de Bordo", onde constam fotografias, textos e entrevistas produzidos pelos navegadores, que podem ser vistos em http://diarioriomar.blogspot.com/ . Mais informações sobre o Projeto do Cel Hiram e a SAMBRAS no link www.amazoniaenossaselva.com.br.

O percurso desenvolvido pela expedição foi o seguinte:

Tabatinga – Feijoal – Barra do Solimões – Santa Rita – São Paulo de Olivença – Niterói – Amatura – Santo Antônio do Içá – Tonantins – Prosperidade – Porto Alegre – Jutaí – Flutuante Orlanei – Fonte Boa – Tamaniquá – Flutuante

Aranapu – Flutuante Horizonte – Flutuante Cauacu – Flutuante Barra do Mamirauá – Tefé – Caiambé – Lago Ipixuna – Laranjal – Coari – São Francisco Camarazinho – Codajás – Anori – Beruri – Anamã – Manacapuru – Iranbuba – Manaus.

O Projeto terá continuidade neste ano de 2009 com o percurso sobre o Rio Negro e, posteriormente, pelo Rio Amazonas, de Manaus até Belém do Pará.

Ficam registrados aqui os cumprimentos dos autores da presente obra **História do Casarão da Várzea**, Presidente e vice-presidente da AHIMTB e do IHTRGS, que já condecoraram seu destacado membro Cel Hiram com a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil no Grau de Cavaleiro e que honrou a herança do heróico ex-aluno do Casarão, o gabrielense Plácido de Castro, o Conquistador do Acre e, hoje, nome do Pátio do Casarão.

CANÇÃO DO CMPA

Letra: Barbosa e Souza **Música:** Arão Lobo

Somos espada de um povo altaneiro,
Somos escudo de grande nação,
Em nossos passos marcham guerreiros.
Avança a glória num pendão.

Na nossa escola forja-se a grandeza,
Temos no peito amor juvenil,
Em nossas cores toda a natureza,
Nós somos filhos do Brasil.

Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
No valor de nossos avós! Bis
Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
Na bravura dos seus heróis.

POSFÁCIO

Pelo Cel Paulo Contieri, Comandante do CMPA

Muitos são levados por diversos motivos a escrever o passado, mas o interessante de uma História é relatar os acontecimentos com a exatidão dos fatos. Principalmente quando se trata de uma História tão importante, como a do Velho Casarão da Várzea, relatada neste livro.

O livro representa o mais completo trabalho de pesquisa que existe sobre este tradicional estabelecimento de ensino. Este talvez seja o grande valor da obra, e certamente o mais difícil de ser alcançado: o de agrupar realmente uma fonte de dados e de informações históricas sobre o nosso Casarão da Várzea. Para isso, foi necessária a pesquisa e o conhecimento que os autores possuem sobre os fatos da história militar terrestre brasileira.

Aos Autores, o meu agradecimento por ter a oportunidade de participar com estas poucas linhas desta obra tão significativa para todos os que um dia tiveram, em algum momento, o seu destino cruzado com este casarão. A alegria foi imensa ao conhecer em detalhes a história deste local que faz parte da minha história de vida. São 15 anos ligados diretamente a este magnífico colégio, somando os anos de aluno, pai de alunos e agora como comandante do CMPA. A história do colégio Casarão da Várzea faz parte da minha vida.

É importante agradecer ao Cel Bento e ao Cel Caminha pelo trabalho de pesquisa e de consolidação da história do Velho Casarão da Várzea. Esta obra tem fundamental importância, pois por estas arcadas, salas de aulas e alojamentos circularam vários presidentes, inúmeras personalidades civis e militares ao longo destes mais de 100 anos de existência do nosso querido Casarão.

O Exército, e em especial todos os que um dia passaram pelo portão do Velho Casarão da Várzea, parabenizam e agradecem aos autores por este excelente trabalho.

BIBLIOGRAFIA

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. ***Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil*.** Rio de Janeiro: FHE/POUPEx, 1987.

(_____). ***A esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino militar acadêmico do Brasil***. Rio de Janeiro: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. nº** 155, 1994.

(_____). A Escola de Guerra de Porto Alegre, in **História da 3ª Região Militar,1889/1953.**Porto Alegre:3ª RM, 1995. p.179/186

GIORGIS, Luiz Ernani **Caminha, Cel. *Cronografia da Legislação Escolar.*** Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2001

MEDEIROS, Laudelino. ***Escola Militar de Porto Alegre.*** Canoas: La Salle, 1992.

PRATES, Neri Pacheco, Cel. ***Histórico do Velho Casarão da Várzea*.** Porto Alegre, AACV.

MABILDE, Flávio Corrêa, Cel. ***Sinopse do Histórico do Colégio Militar de Porto Alegre.*** Porto Alegre, AACV, 1985.

CIDADE, Francisco de Paula, Cel. ***Cadetes e Alunos Militares através dos tempos –*** *1878/1932.* Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1961.

FIGUEIREDO, José Lima, Gen. ***Casernas e Escolas*.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1945.

PEREGRINO, Umberto. ***História e projeção das instituições culturais do Exército.*** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

FONTOURA, João Neves da. ***Memórias*.** Porto Alegre: Globo, 1958.

ÁLBUM DE FOTOS DO CASARÃO DA VÁRZEA

Legendas das fotos do Álbum

Foto 1 – Entrada do Casarão como Escola Militar de Porto Alegre na Revolução Federalista e na Escola de Guerra (1906-11) e início do CMPA, que aparece formado à sua frente (Fonte: foto que ilustra artigo do Cel Bento na Hyloeia/1995).

Foto 2 – Fachada do Casarão depois de modificado o seu frontispício e também à frente e laterais com mais um andar (Fonte: idem a da foto 1).

Foto 3 – Visão do pátio do Casarão depois de ampliado o torreão principal e mais um andar nas laterais. No fundo, antes de ser acrescido mais um andar (Fonte: Idem a da foto 1).

Foto 4 – Foto do Casarão da Várzea ao tempo em que era Escola de Guerra (1906/11) que figura na 4ª capa do livro ***"As Guerras dos Gaúchos"*****,** do qual participam seis membros da AHIMTB, entre eles o autor desta História do Casarão, seu parceiro Cel Caminha e mais o Ten Cel Meira (Fonte: foto na 4ª capa da obra "As Guerras dos Gaúchos"/2008).

Foto 5 – Detalhes da Entrada Principal do Casarão, já com os acréscimos que o transformaram no frontispício atual (Fonte: Arquivo da AHIMTB).

Foto 6 – Foto da Conferência de Olavo Bilac no Salão Nobre do Casarão em 1916, em favor do Serviço Militar Obrigatório (Fonte: Foto no Museu e Sala Histórica do Casarão).

Foto 7 - A Banda do CMPA, onde está assinalado com uma seta o aluno Arthur da Costa e Silva, futuro presidente da República (Fonte: idem a da foto anterior).

Foto 8 – Foto do Museu e Sala Histórica do Casarão (Fonte: foto da Delegacia da AHIMTB no CMPA, Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara).

Foto 9 – Foto de cinco ex-alunos do CMPA que atin-

giram a Presidência da República, motivo de ser o colégio conhecido como o Colégio dos Presidentes (Fonte: CMPA).

Foto 10 – Vice-Presidente da República Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos, ex-aluno do CMPA e ex-presidente de sua sociedade acadêmica (Fonte: foto no Museu do Casarão).

Foto 11 – Cel Jarbas Gonçalves Passarinho, ex-aluno da EPPA de sua primeira turma em 1939 o qual, dentre suas altas funções, foi o único ex-aluno a ser Presidente do Senado (Fonte: foto em artigo na Hyloeia/1995).

Foto 12 – Foto do ex-aluno do CMPA Mário Quintana, considerado o maior poeta do Rio Grande do Sul (Fonte: foto em O Gaúcho nº 32, do IHTRGS).

Foto 13 – Presença no CMPA do seu ex-aluno Gen Ex Emílio Garrastazú Médici como Comandante do III Exército e depois Presidente da República (Fonte: foto no Museu do CMPA).

Foto 14 - Presença do Presidente Arthur da Costa e Silva, aluno distinto do CMPA, no qual foi membro da banda (Fonte: idem a da foto anterior).

Foto 15 – Foto de uma turma do CMPA à qual pertenciam os futuros presidentes da República Marechais Humberto de Alencar Castello Branco e Arthur da Costa e Silva, que aparecem em reproduções abaixo (Idem a da foto anterior).

Fotos 16 e 17 – Fotos dos alunos do CMPA em 1912 Humberto de Alencar Castello Branco (Aluno nº 105) e Arthur da Costa e Silva (Aluno nº 251), retiradas da foto 15 pela Delegacia da AHIMTB/RS).

Foto 18 – Foto da Guarda-Bandeira do CMPA em sua fase atual, vendo-se os fundos à esquerda. Na frente, à direita, situa-se a Sala Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) (Fonte: foto da Hyloéia/1995).

Foto 19 – Foto da primeira turma de alunas do CMPA, com seus uniformes (Fonte: a da foto anterior).

Fotos 20 e 21 – Foto do aluno Antonio Gonçalves Meira com o uniforme da EPPA, abolido em 1949, quando foi

adotado o da foto ao lado (21), trajado pelo então Aluno Bento (Fonte: Arquivos do Ten Cel Meira e Cel Bento).

Foto 22 e 23 – Foto do brasão dourado usado pelos alunos da EPPA de 1935/61 e ao lado uma foto de alunos não gaúchos onde aparece o aluno Jarbas Passarinho, o 3º da coluna da esquerda (Fontes: fotos do Ten Cel Meira, sendo a 23 do Arquivo do Cel Passarinho).

Foto 24 – Desfile de 7 de Setembro da turma a qual pertenceu o ex-aluno Arivaldo Silveira Fontes. O uniforme usado era igual aos dos cadetes da AMAN (Fonte: foto do Arquivo do Cel Arivaldo Fontes).

Foto 25 – Uniforme usado na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, para onde foi transferida a Escola do Casarão. Foto do aluno Sargento Getúlio Vargas, dela desligado injustamente, conforme a nossa obra em parceria com o Cel Caminha Escolas Militares de Rio Pardo (Fonte: a obra aqui citada).

Foto 26 – Os ex-alunos da Escola em Rio Pardo Dutra e Mascarenhas de Moraes, que foram colegas de Getúlio Vargas, em cujo governo (1930-45) desempenharam relevantes papéis. O General Dutra cursou por um ano a Escola de Guerra no Casarão, de onde saiu Aspirante a Oficial. A foto foi tomada na Itália, na campanha da FEB (Fonte: Arquivo da AHIMTB, Resende-RJ).

Foto 27 – Uma plaqueta da EPPA com a história da turma de 1939, oferecida pelo Cel Jarbas Passarinho ao ex-aluno (1947/49), o historiador Ten Cel Antonio Gonçalves Meira (Fonte: arquivo do Ten Cel Meira).

Foto 28 – Foto tirada no pátio do Casarão depois do notável desfile da EPPA em 7 de setembro de 1952, na Avenida João Pessoa. Nela aparecem da esquerda para a direita os alunos Luigi Tiellef da Silva (Santiago), Newton Cardona Vargas (Dom Pedrito) e Cláudio Moreira Bento (Canguçu) (Fonte: Memória do Cel Bento sobre a EPPA, reproduzida em texto no presente livro).

Foto 29 – Aspecto do Desfile da EPPA de 7 de Setembro de 1952 que mereceu o seguinte registro na Revista da

EPPA de 1952 do aluno Altair Carvalho de Souza:

"E como vem acontecendo todos os anos, a EPPA arrancou da multidão, em delirante entusiasmo, um estrondo de palmas e de "bravos" cujo ruído se confundia, naquele frêmito, com a cadência dos futuros cadetes do Brasil...".(Fonte: Revista da EPPA/ 1952).

Foto 30 – Aspecto do incêndio em 24 de maio de 1943 na frente (à direita de quem entra) do Casarão, onde se situa o Salão Brasil. Foi registrado pelo historiador Major Dentista Hélio Ricardo Alves, que por longo tempo serviu no Casarão (Fonte: Foto do Museu).

Foto 31 – Reunião da AHIMTB e IHTRGS no Salão Nobre do Casarão em 2007, vendo-se da esquerda para a direita o Cel Edmir Mármora, Dr. Cézar Pires Machado, Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Cel Bento, Cel Caminha, Gen Egeo, Cel Mauro Costa Rodrigues e Dr. Aécio Beltrão (Fonte: foto Delegacia Gen Rinaldo P. Câmara).

Foto 32 – O Comandante do CMPA, o então Cel Fernando Vasconcellos Pereira e o Cel Cláudio Moreira Bento inauguram a Sala Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Ato assistido pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da AHIMTB/RS - Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, assistido por uma representação de alunos e alunas do CMPA.

Foto 33 – Interior da Sala, tendo na parede as obras da AHIMTB, do Projeto História do Exército na Região Sul. Aparecem na foto o historiador Dr. Aécio Beltrão, o Cel Bento, o então Cel Vasconcellos e o Cel Caminha.

Foto 34 – Grupo de alunos do CMPA aplaudindo a inauguração da Sala de Aula Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Foto 35 – Sessão conjunta da AHIMTB e IHTRGS no Salão Brasil do CMPA, em 21 de junho de 2006. Da frente para trás e da esquerda para a direita: Cel Mário Sérgio Lacerda (EME/CMS), Cel Celso Jaloto (IHGRGS), Acadêmico Pedro Paulo C. Estigarribia, Acadêmico Flávio Camargo (UFRGS), Acadêmico Cel Carlos José Malan (Chefe EM/3ª

RM), Acadêmico Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da AHIMTB - Delegacia Gen Rinaldo P. da Câmara, 2º vice-presidente e vice-presidente do IHTRGS, Correspondente da AHIMTB e Membro do IHTRGS, Cel Leonardo Araújo (CMPA), Cel Edmir Mármora, sócio efetivo da Delegacia Gen Rinaldo, Gen Nereu K. Calazans (Presidente do "Batalhão de Engenheiros"), Acadêmico Gen Carlos Patrício Freitas P., General José de M. Marsillac, Dr. Babot Miranda, sócio efetivo da Delegacia local, General Egeo de Oliveira Freitas (colaborador da AHIMTB), Acadêmico Vet FEB José Conrado de Souza, Cel Flávio Martins Pinto, sócio efetivo da Delegacia local, Cel Thiovanne Piaggio Cardoso (Comandante do CMPA), Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt (colaborador da AHIMTB), Dr. Aécio Beltrão, sócio efetivo da Delegacia local, Acadêmico Dr. Eduardo Cunha Müller, Cel Cláudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB e IHTRGS, Acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares (colaborador da AHIMTB), Cel Altino Berthier Brasil, membro, e o Acadêmico Ten Cel da Brigada Militar André Luiz Woloszyn (Foto existente no painel da sede da AHIMTB na AMAN).

Foto 36 – O CMPA desfilando impecavelmente no dia 7 de setembro de 2006 (Fonte: Foto do arquivo da Delegacia da AHIMTB no CMPA).

Foto 37 – A atual visão do Casarão da Várzea, onde ele figura com toda a sua majestade e carisma (Fonte: idem a da foto anterior).

Foto 38 – Visão atual do Casarão da Várzea, que mostra a sua parte de trás, totalmente com dois andares e as casas, em seus vértices, modificadas (Fonte: idem a da foto nº 36).

Foto 39 – Mesa Diretora de reunião da AHIMTB para o lançamento da obra Escolas Militares do Rio Pardo, parceria do Cel Bento, presidente da AHIMTB com o Cel Caminha, 2º vice-presidente da AHIMTB, Delegado da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, abrigada pelo Casarão. Da esquerda para a direita Acadêmico Dr. Eduardo Cunha Mul-

ler, Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt, Presidente de Honra da Sessão, Cel Bento (Presidente da AHIMTB e IHTRGS), Cel Thiovanne Piággio Cardoso, Comandante do CMPA e Acadêmico Juvêncio Saldanha Lemos (Fonte: Arquivo da AHIMTB em Resende, na AMAN).

Foto 40 – Posse do Acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis em 2000, posando com sua filha Lisiane Marques Giorgis (à sua direita), D. Maria de Jesus Marques Giorgis (esposa) à sua esquerda e sua mãe D. Ester Caminha Giorgis, ao lado de sua esposa (Fonte: idem a da foto anterior).

Foto 41 – Posse como acadêmico do Dr. Eduardo Cunha Müller, ex-aluno do Casarão, tendo a sua insígnia de acadêmico colocada por sua esposa Dra. Janae Simões Pires Müller e sua filha Maria Eduarda Müller (Fonte: Idem a da foto nº 39).

Foto 42 – Imagens da posse do acadêmico Professor da UFRGS Dr. Flávio Camargo. Abaixo, a visão dos presentes à cerimônia no histórico Salão Brasil.

Foto 43 – Cerimônia de posse da acadêmica jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva e de sócios efetivos da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara. Da esquerda para a direita: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Hiram Reis e Silva, Dr. Eduardo Cunha Müller, Jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, Cel Rui Collares Machado, Gen Carlos Patrício Freitas Pereira, Cel Cláudio Moreira Bento, Cel Paulo Contieri e Brigadeiro Paulo Roberto de Carvalho Ferro (Fonte: Arquivo da Delegacia Gen Rinaldo, no Casarão).

Foto 44 – Cerimônia da posse acima citada aparecendo da esquerda para a direita os novos empossados como sócios efetivos da Delegacia da AHIMTB/RS: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ruy Collares Machado, Dr. Sandro Dorival Marques Pires, Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo e Ten QAO R/1 Nestor Antunes de Magalhães (Fonte: idem a da foto anterior).

Foto 45 – Arcadas da direita de quem entra no Casarão, de acesso à Capela, Museu e Salão Brasil do Casarão

e onde está fixada a placa comemorativa da Turma Cel Frota, da EPPA, de1950 (Fonte: foto do Arquivo do Cel Bento).

Foto 46 – Visão traseira da edificação à direita de quem entra no Casarão onde fica, na parte superior, a Sala de Aula AHIMTB. Aparece a cinqüentenária quadra de basquete (Fonte: idem a da anterior).

Foto 47 – Capa da Revista EPPA da Turma Cel Frota de 1952 da EPPA, que documenta a vida da turma no Casarão (Fonte: arquivo do Cel Bento).

Foto 48 – Adeus EPPA, querida e sempre lembrada. Quantas saudades você deixou em todas as turmas de 1939 a 1961, dali egressas. A gravura lembra as saudades de todos os futuros alunos da EPPA que freqüentaram o carismático Casarão da Várzea (Fonte: foto do Arquivo do Ten Cel Antônio Gonçalves Meira).

Foto 49 – O aluno do Casarão da Várzea, co-autor e organizador desta obra Cel Cláudio Moreira Bento, de azulão, sonho de todo o aluno da EPPA a partir de 1950, ansioso por chegar na AMAN, no dia de seu 20º aniversário em 19 de outubro de 1951. A túnica era do aluno Nicolau Dino Filho, maranhense de São Luiz que viera da EPF e faria 20 anos sete dias depois. Seu azulão era muito “peruado” (pedido emprestado) e invejado, o que lhe valeu o apelido de Jacú. Aonde ela andará? (Fonte: foto das Memórias do Cel Bento, de sua formação profissional).

Foto 50 – A capela do Casarão da Várzea, logo à direita de quem entra no Casarão, e que substituiu a primitiva, construída do outro lado, defronte ao portão de acesso ao Casarão (Fonte: foto do Arquivo do Cel Bento).

Recordar e registrar memórias é reviver e provocar este sentimento aos nelas registrados. É o que penso! Camões, o poeta soldado afirmara neste verso: “A Memória que os homens desenterra” (Cel Bento, 11Nov2008).

FOTOS DO ÁLBUM DO CASARÃO DA VÁRZEA

Foto 1

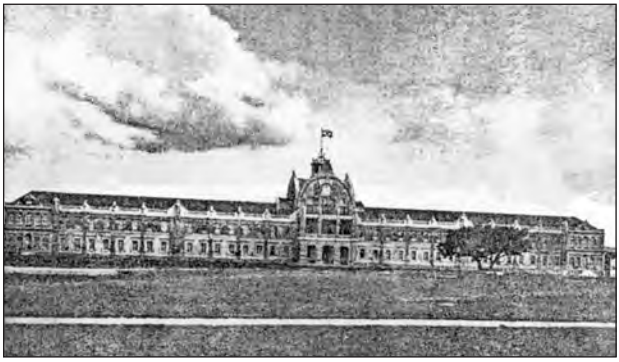


Foto 2

Foto 3

Foto 4

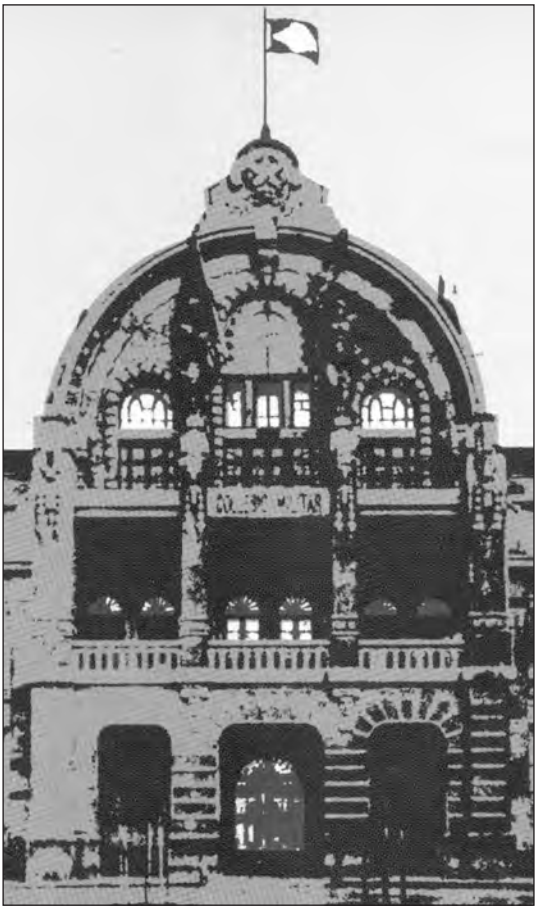


Foto 5

Foto 6

Foto 7

Foto 8

Humberto de Alencar Castelo Branco
Artur da Costa e Silva
Emílio Garrastazu Médici
Ernesto Geisel
João Baptista de Oliveira Figueiredo

Foto 9

Foto 10

Foto 11

Foto 12

Foto 14

Foto 13

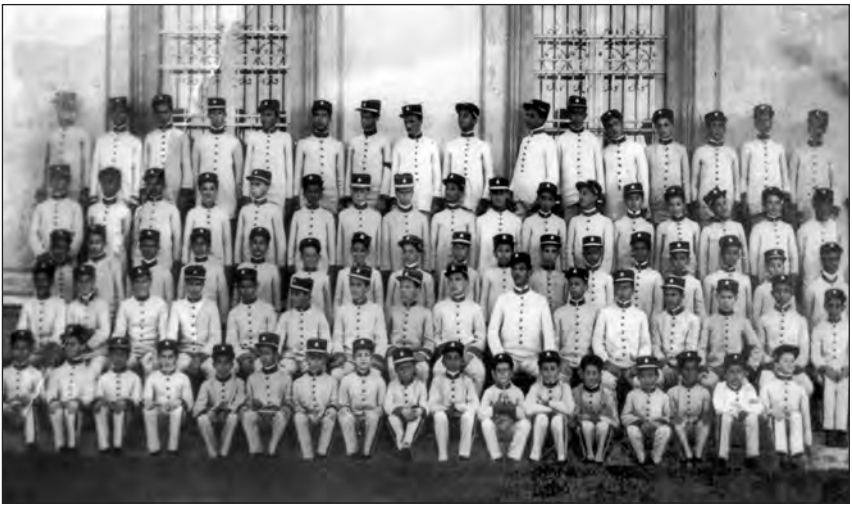


Foto 15

Foto 16

Foto 17

Foto 18

Foto 19

Foto 20

Foto 21

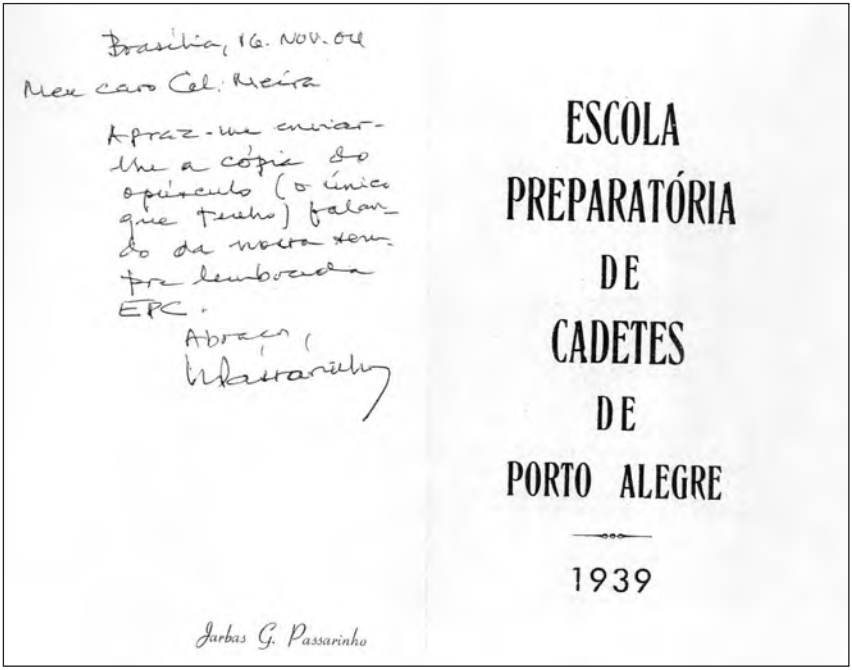
Foto 23

Foto 22

Foto 24

Foto 25

Foto 26


Brasília, 16. NOV. 84

Meu caro Cel. Meira

Apraz-me enviar-lhe a cópia do opúsculo (o único que tenho) falando da nossa querida EPC.

Abraço

Jarbas G. Passarinho

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DE PORTO ALEGRE

1939

Jarbas G. Passarinho

Foto 27

Foto 28

Foto 29

Foto 30

Foto 31

Foto 32

Foto 33

Foto 34

Foto 35

Foto 36

Foto 37

Foto 38

Foto 39

Foto 40

Foto 41

Foto 42

Foto 43

Foto 44

Foto 45

Foto 46

Foto 47

Foto 48

Foto 49

Foto 50

DADOS DA AHIMTB E IHTRGS E DOS AUTORES

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Foi fundada em Resende em 1º março 1996, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares (Polícias e Bombeiros militares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A novel entidade, com sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Bernardino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e generais Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares. Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil, os generais A. de Lyra Tavares (falecido), Jonas de Moraes Correia (falecido), Francisco de Paula Azevedo Pondé (falecido), Severino Sombra, o Almirante Hélio Leôncio Martins e os coronéis Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante, este da Brigada Militar/RGS. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Morais, Gustavo Barroso, Pedro Calmon e José Antonio Gonsalves de Melo, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia, uma ONG, tem como 1º presidente de Honra o Comandante do Exército, 2º Presidente de Honra o Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa; 3º Presidente de Honra o Cmt da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e 4º o Cel Antônio Esteves, Presidente das Faculdades Dom Bosco. Entre os fatores da escolha de Resende, ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar, que ministra curricularmente a seus cadetes nos 2º, 3º e 4º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil.

A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. Aos dois muito se deve pela preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga e logo na 1ª oportunidade o Gen Ex Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, distinguindo assim chefes que combateram na FEB. A Academia participou de 23-25 de setembro l997 de Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e em 25 de setembro, na Globo News, sobre o mesmo tema, defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que, via de regra, vinha sendo deturpada, quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade Civil da época que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES, já no seu nº 39 (último trimestre de 2003) que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de sua Home page – http://www.ahimtb.org.br, a pioneira entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou vários livros e artigos, tais como o livro As batalhas dos Guararapes, relacionado com o Dia do Exército, e Caxias e a Unidade Nacional, relacionado com o Dia do Soldado. E irá procurar, de futuro, explorar mais este meio de comunicação.

A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: a 1ª, a clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc. A 2ª, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que, colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia dá especial atenção à Juventude masculina e feminina que estuda nos sistemas de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e com as atuais, de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além disso, tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gera-

ções de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e, sobretudo, estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e perspectiva históricas das mesmas e, além disso, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto à juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, que vem mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto à AMAN.

Outra finalidade da Academia é enfatizar para os jovens com os quais contata, a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão: A História Militar Terrestre do Brasil. A primeira como a mãe da identidade e perspectiva históricas do Brasil e a segunda como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras no contexto das do Brasil, como em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais. Isto por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e estratégicas militares que nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuírem para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, com progressivos índices de nacionalização, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Humberto Castello Branco, etc.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós, fruto das mais variadas paixões,

fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília, junto ao Colégio Militar, funcionando a sua Delegacia Marechal José Pessoa. Instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara. Em Fortaleza a Delegacia Cel José Aurélio Câmara e no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. A Delegacia General Luiz Carlos Pereira Tourinho, no CM de Curitiba e na Policia Militar de São Paulo a Delegacia Cel PM Pedro Dias Campos. Em Caxias do Sul a Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes, em Pelotas a Delegacia Fernando Luis Osório, em São Paulo a Delegacia General Bertoldo Klinger, em Campinas a Delegacia Marechal Mário Travassos e em Minas Gerais a Delegacia General Antonio de Souza Júnior. Em outros locais estabelece sócios correspondentes. Comemorou condignamente o Bicentenário de seu patrono em 2003, o Duque de Caxias, conforme registrou em seu O Guararapes 39, onde se destaca a edição do livro **Caxias e a Unidade Nacional.**

Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) 1986-2003

Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS**).

Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado, guardado pela Presidência à rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-Rio de Janeiro, CEP 27.580-000, e-mail bentocm@resenet.com.br.

Volume sob o título **IHTRGS-Histórico, Organização e Fundação-1986**, com índice, tendo 311 páginas, sendo que às págs. 220/223 constam os nomes dos membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como também dados dos sócios fundadores, com os respectivos votos para a eleição da Di-

retoria. Votos que foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular, José Moreira Bento e escrivã Carla Bento Bosenbecker. Guarda o Presidente, no endereço citado, toda a documentação produzida nos diversos encontros. Com o 2º Presidente do IHTR-GS, Osório Santa Figueiredo, em seu endereço: Caixa Postal 91, São Gabriel, RS, CEP 97.300-000, que atuou como secretário e coordenador, todas as atas dos diversos encontros.

Como sócios efetivos fundadores figuraram: o Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, o Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani (falecido), Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (falecido), Júlio Petersen (falecido) Manoel A. Rodrigues (falecido), Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida) Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido), Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanes Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Muller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS, registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal,** coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular,** através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS.

Em 08Abr1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano,** sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido), de Encruzilhada do Sul.

Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto,** mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se esten-

deu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre,** sob a coordenação do sócio Jonas Corrêa Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30Abr1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo - quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura,** tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação, três dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio-Grandense em Piratini, em 06 Nov1986 e que mereceu do **Diário Popular** memoração condigna do fato histórico, através de artigo do presidente.

Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel,** tendo como tema central a comemoração a resistência à invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel.

Em 15 Set 1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS, e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25Set1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial,** sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes,** da lavra do presidente. Foram diplomados como efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 7 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na

sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul-Riograndense,** lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, os sócios P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** em parceria com a **Sociedade Sul Rio Grandense**, e seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saudade** da **Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar o seu 10º aniversário e suas realizações em pról da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanes Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Cel Leonardo R. de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios

colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fanti.

Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e a Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 17 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do R. G. do Sul, como ficará a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e de o **Tradição,** que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, do **MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória,** publicado em **Tradição,** em maio de 96 (ano da consciência tradicionalista) o Presidente do IHTRGS abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura, de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixará no ar no seu 19º ano de atividades? Preza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não se repita o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua

histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil:

"Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua conseqüência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias.

Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é darnos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil".

Mas o que se tem assistido nos programas como A Ferro e Fogo, levado ao ar pela RBS, são versões desanimadoras, como manipulações da História do Rio Grande do Sul que ao invés de usarem a História como "a mestra das mestras, a mestra da vida" a fazem de "Maestra da calúnia e da mentira", segundo definiu o falecido historiador Luis Flodoardo Silva Pinto, membro do IHTRGS. E mais, não dão oportunidade ao contraditório, somente a monólogos. É fundamental uma mudança neste sentido para caracterizar de fato a Liberdade de Imprensa, como uma rua de duas mãos que contemple o Direito de resposta e o Contraditório. Do contrário teremos a Liberdade de Empresa, um abuso conjunto do Poder Político, ou a opressão social e do Poder Econômico ou ainda a exploração social, que não podem prosperar num regime democrático, que não violente direitos das minorias, e que devem ser incluídas progressivamente e fraternalmente na Sociedade Brasileira.

Nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008 diversos novos membros foram admitidos no IHTRGS. Foram os seguintes: Dr. Aécio César Beltrão (Médico), Dr. César Pires Machado (Agrônomo), Cel Mauro da Costa Rodrigues, Cel Edmir Mármora Júnior, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Dr. Florisbal de Souza Del'Olmo (Dentista), Dr. Frederico Euclides Aranha (Advogado), Cel Geraldo Lauro Marques, Dr. Jorge Babot Miranda (Economista), Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Bacharel em História Srta. Katy de Siqueira, Dr. Agamennon Vladimir Silva, Cel Hiram Reis e Silva, Cel Ruy Collares Machado, Cap Andrei Clauhs, Sr. José Ernesto Wunderlich, Sra. Adir Fanfa Onofrio, Sr. Ciro Oscar de Borba Saraiva, Dr. Sandro Dorival Marques Pires, Dr. Talai Djalma Selistre, Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo, Ten Nestor Magalhães.

Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento

Natural de Canguçu, RS, onde nasceu em 19Out1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba, e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp de Eng em 15Fev55 da Turma Aspirante Mega. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá – MG, I981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército, 1985-90, tendo, como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras e 1ª Região Militar.

Historiador Militar consagrado, com mais de 80 títulos publicados e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e, em especial, a do Exército. Seu artigo Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra, publicado em inglês na **Military Review**, do Exército dos EUA está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (patrono: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, Real de Espanha e da Argentina, o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. Das duas últimas é Presidente Emérito e da 1ª Presidente. Idealizou a de Itajubá-MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas, Sorocaba-SP e Petrópolis. É correspondente das acade-

mias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 01Mar1996, em Resende - A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), com o apoio cultural da Associação Educacional Dom Bosco. Academia que tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Morais, biógrafo do Duque de Caxias e Gustavo Barroso.

Foi instrutor de História Militar na AMAN/1978-80 onde, com apoio do Estado -Maior do Exército (EME) editou o manual **Como Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19Abr1971, ocasião em que foram lançadas suas obras **A Grande Festa dos Lanceiros** (relacionando o Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e **As batalhas dos Guararapes-descrição e análise militar**, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha, etc. e os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, Coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maquete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônias na inauguração do Mirante. Participou em 14-15 abril do 1º Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema **As Batalhas dos Guararapes** e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem ao seu pioneirismo, há 29 anos, na idéia do 1° Parque Histórico Nacional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou a que a data da 1ª batalha dos

Guararapes, em 19Abril1648, fosse considerada, por decreto presidencial, o Dia do Exército, que ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes, que contou com a participação de cinco cadetes da AMAN, inclusive o hoje comandante da 1ª Região Militar, Gen Div Armando, alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes citado, do que resultou o livro por eles escrito **O Projeto Rondon nos Guararapes**, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam no Morro do Telégrafo, a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Experiência que inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar atualmente freqüentando as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado -Maior do Exército, que editou a **História do Exército Brasileiro** em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Odebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, com a denominação de **O Exército Brasileiro na História do Brasil**, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu Comissão que editou Revista do Exército comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra, que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua conseqüente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; Comissão de História Militar de **A Defesa Nacional**, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui sete prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar com o **Exército e a Abolição**, **O Exército na Proclamação da Repú-**

blica e **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**, 1º lugar em Concurso Nacional. Primeiro lugar pela **Military Review** com a pesquisa **O Exército no desenvolvimento - o caso brasileiro**, 2º prêmio com **O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaque especial em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras **Quartéis Generais das Forças Armadas do Brasil** e **A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República**, editadas pela FHE-POUPEx, e premiado com a Monografia **A Produção de Estimadas**, em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, mais seus álbuns **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas** (FHE-POUPEx) e **A História do Brasil através de seus fortes** decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do Dicionário de historiadores brasileiros v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Dicionário Biobibliográfico Gaúcho (Martins Livreiro) e do site www.ahimtb.org.br.

Produziu, e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas, dentro do Projeto O Exército na Região Sul: **História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes**, em 3 volumes, que traduzem a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com **Comando Militar do Sul - 4 décadas de História /1953-95 e Antecedentes.**

Já lançou a **História da 8ª Bda Inf Mtz**, a da **6ª DE**, a da **3ª Bda C Mec**, a da **6ª Bda Inf Bld** e a da **Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6)**, além dos livros **Caxias e a Unidade Nacional**, **2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário**, **História Militar Terrestre da Amazônia**, **As Batalhas dos Guararapes - Análise e Descrição Militar** (2ª edição), **História da 2ª Bda-CMec** (Uruguaiana), **Osorio - o maior líder popular, História da 3ª DE** e o **Casarão da Várzea** (Mar09). Lançou também, em 2003, a plaqueta **A Educação Cívico-Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto.** Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba, com o tema

pioneiro **A Presença Militar no Vale do Paraíba**, realizado de 3/5Jul1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende e no Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presença de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica à História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto, definido pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

"Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR". Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de conseqüência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos.

Foi lançada pela Biblioteca do Exército sua obra **A Guerra da Restauração do Grande do Sul aos espanhóis/1774-76**, baseada no Diário de Campanha inédito em português do Ten Gen Henrique Böhn, que comandou o Exército do Sul /1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul aos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Morais, Mérito Cívico pela Liga de Defesa Nacional, Comenda Conde de Resende e J.Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas, respectivamente.

Historiador Emérito pela 8ª BdaInfMtz em Pelotas, cuja denominação histórica Mar Manoel Marques de Souza I, pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Goiás seu artigo, em 1972, do Correio Braziliense - **Um filho de Goyáz, herói da Integridade e da Independência do Brasil** (Mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia, Mal

Mallet, no Comando das Armas de Pernambuco e nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre **O diamantinense**, que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do Sr. Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal, comemorativo do Centenário de Canudos, tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade Civil da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela Globo News em que as falsas e manipuladas acusações vieram à tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de O Globo e oferecida a outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p.42,18ª linha, por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAAMAN (Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta 1994-Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Sociedade constituída de civis e militares destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário do Clube, tendo colaborado e coordenado e Revista do Clube Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército no Centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado **O Caderno da Comissão do Exército Comemorativa dos centenários da República e da Bandeira**, publicado em parceria pela BIBLIEX e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento **O Exército na Proclamação da Republica/1889**, que fora premiado pela BIBLIEx, lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN.

Publicou com apoio da Odebrecht: **A Participação da Marinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial,** comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN. A pedido do então Cel Sérgio Westphalen Echegoyen, comandante das CIAS SUL (Cruz Alta-RS), elaborou pes-

quisa sobre os 68 sargentos heróis da FEB, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e das unidades às quais pertenceram os bravos heróis e que participaram da 2ª Guerra Mundial.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento "AO FILHO ILUSTRE, PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA" (Set 91). Orador oficial na Câmara de Resende no aniversário da cidade, quando resgatou a memória do Conde de Resende, em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Moção Congratulatória por sua atuação, de 1991 a 97, para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador, em 13 de abril, na cerimônia de inauguração, no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz–RJ, do Memorial ao Patrono da Arma de Engenharia, o Ten Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende, voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende:1994** - Jubileu de Ouro da AMAN em Resende (já citado**); "Os puris primitivos habitantes do Vale do Paraíba**: **"Lenda resendense do Timburibá'; História Militar do Vale do Paraíba** e**,"Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822"**. Foi distinguido pela Câmara de Resende com Voto de louvor pela brilhante participação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil nos 200 anos de Resende em 2001.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, EsIE e Instituto Militar de Engenharia onde, em 15Abr 98, pronunciou para os corpos docente e discente palestra de 2 horas sobre **As Guerras Holandesas,** em comemoração aos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes e 4º ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes, logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex-alunos da AMAN, para

ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército/1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente suas memórias e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN, relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio N. S. Aparecida de Canguçu; de 1945-50 no Ginásio Gonzaga de Pelotas, tendo se bacharelado no Curso Ginasial, com destaque, em 15 de dezembro de 1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre, na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º Ten, 1º Ten e capitão serviu em São Leopoldo/ 1955-57, em Bento Gonçalves (2 vezes, 1957-59 e 1961-66) e em Cachoeira do Sul/1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul, São Gabriel, São Borja, Santana e Lavras.

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do Diário Popular de Pelotas, bem como no jornal Tradição de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG, no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçú-RS/1931-44; Pelotas/1945-50; Porto Alegre/1951-52; Resende–RJ/1953-54; São Leopoldo/1955-57; Bento Gonçalves e Veranópolis, destacado no vale dos rios da Prata e das Antas/1957-59; Cachoeira do Sul/1959-61; Bento Gonçalves/1962-66 (sendo que no 2º semestre de 1964 na Vila Militar-Rio de Janeiro); Rio de Janeiro/ 1967-69 (na Praia Vermelha); Recife/1970-71; Brasília/1972-75; São Paulo/1976-77; Resende/1978-80; Itajubá-MG/1981-82; Rio de Janeiro/1983-85, no EM 1ª RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército, quando passou para a Reserva, passando a residir em Resende, onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991, à sombra de sua mãe profissional, a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário, sucessivamente em Jabuticaba, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das An-

tas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto a Gruta do Paco); no KM 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Violanda) em Veranópolis e próximo de Muçum-RS. Tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963, como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração de no máximo 8 metros por semana para até 21 metros, tendo em conseqüência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, Cel Dirceu de Araújo Nogueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra, para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 2º GEC em Manaus.

Revisou, com o concurso da AMAN, ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de As Batalhas dos Guararapes, análise e descrição militar, com apresentação de S.Exa. o Gen Ex Zenildo de Lucena e por sua Exa. instruído a BIBLIEx a publicá-lo. Obra em implantação em disquete no Web do CComSEx, para apoiar estudos e pesquisas que se estenderam até 19Fev de 1999, 350 anos da 2ª Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos Lutas internas no período monárquico, Ação pacificadora do Duque de Caxias e Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República/1889-97.

Produziu, há cerca de 8 anos, para a FHE-POUPEX, pesquisa original sobre Os patronos nas Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FFAA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar, tão carente de obras sintéticas e ilustradas do gênero.

É também autor da obra inédita Moedas de Honra, que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as honoríficas atuais, a nível federal, e condecorações militares. Obra inicialmente encomendada pelo GBOEx, na antepenúltima administração e não honrada pela penúltima, em relação à atual, que nem sequer indenizou o sofrido investimento intelectual

e financeiro do autor. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e está sendo implantada na Internet no Site da AHIMTB: http://www.ahimtb.org.br, que a cada dia que passa vem sendo enriquecida com livros e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil. Em 1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabrália, opinando sobre a descoberta em Cabrália, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra: MAIA, Rocha. ***Do Monte Pascal a Cabrália***. Rio de Janeiro, MT, l993, p.25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu, sobre a qual produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

- **Canguçu, reencontro com a História,1983**, **História da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu/1783-89** e **Município de Canguçu formação histórica: 200 anos da Igreja N.S. da Conceição de Canguçu**. Apresentação do livro de Ilka Neves Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-13. Colaborações na antologia anual do CIPEL: Canguçu na Revolução federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu - evolução; Canguçu, aspectos da Comunicação Social, até o advento da radiodifusão e apreciável volume de artigos em O Diário Popular de Pelotas e no O Liberal, de Canguçu.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada à Academia Canguçuense de História.

Acaba de ser agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Está produzindo para o Jornal da SASDE (2ª DE-SP), Passagens da História Militar de São Paulo.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br

Endereço: Rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ,
CEP 27.580-000 - Fone:24-3354-2988
E-mail: cmbento@resenet.com.br / bentoclaudio@uol.com.br

Currículo sintético do
Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Cel Inf EM R/1 nasceu em Dom Pedrito-RS, em 02Jun49, filho de Paulo Giorgis e de D. Ester Caminha Giorgis. Sentou praça em 03 de março de 1969 no CPOR/PA, onde fez o Curso de Infantaria. Como AspOf R/2, realizou Estágio de Instrução no 2º BCCL em Santo Ângelo, RS (1970). Aprovado no Concurso de Admissão, cursou a Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, na Cidade dos Cadetes, onde foi declarado Asp Of Inf em 1974, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 1984 e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1993/94, onde liderou, como animador cultural e tradicionalista, diversas promoções. Foi instrutor de Geografia e de História Militar na AMAN em 1991-92, tendo chefiado esta última cadeira em 1992. Comandou a Companhia de Comando e Serviços do Comando Militar do Sul em Porto Alegre de Jun 87 a Dez 89 e o 10º Batalhão Logístico em Alegrete/RS cidade que, por sua destacada atuação profissional conferiu-lhe o título de Cidadão Alegretense. Foi estagiário de Estado-Maior na 5ª Bda C Bld. Chefiou o Escalão Logístico da 3ª Região Militar, sua última função no Serviço Ativo. Na Reserva, procura dar continuidade e divulgação às suas pesquisas sobre Tradicionalismo e História Militar Terrestre do Brasil. Ocupava a cadeira nº 4 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cujo patrono é o historiador militar terrestre brasileiro Gen Antônio da Rocha Almeida, mas foi promovido a Acadêmico Emérito em 2008.

É o 1º vice-presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e o redator do seu informativo O Gaúcho. Atualmente realiza curso de graduação em História na PUCRS. É o delegado no Rio Grande do Sul da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara da AHIMTB. Esta delegacia é homenagem ao biógrafo do Marechal Câmara. Coube ao Cel Caminha, em acurada pesquisa resgatar a vida e obra do General Rinaldo. Em 2001, a AHIMTB e o IHTRGS lançaram plaqueta de autoria do Cel Caminha focalizando a legislação

que tem regulado o Ensino do Exército, no Rio Grande do Sul, desde a criação, em 20 de setembro de 1851, no 6º aniversário da Revolução Farroupilha, da Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, que funcionou, entre outros locais, na Praia de Belas e que se constituiu no primeiro estabelecimento de ensino superior do Rio Grande do Sul. Trabalho em que o autor levanta fontes diversas produzidas por diversos autores para alavancar-se a História do Casarão da Várzea, atual local de funcionamento do Colégio Militar de Porto Alegre, onde é professor desde 2002.

• • •

Gravura relativa à imagem da 1ª capa do livro

É uma reprodução da histórica capa da Revista Hyloea de 1995, onde oito alunos e alunas apresentam uma maquete do Casarão da Várzea em seu atual aspecto e o objetivo-título da presente obra: História do Casarão da Várzea 1885/2009.

Apresentam simbolicamente o Casarão da Várzea através da maquete os seguintes alunos, em sentido horário, a partir do aluno que está à frente dos demais: Ênio Vinícius da Rosa Colvello, Aluno Fabiano Félix, Aluna Rebeca Ullman Richter, Aluno Christian Alberto Scardoelli, Aluno Diego Quintana, Aluna Janaína Horn, Aluna Luciene Amaral de Oliveira e Aluno Mateus Bisotto Nunes.

Onde estarão estas alunas e alunos decorridos 14 anos?

• • •

Impressão:
Gráfica e Editora Irmãos Drumond
Tel.: (24) 3323-4956
Site: graficadrumond.com.br
E-mail: contato@graficadrumond.com.br

CINQUENTENÁRIO DA TURMA DE 1950
TURMA CEL PROF. GUARANY FROTA
DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES
DE PORTO ALEGRE (EPPA)

Placa afixada defronte ao Salão Brasil, na 11ª coluna da ala à direita da entrada do CMPA.

Turma formada em 1952
Ingresso na AMAN em 1953

LEMBRANÇA DO ENCONTRO DE CONFRATERNIZAÇÃO
REALIZADO EM 23 DE ABRIL DE 2000

ISBN: 978-85-60811-10-6